



Escola Superior de Educação João de Deus  
Mestrado em Educação Pré-Escolar  
Estágio Profissional I e II

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Maria Teresa Furtado Cardoso**

Lisboa, Setembro de 2012





Escola Superior de Educação João de Deus  
Mestrado em Educação Pré-Escolar  
Estágio Profissional I e II

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Maria Teresa Furtado Cardoso**

Relatório apresentado para obtenção do Grau de  
Mestre em Educação Pré-Escolar, sob a orientação  
do professor Doutor Luís Miguel Larcher

Lisboa, Setembro de 2012

## **Agradecimentos**

Vejo-me num fim que é começo, mas um começo tecido de uma profunda gratidão a todos que pautaram a minha vida. Não teria sido possível a produção deste trabalho, sem a vossa cooperação. Não consigo descrever tudo o que sinto neste momento, existem sentimentos que as palavras não conseguem explicar.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, que me ensinaram a “saber ser” e agir com determinação. A acreditar e a caminhar sem nunca desistir daquilo que sei que me leva a construir e a ser feliz. Aos meus Irmãos, de um modo especial à minha irmã Bernardete, com quem sempre partilhei o meu percurso académico e me apoiou com eficiência pela sua conduta profissional e desejo de saber, por todo o apoio, afecto e carinho.

Ao meu Instituto, que sempre depositou em mim a confiança, e com carinho retribuiu a minha dedicação a todas as irmãs que me acompanharam mais de perto e partilharam comigo os momentos mais difíceis, para que juntas possamos prestar à sociedade o nosso serviço com amor e eficiência.

À Escola Superior de Educação João de Deus, na pessoa do Doutor António Ponces de Carvalho, por ter permitido a abertura e frequência neste mestrado, sem o qual não seria possível a minha certificação profissional. Ao seu corpo docente que com mestria me transmitiram os conhecimentos, supervisionaram e orientaram a minha prática com dedicação; ajudaram-me a ver e a corrigir as minhas imperfeições, que foram determinantes para minha prática.

Ao Professor Doutor Luís Miguel Larcher, a minha profunda gratidão, pelas orientações prestadas com paciência e humanismo, pela conduta profissional e determinação, que muito me edificaram.

A toda a equipa que compõe o Jardim-Escola de Alvalade, o meu sentido e sincero obrigado pelo acolhimento, disponibilidade, apoio e confiança, pelo humanismo, vontade de partilhar e de construir, pela sua eficiência.

Às minhas colegas que juntas vivemos esta aventura, partilhando e apoiando-nos mutuamente.

A todas as crianças, a razão e objecto da minha labuta, que com simplicidade me deram tanta coragem, para eu trabalhar com mais afinco.

A todos que envolveram e envolvem a minha vida. Muito obrigada!

## Índice Geral

Índice de Figuras .....	viii
Índice de Quadros.....	x
Índice de Gráficos.....	x
Introdução .....	12
CAPÍTULO I – Relatos Diários .....	25
1.1. Descrição do Capítulo .....	26
1.2. A Educação: O que é Educar .....	26
1.3. A Importância da Educação Pré-escolar.....	29
1.4. O Papel do Educador de Infância.....	30
1.5 A Criança no Estado Pré – Operatório.....	31
1.6. Rotinas das Crianças do Jardim-Escola .....	33
1.6.1. Actividades Curriculares não Disciplinares . .....	41
1.6.2. O Computador e a sua importância na educação Pré-Escolar .....	46
1.6.3. Actividades Curriculares disciplinares.....	47
2.1-1ª Secção: Relatos do Bibe Amarelo A .....	48
2.1.1. Horário Lectivo da Turma.....	49
2.1.2. Caracterização da turma.....	50
2.1.3. Caracterização do espaço.....	50
2.1.4. Relatos Diários .....	53
2.1.5. A utilização de materiais manipuláveis no ensino da matemática .....	57
2.1.5.1. Materiais alternativos – As Palhinhas.....	58
2.1.5.2. Material estruturado Blocos Lógicos .....	63
2.1.6. Avaliação de aulas supervisionadas .....	65
2.1.7. A importância do teatro no desenvolvimento das crianças .....	69
2.1.8. Importância da educação em ciências nos primeiros anos .....	71
2.1.9. Material estruturado Cuisenaire .....	102
2.1.10. A interacção escola família .....	113
2.2-2ª Secção: Relatos do Bibe Encarnado A.....	124
2.2.1. Horário Lectivo da Turma .....	125
2.2.2. Caracterização da turma.....	126
2.2.3. Caracterização do espaço.....	127
2.2.4. Relatos Diários.....	128
2.2.4.1. A Expressão Motora: Importância do Jogo de Movimento .....	134

2.2.4.2. Material estruturado Dons de Froebel.....	139
2.2.4.3. Material estruturado Geoplano .....	146
3.3-3ª Secção: Relatos do Bibe Azul A .....	157
3.3.1. Horário Lectivo da Turma .....	158
3.3.2. Caracterização da turma .....	159
3.3.3. Caracterização do espaço.....	159
3.3.4. Relatos Diários .....	161
3.3.4.1. Despertar desde cedo o gosto pela leitura .....	164
3.3.4.2. A Cartilha Maternal João de Deus.....	166
3.3.4.3. Material estruturado Tangram .....	177
3.3.4.4. Material estruturado Calculadores Multibásicos .....	188
3.3.4.5. A Importância da abordagem à escrita no Pré-Escolar .....	194
CAPÍTULO II – Planificações.....	226
2.1. Descrição do Capítulo e Fundamentação .....	227
3.1 - 1ª Secção: Planificações Referentes às aulas no Bibe Amarelo A.....	232
- Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	233
- Planificação na área do Conhecimento do Mundo .....	237
3.2- 2ª Secção: Planificações Referentes às aulas no Bibe Encarnado A.....	241
- Planificação do Domínio da Matemática .....	242
- Planificação no Domínio da Expressão Plástica .....	246
3.3- 3ª Secção: Planificações Referentes às aulas no Bibe Azul A.....	251
- Planificação na área do Conhecimento do Mundo .....	252
- Planificação do Domínio da Matemática .....	259
3.4- 4ª Secção: Planificações Referentes à Prova Prática – Bibe Azul A.....	263
- Planificação na área do Conhecimento do Mundo.....	267
-Planificação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	272
- Planificação do Domínio da Matemática.....	278
- Planificação do Domínio da Expressão Motora .....	281
CAPÍTULO. III – Dispositivos de Avaliação .....	284
3.1. Descrição do Capítulo e Fundamentação .....	285
3.2. Avaliação da actividade na área do Conhecimento do Mundo .....	288
3.2.1. Contextualização da actividade.....	288
3.2.2. Descrição de Parâmetros e Critérios de Avaliação.....	288
3.2.3. Grelha de avaliação.....	290

3.2.4. Descrição da grelha de avaliação.....	291
3.2.5. Apresentação dos resultados em Gráficos.....	292
3.2.6. Análise do Gráfico .....	292
3.3. Avaliação da actividade do Domínio da Matemática .....	293
3.3.1. Contextualização da actividade.....	293
3.3.2. Descrição de Parâmetros e Critérios de Avaliação.....	293
3.3.3. Grelha de avaliação no domínio da Matemática.....	295
3.3.4. Descrição da grelha de avaliação.....	296
3.3.5. Apresentação dos resultados em Gráfico.....	297
3.3.6. Análise do Gráfico .....	297
3.4. Avaliação da actividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	299
3.4.1. Contextualização da actividade.....	299
3.4.2. Descrição de Parâmetros e Critérios de Avaliação.....	299
3.4.3. Grelha de avaliação.....	301
3.4.4. Descrição da grelha de avaliação.....	302
3.4.5. Apresentação dos resultados em Gráfico.....	303
3.4.6. Análise do Gráfico .....	303
3.5. Síntese conclusiva .....	304
CAPÍTULO I V – Reflexão Final.....	305
4.1. Considerações finais .....	306
4.2. Limitações.....	308
4.3. Novas pesquisas.....	309
4.4. Sugestões .....	309
Referências Bibliográficas .....	310

## Índice de Figuras

<i>Figura 1 Acolhimento e canções no salão</i> .....	36
<i>Figura 2 - Aula de Informática</i> .....	44
<i>Figura 3 – A sala do Bibe Amarelo A: área de leitura, armários e caminhas</i> .....	52
<i>Figura 4 – Placard com actividades das três áreas curriculares e áreas de faz de conta</i> .....	55
<i>Figura 5 – Actividades com o material estruturado Blocos Lógicos</i> .....	75
<i>Figura6 – Quadro dos números até três</i> .....	76
<i>Figura 7 - Actividade sobre Sistema solar</i> .....	84
<i>Figura 8 – Realização de um Concerto no Jardim-Escola</i> .....	85
<i>Figura 9 - Sistema solar</i> .....	95
<i>Figura 10 - Introdução do número cinco</i> .....	97
<i>Figura 11- Maqueta com a Terra, o Sol e a Lua</i> .....	104
<i>Figura 12 - Actividade com o material alternativo</i> .....	107
<i>Figura 13 - Actividades realizadas com a presença dos pais</i> .....	112
<i>Figura 14-Exercicios com o material estruturado Cuisenaire</i> .....	121
<i>Figura15- Material estruturado IIIº Dom de Froebel</i> .....	139
<i>Figura 16-Construção da “Cama”</i> .....	141
<i>Figura 17- Construção de “Cadeiras e Mesa”</i> .....	141
<i>Figura 18- “Construção do “Cadeirão do Avó”</i> .....	141
<i>Figura 19- Construção do “Muro baixo e da Coluna com base”</i> .....	141
<i>Figura 20- Actividade com o Geoplano</i> .....	147
<i>Figura 21-Exercicios com Blocos Lógicos</i> .....	151
<i>Figura 22- Organização da Sala e disposição dos alunos</i> .....	160
<i>Figura 23 – Decoração da Sala</i> .....	160
<i>Figura 24-Cartilha Maternal João de Deus</i> .....	166
<i>Figura 25-Material estruturado Tangram</i> .....	177
<i>Figura 26-Material estruturado Calculadores Multibásicos</i> .....	189
<i>Figura 27- Bonecos Manufacturados utilizados para dinamizar a actividade</i> .....	238
<i>Figura 28- Camião dos Ecopontos realizados em equipa: Bibe Amarelo A</i> .....	238
<i>Figura 29-Actividade de Expressão Plástica: Colagem</i> .....	249
<i>Figura 30-Réplica de uma formiga de grande dimensão utilizada durante as actividades</i> .....	254
<i>Figura 31- PowerPoint: As quatro fases do desenvolvimento de uma formiga</i> .....	256



<i>Figura 32- Formiga: alguns tipos – características-funções-comportamentos</i>	257
<i>Figura 33- Modelagem de uma formiga realizada pelas crianças do B. Azul A.</i>	257
<i>Figura 34-Registo de Itinerário efectuado por uma criança</i>	262
<i>Figura 35- Mapa Mundi –Localização Portugal e Cabo Verde</i>	271
<i>Figura 36- Avião simulação da viagem</i>	271
<i>Figura 37-Aeroporto Internacional-Praia</i>	271
<i>Figura 38-Bandeira Nacional</i>	271
<i>Figura 39 – Mapa: Arquipélago de Cabo Verde</i>	271
<i>Figura 40 – Pelourinho-Cidade velha</i>	271
<i>Figura 41 – Vulcão: pico da Ilha do Fogo, o pico mais elevado do arquipélago.</i>	271
<i>Figura 42-Salina- Ilha do Sal.</i>	271
<i>Figura 43-Capa do livro grande: Aquela Palavra Mar</i>	273
<i>Figura 44- Luana brinca na praia</i>	273
<i>Figura 45-A casa da Luana.</i>	273
<i>Figura 46-Luana brinca com as ondas.</i>	243
<i>Figura 47- Luana pergunta ao avô o que há para além do mar.</i>	273
<i>Figura 48-Luana viagem com a mãe para um outro país.</i>	273
<i>Figura 49- O avô diz adeus à Luana e à mãe.</i>	273
<i>Figura 50- Luana conhece outra terra e brinca com novos amigos.</i>	273
<i>Figura 51-Luana sente saudades da sua Ilha.</i>	274
<i>Figura 52Luana vai à procura do mar.</i>	274
<i>Figura 53- Luana chama pelo mar e o mar responde acariciando-a com a sua brisa suave.</i>	274

## Índice de Quadros

<i>Quadro 1 – Cronograma/ Duração das actividades/acções Realizadas</i> .....	23
<i>Quadro 2 – Calendarização do Estágio profissional</i> .....	24
<i>Quadro 3 – Horário Lectivo da Turma Bibe Amarelo A</i> .....	49
<i>Quadro 4- Horário Lectivo da Turma Bibe Encarnado A</i> .....	125
<i>Quadro 5- Horário Lectivo da Turma Bibe Azul A</i> .....	158
<i>Quadro 6- Capacidades e Destrezas</i> .....	231
<i>Quadro 7- Atitudes e Valores</i> .....	232
<i>Quadro 8 -Cotação atribuída à actividade do Conhecimento do Mundo</i> .....	289
<i>Quadro 9-Grelha de avaliação da actividade do Conhecimento do Mundo</i> .....	290
<i>Quadro 10-Cotação atribuída à actividade do Domínio da Matemática</i> .....	294
<i>Quadro 11- Grelha de avaliação da actividade do Domínio da Matemática</i> .....	295
<i>Quadro 12- Cotação atribuída à actividade de Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita</i> . .....	300
<i>Quadro 13-Grelha de avaliação da actividade de Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita</i> .....	301
<i>Quadro 14-Competências – Grupo etário Cinco anos: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</i> .....	302

## Índice de Gráficos

<i>Gráfico 1-Resultado de Avaliação da actividade do Conhecimento do Mundo</i> .....	292
<i>Gráfico 2-Resultado de Avaliação da actividade no Domínio da Matemática</i> .....	297
<i>Gráfico 3-Resultado de Avaliação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem Escrita</i> .....	303

# INTRODUÇÃO

*O meio social envolvente – localidade ou localidades de onde provêm as crianças que frequentam um determinado estabelecimento de educação pré-escolar, a própria inserção geográfica deste estabelecimento – tem também influência, embora indirecta, na educação das crianças. As características desta localidade – situação sócio económico, serviços e instituições existentes – não são também independentes de sistemas mais vastos e englobantes, sistemas políticos, jurídicos, educativos ainda mais alargados.*

*(Orientações Curriculares, 1997, p. 33)*

## ■ Identificação do Local do Estágio: Jardim-Escola

O meu Estágio Profissional desenvolveu-se numa Instituição que tem uma orientação que lhe é peculiar, uma vez que toda a metodologia implementada se rege pelo Método de João de Deus, que até hoje se reconhece de inegável valor educativo, proporcionando uma formação integrada aos futuros cidadãos. Possui uma organização interna e um método que acarretam os requisitos essenciais, para uma resposta de qualidade à sociedade actual.

No âmbito da Unidade Curricular, Estágio Profissional I e II do Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado na Escola Superior de Educação João de Deus, foi proposta a elaboração de um Relatório de Estágio, que tem como objectivo descrever as práticas observadas e realizadas no decorrer da Prática Pedagógica. Teve a duração de 7 meses, distribuídos num total de 420 horas, realizando-se no Jardim – Escola João de Deus de Alvalade, abrangendo as três faixas etárias do pré-escolar, por ordem crescente: Bibe Amarelo (3 anos), Bibe Encarnado (4 anos) e Bibe Azul (5 anos).

*Um relatório é uma exposição escrita, minuciosa e detalhada relativa a um assunto ou facto ocorrido. O objectivo de um relatório é comunicar uma actividade desenvolvida ou ainda em desenvolvimento durante uma missão. Deve fornecer o relato permanente de um estudo ou de uma pesquisa e a informação necessária, que deve ser global e coerente, capaz de permitir tomadas correctas de decisões. (Diciopédia, 2008, [DVD-ROM], Porto Editora)*

## ■ Identificação do grupo de Estágio

Por ser a única aluna de Mestrado em Educação Pré-Escolar a estagiar neste Jardim – Escola, integrei-me e adaptei-me aos grupos das estagiárias do 4º ano de Licenciatura em Educação de Infância, sem dificuldades; quando cheguei já estavam formados os grupos. Neste caso, ao longo da prática pedagógica, cooperei com dois grupos. Ambos, eram formados por três alunas e por mim. Cooperámos umas com as outras e estabeleceu-se uma interacção favorável. É de realçar, que foram grupos harmoniosos, nos quais todos os elementos mantiveram uma relação de amizade e confiança, sempre atentos e disponíveis.

Na minha perspectiva, é importante referir aqui dois dos quatro pilares da educação, enunciado em relatório para a UNESCO (1998) “ *aprender a viver juntos, a viver com os outros*”, atitudes que levam à descoberta do outro e a tender para os objectivos comuns. Se a educação tem por missão transmitir os valores e atitudes que regem a vida humana, quem tem a função de educar deve ser o modelo e nunca desistir de cultivá-los ao longo da vida. Já Nóvoa A. (1992) afirmava que, *a aprendizagem em comum facilita a consolidação de dispositivos e de colaboração profissional* (p.30).

A meu ver, um grupo de Estágio é uma mais valia, visto que nos possibilita a troca de impressões sobre as práticas observadas, bem como a estruturação das actividades, enriquecendo-nos mutuamente. Quero reforçar ainda que este espírito de equipa é bem contemplado no Projecto Educativo do Jardim Escola, onde estaguei “ *O espírito de equipa e as parcerias com outras entidades ... são pilares importantes na prossecução do Projecto Educativo, no cumprimento das metas a que nos propomos*”. ( *PEE Jardim Escola Alvalade, 2009/2010, p.4*)

### ■ Descrição da Estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Neste Relatório consta a descrição de todas as práticas observadas, seguidas de uma inferência e fundamentação científica. É constituído por 4 capítulos precedidos de uma introdução que é composta por vários pontos: a identificação do local de estágio; a identificação do grupo de estágio; a importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional; a metodologia utilizada para a realização do Estágio Profissional; a caracterização do meio envolvente; a caracterização do Jardim-Escola; a importância do Estágio Profissional. Por achar pertinente faço uma pequena referência ao Projecto Educativo do local do Estágio e concluo apresentando o cronograma das actividades/acções realizadas e da calendarização/duração do Estágio Profissional. Os capítulos assumem a seguinte ordem: capítulo I – Relatos Diários, onde estão descritas as práticas observadas (quando, onde) com as respectivas análises críticas e fundamentação científica; capítulo II - Planificações das aulas dadas e respectiva análise crítica e fundamentação; capítulo III – Dispositivos de Avaliação referentes a três áreas curriculares, efectuadas durante a prática pedagógica; capítulo IV – Reflexão Final relativa a este trabalho onde explicitarei os objectivos atingidos, assim

como as limitações sentidas, durante o percurso, e por último as Referências Bibliográficas.

### ■ Metodologia utilizada para a realização do Estágio

Para Reis (2010), o conceito de metodologia significa um método particular de aquisição de conhecimentos, uma forma ordenada e sistemática de encontrar respostas para questões e, como tal, um caminho ou conjunto de fases progressivas que conduzem a um fim. Nesta linha, podemos sustentar que este Relatório dá a conhecer todo o percurso da Prática Pedagógica que obedeceu a uma metodologia própria.

A técnica utilizada foi a de observação, que permitiu descrever detalhadamente as acções observadas e registadas, a partir das quais foram elaborados os relatos diários. Podemos assim compreender a ideia deste autor, o qual diz que a metodologia é uma condição necessária para que o trabalho científico tenha rumo. Assim sendo, o estagiário deve adoptar atitudes para uma observação atenta de modo a recolher os dados com coerência.

Considerando a natureza da técnica utilizada para a recolha de dados e registos de factos, posso afirmar que esta é também, uma investigação do tipo qualitativo e concordo com a ideia de (Bogdan, 1994) que afirma: *“Na Investigação Qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o Investigador o Instrumento Principal”* (p.47). Este mesmo autor clarifica, que os investigadores qualitativos frequentam os locais porque se preocupam com o contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem.

Para um melhor esclarecimento do conceito *“observa”*, distingo algumas características alusivas a esta técnica. A observação pode ser natural, directa ou indirecta, participante totalmente, ou nada participante, declarada ou não declarada. A observação natural directa não requer nenhum suporte documental. Os dados são visualizados e recolhidos pessoalmente, sem precisar de informações de outrem. Na observação indirecta, o observador pode estar a visualizar através de uma câmara (de vídeo) ou obter documentos.

Na observação participante totalmente declarada, o observador interage com o observado. O observador declarado, dá a conhecer ao observado a sua presença, mesmo que este não saiba os aspectos que ele está a observar. “*Observar é olhar com atenção para algo, reparar em, apreender e notar*” (Dicionário da Língua Portuguesa Porto Editora, 2004, p. 1188).

Dada a exigência do meu Estágio Profissional, a minha técnica de observação é essencialmente natural, directa e declarada.

Cito ainda Reis (2010) que diz:

*A observação directa propõe o estudo de factos aproveitando a dinâmica do local em termos materiais e humanos. A observação efectuada num departamento, ou dentro de uma organização, trás uma nova dimensão na compreensão tanto do contexto como do fenómeno em causa (p.79)*

O mesmo autor sustenta que a observação participante fornece oportunidade para a recolha de dados num caso de estudos. Afirma que o observador, ao mesmo tempo que observa, interage com os autores observados, e isto dá origem a que o observador se aperceba da realidade e faça uma análise do ponto de vista de alguém que se torna conhecedor do caso a estudar. Isto porque ao examinar o grupo em si, como colectividade, faz uma observação global, que só pode ser praticada por aqueles que procuram viver completamente a experiência dos grupos que estudam de forma a chegar a uma visão interna da vida daqueles grupos.

Quivy (2005) afirma que:

*A observação directa é um método que num sentido restrito, baseia-se na observação visual. Para este autor, os métodos de observação directa constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem mediação de um documento ou de um testemunho. (p. 196)*

Nesta perspectiva, as observações sociológicas incidem sobre os comportamentos dos actores, na medida em que manifestam sistemas de relações sociais, assim como sobre os fundamentos culturais e ideológicos que lhes subjazem. Neste sentido, o investigador deve estar alerta para o aparecimento ou transformação dos comportamentos, para os efeitos que eles produzem, e aos contextos em que são observados. Sendo assim a técnica de observação é participante.

*A observação participante é uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as actividades, as ocasiões, os interesses e os afectos de um grupo de pessoas ou de uma missão. O objectivo fundamental da utilização desta técnica é a captação das significações e das experiências subjectivas dos próprios intervenientes no processo de interacção social. (Diciopédia 2008 [DVD-ROM] Porto Editora.)*

Para Morris, citado por Silva (1986), a observação directa participante e continuada, incluindo a conversa e a entrevista informais, é a técnica mais adequada para a captação de acontecimentos, práticas e narrativas. “*A observação participante dá os melhores resultados na obtenção de informações sobre comportamentos, discursos e acontecimentos observáveis, mas que passam despercebidos à consciência explícita dos actores sociais*”. (p. 141)

De acordo como o mesmo autor, a observação directa participante, pode também obter estas informações, mas de maneira fragmentária e morosa. De facto, a presença do investigador no terreno, os efeitos que nele produz, com a observação directa das reacções desencadeadas por essa presença, a possibilidade de repetir conversas e observações, a multiplicação dos focos de incidência da recolha de informação e a respectiva comparação sistemática, são procedimentos que as técnicas da análise documental, como aliás as do inquérito podem complementar, mas não podem substituir. (Silva, 1986)

*A estratégia metodológica de campo lida com os problemas da interferência. Sendo assim, a pesquisa de terreno tende, à recolha de discursos dos actores sociais sobre os seus valores, crenças, opiniões, aspirações, expectativas e sobre os seus próprios comportamentos, associar a recolha de informação sobre esses comportamentos e sobre elementos materializados do respectivo universo simbólico obtida por observação directa sistemática. (Silva, 1986, p.142)*

O professor/ educador assume um papel primordial no âmbito da educação, em que a distinção entre olhar, ver, observar, compreender e explicar, devem ser aquilo que define o perfil de competências, no seu desempenho profissional.

Sob estas perspectivas na linha da observação, o contexto e o tempo são factores determinantes para a qualidade de recolha de dados. Por este motivo, desloquei-me a uma Instituição concreta (contexto educativo) onde decorreu a minha observação. Para exequibilidade desta, permaneci algum período de tempo (7 meses, distribuídos: 7 horas por dia, ou seja, 21 horas semanais em três dias, segunda, terça e quarta), participando e observando o grupo em causa com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos.



## ■ Caracterização do meio envolvente

O Jardim-Escola João de Deus de Lisboa – Alvalade pertence à Associação de Jardins-Escola João de Deus sucedânea da Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus, que alfabetizou entre 1882 e 1920 cerca de 28 mil adultos e crianças. É uma Instituição Particular de Solidariedade Social, devotada ao serviço da educação. O Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, está situado numa zona urbana, junto de avenidas onde se concentra um número considerável de comércio e serviços, assim como, vários bancos e escritórios de empresas ligadas às mais diferentes actividades económicas.

Ao nível das infra-estruturas de educação e ensino, existe nesta zona residencial, vários estabelecimentos de ensino, tais como: Escola Rainha Dona Leonor, Padre António Vieira, Eugénio dos Santos, Almirante Gago Coutinho, entre outras Instituições de cariz social. Existe, ainda, neste espaço, o equipamento desportivo Estádio 1º Maio – INATEL, onde algumas crianças do Jardim-Escola praticam natação, e um vasto conjunto de Clubes Desportivos.

## ■ Caracterização do Jardim-Escola

O Jardim-Escola João de Deus de Alvalade abriu em Janeiro de 1965. Funcionava só num piso, e leccionava-se, apenas os alunos: Bibe encarnado (4 anos), Bibe azul (5 anos) e Bibe castanho (6 anos). Quando se começou a leccionar os alunos do Bibe verde (7 anos), passaram a utilizar-se dois pisos. Após alguns anos e devido ao excelente trabalho desenvolvido pelas educadoras, este Jardim-Escola abriu uma sala para os alunos do Bibe amarelo (3 anos).

Em 1991 o Jardim-Escola fez obras e passou a leccionar todo o 1º Ciclo, utilizando para o efeito três pisos. Corria o ano de 1996, quando se construíram as duas salas para o Bibe amarelo e por cima o ginásio. Entre 2000 e 2006 fez-se alteração de algumas salas para ter valência de creche completa (Bibe verdinho e azulinho).

Existe neste Jardim-Escola uma manutenção regular do mobiliário e todos os anos uma preocupação em efectuar melhoramentos, nos espaços exteriores e interiores de modo a mantê-los em bom estado de conservação, adequação e apetrechamento.

Actualmente, a estrutura do Jardim-Escola é a seguinte:

No piso 1 funciona o berçário, copa de leites, sala de muda de fraldas, duas arrecadações – uma para produtos de limpeza e outra para produtos alimentares – uma casa de banho para o pessoal. No piso 2 existe o gabinete da direcção, uma sala para educadores e professores, duas salas de creche e sala para muda de fraldas, duas salas de pré-escolar (Bibe azul) e duas salas de aula do 1º Ciclo (Bibe castanho);o salão funciona como sala de actividades do Bibe encarnado. Neste piso funciona, ainda, a cozinha, copa, cantina, casas de banho para pessoal, para alunos e deficientes, vestiário para alunos e hall de entrada.

O piso 3 tem seis salas do 1º Ciclo, uma casa de banho para meninos e outra para meninas, casa de banho para pessoal com duche, biblioteca, sala de informática e de reuniões, sótão para arrumações e sala de arquivo, ginásio e casa de banho com chuveiro. Existe, ainda, um anexo com duas salas do Bibe amarelo e casa de banho para meninos e outra para meninas.

O espaço exterior é composto por um recreio coberto e dois recreios descobertos, escorrega para os alunos mais novos e uma cobertura para o sol.

### ■ **Organização Funcional**

O Jardim-Escola apresenta uma orgânica interna funcional e pedagógica, em consonância com a metodologia João de Deus e de um plano anual traçado em consenso por todos os docentes e subordinado a um tema globalizante. Na segunda terça-feira de cada mês, entre as 17:30h e as 19:30h existe conselho escolar. O Jardim-Escola tem actividades curriculares disciplinares, não disciplinares e extra curriculares. As actividades extra-curriculares são: Ballet, expressão dramática e cinema, futebol, basquete, taekwondo, Hip-Hop, ginástica rítmica, inglês e capoeira.

### ■ **Importância da elaboração do Relatório do Estágio**

Considerando o ponto de vista individual, a realização deste trabalho, dado a sua natureza dentro do contexto educativo é uma mais valia. Um guia num percurso sem fim mas em que cada etapa é preenchida de significado.

É de grande relevância a elaboração deste relatório, na medida em que vai permitir aprofundar e adquirir maior conhecimento e melhor aproveitamento das potencialidades que advêm das metodologias de observação realizadas ao longo do

meu Estágio Profissional. É também indispensável produzir este trabalho, uma vez que vem satisfazer requisitos importantes: concluir o ciclo de estudos ao nível do grau de Mestrado em Educação Pré-Escolar, processos que estão associados ao meu interesse académico e profissional e porque igualmente estou a estudar/ investigar conceitos e ideias.

Reitero que os conceitos e os requisitos apreendidos terão um carácter duradouro ao longo do meu desempenho profissional. O conteúdo deste trabalho baseia-se essencialmente no relato daquilo que observei, visando uma narrativa interpretativa e qualitativa da acção e comportamentos visualizados num determinado contexto/ comunidade educativa. Os dados observados são submetidos à inferência seguida de conceptualização/fundamentação. É de realçar que a conceptualização, ou esclarecimento dos conceitos/fundamentação, tem como alicerce a equidade científica, que confere veracidade e valorização ao meu trabalho, de modo a responder às exigências da comunidade educativa em estudo, capacitando-me para o meu desempenho profissional de uma forma coerente e efectiva. As teorias /ideias que vão sustentar as minhas inferências, vão proporcionar novos saberes, e novas formas de ver, intervir e resolver problemas. Posso confirmar que são decisivas para a minha mudança conceptual.

### ■ Importância do Estágio Profissional

*O estágio é a experiência culminante e deveria assemelhar-se, tanto quanto possível, às situações reais. A prática pedagógica durante o estágio é o teste decisivo para os candidatos a professores escolherem o ensino como profissão, exigindo-lhe que transfiram para a prática os conhecimentos teóricos adquiridos. As imagens e ideias são postas em causa pelas exigências da realidade. O professor principiante é desafiado a confirmar a base científica da arte de ensinar perante a análise da capacidade do professor cooperante e do supervisor da universidade para ensinar com sucesso na sala do estagiário. (Spodeck, 2002, p.943)*

Parafraseando o pensamento do autor, acrescento que este momento é de grande importância para o meu desenvolvimento como futura educadora, uma vez que me permitem o contacto com a realidade, ter um grupo de crianças à minha responsabilidade, sob o olhar da educadora acompanhante e o grupo responsável pela supervisão da prática pedagógica. Segundo (Hoy e Woolfolk, 1990), citados por Spodeck (2002), *“os professores principiantes e em especial os estagiários interessam-se pela gestão da aula e pela sua própria competência como professores. Um elemento vital na socialização dos professores estagiários é a resolução de dilemas relacionados com o controlo, a motivação e a competência pessoal.”* (p. 943)

*As experiências de campo e a prática de ensino por parte dos alunos parecem possuir uma qualidade universal (. . .) . Os papéis do supervisor da universidade e do professor cooperante existe nos programas de preparação de educadores de infância tal como nos outros programas de formação de professores e encontram-se em geral nos cursos universitários de formação de professores que dependem das escolas para providenciarem e supervisionarem uma serie de experiências de campo incluindo a experiência prática dos alunos estagiários. (Spodeck, 2002)*

Estas, são condições que favorecem um período de tempo de aprendizagem intensiva, imprescindível e decisivo para pôr em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas, contribuindo assim, para a aquisição e o aprofundamento de mais conhecimentos e melhoramento do desempenho no decurso da prática pedagógica.

### ■ Princípios Básicos que regem o Projecto Educativo

O Projecto Educativo consiste na definição das metas a atingir de modo a otimizar o papel da Escola na formação do aluno que seja gerador de educação apontando para perfis de mudança:

*(. . .) A finalidade do projecto de um estabelecimento é contribuir para a igualdade das oportunidades ou promover o sucesso escolar. . . . Importa, assim definir melhor como a escola entende, num determinado contexto, a concretização destes princípios, o que fará para os pôr em prática. (Qualidade e Projecto, 1998, p.97)*

São essas ideias de base e muito mais, que pude averiguar como pano de fundo da pedagogia do Jardim - Escola onde estagiei, as quais me motivaram, levando-me a fazer uma pequena abordagem ao Projecto Educativo. (2009 - 2010)

Sob o olhar humanista do seu Pedagogo João de Deus e norteado pela Metodologia do mesmo, O Jardim-Escola, fundamenta a sua pedagogia em três princípios básicos:

- *Criar um ambiente harmonioso de paz e tranquilidade, capaz de fomentar um clima que permita trabalhar em boas condições. Sendo de primordial importância a criação de um ambiente de simpatia, no verdadeiro sentido da palavra, baseado em equilibradas relações entre todos os que aí exercem funções. Essas relações devem ser norteadas por um profundo respeito entre todos e englobará primordialmente a criança. Só assim se fortalece um verdadeiro sentido de escola no seu mais elevado e lato conceito;*
- *Instituir a tolerância de crenças e convicções que devem ser respeitadas, quando não colidem com o funcionamento geral da Instituição. Este princípio tem a ver com o conceito de liberdade responsável;*
- *Fomentar o gosto pelo trabalho quando bem distribuído, e permitir a sua realização em boas condições. Este aspecto é muito importante para adultos e crianças e será um dos hábitos que podem favorecer a integração num futuro escolar e profissional evitando possíveis e indesejáveis marginalizações. (PE, 2009 - 2010, p.26)*

Ao longo do meu estágio profissional, tentei apropriar-me dessas bases e colaborar, para que fossem exequíveis no que me tocava como estagiária.

O Projecto apresenta ainda, na sua meta educativa, alguns aspectos diagnosticados que apelam a uma prática significativa de atitudes pertinentes para a sociedade hodierna. Sob este apelo da sociedade e com um olhar global, confirma a sua posição:

*“(...)” Aprender a ler o mundo” ou seja, adquirir instrumentos para conhecer e interpretar o que se passa à nossa volta e agir de uma forma autónoma e coerente. O projecto foca a sua atenção no “Homem” pretendendo, assim, sensibilizar os alunos para os problemas do meio que os rodeia. (PE, pp.26 - 27)*

Pude confirmar no decorrer do meu estágio, que o Jardim - Escola foi coerente na vivência do seu Projecto Educativo e fiquei com a sensação de que na elaboração do mesmo, havia consciência daquilo que é a essência de uma educação de qualidade, centralizada no “Homem”, preocupando-se com a sua formação de uma forma harmoniosa e integral; para que cada individuo seja capaz de agir e responder com responsabilidade e liberdade aos apelos da sociedade hodierna. Verifiquei que os quatro pilares da educação e perspectiva da educação para o século XXI, enunciados em relatório para a UNESCO, estão muito bem contemplados ao longo do referido projecto educativo. Daí, podermos contar com cidadãos competentes, livres e responsáveis, cientes dos seu deveres.

■ Quadro nº 1: Cronograma/Duração das actividades/acções Realizadas

Para ter uma perspectiva sobre as acções /actividades realizadas foi elaborado um cronograma que podemos observar no (Quadronº1)

Tempo Actividades/Acções	1 Janeiro				2 Fevereiro				3 Março				4 Abril				5 Maio				6 Junho				7 Julho				8 Agosto				9 Setembro				Nº total de horas				
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4					
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
Observação de aulas																																									
Aulas programadas																																									460
Aulas surpresas educadora																																									horas
Aulas surpresa supervisão																																									
Visitas de Estudos																																									
Reuniões com supervisores																																									
Prova Prática A. P.																																									
Prova Teóricas A. P.																																									
Reunião com o orientador																																									1375
Pesquisa Bibliográfica																																									horas
Elaboração do Relatório																																									
Total horas de actividades																																					1835				

### ■ Calendarização/Duração do Estágio Profissional

Considero que é esclarecedor apresentar também, uma calendarização para melhor compreensão da distribuição do tempo (meses, semanas e dias) e o total do tempo despendido ao longo da Prática Pedagógica, em cada grupo etário.

A Calendarização do Estágio Profissional é apresentada no Quadro número dois (nº2) no qual podemos observar os elementos alusivos aos aspectos já mencionados. O estágio divide-se em três momentos, cumprindo a rotina diária de cada grupo etário (das 9h00 às 16h00). O primeiro período teve a duração de dois meses (7 semanas) no Bibe Amarelo – A, faixa etária dos (3 anos); o segundo momento um mês (4 semanas) no Bibe Encarnado A, faixa etária (4 anos) e, finalmente o terceiro momento, que teve a duração de dois meses (7 semanas), no Bibe Azul – A, faixa etária dos cinco anos (5 anos)

No Quadro seguinte são evidenciados os três momentos por cores correspondentes a cada Bibe.

■ Quadro 2 - Calendarização do Estágio Profissional

Tempo/ Mês		1	2	3	4	5	6	7	Nº de horas
		Jan./10	Fev./10	Mar.10	Abr./10	Mai./10	Jun./09	Jul/10	
Semana/Dias do Estágio Profissional e aulas de treino	2ªF.	4	1	1	12	3		5	147 h
	3ªF	5	2	2	13	4	1	6	
	4ªF	6	3	3	14	5	2	7	
	2ªF.	11	8	8	19	10	7		☆
	3ªF	12	9	9	20	11	8		+ 18h
	4ªF	13	10	10	21	12	9		84h
	2ªF.	18	22	15	26	17	14		
	3ªF	19	23	16	27	18	15		
	4ªF	20	24	17	28	19	16		☆
	2ªF.	25		22		24	21		+ 8 h
	3ªF	26		23		25	22		189h
	4ªF	27		24		26	23		
	2ªF.					31	28		
		3ªF					29		☆
	4ªF					30		+ 14 h	
Nº Total de horas									460

#### Legenda:

- = B. Amarelo
- = B. Encarnado
- = B. Azul
- ☆ = Aulas de treino

## CAPÍTULO I – RELATOS DIÁRIOS

*O objectivo de um relatório é comunicar uma actividade desenvolvida ou ainda em desenvolvimento durante uma missão. Deve fornecer o relato permanente de um estudo ou de uma pesquisa e a informação necessária, que deve ser global e coerente, capaz de permitir tomadas correctas de decisões*

*(Diciopédia Porto ed., 2008)*



## 1.1. Descrição do Capítulo

Parece que a constituição deste Capítulo ficaria em falta, se não se fizesse uma introdução a alguns temas que se consideram como sustentáculo de todo o resto. Com este sentir, propõe-se fazer uma abordagem sobre: a educação hoje: o que é educar; importância e natureza da educação pré-escolar; o papel do educador de infância; a criança no estágio pré – operativo e por fim uma consideração sobre as rotinas das crianças do Jardim-Escola e tudo quanto lhe é inerente, tendo em conta os aspectos comuns a cada grupo etário.

Posto isso, como já foi referido na parte introdutória deste trabalho, este Capítulo tem como objectivo evidenciar e descrever todas as acções e práticas observadas, durante o período do Estágio Profissional. Cada relato diário será prosseguido de uma inferência e fundamentação científica.

Fica esclarecido também, que o presente Capítulo será dividido em três Secções e cada uma constará do relato das práticas observadas em cada bibe, por ordem cronológica já visualizadas anteriormente no quadro nº2: calendarização do estágio profissional. O relato de cada Bibe será antecedido do respectivo horário tipo. Para facilitar a identificação e leitura dos relatos diários de cada grupo etário, as semanas serão assinaladas com uma faixa corresponde à cor de cada Bibe.

## 1.2. A Educação hoje: O que é Educar

No cenário sócio-cultural e educativo português, em pleno século XXI, aparece de uma forma imperativa a necessidade de uma reflexão serena e profunda sobre a educação, de modo que esta seja motivadora, despertando nos cidadãos o desejo de aprendizagem e que sintam a felicidade de aprender. *“A educação não é preparação nem conformidade. Educação é vida, é viver, é desenvolver, é crescer”*. (Dewey, 1971, p.29)

Sob esta virtude, a Lei de Bases do Sistema educativo (Lei nº 46/86) e a Lei-Quadro da Educação Pré-escolar (Lei n.º 5/97), enunciam a educação pré-escolar como a primeira etapa da educação básica no processo de educação, ao longo da vida. Sublinha-se este princípio com a ideia de Closets (2002), quando refere que

para a criança ganhar na sua tenra idade o prazer de aprender, precisa de quem a estimule: os educadores.

Hoje existe uma consciência maior deste facto na sociedade portuguesa, nomeadamente no seio familiar e no de todos os agentes educativos. Tem-se verificado, nestes últimos tempos, uma acrescida preocupação com a educação. A política da actualidade procura dar ênfase à necessidade de uma educação de qualidade, para uma aprendizagem sustentável. Podemos questionar: será que as estratégias utilizadas e o modo de as implementar contribuem na verdade para uma educação sustentável que leve o indivíduo à felicidade de aprender e ao desenvolvimento das competências ao longo da vida?

*A arte que cada um de nós põe na tarefa de educar é também reveladora do nosso bem-estar e da nossa felicidade. Os nossos filhos crescerão mais seguros para a vida, se sentirem que à sua volta se respira harmonia e felicidade. Atrevemo-nos a repetir mais uma vez que educar é acima de tudo uma questão de bom senso, alguma intuição, uma boa dose de criatividade e muito, muito amor ( Diciopédia Porto ed., 2008).*

Educar é uma arte, exigência do amor. Só educa verdadeiramente quem sabe a arte de amar. Podemos afirmar que os pilares básicos de toda a educação são o amor e a firmeza.

Com base na mesma fonte podemos confirmar, que uma educação sem amor gera seres tímidos ou rebeldes; Uma educação sem firmeza e disciplina cria homens brandos e pouco responsáveis. Talvez esteja aqui uma das grandes falhas da educação actual. Na educação não se trata de destruir mas de edificar. A psicologia moderna diz-nos que a maturidade da pessoa exige uma grande dose de estima própria e confiança em si mesma.

A quem estimará a sério, quem não se estima a si próprio? Em quem confiará, quem não confia em si mesmo? As crianças aprenderão a confiar em si próprias se souberem que nós confiamos nelas e nas suas capacidades pessoais. Estima e confiança que lhes devemos mostrar de modo contínuo, para que lance nelas raízes profundas. Quantas grandes personalidades se perderam para a humanidade porque foram educadas na falta de estima e na desconfiança em si mesmas, impedindo-lhes, desse mesmo modo, o desenvolvimento das suas capacidades pessoais. Na educação não se trata só de formar uma inteligência, mas uma personalidade completa.

Lançando um olhar sobre as exigências da pedagogia, num mundo em mudança, as Teorias Pedagógicas Modernas referenciadas por Libâneo (1995), defendem que:

*Educar pessoas é efectivar práticas pedagógicas que irão constituir sujeitos e identidades. Por sua vez, sujeitos e identidades se constituem enquanto portadores das dimensões física, cognitiva, afectiva, social, ética, estética, situados em contextos socioculturais, históricos e institucionais. ( p.16)*

Urge uma profunda tomada de consciência, da sociedade, sobre esta missão tão difícil, mas ao mesmo tempo tão nobre.

O relatório para a UNESCO, afirma que:

*Tendo em vista o futuro, a educação surge como um algo indispensável à humanidade na construção das ideias da paz, da liberdade e da justiça social. A educação tem um papel decisivo no desenvolvimento contínuo das pessoas como das sociedades em que estão inseridas. A educação é também um grito de amor e de afecto à infância e à juventude, que devem ser acolhidos estimulados nas nossas sociedades. Nesta linha cabe ao sistema educativo procurar os caminhos mais correctos, assim como a família e a comunidade de base. Tendo em conta a cultura e a política que regem a sociedade, em prol de uma educação harmoniosa promovendo na criança de hoje o homem do amanhã. (Dolors, 1997, p. 11)*

Nesta perspectiva, educar hoje, exige cada vez mais que a preparação dos jovens passe por uma acção articulada entre escola e sociedade em geral, visando o seu desenvolvimento global. A formação pessoal e social da criança/jovem e a educação para a cidadania tornam-se cada vez mais prementes, para se tornarem adultos responsáveis, autónomos e participativos em todas as áreas inerentes à sua condição de agentes sociais e socializantes, permitindo-lhes interagir correctamente com optimismo e de forma positiva.

### 1.3. Importância e natureza da educação Pré-Escolar

A Lei de Bases do Sistema Educativo (nº 46/86) e a Lei-Quadro da Educação Pré-escolar (n.º 5/97), sustentam que:

*A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual se deve estabelecer estreita cooperação de modo a favorecer no educando um desenvolvimento harmonioso. Essa destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico. (p.22)*

Segundo os princípios enunciados na (LQEPE) “*A frequência da educação pré-escolar é facultativa, no reconhecimento de que cabe, primeiramente, à família a educação dos filhos, mas compete ao Estado contribuir activamente para a universalização da oferta da educação Pré-Escolar*”.(1997.p.22)

Porém, a sociedade actual parece contrapor esta ideia, pois, as exigências que ela impõe tornam pertinente a educação pré – escolar. Verificou-se que ela é como que o alicerce da educação para toda a vida e o garante para o processo de aprendizagem de qualidade.

Segundo Oliveira (2009), as crianças pré escolarizadas iniciam a escola primária com maior eficiência cognitiva e social, com a garantia que adquirem mais competências cognitivas, linguísticas e sociais, obtendo maior sucesso ao entrarem na escola primária.

O mesmo autor diz:

*A educação pré-escolar tem como objectivos promover o desenvolvimento pessoal e social da criança; fomentar a sua inserção nos grupos sociais diversos contribuir para igualdade das oportunidades no acesso à escola e para o sucesso de aprendizagem; estimular o desenvolvimento global de cada criança; desenvolver a expressão e a comunicação; despertar a curiosidade e o pensamento crítico; proporcionar a cada criança condições de bem-estar e segurança; desenvolver competências sensório-motoras e linguísticas; promover expressões lúdicas; envolver a família num processo educativo mais global; proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades; incentivar a participação das famílias no processo educativo. (p. 12-139)*

Hoje, mais do que nunca, sente-se a necessidade de uma educação que favoreça a competência de base e isso requer um estímulo desde a mais tenra idade. Oliveira argumenta ainda, que a necessidade de uma educação pré escolar prende-se com o problema da chamada experiência, estimulação ou intervenção precoce, recorrendo ainda a ditados que reflectem sabedoria popular e que dão razão à de iniciar precocemente a educação “ *de pequenino se torce o pepino*”.

Nesta linha de ideias Spodeck, B. (2002) afirma que:

*(. . . ). O acesso à educação pré-escolar é benéfico para a maior parte das crianças na medida em que favorece o estabelecimento de amizades e o desenvolvimento de competências sociais desde muito cedo. É também provável que as crianças matriculadas em modelos educativos mais ambiciosos em comparação com aquelas que estão a cargo de amas ou são criadas em casa, estejam expostas a um número mais elevado de pares desconhecidos. (p. 136)*

O autor realça ainda que, é na infância que surgem as primeiras formas rudimentares de sociabilidade entre pares. Podemos verificar então, que é indispensável o acompanhamento por parte dos adultos, para que o desenvolvimento e as aprendizagens deste grupo, sejam eficazes.

#### **1.4. O Papel do Educador de Infância**

Tendo em conta a tese defendida por Spodeck (2002), torna-se decisivo o papel do educador. As Orientações Curriculares (2002), afirmam que as concepções de infância e as necessidades sociais de educação definiram, ao longo do tempo, em grande parte, a trajectória da profissionalização dos educadores de infância. Podemos constatar assim, que o papel do educador de infância nem sempre foi bem compreendido ao longo desta trajectória. Porém, a perspectiva da sociedade actual mudou a concepção, apresentando uma mudança que vem aclarar cada vez mais o papel do educador, apesar de ainda não estar bem clarificada.

Na perspectiva de Caldeira (2009)

*As mudanças crescentes nas condições sociais, e conseqüentemente nos sistemas educativos, o aparecimento de novas perspectivas teóricas sobre a acção do educador e o aumento de complexidade do seu papel levou à imergência de uma nova visão do educador como profissional e permanente desenvolvimento, verificando-se nos últimos anos, um novo paradigma na formação dos professores.(p.161 )*

Neste sentido, é bom que sejam bem iluminadas as ideias sobre o papel do educador, não só da parte dos investigadores deste domínio, mas também dos próprios profissionais, com intuito de consciencializar cada vez mais, qual o seu papel. Nesta linha de pensamento, Caldeira (2009), sublinha que a importância atribuída ao papel do educador, como mediador, agente de mudança e garantia da qualidade de ensino, fez com que a sua formação se tornasse um dos domínios privilegiados da Investigação”.

Neste contexto, Craveiro e Formosinho (2002), consideram que o modelo que melhor se adequa à educação pré-escolar é aquele que é centrado no educando. Este, se baseia nas experiências das crianças, nas suas actividades e interesses, assentando na aprendizagem significativa e global, visando a promoção de autonomia e a construção activa do saber. Sob este ponto de vista, consideramos aceitável; cabe ao educador adequar o melhor, para os seus educandos.

*O educador deve estimular a criança a pensar, propiciar, fornecer informações, sistematizar os conhecimentos que vão sendo construídos, possibilitando o acesso da criança ao desenvolvimento de várias capacidades cognitivas, contribuindo para sua interacção no mundo em que vive, mas não esquecendo de ampliar os horizontes e proporcionar o desenvolvimento, de modo a que a criança evolua no seu modo de pensar. (Caldeira 2009, p.151)*

Assim, entende-se que o papel do educador, nomeadamente nos primeiros anos de vida da criança, deve ser o de despertar a capacidade que cada Ser possui em si e orientá-lo para uma integração e assimilação de outras competências, apontando-o para o que gira à sua volta. Para isso, urge uma formação inicial que garanta aos profissionais o saber fazer, de uma forma responsável e orientados para o desenvolvimento das competências e formação de cidadãos.

### **1.5. A Criança no Estádio Pré – Operatório**

É de suma importância fazer referência a este estágio de desenvolvimento, visto que na abordagem piagetiana, o grupo alvo sobre qual incidiu todo o percurso académico, especialmente nesta fase conclusiva, centra-se na educação pré-escolar. O ensino pré-escolar corresponde ao estágio do desenvolvimento que Piaget denominou como estágio pré-operatório, correspondendo na perspectiva deste, ao segundo grande estágio do desenvolvimento cognitivo. Piaget referido em (Papalia, Olds & Feldman, 2001) delimitou o estágio pré-operatório, como um período que se estende aproximadamente entre os 2 e os 7 anos; as crianças tornam-se gradualmente mais desenvolvidas no uso do pensamento simbólico.

De acordo com o mesmo autor, as crianças só pensam logicamente no estágio das operações concretas, no período escolar, ou seja, pelos 7 anos de idade. “Entre os progressos cognitivos do estágio pré-operatório identificado por Piaget e por outros investigadores estão: a função simbólica, a compreensão das identidades, a compreensão da causa e efeito, a capacidade para classificar e a compreensão do

número” Nesta linha de pensamento, surgem atitudes e comportamentos, concretos, em crianças com 4 anos de idade, que manifestam o seu desejo de uma forma autónoma sem precisar de pistas, demonstrando assim um grande progresso a nível cognitivo.

*(. . .) Esta ausência de pistas sensoriais e motoras caracteriza a função simbólica: A capacidade para usar símbolos ou representações mentais – palavras, números ou imagens aos quais a pessoa atribui significado. Ter símbolos para as coisas ajuda a criança a pensar acerca delas e das suas qualidades, a recordá-las e a falar acerca delas sem que estejam fisicamente presentes. O desenvolvimento do pensamento simbólico torna possível outros pensamentos importantes. (pp.312-313)*

Continuando esta ideia, verifica-se que por volta dos 4 anos, muitas crianças conseguem classificar, utilizando dois critérios: a cor e a forma; na medida em que usam a capacidade de classificar para ordenar muitos aspectos das suas vidas, elas categorizam as pessoas como “ boas, más, amigas, não amigas”. Assim a classificação é uma capacidade cognitiva com implicações sociais e emocionais.

Seguindo a mesma linha de pensamento (Sprinthall, N. & Sprinthall, R. 2001), denominam o período pré-escolar, como período do pensamento intuitivo ou pré-operatório, situando –se na mesma faixa etária de Piaget , dos 2 aos 7 anos de idade. Sprinthall et al. (2001) defendem que, durante este estágio pré-operatório o pensamento sofre uma transformação qualitativa. As crianças já não estão limitadas ao seu meio sensorial e imediato. No estágio anterior já tinham começado a desenvolver algumas imagens mentais como a de permanência de objectos; neste estágio expandem essa capacidade através de transições surpreendentes.

*A sua capacidade de armazenamento (. . .) aumenta tremendamente. O desenvolvimento do vocabulário, incluindo a capacidade de compreender e usar palavras, é especialmente notável. O modo de aprendizagem predominante neste estágio é o intuitivo. As crianças pré operatórias não se preocupam com a precisão mas deliciam-se a imitar sons e a experimentar dizer muitas palavras diferentes. (Sprinthall et al. 2001, p.106)*

Os mesmos autores sustentam ainda, que as crianças entre os 3 e os 7 anos de idade, usam predominantemente a verbalização a sós, ao longo das suas *actividades*, o que Piaget chamou de monólogo. Sprinthall et al. (2001) realçam ainda que os seus padrões de linguagem são egocêntricos; os comentários de cada criança têm pouca relação com o que as outras dizem.

Contudo em termos práticos, o monólogo colectivo é outra forma das crianças experimentarem palavras sem ter de esperar pela sua vez. Assim, podemos concluir que o sistema de pensamento que as crianças tipicamente empregam, durante este período, é criativo e intuitivo, considerado como uma verdadeira oportunidade de ouro, para facilitar o desenvolvimento da linguagem.

Papalia, et al. (2001), afirma que:

*O período intuitivo é uma verdadeira oportunidade de ouro para facilitar o desenvolvimento da linguagem. (. . .) as crianças evidenciam a função simbólica através da imitação deferida, do jogo simbólico e da linguagem. (. . .) No jogo simbólico as crianças fazem com que um objecto seja outra coisa (. . .). (pp.312-313)*

## Fundamentação

### **1.6. Rotinas das Crianças do Jardim-Escola**

Segundo Cordeiro (2007), num infantário ou jardim-de-infância, há uma sequência lógica das actividades e o programa só fica completo, se não falharem as diversas fases. A rotina diária descreve e apresenta, assim, os métodos adequados e motivadores que têm fundamentação científica. É nesta perspectiva que se segue uma pequena abordagem de algumas actividades, que preenchem o dia a dia das crianças do Jardim-Escola.

Neste ponto pretende-se fazer uma abordagem às rotinas que as crianças do pré-escolar, quotidianamente cumprem no Jardim – Escola, nomeadamente as de (Bibe Amarelo 3 anos, Encarnado 4 anos e Bibe Azul 5 anos), cujas rotinas são muitas vezes idênticas.

#### ➤ **As Rotinas**

As rotinas são determinantes no Jardim-Escola, nomeadamente na vida das crianças mais pequenas. Elas marcam o ritmo do quotidiano de uma forma tangível. Nesta perspectiva concordo com Zabalza (1998, p.186) que diz:

*A rotina diária pode ser adaptada a um horário de dia completo (manhã e tarde) ou de meio-dia (manhã ou tarde). A sequência de momento como tempo aconselhado pode ser alterado de acordo com as circunstâncias. No entanto os tempos de planeamento de trabalho e revisão devem ocorrer sempre nessa sequência (ordem), sendo o tempo de trabalho o mais longo da rotina diária.*



Ao longo dos relatos diários podem ser conferidas as rotinas que são efectuadas nos três Bibes. Ao efectivar a calendarização do meu estágio profissional, fiz a questão de observar uma rotina completa do Jardim-Escola (manhã e tarde) de forma a apreender melhor a planificação diária de cada Bibe.

Cordeiro (2007), reforça a necessidade da rotina diária, como elemento que favorece a determinação nas actividades a realizar em cada momento. *“É essencial criar rotinas, porque o próprio elemento repetitivo é inerente à securização. Saber o que se vai passar a seguir ajuda a prever o futuro e a tranquilizar (...)”*. (p. 286)

Pelo facto de existirem acções que são comuns às três faixas etárias, serão abordadas apenas uma vez, com as suas respectivas inferências e fundamentações. Fica explicado também, que as crianças do Bibe Amarelo da faixa etária dos 3 anos, usufruem de mais alguns momentos de rotinas em relação aos outros Bibes. Para Formosinho (1994) mencionado em Zabalza (1998), *“a rotina diária também é um instrumento para a aprendizagem do que se refere à cultura do meio como fonte inspiradora de actividades educativas”*. (p. 195)

#### Segundo as Orientações Curriculares (1997)

*A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. Trata-se de prever e organizar um tempo simultaneamente estruturado e flexível em que os diferentes momentos tenham sentido para crianças.* (p. 40)

Na minha opinião, as rotinas proporcionam a organização segura e equilibrada dentro do contexto, Jardim-de-Infância.

Zabalza (1998) vem comprovar que:

*As rotinas desempenham de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. As rotinas actuam com as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e ainda, substituem a incerteza do futuro. Constituindo um esquema temporal a médio prazo fácil de assumir. O quotidiano passa então a ser algo previsível o que tem importantes efeitos sobre a segurança e autonomia. Contudo, além desses aspectos sintácticos das rotinas (a organização das actividades) elas possuem também outras dimensões que precisam ser destacadas. É muito importante analisar o conteúdo das rotinas. No fundo, elas costumam ser um fiel reflexo dos valores que regem a acção educativa nesse contexto.* (p.52)

Nesta linha de pensamento Hohmann, Banet e Weikart, (1979) citados em Zabalza (1998), apresentam alguns aspectos implícitos que o educador, ao estabelecer uma rotina diária como estrutura coerente, cujos tempos se repetem sistematicamente são de grande vantagem para o desenvolvimento e aprendizagem da criança:

- ✓ *Proporcionar à criança a oportunidade de expor intenções, tomar decisões concretizá-las mais adiante, realizar as suas experiências com outras crianças e adultos;*
- ✓ *Ajudar a criança a compreender o que é o tempo através da sequência de tempos que se repetem sistematicamente;*
- ✓ *Ajudar a criança a controlar o seu tempo, sem necessidade de que o adulto lhe diga o que deve fazer ou acabar uma actividade.*
- ✓ *Dar à criança a oportunidade de ter experiências de muitos tipos de interacção seja com outras crianças seja com adultos;*
- ✓ *Dar-lhe a oportunidade de trabalhar sozinha, em dupla, em pequeno e grande grupo;*
- ✓ *Proporcionar à criança oportunidade para trabalhar em diversos ambientes dentro da aula da escola infantil, no recreio ao ar livre e inclusive, na comunidade. (1998, p.187)*

A rotina diária é indispensável para as crianças do pré-escolar. Há vários momentos que fazem parte de uma estruturação mais global. Podemos realçar ainda que as rotinas baseadas na ordem ou no cumprimento dos compromissos, ou na avaliação e revisão do que foi analisado em cada fase ou no estilo de relação criança - adulto, estarão reforçando no fundo esses aspectos sobre os quais as rotinas são projectadas. Isso nos permite ler qual é a mensagem formativa do nosso trabalho, o que, a meu ver, é um caminho seguro para uma educação de qualidade.

## ➤ **Acolhimento e canções no salão**

### • **Acolhimento**

O acolhimento é a primeira rotina das crianças dos três Bibes. Todos os dias, das 9h00 às 9h30, todas as crianças do Pré Escolar, juntamente com as respectivas educadoras e estagiárias do Jardim -Escola, reúnem-se no salão, numa roda, como podemos observar na figura nº1, durante 30 minutos, cantando várias canções inclusive canções de rodas, acompanhadas dos respectivos gestos e coreografias. No centro da roda, estão as crianças do Bibe Amarelo A e B com as respectivas educadoras; a seguir, o Bibe Encarnado com as respectivas educadoras e por ultimo o

Bibe azul também com as suas educadoras. Este último, permanece apenas 10-15 minutos. As estagiárias integram-se na roda, formando a ultima fila. Quanto ao tempo da permanência durante o acolhimento em roda, podemos dizer, que o Bibe azul é o que mais se aproxima da rotina do modelo High/ Scope referido em Zabalza.(1998, pp.185 -186) , que nomeia este momento como: “ trabalho em roda grande (grande grupo)”.



Figura 1- Acolhimento e canções no salão

#### ➤ **Tempo de roda**

No momento de acolhimento, o tempo de roda é de grande relevância dentro da metodologia de João de Deus. Este é o momento de grande envolvimento musical, de muita alegria em que as crianças participam de uma forma espontânea, entoando canções em alternância com os professores/ educadores e estagiárias. “*O acompanhamento musical do canto e dança permite enriquecer e diversificar a expressão musical. Este acompanhamento pode ser realizado pelas crianças, pelo educador ou recorrer a música gravada*”. (OCPEPE, p. 67)

No meu entender este é um momento favorável para a integração das crianças numa forma única de envolvimento, numa atmosfera dinâmica; ao aproximar-se do grupo neste clima familiar e amigável, a criança sente-se num ambiente de conforto. O tempo da roda é no Jardim-Escola, uma das rotinas contemplada no modelo High/Scope, apesar de ser feita em momentos e contextos diferentes.

Concordo com Zabalza (1998) quando comenta este modelo afirmando que o momento de roda, é uma altura em que os adultos participam das diferentes actividades, motivando as crianças a interagirem umas com as outras o que é um excelente momento para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chaves de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música e movimento.

O autor sublinha ainda que:

*Crianças e adultos reúnem-se em grande grupo para cantar canções conversar, contar histórias, dançar ao som da música ou fazer diferentes ritmos, dramatizar histórias, durante 10 a 15 minutos. Este momento, não deve ser demasiado rígido em termos de horário (...) é mais uma oportunidade para estimular a relação família/ escola e transmitir informação. No jardim-escola este momento é vivido de modo intenso num clima de alegria uma vez que integram a canção de rodas, o que proporciona uma integração das crianças de um modo favorável ao equilíbrio emocional da criança (...). As crianças gostam das canções e de pequenos jogos de ritmo. (Zabalza, 1998, p. 194)*

Neste sentido a criança consegue mais facilmente superar a falta ou ausência dos familiares.

Nesta mesma linha Cordeiro (2007), confirma que,

*O momento de separação é um momento difícil. (...) As crianças gostam da escola mas preferiam escapar no momento do ir, do corte da separação física dos pais. Para que este momento seja mais aliviado, mesmo nas crianças que já estão habituadas ao meio é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que as crianças se sintam sempre desejadas pelas suas educadoras e pela sua escola". (pp. 370 -371)*

### ➤ **Higiene Pessoal**

Na minha perspectiva o momento de higiene é essencial para, desde cedo, despertar e incutir nas crianças este hábito, que é uma via para promover a saúde e a autonomia da criança. Por isso, torna-se indispensável lavar as mãos depois de algumas actividades e especialmente, antes das refeições, fazer a higiene pessoal. A higiene é das rotinas bem vivenciadas no plano diário do jardim-escola. Concordo com Cordeiro (2007), que diz *“há um elo comum: o desenvolvimento da autonomia que promove na criança o gosto e se sentir crescida e com responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo. Por outro lado aprende-se que depois das actividades (...) as mãos devem ser lavadas”* (p. 373).

### ➤ **Recreio / Livre e orientado (manhã e tarde)**

As crianças do Jardim-Escola têm o espaço e o tempo de recreio como elemento privilegiado, dentro de suas rotinas diárias. Gozam de manhã e de tarde, tempos de recreio que, na maior parte de vezes, é no exterior (ao ar livre) e algumas vezes dentro do salão. Tanto num momento como noutra, segundo consta no plano diário, pode ser livre ou orientado. Segundo Zabalza (1998), o tempo de recreio ao ar livre é importante para as crianças:

*É um momento favorável para a incorporação de experiências - Chave na área do movimento, do desenvolvimento dos grandes músculos. ( . . . ) e permite que a criança realize experiências de actividade física. . . . é função do adulto animar, apoiar, ajudar, sugerir alternativas, participar activamente nos jogos e actividades lúdicas das crianças. (p.192)*

Neste sentido Kamii (2003), profere que:

*O tempo passado no exterior ( . . . ) é um terreno rico para o desenvolvimento do conhecimento físico e do raciocínio espacial. Brincar no escorrega e no baloiço . . . a condução de um carrinho de mão, um passeio num triciclo e os pontapés que dão numa bola implicam também um raciocínio espacial e o conhecimento físico. A teoria de Piaget ajuda-nos a compreender que estas actividades não favorecem simplesmente as aptidões para a construção, pintura ou canto, mas são veículos através dos quais a criança desenvolve o seu quadro cognitivo de base. (111).*

O Recreio é um espaço de grande importância, onde a criança pode livremente divertir-se e explorar o ambiente, falar com os amigos, fazer uma coisa de que gosta. Cordeiro (2007), descreve o momento de recreio como o momento que impõe uma brincadeira pura (brincadeira livre) após o momento académico, apesar de não ser necessariamente um momento para se esquecer dos restantes colegas “*sendo relevante para a construção de regras e de hábitos de grupo. Saber respeitar e aceitar as brincadeiras dos outros sem querer impor as suas*” (p. 372). O mesmo autor, argumenta ainda que:

*Brincadeira livre, imaginação, correria, possibilidade de fazer movimentos que estimulam a motricidade larga sem andarem uns com os outros. Os conflitos de interesses são um bom estímulo à negociação, argumentação e diplomacia ( . . . )O recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas, vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos. ( p. 374)*

Na minha perspectiva, o momento de recreio é indispensável para o desenvolvimento das crianças de uma forma integral. É no momento da brincadeira a sós, aos pares ou em grupo, que as crianças desenvolvem significativamente as várias competências, nomeadamente para as que se encontram na faixa etária compreendida entre 3 e 5 anos de idade. Este deve ser concebido não como um momento apenas de satisfazer as necessidades biológicas das crianças, mas sobretudo como o momento de diversão e oportunidade para o desenvolvimento da autonomia das crianças. Nesta mesma linha as Orientações Curriculares (1997) confirmam que *o espaço exterior é um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeados pelo educador e pelas crianças* “. (p. 39)

Para Cordeiro (2007):

*Brincar é o trabalho das crianças ou o trabalho das crianças é brincar. Há altura em que a palavra “brincar” tem maior significado é, justamente entre 1 e os 5 anos. (...) Brincar é assim a sua principal função e será através da brincadeira espontânea ou de jogo mais estruturado, só ou com outros meninos que aprenderá a utilizar uma linguagem e comunicação cada vez mais simbólicas, organizadas e amplas. É o brincar que também lhe facilitará a aquisição de conhecimentos, o equilíbrio de tensões e a catarse de emoções e sentimentos difíceis. São várias as vantagens de brincar para além do gozo puro e simples e do prazer físico psicológico e emocional. (. . .). é necessário respeitar a vontade de brincar com outros ou brincar a sós e promover essas duas vertentes, respeitando as características da personalidade da criança. ( p. 329)*

### ➤ **Brincadeira/ Recreio livre**

A brincadeira livre faz parte das rotinas diárias das crianças do Jardim – Escola. Sob o olhar das educadoras as crianças têm a oportunidade de escolher as actividades ou tipo de brincadeiras, como e com quem brincar. Cordeiro (2007), realça ainda o interesse deste momento e seus efeitos no desenvolvimento da criança.

*A brincadeira livre pode ser feita na sala ou no recreio. Nos momentos de brincadeira livre a criança (. . .) tem a oportunidade de escolher a actividade que mais lhe agrada. Estas tomadas de decisão vão fomentar a autonomia e uma crescente auto-estima. A brincadeira livre é uma actividade rica e reveladora do empenho da criança, em construir a sua personalidade. É também neste contexto que a criança:*

- ✓ *descobre alegrias e dificuldades na colaboração com as outras crianças;*
- ✓ *aprende a planear no tempo e no espaço;*
- ✓ *consciencializa-se sobre a importância da existência de regras;*
- ✓ *explora dados da vida real;*
- ✓ *começa a aceitar e a respeitar as brincadeiras dos outros, assim como o tempo de cada um. (p. 376)*

### ➤ **Suplemento Alimentar**

*“Destina-se geralmente a um lanche rápido a meio da manhã(. . .)”. (Zabalza, 1998, p.192)* No plano diário das crianças do Jardim -Escola, podemos observar este momento que é praticado normalmente na parte da manhã e em grupo, ao chegar ao recreio. As educadoras fazem sentar as crianças e distribuem bolachas ou bocados de pão com manteiga. Este momento para além da sua importância na recuperação da energia ao meio da manhã, por parte das crianças, é uma ocasião favorável à

socialização. Na perspectiva de Kamii (2003), a preferência para a merenda/suplemento “favorece um contexto natural para a socialização”(p.137). É notável o cuidado que o Jardim-Escola tem quanto à alimentação das crianças. Um factor importante para o seu desenvolvimento físico, visto que estão numa fase de crescimento e pelo dispêndio de energia inerente à actividade física que, no período pré escolar, pode ser mais intensa e neste caso, favorecendo também um bom rendimento escolar.

### ➤ **Almoço**

Este momento de refeição é favorável à socialização e autonomia para além do desenvolvimento de algumas competências (valores e destrezas). Na perspectiva de Cordeiro (2007), este momento da refeição:

*Serve para alimentar, mas, no ponto de vista de socialização também para criar uma nova autonomia. . . passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo. . . noções de alimentação e nutrição ... . Há também um controlo das exigências pessoais, aprendendo a aceitar o menu do dia sem reclamar. (p. 373)*

Admito a ideia deste autor quando diz que, os adultos devem ajudar as crianças a internalizarem a rotina diária. Para isso, devem manter sempre a mesma sequência de tempos: referir-se ao nome de cada um dos tempos sempre que o mesmo tiver início; é importante apontar bem claramente o final de cada fase, de modo que todas as crianças se dêem conta de que se deve iniciar a nova actividade.

### ➤ **Sesta**

Depois de uma actividade intensa urge um momento de pausa e de repouso. Porém, há que respeitar o ritmo e a necessidade manifestada por cada criança. Admito a opinião de Cordeiro (2007), sobre este aspecto, quando afirma que os cérebros funcionam de maneira diferente e além disso o próprio cansaço, o número de estímulos e muitos outros condicionantes orgânicos e psíquicos entram neste balanço e que a hora de dormir a sesta deve ser falada como uma hora boa e desejada.

Como já foi referido anteriormente, a rotina das crianças do Bibe Amarelo (3 anos) é a única que usufrui de um tempo de sesta. Depois do almoço, essas, dirigem-se para a casa de banho, acompanhadas das respectivas educadoras e estagiárias e preparam-se para dormir, na mesma sala de aula, preparada pelas empregadas, com

caminhas e condições para facilitar o sono às crianças. A forma como são conduzidas as crianças predispoê-nas para a aproximação da hora da sesta.

Para Cordeiro (2007), *“a sesta deve ser um passo de rotina, que a criança já antecipa quando está a fazer outras coisas anteriores (. . .) O deitar e aconchegar com mimo e um beijinho deveriam ser obrigatórios, e não mandar para a cama como se tratasse de uma instituição militar”*. (p. 306)

### ➤ **Lanche da Tarde**

Depois de várias actividades de rotina ao meio da tarde, as educadoras conduzem as crianças à cantina para o momento do lanche. Este lanche é mais suculento que o lanche a meio da manhã. As mesas estão recheadas de pão com manteiga, leite simples ou com chocolate, outras vezes iogurte ou caixinhas de leite e pão com manteiga. Esta é também uma boa ocasião para incentivar as crianças a desempenharem tarefas promovendo, assim, a sua autonomia. Zabalza (1998) aponta este momento como oportuno para aprendizagem das crianças dizendo que, *“( . . .) novamente, temos oportunidades excelentes para introduzir experiências nas quais as crianças serão responsáveis pelas tarefas”*. (p. 192)

#### **1.6.1. Actividades curriculares não disciplinares**

*Dentro da rotina das crianças do Jardim-Escola podemos observar também algumas actividades curriculares não disciplinares.*

#### **Aula de Música**

Todas as crianças do Jardim - Escola usufruem desta rotina. É um momento que as crianças esperam com muita satisfação. As aulas de música são sempre muito dinâmicas, proporcionando grande alegria e expressividade. Também são leccionadas por um professor que consegue cativar e envolver as crianças de uma forma simpática e divertida. O contacto com a música é de suma importância na vida das crianças, porque através dela desenvolvem múltiplas competências. Aprendem a explorar os sons e os ritmos, a conhecer a sua cultura e a contactar com outras culturas.



Para Hohmann e Weikart (2004),

*A música é um aspecto da infância precoce, pelo facto das crianças mais novas estarem tão abertas a ouvir e a fazer música, e a moverem-se ao seu som. A música torna-se mesmo uma outra linguagem, através da qual os jovens fazedores de música aprendem coisas sobre si mesmos e sobre os outros. A música insere as crianças na sua própria cultura e ritos comunitários.”. (p. 658).*

A música é uma das actividades preferidas pelas crianças e constitui uma extraordinária oportunidade de desenvolver de forma lúdica, imensas capacidades, quer cognitivas, quer psicossociais, quer motoras. Na mesma linha de pensamento Sousa (2003, p.20), afirma que “o *objectivo é proporcionar à criança um meio que irá juntar-se a outros, para o seu enriquecimento pessoal e desenvolvimento da sua personalidade*”.

### **A Biblioteca**

O Jardim-Escola possui uma Biblioteca com muita literatura, que proporciona aos professores/ educadores e alunos a livre escolha de uma história ou conto, que são dinamizados e proporciona ainda a leitura individual. Na minha opinião, é um lugar privilegiado para despertar nas crianças o gosto pelo livro.

*O gosto e interesse pelo livro e pela palavra escrita inicia-se na educação pré-escolar. O contacto e frequência de bibliotecas pode também começar nesta idade, se as crianças tiveram oportunidade de utilizar, explorar e compreender a necessidade de as consultar e de as utilizar como espaços de recreio e de cultura”. (Ministério de Educação p. 72)*

Nesta perspectiva, Alarcão (2001):

*A escola deve ajudar o aluno a apropriar-se de estratégias que lhe permitam aprofundar a relação afectiva e intelectual com as obras afim de que possa traçar progressivamente o seu próprio percurso enquanto leitor e construir a sua própria autonomia face ao conhecimento. Favorecer o gosto de ler implica que a instituição escolar proporcione ocasiões e ambientes favoráveis à leitura silenciosa e individual e que promova leitura de obras variadas em que os alunos encontrem respostas para as suas inquietações, interesses e expectativas. (p.15)*

A mesma autora enuncia alguns aspectos que parecem importantes para motivar à leitura, tais como:

- *um apetrechamento aliciante, um ambiente convidativo e uma animação permanente da biblioteca de cada escola*
- *Uma programação partilhada e constantemente avaliada das actividades de biblioteca da turma...*
- *e, sobretudo, em todas as aulas de todas as disciplinas, o entusiasmo do professor enquanto mediador de leituras. Sublinha que esses são principais factores que poderão levar ao despertar do interesse pela leitura. Tendo em conta as características do mundo moderno, há que favorecer ao aluno todos os suportes que o mercado oferece. . .” . ( p.15)*

As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p. 70)* confirmam que:

*O contacto com o texto manuscrito e impresso nos seus diferentes formatos, o reconhecimento de diferentes formas que correspondem a letras, a identificação de algumas palavras ou pequenas frases, permitem uma apropriação da especificidade do código escrito (...) o contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através do livro, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética.*

#### **Aula de Ginástica**

Esta aula decorre normalmente no Ginásio onde estão todos os apetrechos para o efeito. É leccionada por uma professora de educação física. As *Orientações Curriculares (2002)* proferem que:

*A Expressão motora pode apoiar-se em materiais existentes na sala e no espaço exterior ou, ainda, ter lugar em espaços próprios apetrechados para o efeito. Os diferentes espaços têm potencialidades próprias, cabendo ao educador tirar partido das situações, espaços e materiais que permitam diversificar e enriquecer as oportunidades de expressão motora (p. 59).*

A professora tenta executar os exercícios de acordo com cada faixa etária, tentando diversificar as várias formas de sentir o corpo tais como: trepar, correr e outras formas de locomoção, bem como deslizar, baloiçar, rodopiar, saltar a pé juntos ou só com um pé, acompanhados de vários ritmos e normalmente ao som da música. Segundo as *Orientações Curriculares (1997)*:

*Ao entrar para a educação pré-escolar a criança já possui algumas aquisições motoras básicas, tais como andar, transpor obstáculos, manipular objectos de forma mais ou menos precisas. Tendo em conta o desenvolvimento motor da criança, em educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercícios da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo. (p. 58)*

No final da aula, a professora proporciona sempre um exercício de relaxamento, que faz parte do trabalho a nível da motricidade global. A meu ver, a aula de ginástica é de suma importância no desenvolvimento da criança na idade pré-escolar. Neste sentido as Orientações Curriculares (2002) acrescentam que:

*O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar, de modo a tomar consciência de si própria na relação com os objectos. (p.57)*

### Aula de Informática



Figura nº2 – Aula de Informática

Esta aula é efectuada na sala dos computadores. As crianças são divididas por grupos, geralmente de 4 ou 5 e cada grupo ocupa um computador. A professora/educadora escolhe um dos programas e as crianças realizam as propostas de actividades que normalmente são complementares às actividades curriculares disciplinares, realizadas anteriormente.

Na minha opinião, o uso dos computadores na interligação dos conteúdos é uma mais valia, nas descobertas e aprendizagens das crianças. Ao dar continuidade ao mesmo conteúdo numa situação diferente, proporciona à criança um leque maior na aquisição da capacidade de escolha sabendo fazê-la em várias situações e contextos. A sociedade hodierna, sendo tecnocrática, exige uma educação, desde muito cedo, na área das novas tecnologias, sobretudo no pré-escolar; exigem uma selecção de programas adequados e o acompanhamento das crianças por parte dos adultos, de modo a saberem responder aos apelos de uma forma criteriosa.

Os autores Brickman e Taylor (1991, p.179), defendem o apoio dos adultos à aprendizagem em computador salientando que *“depois de se ter escolhido bons programas, o outro aspecto essencial para um uso eficaz das actividades com o computador consiste em apoiar as crianças, sem intromissão no que elas estão a fazer”*. Neste caso, a educadora/professora é apenas uma mediadora para dar espaço à autonomia das crianças.

Brickman et al. (1991), esclarecem ainda que, *“se trabalharem sozinhas no computador, as crianças familiarizam-se facilmente com os truques do equipamento, descobrem por si próprias que, em certas alturas, o computador não reage. Aprendem a esperar e a tentar de novo algum tempo depois”* (p.179).

Na minha opinião, o facto de trabalharem em grupo, é muito positivo. Deste modo, a criança aprende a interagir e a colaborar com outros, podendo assim, ajudar e ser ajudada perante alguma dificuldade que possa surgir. Os mesmos autores sugerem:

*Quando alguma criança se depara com um problema que não consegue resolver, os adultos devem encorajar a procurar, sempre que possível, a ajuda de outra criança., desta forma a criança que se deparou com o problema obtém ajuda de um companheiro da mesma idade, aquela que ajudou ganha confiança e auto – estima, e ficam amigas.* (p. 180)

## Fundamentação

### 1.6.2. O Computador e a sua importância na educação Pré – Escolar

Tendo em conta o referido anteriormente relativo à aula de informática, torna-se pertinente fazer uma reflexão mais aprofundada acerca das novas tecnologias, nomeadamente o computador, na educação das crianças. É dos elementos que parece ser imprescindível hoje, no âmbito educativo e no processo do ensino e aprendizagem. As orientações Curriculares (1997) aludem este facto, como sendo importante dentro do domínio da linguagem oral e a abordagem à escrita e dizem:

*Se a linguagem oral e a abordagem à escrita merecem especial atenção na educação pré-escolar, as novas tecnologias da informação e comunicação são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente. (. . .) A utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré escolar, pode ser desencadeadora de várias situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário. Este pode ser utilizado em expressão plástica e expressão musical, na abordagem ao código escrito e na matemática. (p.72)*

Sublinha ainda um problema relevante para a nossa sociedade globalizante e multicultural, olhando para este meio de comunicação e de pesquisa como facilitador de aprendizagem de múltiplos códigos:

*A multiplicidade de códigos pode ainda referir-se à existência de diferentes línguas, não se excluindo a sensibilização a uma língua estrangeira na educação pré escolar, sobretudo se esta tem um sentido para as crianças de outros países, por conhecimento directo ou correspondência, e se assume um carácter lúdico e informal. (Ministério de Educação p. 73)*

Nesta mesma linha de ideias, Botelho (2009, p. 118) opina sobre a importância dos computadores na educação pré-escolar:

*É preocupação da educação Pré-Escolar proporcionar às crianças conhecimento do mundo, seja ele relativo ao seu mundo próximo que abarca o próprio contexto da sua sala de actividades, o espaço exterior ao jardim-de-infância, físico e comunitário, ou um mundo mais distante que abarca o conhecimento e sensibilização a diferentes áreas científicas, o conhecimento de outras realidades, quer sejam elas naturais, sociais ou culturais.*

A mesma autora cita, Haugland e Wright (1997), Grácio (2002) e Rada (2004), que sublinham as vantagens desta via de comunicação e as suas potencialidades:

*A tecnologia informática, designadamente as possibilidades disponibilizadas pela Internet, podem proporcionar aos educadores e às crianças oportunidades únicas de acesso, a pessoas, imagens, sons e informações muito diversificadas e dificilmente acessíveis de outro modo, que podem seguramente constituir-se como poderosos recursos educacionais. (p. 118)*

### **1.6.3. Actividades curriculares disciplinares**

Estas actividades são programadas, segundo as áreas de conteúdos enunciadas nas Orientações Curriculares. Fazem parte integrante da rotina diária do pré-escolar, com o objectivo de proporcionar às crianças várias experiências, com sentido e ligação entre si, com coerência e consistência ao longo do processo educativo. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), nas áreas de conteúdos que constituem as referências gerais a considerar no planeamento e na avaliação das situações e oportunidades de aprendizagem, distinguem-se três:

Áreas de Formação Pessoal e Social; Área de conhecimento do mundo; Área de Expressão/Comunicação, que compreende três domínios: domínio das expressões com diferentes vertentes - expressão motora, expressão dramática, expressão plástica, expressão musical; domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e domínio da matemática.

*Considera-se “áreas de conteúdos” como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer [. . .]. As diferentes áreas de conteúdo partem do nível de desenvolvimento da criança, da sua actividade espontânea e lúdica, estimulando o seu desejo de criar, explorar e transformar, para incentivar formas de acção reflectida e progressivamente mais complexa. (OCPEPE, 1997, pp.47-48)*

## **2.1- 1ªSECÇÃO**

### **Relatos do Bibe Amarelo Sala – A**

(faixa etária 3 anos)

Iº Momento de estágio

Realizado de 04 de Janeiro a 17 de Março

**Educadora Cooperante:** Rita Sapinho

## 2.1.1. Horário Lectivo da Turma

- Quadro 3 – Horário Lectivo da Turma Bibe Amarelo A

Bibe Amarelo A	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h00	<b>Acolhimento e canções no Salão</b>				
1º Tempo da manhã	Estimulação à leitura Desenvolvimento verbal	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Cerâmica (9h30/10h30) * Iniciação à Matemática	Estimulação à leitura Desenvolvimento verbal
	Iniciação à Matemática	Educação Musical (10h00/10h30)	Estimulação à leitura Desenvolvimento verbal	Estimulação à leitura Desenvolvimento verbal	Ginástica (9h45/10h45)
10h30	<b>Suplemento Alimentar/ Recreio/ Cantinhos (10h30 /11h00)</b>				
2º Tempo da manhã	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática/Informática (10H45/12H00)	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
12h00	<b>Almoço</b>				
13h00	<b>Sesta (1h00a 14h30)</b>				
1º Tempo da tarde	Realização de propostas de trabalho **/ jogos	Realização de propostas de trabalho **/ plasticina e jogos	Realização de propostas de trabalho **/ Cantinhos	Realização de propostas de trabalho **/ Entrelaçamento e Enfiamento	Realização de propostas de trabalho **/ plasticina e jogos
16h00	<b>Lanche/saída</b>				
<p>*Aula que decorre de 3 em 3 semanas</p> <p>** As propostas de trabalho visam trabalhar diversas expressões plásticas e exercitar a grafomotricidade, desenvolver o Raciocínio Lógico-Matemático e consolidar temas da área do Conhecimento do Mundo .</p>					



### **2.1.2. Caracterização da turma**

A turma tem 27 alunos e é relativamente homogénea em termos de idades: todas as crianças nasceram entre Janeiro e Dezembro de 2006. Treze elementos do sexo masculino e catorze do sexo feminino.

A nível cognitivo, a turma apresenta elementos com mais dificuldades e outros mais desenvolvidos no que diz respeito ao nível cognitivo, raciocínio lógico, socialização e motricidade. Existem 4 alunos que têm mais dificuldades a todos os níveis, sendo crianças com muitas dificuldades de concentração e por consequência de aprendizagem.

A nível da fala existem duas alunas, que têm muita dificuldade. De modo geral a turma é interessada, colaborativa e participativa durante as actividades e bastante disciplinar.

A nível afectivo e comportamental, afectivo – emocional, a turma revela-se sem grandes problemas de relacionamento entre os elementos que a constituem. Com a educadora relacionam-se de forma carinhosa e meiga. Há alunos mais extrovertidos e comunicativos; outros que só comunicam se forem solicitados. Também se encontram alguns elementos que às vezes recorrem à agressividade para com os pares.

O nível sócio-económico da turma apresenta-se média alta, os pais e as mães distribuem-se por dois níveis de formação: superior e secundária.

### **2.1.3. Caracterização do espaço**

Acho oportuno fazer uma reflexão um pouco mais aprofundada da caracterização do espaço, pois ele é imprescindível para qualquer tipo de actividade humana. Ao falar do espaço escolar, ambiente da sala de aula reporta-nos para múltiplas ideias, que reúnem elementos que garantem a qualidade, em vários níveis.

## Fundamentação

Zabalza (1998), fala do espaço escolar como um ambiente de aprendizagem e como elemento curricular. Para este autor o termo “espaço “ tem diversas concepções.

Segundo Battini (1982), citado pelo mesmo autor diz que *“é preciso entender o espaço como um espaço de vida, no qual a vida acontece e se desenvolve. . . .(Zabalza, 1998, p. 231).* Nesta linha de pensamento, Hohmann e Weikart (1997), afirmam: *“( . . . ) as crianças necessitam de espaços que sejam planeados e equipados de forma a que essa aprendizagem seja efectuada. O espaço das salas onde a aprendizagem pela acção é organizado de forma a possibilitar que a criança efectue escolhas. . . .”* (p. 161). Concordo com Zabalza (1998) que afirma *“quando entramos numa sala e vemos como está organizada, fazemos de imediato uma ideia de como trabalha aquele educador, de como vê e entende o trabalho na escola infantil”* (p.124.).

Foi esta a sensação que tive ao aproximar-me e entrar na sala do Bibe Amarelo pela primeira vez; nesse espaço aliciante, tanto pelas crianças que o preenchiavam como pela diversidade de materiais expostos ou pela decoração colorida.

Cito ainda Zabalza que diz:

*É importante que a sala esteja organizada e ambientada com certa sensibilidade estética que, além de tornar agradável a permanência na mesma, “eduque” a sensibilidade estética e artística das crianças ( . . . ) A sala deve ser muito colorida - as cores vivas são atraentes para as crianças e chamam a sua atenção , devemos ter cuidado para manter a harmonia de cores na sala de aula, ser original, procurar a originalidade nos elementos decorativos chamará a atenção das crianças e será um estímulo para a sua criatividade.(p. 260)*

Podemos observar nas fotografias, a sala do “Bibe Amarelo encantado” como um espaço mágico, um ambiente adequado e propício a esta faixa etária, que transmite muita alegria, vitalidade e convida a aprendizagem, despertando nas crianças o gosto e a sensibilidade estética, bem organizada e com ideias originais.

Segundo as Orientações Curriculares (2002) *“ Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender”* (p.37). A sala do Bibe Amarelo apresenta um espaço amplo e acolhedor, possui bastante luminosidade, com janelas grandes e portas, uma virada para o exterior e outra que dá aceso para o Bibe Amarelo B.

*A sala de aula é um bom local para a aprendizagem do saber estar não apenas em termos de boa educação, mas também de cumprimentos de regras e de gestão do espaço e do relacionamento entre o espaço, as coisas e objectos (...) para as pessoas e o próprio corpo (. . . ) A sala de aula deve ser dinâmica, em constante capacidade de mudança, porque tem de atender às necessidades desenvolvidas em cada momento. (Cordeiro, 2007, p. 365)*

### A sala do Bibe Amarelo A



*Figura 3 – Área de Leitura, armários e caminhas para a sesta.*



*Figura 4 - Placard com actividades das três áreas curriculares e áreas de faz de conta.*

### 2.1.4- Relatos Diários

Estes relatos da 1ª secção, consistem na descrição de sete semanas de aulas observadas no primeiro momento de estágio.

#### 1ªSemana

##### Segunda-feira, 4 de Janeiro de 2010

Por ser o meu primeiro dia de estágio ao chegar ao Jardim – Escola às 8h55, dirigi-me à secretaria, apresentei-me à Directora deste Jardim-Escola, que me acolheu com muita simpatia. A seguir conduziu-me ao salão de acolhimento onde se encontravam reunidos, em tempo de roda, as educadoras e respectivos alunos. Apresentou-me à educadora da sala do Bibe Amarelo – A, que me acolheu com expressões afáveis, pondo-me à vontade.

Depois de quinze minutos, as crianças do Bibe Azul e os seus educadores deixaram a roda e seguiram para as respectivas salas. Os Bibes Encarnado e Amarelo permaneceram na roda até às nove e trinta; cada bibe dirigiu-se para a sua respectiva sala.

A educadora deu início à aula no **Domínio da Matemática**, às 9h40, utilizando o material alternativo – **As palhinhas**. Chamou dois “chefes” um menino e uma menina, para irem buscar os copos com as palhinhas (material didáctico) e distribuir pelas mesas. A educadora pediu ajuda às colegas e a mim para distribuir imagens em cartolina (de menino e menina). Distribuámos as imagens a cada criança e a educadora mostrou as mesmas em maior dimensão, colocou-as no quadro, atribuindo um nome a cada uma: Tomás e Mariana.

Servindo-se das duas personagens, inventou uma história ao longo da qual realizou várias situações problemáticas. Contou que um dia o Tomás e a Mariana, foram ao pomar da avó buscar frutos para fazer doce e salada. Perguntou se sabiam o que era um pomar. Chegados ao pomar os meninos viram uma laranjeira com duas lindas laranjas. Como estavam altas, esticaram muito os braços (a educadora fez gestos e convidou também as crianças para apanharem as laranjas). Como o Tomás era mais alto, conseguiu chegar lá e tiraram as 2 laranjas. A educadora pediu para retirarem duas palhinhas e colocarem do lado direito.

Colheram um par de laranjas. Perguntou quanto é um par e disse às crianças para retirarem 2 palhinhas e colocarem do lado esquerdo. O Tomás e a Mariana

continuaram a caminhar pelo pomar e a certa altura viram duas flores amarelas, três encarnadas e uma azul. A educadora foi mostrando as flores na medida que as ia tirando e, em simultâneo questionou sobre o que iam visualizando: a cor, quantas eram, colocando-as no quadro. A seguir, disse para retirarem mais três palhinhas.

Ditou outra situação problemática: Os dois meninos continuaram a caminhar, de repente, o Tomás ficou parado em estátua, viu umas borboletas. A educadora pediu uma criança para ir contar as borboletas: 4 borboletas (três amarelas e uma azul). De repente fugiram todas as borboletas da mesma cor. Perguntou a uma criança quantas eram as borboletas da mesma cor e a outra, quantas borboletas ficaram.

Em seguida, viram umas bananas. O Tomás disse à Mariana que ia bater as palmas para ela saber quantas bananas deveriam apanhar. Bateu 4 palmas.

Como a bananeira era muito alta, foram chamar a avó para as ajudar. A educadora pediu às crianças para ajudarem a avó a colher as bananas: esticar os braços, apanhar e atirar para o Tomás e a Mariana colocarem no cesto. Disse para retirarem dos copos a mesma quantidade de palhinhas.

Fez contagens das palhinhas, realizou vários cálculos mentais (adição, subtração e divisão) atribuindo os números às respectivas quantidades. Passou pelas mesas e verificou se estava tudo correcto dando parabéns aos meninos que conseguiram fazer os cálculos correctamente e estimulou os que estavam com dificuldade. Terminada a aula, a educadora fez o comboio e levou as crianças para o recreio e distribuiu o lanche; no fim as crianças brincaram livremente.

A educadora realizou uma actividade na área de **Conhecimento do Mundo - “A Água e suas características”**, que teve início às 11h00.

Apresentou um copo com água e colheres. Questionou as crianças sobre o que estavam a visualizar. Passou o copo com água para observarem, cheirar e provar, enquanto ia perguntando, se a água tem cor, se sentiam o cheiro. Distribuiu uma colherzinha para cada criança provar se a água tinha sabor. Depois de ouvir as opiniões, explicou que a água não tem cor (é incolor); não tem cheiro (é inodora); não tem sabor (é insípida), em simultâneo ia apontando para os órgãos dos sentidos correspondentes, pedindo às crianças para repetirem os mesmos gestos e conceitos.

Falou também da importância da água e a sua utilidade no nosso dia a dia. Conversou com as crianças sobre os vários lugares onde podemos encontrar a água na natureza. Permitiu que todas pudessem expressar as suas experiências, ilustrando com algumas imagens no PowerPoint, situações concretas sobre a importância e a utilização da água. Às 11h45, a educadora deu por terminada esta actividade.

Enquanto preparava as crianças para o almoço, pediu para, uma de cada vez, cantar uma canção, dizer lengalengas; todos acompanhavam. Seguiu-se o momento da higiene e almoço e sesta.

Após a sesta e higiene, a educadora levou as crianças para o recreio deixando-as jogar livremente até às 15h30; regressaram para a sala e realizaram uma actividade no **Domínio de Expressão Plástica**. Depois de uma breve explicação, distribuiu uma folha a cada criança e lápis para pintarem, pedindo às estagiárias para ajudarem os meninos com mais dificuldade.

### Inferências

As actividades realizadas hoje pela educadora da sala, nomeadamente as aulas de matemática e conhecimento do mundo, foram pertinentes para aprendizagem dos alunos. Os materiais utilizados para a aula de iniciação à matemática, eram apelativos e foram bem aproveitados. A educadora utilizou situações do dia a dia, que eram familiares às crianças, através das quais introduziu noções matemáticas.

As Orientações Curriculares (1997) confirmam que *“As crianças vão espontaneamente construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia a dia (. . . ). Cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções”*. (p.73)

O material alternativo utilizado foi adequado à faixa etária e ainda mais produtivo a utilização das imagens, para auxiliar a contagem, desenvolver a noção de quantidade, trabalhar a lateralidade, e alguns cálculos, ajudando assim ao raciocínio (concreto e abstracto), conceitos inerentes a esta faixa etária.

*Há (...) materiais utilizados na educação pré-escolar que permitem desenvolver noções matemáticas, uns mais relacionados com a concretização de quantidade e de operações matemáticas (...) outros ainda de lógica (...) outros ainda com a geometria (...). Com esta finalidade, podem também ser usados inúmeros materiais da vida diária, como palhinhas, paus e caricas. (OCPEPE, 1997, p.76)*

A educadora utilizou várias estratégias: muita expressividade e interagiu com as crianças de uma forma lúdica e criativa. Girou sempre pela sala, acompanhou e apoiou cada criança. Segundo Barros e Palhares (1997, p.10). “ *a importância da actividade lúdica para as crianças dessa idade é por demais saliente. A importância da sua exploração está presente nas diversas actividades propostas*”.

Fez interdisciplinaridade ao longo da aula, com outras áreas nomeadamente, com a do Conhecimento do Mundo. Neste sentido Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010), afirmam que “ *é urgente que se actue, no sentido de haver uma transversalidade no ensino e aprendizagem da Matemática, ao longo de todo o ensino básico, não descurando o ensino pré-escolar*” (p.5).

*Neste processo de resolução de problemas não se trata de apoiar as soluções consideradas correctas, mas de estimular as razões da solução, de forma a fomentar o desenvolvimento do raciocínio e de espírito crítico. O confronto das diferentes respostas e formas de solução permite que cada criança vá construindo noções mais precisas e elaboradas da realizada (. . . ). A resolução de problema constitui uma situação de aprendizagem que deverá atravessar todas as áreas e domínios em que a criança será confrontada com questões que não são de resposta imediata, mas que levam no como e no porquê... como forma de pensar sobre o mundo e de organizar a experiencia que implica procurar padrões, raciocinar sobre dados, resolver problemas e comunicar resultados, a Matemática está directamente relacionada com a área do Conhecimento do Mundo”. (OCPEPE, 1997, p.78)*

A educadora conseguiu cativar e ter as crianças com ela. Na minha opinião, uma abordagem à matemática desde cedo é fundamental para motivar a criança e para facilitar aprendizagens futuras. A forma como se dirigia às crianças, fazia com que mesmo que não soubessem, despertar nelas o gosto em aprender. Mostraram – se felizes no final da aula e fiquei com a sensação que aprenderam sem se cansarem. Na perspectiva de Damas, et al., (2010):

*Ao desenvolverem actividades dinâmicas, como se de um jogo se tratasse, os alunos nem se apercebem de que estão a adquirir conhecimentos. . . os alicerces da Matemática são fundamentais, tais como os alicerces de um edifício que podem pôr em causa toda a sua estrutura.(p. 7-9)*

## Fundamentação

### 2.1.5. A utilização de materiais manipuláveis no ensino da matemática

Na perspectiva de Matos e Serrazina (1996), “Os materiais manipuláveis são objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar”. (p. 193) Existem ideias que contrariam a utilização de materiais manipuláveis no ensino da matemática, argumentando que o uso destes materiais vêm acrescentar o trabalho ao professor. Porém, Damas, et. al. (2010), defendem a utilização desses materiais como experiências positivas. “O professor deve ser conhecedor desses materiais e transmiti-lo ao aluno. Desde que os alunos tenham um conhecimento básico do material a explorar, eles exploram-no sozinhos”. (p.7)

Segundo os mesmos autores:

*A relação da Matemática com os materiais especialmente manipuláveis estruturados, sobretudo no ensino Pré - Escolar . . . permite evidenciar os processos lógicos e cognitivos, justificando a necessidade da sua manipulação. . .o prazer de fazer leva os alunos a envolverem-se na sua própria aprendizagem . . .para tal, é fundamental que o Professor domine o material que usa, de modo a poder encaminhar os alunos a explorarem todo o potencial que ele encerra. (Damas, et. al., 2010, p. 6-7).*

Na minha perspectiva, as crianças em idade pré-escolar possuem um grande potencial neste âmbito. O tocar, sentir e experimentar é característico desta faixa etária; assim sendo, há que proporcionar-lhe meios e actividades que estimulem o desenvolvimento dessas competências. Neste sentido, podemos confirmar que a metodologia João de Deus está em ordem à transmissão dessas competências, pelo facto de dar grande ênfase à utilização dos materiais matemáticos sugeridos.

Caldeira (2009), opina sobre estas ideias dizendo que:

*O material manipulativo, através de diferentes actividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite às crianças realizar a aprendizagem. Esta é o meio de tornar possíveis novas maneiras de ser e fazer, resultando de um objectivo e de um processo, que proporcionarão através de diferentes graus de implicação, trocas com o meio ambiente material e social. O princípio básico referente ao uso dos materiais, consiste em manipular objectos e “ extrair” princípios matemáticos. Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias abstractas.” ( p.16)*



Damas et al., (2010), enunciam alguns pontos sobre a importância do uso de materiais manipuláveis estruturados, dizendo que são facilitadores da compreensão dos conceitos e ideias matemáticas. Esses materiais, *“envolvem os alunos, activamente, na aprendizagem, auxiliam o trabalho do professor, beneficiam o ritmo particular da aprendizagem, aumentam a motivação e são instrumentos de avaliação”*. (p.6)

Ponte e Serrazina (2000), afirmam que a manipulação dos materiais e a reflexão sobre as actividades realizadas têm um papel primordial na construção dos conceitos matemáticos. Na mesma linha de pensamento, Caldeira (2009), comenta:

*A utilização de materiais manipulativos, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, integrar, interagir com o mundo físico e com os seus pares, aprender fazendo, desmistificando a conotação negativa que atribui à matemática”*. (p.12)

#### **2.1.5.1. Materiais alternativos – As Palhinhas**

Caldeira (2009), faz referência a alguns materiais alternativos de entre eles estão as Palhinhas. Segundo esta autora, existem materiais alternativos industrializados, como por exemplo: caricas, embalagens vazias, carrinhos de linhas, palhinhas. Esclarece ainda que existem materiais alternativos não industrializados que podem ser encontrados na própria natureza como por exemplo: *“pedrinhas, conchas, flores, folhas secas, o próprio corpo humano, as sementes em geral”*. (p. 317)

As Palhinhas são um dos materiais alternativos industrializados. Um dos materiais que foi bastante utilizado nas aulas, que pude observar durante o período de estágio no Bibe Amarelo (3 anos), naturalmente pela sua acessibilidade de manuseamento. Com este material, de fácil acesso e manuseamento foram elaboradas diversas actividades, funcionando como suporte à contagem.

Caldeira (2009), diz que,

*A criança classifica desde que nasce, pois, todos os sistemas culturais, dividem e estruturam o mundo em categorias de pessoas e objectos. Classificam de acordo com a forma como o interpretam, e lhe são transmitidas. Classificar faz parte da socialização da criança e da sua aprendizagem cultural, e a criança começa a fazê-lo quando chama “mãe”, a pessoa que com ela tem essa relação. . Através de diferentes experiências classificam e ordenam colecções, estabelecendo relações entre elas, ou entre os seus elementos.* (p.318).

Segundo Moreira e Oliveira (2003), citados em Caldeira (2009), “*Classificar e ordenar, constituem um dos “processos” matemáticos que as crianças realizam. O educador deve explorar, atribuindo-lhe intenção matemática, isto é, deve explicar e relacionar as actividades da classificação e ordenação com os temas matemáticos a tratar*” .(p.318)

### Inferências

As estratégias utilizadas na aula do **Conhecimento do Mundo**, também foram determinantes para a transmissão dos conteúdos, que se pretendiam com o tema proposto. A educadora apresentou os conteúdos de uma forma lúdica e sempre com uma certa magia, conseguindo assim captar a atenção e despertar o interesse nas crianças.

Esta aula de Conhecimento do Mundo foi dinâmica e muito motivadora, pois permitiu uma aprendizagem activa através de experiências sensoriais. Nesta linha de pensamento Hohmann, Benet & Weikart (1995), descrevem como experiências chaves para a aprendizagem activa a “*exploração activa utilizando todos os sentidos, descoberta de relações por experiência directa, manipulação. . . de materiais*” (p.15). Esta ideia faz parte de um dos objectivos pedagógicos enunciado na Lei-Quadro da Educação Pré – Escolar: “*Desperta a Curiosidade e o pensamento crítico*”. (p.16)

Apesar das crianças serem muito novas, o tema abordado foi oportuno. Hoje, mais do que nunca existe uma preocupação sempre acrescida sobre a água e a sua importância em todo o nosso planeta.

*Segundo Pereira (2002), citado em Martins (2009) “O grande desafio das sociedades actuais, onde as diferentes instituições de ensino desempenham um papel importante, é formar cidadãos capazes de analisar criticamente as situações que os afectam de forma mais ou menos próxima. . . . De modo a alcançar este propósito, defende-se cada vez mais, a necessidade de uma educação em ciências desde cedo, orientada para a formação de cidadãos capazes de lidar, de forma eficaz, com os desafios e as necessidades da sociedade actual”.* (p.11)

As Orientações Curriculares (1997) afirmam:

*A sensibilidade às ciências parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais. . . . a área do Conhecimento do Mundo deverá permitir o contacto com a altitude e metodologia própria das ciências e fomentar nas crianças a atitude científica e experimental. . . . Mesmo que a criança não domine inteiramente os conteúdos, a introdução a diferentes domínios científicos cria uma sensibilização que desperta a curiosidade e o desejo de aprender”.* (Ministério da Educação pp. 82-84).

Nesta perspectiva, torna-se necessário despertar, desde cedo, a consciência de uma cidadania responsável. As crianças demonstraram ter adquirido a noção dos conteúdos abordados. Pude constatar este facto quando no final da aula, a educadora fez a recapitulação e as crianças responderam com destreza às perguntas sobre os conteúdos e alguns conceitos alusivos ao tema. Neste ponto de vista, Zabalza 1998) opina que, *“a criança deve aprender interagindo. O adulto aprende a ajudar a criança a desenvolver essa interacção. A criança é activa, o adulto também deve sê-lo. . . os conhecimentos são construídos. . . a criança cresce e apropria –se da cultura que a cerca”* .(p.144)

### **Terça-feira, 5 de Janeiro de 2010**

**Aula de Iniciação à Matemática: Blocos Lógicos**, às 9h40, efectivada pela educadora.

Começou por escolher duas crianças para distribuírem as linhas de fronteira, enquanto despejava as caixas de Blocos lógicos, uma em cada mesa. A seguir, perguntou quem se lembrava do nome do “jogo” que tinham à frente. As crianças tiveram dificuldade e a educadora servindo-se de um fantoche foi dando pistas até as crianças se lembrarem do nome do material.

Questionou ainda como se chamava a linha que tinham à frente e para que servia. Na medida que pedia às crianças para retirarem as peças, colocava questões sobre os seus atributos e formava conjuntos: Conjunto vazio, conjunto singular. Passou pelas mesas e verificou se todas as crianças tinham colocado as peças mencionadas, dando reforço a todas.

A seguir, perguntou quantos elementos devíamos ter dentro de um conjunto para formar um par e disse para cada uma colocar a peça que quisesse, dentro da linha de fronteira, para formar um conjunto com 2 elementos. Seguidamente passou pelas mesas, explorou os atributos das peças, dando parabéns a todas por terem conseguido formar correctamente o conjunto. Entretanto, chegou o professor de música, que deu a aula de **Educação Musical**.

Entrando na sala, saudou a todos e a seguir chamou as crianças que se sentaram, à volta dele. Começou por saudá-las com uma canção: Olá meninos, olá, olá, olá (2x) e os *meninos responderam*): Olá professor Paulo olá, olá, olá (2x). De seguida descreveu as suas rotinas enquanto ia introduzindo canções alusivas ao

assunto que estava a referir, interagindo com as crianças. Terminou a aula, seguiu-se o momento de reforço e recreio livre.

#### 11h00 - **Actividade de Expressão Plástica e Aula de Informática.**

A educadora dividiu a turma em dois grupos, de modo a fazer dois turnos. Enquanto o primeiro grupo foi para a aula de Informática, o outro realizou uma proposta de actividade e vice-versa. Apresentou uma folha com figuras geométricas, umas coloridas outras não, questionando que jogo as fazia recordar. Responderam: Blocos Lógicos. Recordou os atributos deste material matemático, distribuiu uma folha e lápis a cada criança, para colorirem as imagens não coloridas, da cor correspondente aos Blocos Lógicos. Seguidamente fizeram um desenho livre.

15h00: Actividade na área do **Conhecimento do Mundo**: “A água”.

A Educadora começou por questionar sobre o que tinham falado na aula passada. Colocou recipientes no meio, com a água em vários estados. Observou com as crianças um copo com água e explorou as características, fazendo gestos e movimentos, quando mencionava os vários estados. A seguir outro copo com gelo; fez passar de mão em mão, para sentirem se estava quente ou frio; colocou uma taça com gelo em cima do aquecedor para ver o que iria acontecer. Posteriormente explicou o fenómeno ocorrido.

Pegou numa cafeteira com água fervida fazendo observar o fenómeno da vaporização. Explicou às crianças que o fumo que estavam a ver eram gotinhas de água. A água ferveu por causa do calor, ficou leve e subiu em forma de gotinhas (estado gasoso). Fez gestos alusivos e pediu às crianças que os fizessem também. Mostrou uma colher de pau e observou as suas características, com a colaboração das crianças, tirou um pacote de gelatina, de sabor a morango, abriu-o e fez passar para as crianças cheirarem.

Seguidamente, deitou o pó da gelatina e água quente numa tigela, sempre com a colaboração das crianças. Depois de bem mexido, adicionou um pouco de água fria. Observou a cor da gelatina em pó (rosa) e a seguir a mistura com água (vermelho). Disse que ia meter a mistura num lugar frio, para ficar duro (estado sólido), enquanto conversava com as crianças sobre este espaço e foi com elas até ao local onde se encontrava o frigorífico, colocando dentro o preparado.

Actividade de **Estimulação à Leitura**, realizada por uma estagiária do 4º ano de Licenciatura em Educação de Infância, que leu uma história retirada do livro

intitulado: “**O Polvo Coceguinhas**”. Contou a história de uma forma lúdica, ao longo da qual pediu a interacção das crianças. Seguidamente, a educadora chamou um menino que colocou um CD de música, no leitor de CD e disse às crianças que podiam dançar, enquanto programava as aulas com as estagiárias.

### **Inferências**

Todas as actividades realizadas durante este dia, decorreram de uma forma dinâmica e serena e as estratégias utilizadas foram adequadas ao grupo de crianças. Nomeadamente, na aula de Iniciação à Matemática achei interessante o facto da educadora ter envolvido as crianças na distribuição do material e a estratégia que utilizou para as ajudar a recordarem o nome do material didáctico, através da qual ajudou a superar as lacunas e tornar a aula mais lúdica.

*Numa idade em que as crianças ainda se servem muitas vezes do real, importa que a educação pré-escolar proporcione situações ... e forneça suportes, que permitam desenvolver a imaginação criadora como procura e descoberta de soluções. (Ministério da Educação p.56)*

A forma como a educadora orientou a aula, favoreceu o desenvolvimento da autonomia, como por exemplo, ao perguntar às crianças o que podiam fazer com a linha de fronteira, pedindo-lhes também para retirarem a peça que quisessem, questionando sobre as diferenças entre elas e seus atributos. Seguidamente, cada criança formava um conjunto com as peças escolhidas, incentivando também à capacidade de escolha e de responsabilidade. Nesta perspectiva, as Orientações Curriculares sublinham que:

*Favorecer a autonomia da criança e do grupo assenta na aquisição do saber – fazer indispensável à sua independência e necessário a uma maior autonomia, enquanto oportunidade de escolha e responsabilização.[ . . .] e também ser capaz de utilizar melhor os materiais e instrumentos à sua disposição.[ . . .] a construção de autonomia supõe a capacidade individual e colectiva de ir, progressivamente, assumindo responsabilidades. Este processo de desenvolvimento pessoal e social decorre de uma partilha do poder entre o educador, as crianças e o grupo. (Ministério de Educação p. 53)*

Na minha opinião, os Blocos Lógicos são um dos materiais que beneficia o desenvolvimento da autonomia na criança.

## Fundamentação

### 2.1.5.2. Material estruturado Blocos Lógicos

Matos e Serrazina (1996) questionam sobre que geometria deve ser trabalhada no Jardim Infantil, e comentam que:

*Desde muito cedo, as crianças começam a desenvolver alguns conceitos geométricos e o raciocínio espacial.... Durante estas experiências vão processando ideias sobre as formas e os espaços. Estas ideias, ainda rudimentares constituem já a base para o conhecimento geométrico e o raciocínio espacial que deverá ser desenvolvido ao longo dos anos seguintes. (p.10)*

Nesta linha de ideias, as Orientações Curriculares para a educação pré escolar sugerem a utilização de vários materiais matemáticos para proporcionar a aquisição de noções matemáticas, sendo os Blocos Lógicos um dos materiais estruturados que permite o desenvolvimento das noções relacionadas com a geometria.

Os Blocos Lógicos, em número de 48, são materiais matemáticos estruturados, organizados segundo critérios lógicos. Assim sendo, são de extrema importância para a aprendizagem da matemática. Estão distribuídos segundo atributos ou propriedades: quatro formas (círculo, quadrado, rectângulo, e triângulo); três cores (amarelo, encarnado e azul,); dois tamanhos (grandes e pequenos); duas espessuras (finos e grossos). Cada peça possui assim 4 atributos e todas as peças diferem pelo menos num atributo. *“Este é um material fácil de fazer até pelos próprios alunos”.* (Caldeira 2009, p.366)

Segundo a Enciclopédia de Educação Infantil (1997,p.911), *a manipulação de materiais sobre os quais a criança pode actuar, experimentar e controlar o resultado da sua própria actividade, favorecem-lhe a passagem a um nível de desenvolvimento cognitivo superior e ao conhecimento de instrumentos necessários para quantificar a realidade, nela se mover, resolvê-la e interpretá-la.*

Seguindo esta linha de pensamento, Caldeira (2009) afirma:

*É importante convencionar-se com as crianças um código que lhes permita identificar separadamente cada atributo das peças. Esse código fará com que as crianças pensem nos atributos dos blocos mesmo sem os terem à mão. Todos os atributos “ das diferentes qualidades têm de poder combinar-se entre si, de modo a que a combinação final seja lógica”. Ao combinarmos os diferentes atributos criamos as mais variadas combinações, como: “ é pequeno, grosso e amarelo” ou é uma peça grande, azul e circular. (pp.366-367)*

A Autora acima referida, argumenta ainda, que a manipulação do material é uma actividade necessária e imprescindível para a aquisição de competências matemáticas e esclarece a sua opinião citando Alsina (2004) que afirma que, *“não é a manipulação em si, que é relevante na aprendizagem matemática mas sim “ a acção mental que é estimulada quando as crianças têm a possibilidade de ter os objectos e os diferentes materiais nas suas mãos”*. (p.9)

### **Quarta-feira 6 de Janeiro**

Neste dia houve uma aula programada por uma aluna do 3º ano de Licenciatura em Educação Básica. Como a aula deveria ser observada pela equipa dos supervisores e era dia de Reis, enquanto aguardávamos a chegada dos desses, a educadora fez uma breve revisão da aula do dia anterior e em seguida convidou algumas crianças para fazerem o jogo: “ O rei manda”.

Entretanto, **chegaram** os supervisores que assistiram à aula na área do **Conhecimento do Mundo** cujo tema foi: **“O Ciclo da água”**. A aluna introduziu a aula com uma história de uma gotinha de água, através de um PowerPoint. Terminada a história, distribuiu um prato descartável a cada criança e aos supervisores, enquanto ia conversando com as crianças sobre a história acabada de ouvir. Distribuiu cubos de gelo em cada prato e pediu para observarem. Passado um momento, o gelo que estava duro (no estado sólido) transformou-se em água (passou para o estado líquido). Realizou algumas experiências para explicar os vários estados da água.

Depois, a educadora apresentou uma proposta de actividade sobre o ciclo da água. Acompanhei algumas crianças que precisavam de ajuda. Às 16h00, a educadora seguiu com as crianças para o lanche e dei por terminado o dia de estágio.

### **Inferências**

A aula que a estagiária deu esta manhã foi positiva. Estava bem estruturada, com materiais apelativos, utilizando várias estratégias conseguiu atingir os objectivos.

A história introduzida no início da aula, ajudou bastante na transmissão dos conteúdos. Porém, podia ser ainda melhor. A estagiária contou a história muito rapidamente e não a explorou; de modo a explicitar melhor a experiência que realizou a seguir. Também achei que ao longo da história foi um pouco monocórdica, pois

manteve sempre o mesmo tom de voz; podia ser mais dinâmica, e deixar as crianças verbalizar. Assim, a aula seria mais conveniente, para o desenvolvimento da aprendizagem.

As reuniões de avaliação ocorrem sempre após as aulas programadas. Nestas, os supervisores proferem críticas construtivas, que são de grande vantagem para as estagiárias, incitando nestas, uma capacidade cada vez maior de reflexão e autoavaliação. É um momento de aprendizagem significativa, visto que visa uma reflexão aprofundada a partir da partilha das actividades realizadas pelas várias estagiárias abrangendo as três áreas. Os supervisores dão achegas que elucidam as estagiárias, para o posterior desempenho.

## Fundamentação

### **2.1.6. Avaliação de aulas supervisionadas**

Os supervisores desempenham um papel preponderante, junto dos estagiários ao longo da prática. As determinações e orientações ajudam-nos a ganhar a “resiliência”.

Para Alarcão e Tavares (2003, p. 35)

*O papel dos supervisores é fundamental para ajudar os estagiários a compreenderem as situações, a saberem agir em situações e sistematizarem o conhecimento que brota da interacção entre acção e o pensamento. [ . . . ] o supervisor deverá encorajar a reflexão na acção, a reflexão sobre a acção e a reflexão sobre a reflexão na acção.*

Na minha opinião, a avaliação das aulas é um momento imprescindível para uma aprendizagem e desempenho de qualidade. Ajuda-nos a tomar consciência dos actos realizados e abre-nos horizontes para um novo caminho, sempre em prol da qualidade daquilo que se pretende, nomeadamente no processo de aprendizagem.

Nesta perspectiva, Nóvoa (1954) sugere:

*É preciso fazer um esforço de troca de partilha de experiências de formação, realizadas pelas instituições de ensino superior, criando progressivamente uma nova cultura de formação de professores. (...) Os professores têm de ser protagonistas activos nas diversas fases dos processos de formação: na concepção e no acompanhamento, na regulação e na avaliação (p. 30)*

Barth (2006) citado por Afonso (2009), seguindo a mesma linha de pensamento diz:



*A formação mais poderosa de aprender, a forma mais sofisticada de desenvolvimento dos docentes, não vem da escuta de palavras bonitas de alguém, mas de partilhar aquilo que sabemos com os outros. Ao reflectirmos no que fizemos, ao sermos coerentes, ao partilhar e articular o nosso conhecimento, estamos a construir algo de significativo, estamos a aprender. (p.5)*

Na minha perspectiva, esta afirmação vem realçar a pertinência do momento de avaliação como momento de formação por excelência.

## 2ªSemana

### Segunda-feira, 11 de Janeiro de 2010

Depois do acolhimento, fizemos o comboio dirigindo-nos para a sala e as crianças sentaram-se nos respectivos lugares, já marcados no tapete. A seguir a educadora conduziu-as para a mesa, e cada uma ocupou o seu lugar. Às 9h40 – deu uma aula no **Domínio da Matemática**, utilizando o material estruturado **Blocos Lógicos**. Começou por questionar se se lembravam do nome do jogo que tinham à frente, se as peças são todas iguais. Perguntou como se chamava o conjunto que tinha todas as peças lá dentro. Disse às crianças para irem à loja comprar um “peixinho” com a forma de triângulo. Todas retiraram do “monte “ a peça e colocaram-na dentro da linha de fronteira. Explorou os atributos da peça e seguidamente pediu que dissessem a palavra “mágica”: *“Eu sou um triângulo, tenho três biquinhos -sirvo de chapéu para os palhacinhos”*.

Perguntou como se chamava o conjunto que só tem um elemento. Disse que o peixinho precisava de um amigo para brincar e estava também com fome. Simulou dar de comer ao peixinho e de seguida foram comprar outro que podia ser de qualquer cor, tamanho e forma, porém tinha que ser grosso. Todos retiraram uma peça do monte e colocaram no aquário (conjunto). A educadora disse que o peixinho grosso contou uma história e cantou a música do peixinho vermelho. Questionou ainda sobre os atributos da peça terminando com a palavra mágica da peça: Eu sou um rectângulo; cresci mais de um lado - para fazer inveja ao senhor quadrado.

Criou expectativa e disse que estava a chegar um gato; convidou as crianças para irem comprar um peixe com a forma de um círculo. Seguidamente dirigiu-se a uma criança: tínhamos dois peixes fomos comprar mais um, com quantos ficámos: três, respondeu a criança. O gato estava esfomeado e comeu um peixinho. Com

quantos ficamos. Dois. A seguir disse para fazerem cara feia e ralar ao gato ... Se o gato comesse os peixes todos com quantos ficávamos. Nada.

Para terminar pediu para fazerem um jogo livre. Andou pelas mesas questionando sobre o que cada uma fez, explorou o conceito par e mandou arrumar o material.

#### 10h30 – **Educação Musical**

Estando as crianças nos respectivos lugares, o professor começou por conversar e escutá-las durante alguns minutos. De seguida, descreveu a sua rotina diária, introduzindo várias canções de acordo com o momento que ia mencionando. As crianças respondiam com muita satisfação. Às 11h00 – em comboio acompanhadas da educadora, entraram na sala recitando algumas lengalengas.

11h10 – A educadora deu uma aula na área do **Conhecimento do Mundo** abordando o tema “**Ciclo da água**”. Apresentou um painel com paisagem (a natureza). Mostrou um fantoche em forma de gotinha de água que fez passar de mão em mão. Auxiliando-se deste fantoche contou uma história da gotinha de água que vivia no lago; aquecida pelo sol ficou leve, subiu e formou nuvens. Recordou o que tinha falado na aula anterior, enquanto ia ilustrando a viagem da gotinha.

Esclareceu que a chuva era muito importante para a vida dos seres vivos. Referiu os vários estados em que podemos encontrar a gotinha e os fenómenos que ocorrem ao longo da viagem da mesma. Fez a dramatização do ciclo da água com as crianças e improvisou uma canção o que tornou a aula ainda mais dinâmica. Seguiu-se o momento de almoço, da sesta, e do recreio livre. Enquanto as crianças dormiam, desenhei e recortei imagens para construir um painel do ciclo da água.

15h30 - Actividade de **Estimulação à Leitura** realizada por mim. Essa foi uma aula treino, motivada pelo desejo de aprender e aperfeiçoar a minha prestação.

Depois de um pequeno exercício de relaxamento, apresentei um livro intitulado “**O Patinho Perdido**”. Fiz a leitura paratextual, explorando a imagem do patinho, suas características, a cor (amarela) relacionando a cor do Bibe Amarelo e a seguir disse o título da história. Auxiliei-me de um patinho que produzia som e luz, em vários momentos, ao longo da leitura da história.

A história falava de um patinho que saindo de um ovo, sem a presença da mãe, encontrou-se à beira do rio. Foi procurando a sua casa (habitat) e pelo caminho encontrou alguns animais, uns ajudaram-no e outros não, mas ele não desistiu.

Apesar de tudo, conseguiu chegar ao pântano onde encontrou a mãe que andava também à procura dele. Acolheu-o com carinho e ele viveu ali feliz com os outros patinhos. Conteí a história de uma forma dinâmica interagindo com as crianças e elas corresponderam. Na exploração do texto, escutei as intervenções das crianças, que quiseram falar das suas casas e de seus pais.

### **Inferências**

As actividades realizadas neste dia foram muito vantajosas para o conhecimento das crianças. As estratégias utilizadas pela educadora foram adequadas e importantes para transmitir noções relativas aos conteúdos que se pretendia transmitir. Nomeadamente na aula de matemática, o facto de eu interagir com a educadora, na realização das tarefas, fez com que as crianças estivessem mais atentas ao longo dos exercícios. Apesar de a aula ter sido sensivelmente longa, as crianças estavam entusiasmadas como se tratasse dum “jogo”.

*Enquanto se diverte, brinca, interage com pessoas e materiais, a criança realiza experiências que lhe permitem construir um conhecimento do mundo que a cerca. Apropria-se progressivamente desse conhecimento e desenvolve capacidades que lhe permitem realizar actividades próprias e com características diferenciadas (Kamii, 2003, p.196).*

### **Terça-feira 12 de Janeiro 2010**

#### **9h00 - Visitas de estudos -Teatro**

As crianças tiveram o acolhimento na própria sala onde preparamos tudo o que era necessário para a viagem e permanência durante o teatro.

9h45 – Saímos do autocarro em direcção ao “Tivoli” sito na Avenida da Liberdade, em Lisboa. A peça denominava-se “ **O Mundo dos Sonhos**” Foram apresentadas várias peças com temas de actualidade, como a protecção do ambiente e várias situações inerentes, que abrangeram todas as áreas curriculares. As personagens envolveram as crianças ao longo das várias peças. Regressamos por volta das 12h30.

15h30 – A educadora organizou uma actividade no **Domínio da Expressão e Comunicação**: o Jogo. Colocou arcos no chão e explicou que ia pôr um CD de música para dançarem aos pares; quando parasse a música deviam estar agrupadas segundo o número enunciado. Perdia o grupo que tivesse mais ou menos elementos,

pois o objectivo era formar pares de dois. Com o lanche às 16h00, terminou o dia de estágio.

## Inferências

Em minha opinião, a realização de uma visita de estudos é uma ocasião excelente para proporcionar um desenvolvimento integral, nomeadamente da criança. Concordo com a ideia de Cordeiro (2007) quando afirma "*a frequência do teatro, como espectador, deve começar cedo ( 3 anos em média), porque tem numerosas vantagens*".(p.424). Esta visita possibilitou às crianças o contacto com pessoas diferentes do habitual, que lhes transmitiram ideias e conceitos dentro das áreas curriculares, num espaço e de uma forma diferentes. Esta oportunidade deve ser favorecida sempre que possível para ajudar as crianças no desenvolvimento das várias formas de expressão e comunicação.

## Fundamentação

### **2.1.7. A importância do teatro no desenvolvimento das crianças**

*Ao iniciar a educação pré-escolar, a criança já realizou algumas aquisições básicas nos diferentes domínios da área de expressão e comunicação. Estas são o ponto de partida para o educador favorecer o contacto com as várias formas de expressão e comunicação, proporcionando o prazer de realizar novas experiências, valorizando as descobertas das crianças ... de modo a permitir uma apropriação dos diferentes meios de expressão e comunicação. Este processo implica planejar e proporcionar situações de aprendizagem diversificadas e progressivamente mais complexas. (Ministério da Educação, 1997, p. 56)*

As crianças estiveram atentas e interagiram com os actores sempre que lhes era solicitada a participação, de uma forma alegre e divertida.

Segundo Cordeiro (2007)

*Os saberes adquirem-se através de um perspicaz equilíbrio entre as duas formas de inteligência - a racional e a emocional. . . . O teatro, é um espaço aberto para a disposição segura do "eu" espaço de criatividade fundamentado na realidade, espaço de lazer e de diversão onde se fala de coisas muito sérias, é um excelente veículo para poder exercitar o relacionamento das vertentes da inteligência, tantas vezes separadas e vistas como antagónicas. As crianças gostam de teatro e o teatro gosta das crianças. Não deverá existir nenhuma criança que não goste de fingir, de imaginar, de entrar num mundo de irreal, da fantasia. (p.422)*

Tendo em conta a ideia do autor, podemos dizer que o teatro é um dos meios através do qual se podem desenvolver muitas competências. As crianças do pré-

escolar apreciam-no e através do seu mundo imaginário e jogo simbólico, no dia a dia, elas tentam expressar as suas vivências e imitar os modelos.

*O teatro (role play ou dramatização) é muito importante para ajudar as crianças desta idade a ultrapassar situações em que os seus naturais mecanismos de defesa levam a atitudes tímidas e, até demasiado prudentes. E ajuda-as também, através do desempenho de vários papéis que na vida real lhes estão vedados, a entender o porquê dos adultos, e a perceberem melhor porque é que os pais e educadores tomam certas atitudes ou exigem determinados comportamentos. (Cordeiro, 2007, p. 423)*

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997,p. 59).Afirmam que “a *Expressão Dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o (s) outro (s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais*” .

#### **Quarta-feira, 13 de Janeiro de 2010**

##### **9h40 - Aula de Iniciação à Matemática com material alternativo – Palhinhas**

A educadora distribuiu as palhinhas pelas mesas e apresentou várias imagens de guloseimas que espalhou pelo chão, num espaço da sala. Utilizou um fantoche “o rei” através do qual improvisou uma história que serviu de suporte para a realização dos cálculos mentais e contagens. Utilizando os materiais alternativos, trabalhou algumas noções como: A orientação espacial, a laterização, a adição e subtração, a partição, conceitos par e impar, a cor e a forma. Terminada a aula, seguiu-se o lanche e o recreio.

##### **11h00 - Actividades de Estimulação à Leitura**

A educadora fez sentar as crianças no tapete e mostrou um PowerPoint cujo título era: “ **A gota de água que precisava de tomar banho**”. Contou a história em primeira pessoa. A gotinha de água veio de Espanha, (nascente) um país que fica perto de Portugal. Pelo caminho juntou – se a outras gotinhas e formaram um comboio (rio). Dentro do rio estava uma minhoca, que foi comida por uma águia, que vinha a esvoaçar por cima. As gotinhas estavam sempre em movimento. De repente entraram para uma casa para tomarem banho. Mas, para isso precisavam de um filtro para ficarem bem limpas. Introduziu uma experiência: Apresentou 3 copos, um com água natural, outro com café e outro vazio e perguntou qual é que estava sujo, as crianças responderam que era o copo com café. Colocou um filtro na boca do copo vazio e filtrou a água, para explicar o processo da purificação da água.

11h30 - A educadora colocou um pequeno filme “ Os Teletubbies” para as crianças visualizarem enquanto fazia comentários e questionava sobre o que estavam a visualizar. Preparou as crianças para o almoço, seguido de descanso.

15h30 - Realização duma proposta de trabalho. A educadora entregou uma ficha com o desenho das peças de Blocos Lógicos e disse às crianças para pintarem cada figura, com a cor correspondente. Seguindo as indicações dadas, na medida que iam terminando esta actividade, as crianças iam umas para o cantinho de leitura e outras para uma mesa, jogar com a massa de moldar. Seguiu-se o momento do lanche, terminando o dia de estágio.

### **Inferências**

As actividades realizadas hoje, nomeadamente na área do Conhecimento do Mundo, em minha opinião, foram oportunas para o despertar para as ciências. A educadora utilizou estratégias adequadas à faixa etária e soube abordar de uma forma lúdica, o tema sobre a poluição da água. Um problema de grande importância para a sociedade actual. Realizou experiências que foram pertinentes na transmissão de ideias sobre alguns processos de purificação da água.

*Como elemento fundamental à vida, a água está presente na maioria das actividades do nosso dia a dia, sendo também fonte de brincadeira das crianças. . . . A partir de situações do quotidiano o(a) educador (a) encontra pontos de partida pertinentes para uma exploração mais sistematizada. (Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Rodrigues, Couceiro & Pereira, 2009, p. 25)*

### **Fundamentação**

#### **2.1. 8. Importância da educação em ciências nos primeiros anos**

A sociedade e os problemas ambientais, impõem a necessidade de uma educação científica, com um olhar crítico e responsável. Assim sendo, há que despertar e incrementar nas crianças esta cultura.

*A Educação em Ciências desde os primeiros anos deve ser um objectivo das sociedades modernas, pois será fonte de desenvolvimento e de criação de competências necessárias ao exercício de uma cidadania responsável. O ensino da Ciência no pré-escolar, tem como objectivo despertar nas crianças o espírito crítico e de responsabilidade. É preciso ser capaz de aproveitar as potencialidades das crianças para incutir nelas o prazer de descobrir, o gosto de apreender, o gozo de imaginar já que pela natureza são*

*imaginativas. A ciência é parte fundamental deste projecto, despertando e incentivando uma atitude de abertura aos outros e ao mundo que as rodeia (Martins 2007, p. 16).*

Segundo as Orientações Curriculares (1997)

*A curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências. . . A área do Conhecimento do Mundo enraíza – se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré -escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo. . . (p.79)*

Focando ainda a sua atenção no âmbito das ciências, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar esclarecem:

*Encara-se, assim, a área do Conhecimento do Mundo como uma sensibilização às ciências, que poderá estar mais ou menos relacionada com o meio próximo, mas que aponta para a introdução a aspectos relativos a diferentes domínios de conhecimento humano: a história, a sociologia, a geografia, a física, a química e a biologia. . . que mesmo elementares e adequados a crianças destas idades, deverão corresponder sempre a um grande rigor científico. (pp.79-80).*

Apoiados nestas orientações, podemos afirmar ainda, como é importante hoje, despertar nas crianças desde a idade mais precoce, a sensibilidade para os problemas científicos e ecológicos. Afinal, ao educar para o respeito pelo ambiente estamos a educar o “Homem” para uma relação saudável consigo próprio, promovendo uma cultura local e global de leteracia científica de harmonia com a própria natureza do homem.

Nesta linha de pensamento, Benecditus (2010), argumenta que

*O modo como o homem trata o ambiente influi sobre o modo como se trata a si mesmo, e vice-versa” . . . O açambarcamento dos recursos, especialmente da água, pode provocar graves conflitos. Um acordo pacífico sobre o uso dos recursos pode salvaguardar a natureza e, simultaneamente, o bem estar das sociedades. [ . . .] De facto, a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana quando a “ecologia humana” é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a ecologia ambiental. (p. 20)*

Reiteramos que ao descobrir e compreender o mundo que o rodeia, o Homem tem mais razão para o proteger. É nesta linha que o Ministério da Educação explica:

*O que parece essencial neste domínio, quaisquer que sejam os assuntos abordados e o seu desenvolvimento, são os aspectos que se relacionam com os processos de aprender: a capacidade de observar, o desejo de experimentar, a curiosidade de saber, a atitude crítica”. (Ministério da Educação, p. 85)*

### 3ª Semana

#### **Segunda-feira 18 de Janeiro 2010**

9h30 - Aulas programadas por uma colega do 4º ano de Licenciatura em educação de infância. Deu início à primeira actividade que foi de **Estimulação à leitura** em que leu uma história: “**A Menina gotinha de água**”. Depois da leitura, chamou uma criança e pediu para fazer a interpretação, enquanto ia acompanhando com imagens da história.

#### **10h10 - Iniciação à matemática: Blocos Lógicos**

A colega conduziu as crianças para as mesas colocando-as nos respectivos lugares. Com ajuda distribuiu linhas de fronteira, o material estruturado Blocos Lógicos. De seguida, explorou os atributos do material, perguntando para que servia a linha de fronteira. Pediu sempre a colaboração das crianças; trabalhou a noção de conjunto e o conceito par/ ímpar.

#### **11h25 - Conhecimento do mundo – O Ciclo da água**

A colega começou por contar uma história: “**A gotinha de água**”. Na medida que ia contando, questionava as crianças em que estado se encontrava a gotinha. Algumas crianças tiveram dificuldade em perceber os conceitos dada a linguagem que foi utilizada. Apesar de tudo, tentou interagir com elas, colocando imagens dos vários estados em que a gotinha se encontra na natureza. Construiu assim um painel com o ciclo da água. Para concluir, fez uma actividade experimental sobre a água: “flutua ou não flutua em água”, utilizando a água, sal e um ovo. Chamou várias crianças para deitarem colheres de sal na água. Depois colocou o ovo dentro da água salgada e ficou a flutuar explicando de seguida o fenómeno ocorrido.

#### **15h00 - Expressão Motora – O Jogo: “O Rio a correr para o mar”**

A colega dividiu a turma em duas equipas. Fez sentar as crianças no chão, em 2 filas, num extremo da sala. Ao sinal dado deviam deslocar-se agarradas umas às outras rastejando até ao outro extremo da sala sem desmanchar a fila. Ganhou a equipa que chegou primeiro e sem desmanchar a fila.

#### **15h15 - Expressão Plástica – Pintura e colagem**



## Inferências

As actividades realizadas pela colega ao longo do dia foram conseguidas. Os materiais eram apelativos e adequados ao grupo, apesar de algumas vezes não serem tão bem aproveitados. Manteve uma postura bastante serena apesar de se verificar alguns momentos de hesitação.

Durante a aula de estimulação à leitura, o facto de ter utilizado a imagem da gotinha e convidado as crianças a repetirem a frase, conseguiu por algum tempo manter a atenção das crianças. Como a história era um pouco extensa, as crianças ficaram impacientes; a colega devia resumir um pouco o texto. Neste sentido, Azevedo (2007), afirma que a leitura *“é uma actividade de reconstrução da significação por um leitor que lê à luz do universo de referências”*.(p.53)

Durante a aula de Iniciação à Matemática, a colega conseguiu trabalhar alguns conceitos. Porém, houve momentos em que as crianças tiveram dificuldade em perceber as perguntas e hesitavam em dar resposta, talvez porque não estavam habituadas à maneira como elas eram feitas. Também não tinha combinado suficientemente as regras antes de iniciar a aula, não fez perguntas dirigidas, isso criou um pouco de instabilidade.

Neste sentido Formosinho (1996), diz:

*Os professores podem ajudar as crianças a adquirirem um comportamento adequado tornando-lhes claro aquilo que se espera delas de uma forma directa e clara. Um dos objectivos principais das estratégias de orientação e de estabelecimento de limites é ajudar as crianças a atingirem um controlo dos impulsos internos.* (p.28)

Nesta situação, na minha opinião, é importante individualizar as questões de modo a envolver a atenção da turma. Zabalza (1998, p. 53), sugere que, *“é preciso manter mesmo que seja parcialmente ou de tempos em tempos, contactos individuais com cada criança. É um momento da linguagem pessoal, de reconstruir com ela os procedimentos de acção”*.

Formosinho (1996), confirma esta ideia dizendo que:

*Uma vez que a modelação é uma forma de aprendizagem poderosa, é boa ideia o professor estar especialmente atento às suas interacções com as crianças ... o professor pode certificar-se de que está a interagir e não dar lições. . . .* (p.35)

A aula do conhecimento do mundo foi bem conseguida. A colega teve uma postura mais dinâmica e segura, que foi mantida em todas as outras actividades e as crianças também começaram a participar com mais entusiasmo.

### Terça-feira, 19 de Janeiro de 2010

Depois do acolhimento, às 9h40, a educadora deu uma aula de **Iniciação à Matemática** utilizando os **Blocos Lógicos**. Apresentou uma piscina com bolas dentro e quatro garrações em plástico. Cada garração representava uma personagem: Senhor círculo, senhor quadrado, senhor triângulo e senhor rectângulo. A educadora tinha as peças de Blocos Lógicos escondidas dentro da piscina por baixo das bolas. Chamou uma criança de cada vez para retirar uma peça. Cada vez que a criança retirava a peça, perguntava que figura representava, identificava os atributos da peça e a criança ia colocá-la no respectivo garração.



*Figura 5 -Actividades com o material matemático Blocos*

Trabalhou a noção de conjunto, atribuiu o número à quantidade das peças na medida em que as iam colocando nos garrações. Fez cálculo mental, situação problemática de adição, subtração e divisão e conceito par/ ímpar. Para finalizar, a educadora disse que tínhamos uma outra visita. Fez um ar de surpresa e mostrou o algarismo 3 e de seguida perguntou atrás de que número vinha o senhor três. Pediu para mostrarem o 3 com a mão e as crianças mostraram os 3 dedos. Fez passar o algarismo de mão em mão para as crianças saudarem, posteriormente colou-o na parede como podemos observar na figura nº6.



Figura 6 - Quadro dos números até três

#### 10h00 - Educação Musical

Como de costume, depois de saudar as crianças e estas a ele, o professor começou por descrever a sua rotina, pedindo a algumas crianças para descreverem também. Cantou várias canções alusivas a cada momento mencionado a que elas correspondiam com entusiasmo e muito divertidas.

#### 11h00 - Expressão Plástica-Estampagem

A educadora distribuiu uma folha a cada criança e pediu ajuda às estagiárias, para realizarem a técnica de estampagem (carimbo) com as mãos; no final resultou a figura de uma árvore.

#### 15h00 - Estimulação à Leitura – “Os Três Ursinhos”

A educadora contou uma história através de um PowerPoint. Na medida que ia mostrando as imagens questionava as crianças há cerca do que estavam a visualizar. Fez contagens dos elementos da história: 3 ursinhos de tamanhos diferentes: grandes, médios e pequeno. Ao contar os ursinhos, relacionou a quantidade com o nº 3 que tinha apresentado na parte de manhã. Fez inflexão de voz a imitar a voz dos 3 ursos: fininha, média e grossa. Ao longo da história foi destacando sempre acções que tinham a ver com os conceitos já referidos. Terminada a leitura fez a interpretação, destacando a moral da história.

### 15h30 - Expressão Plástica

A seguir entregou uma proposta de actividade sobre a história acabada de contar. As crianças realizaram o grafismo e pintura. Acompanhei as que tinham mais dificuldade na realização da actividade.

### Inferências

As aulas que observei esta manhã, foram pertinentes para a aprendizagem das crianças. Houve uma interacção dos conteúdos ao longo do dia, sobretudo na aula de iniciação à Matemática e na de Estimulação à Leitura. As crianças tiveram a possibilidade de fazer várias experiências.

Segundo Azevedo e Miguéis (2006), *“o foco da prática do educador deve ser a promoção, a partir da actividade lúdica, da estimulação, da autonomia e da descoberta do que a criança manipula, experimenta, vivencia, de forma a sentir-se motivada, promovendo e implicando –a no seu processo de aprendizagem, ajudando-a a ir mais além...”*. (p. 122)

A educadora utilizou uma estratégia original, para a aula de matemática. O facto de ter introduzido as três “personagens” que dinamizaram a aula e a seguir a forma como apresentou o algarismo três, tornou a aula mais activa. Neste sentido (Caldeira 2009) apela à necessidade de proporcionar às crianças da educação infantil situações que provoquem aprendizagens e diz que

*[. . .]. É neste período que as crianças devem encontrar o espaço para explorar e descobrir elementos da realidade que as cerca. A necessidade de proporcionar uma educação matemática de qualidade a todos os alunos, tem levado os educadores, a propor diferentes formas de abordar o conhecimento em sala de aula. [. . .] a criança deve ter oportunidade de vivenciar situações desafiadoras, as quais são proporcionadas. . . . [p.48]*

### **Quarta-feira, 20 de Janeiro 2010**

#### **9h30 – Iniciação à Matemática com material não estruturado - Palhinhas**

Neste dia tinha pedido para realizar uma aula de treino, porém a educadora, já tinha as actividades programadas, propondo-me para interagir com ela. Antes de iniciar a aula, combinou comigo o que iria realizar. Distribuímos os copos com palhinhas e algarismos móveis, a seguir entregou-me uma pandeireta. Começou por fazer sequências com palhinhas (1,2,1,2,1). Para auxiliar a realização da sequência, inventou a história de um coelhinho que precisava de procurar a comida e que deu saltos para chegar a ela.

Pedi-me para tocar a pandeireta segundo o número de vezes combinado. Formou uma sequência e fez contagens. Para terminar disse às crianças que colocassem, por debaixo das palhinhas, os algarismos correspondentes à quantidade.

#### **11h00 - Conhecimento do Mundo: O Ciclo da água**

A educadora mostrou um PowerPoint com um filme sobre o ciclo da água. Antes de iniciar, pediu às crianças que estivessem muito atentas porque o filme era falado em brasileiro. Uma criança perguntou o que era brasileiro e a educadora explicou que era um português um pouco diferente do nosso. A seguir comentou o filme com as crianças, deixando-as verbalizar sobre o que acabaram de ver. Para terminar sublinhou a importância da água.

15h30 - Distribuiu uma **proposta de actividade com grafismo**. Ajudei as crianças que tinham dificuldade e na medida em que iam terminando as actividades, iam para os cantinhos (leitura e jogos).

### **Inferências**

As actividades efectivadas esta manhã foram muito motivadoras e importantes para o desenvolvimento do conhecimento da criança, nos vários domínios. O facto de ter interagido com a educadora durante a aula de matemática, ajudou a que as crianças estivessem ainda mais participativas, pois estavam atentas às solicitações

que a educadora me ia fazendo. No meu entender, não só foi um momento de aprendizagem de matemática como também de outros valores.

Formosinho (1996) afirma que:

*Muitas crianças pequenas também aprendem estratégias sociais ao observarem as interações de outros. São particularmente capazes de adoptarem estilos de interacção que observam. . . . Um dos requisitos para a qualidade de um programa integracionista para a educação de infância é o trabalho de equipa. . . . estímulo do trabalho com o outro, o suporte afectivo da partilha de ideias e a complementaridade de saberes, que resulta num enriquecimento para todos os intervenientes do processo educativo. (p. 76)*

Na actividade com as palhinhas, a educadora introduziu conceitos como a correspondência dos algarismos á quantidade de palhinhas. Segundo Pinto e Monteiro (2007), *“a resolução de problemas em contextos significativos para as crianças é o ponto de partida para trabalhar os números racionais”* (p.9). Nesta mesma linha, Spodeck e Saracho (1998), *sublinham que ao desenvolver com as crianças os conceitos de quantidade, os professores podem começar fazendo com que elas agrupem objectos”*.

Na mesma ordem de ideias, Caldeira (2009), defende que:

*A criança no jardim de infância desenvolve o sentido do número, isto é, gradualmente vai tendo uma compreensão global e flexível dos números e das operações, de modo a perceber o número e as suas relações, em diferentes significados e em múltiplos e diversificados contextos. (p.331)*

Kamii (2003, p.19), afirma ainda *“o número é uma relação que a criança introduz e impõe aos objectos. A única forma de atingir a conservação é basear o seu julgamento no raciocínio”*.

#### 4ª Semana

#### Segunda-feira 25 de Janeiro de 2010

9h50 - Aulas surpresas observadas e avaliadas pela equipa responsável pela supervisão pedagógica. Estas aulas foram desenvolvidas por duas alunas do 4ºano de Licenciatura em Educação de Infância.

À primeira foi-lhe pedida uma aula de **Matemática: Calculadores multibásicos**. Começou por recordar com as crianças o nome do material, quantidade

das placas e as diferenças entre elas, bem como as regras de utilização deste material estruturado. Pediu para retirarem as duas placas iguais e depois a placa diferente. A seguir improvisou uma história através da qual introduziu dois problemas; colocou questões sobre a base em que estavam a jogar e realizou algumas situações problemáticas e cálculos mentais. Para terminar pediu para limparem as placas.

À segunda foi-lhe pedido uma aula de **Estimulação à Leitura**, seguindo a regra da Cartilha Maternal. Num primeiro momento, fez exercício de relaxamento e começou por dizer uma lengalenga que começava com a letra “r”. A seguir pediu às crianças que dissessem de vários modos: rápido, devagar, a rir, a chorar, batendo palmas.

De seguida disse que nesta lengalenga havia um som que repetia muitas vezes. Dirigindo-se às crianças, perguntou qual era o som da letra que mais se repetiu, a que responderam o som “r” (rêre). Pediu a uma criança para ir escrever no quadro, esta teve uma certa dificuldade em desenhar a letra. A estagiária desenhou-a e pediu-lhe que a copiasse com a letra redonda. Foi questionando outras crianças sobre a letra que vinha a seguir até formar a palavra “rato”. Pediu ainda que dissessem palavras com o mesmo som.

Num segundo momento, distribuiu uma proposta de actividade a todas as crianças para a realizarem individualmente. Entretanto chamou 3 para a lição da Cartilha Maternal. Fez a leitura preparatória das letras “c” [cêke] e “g” [jêgue] e leu algumas palavras alusivas, pedindo para construírem frases com as mesmas.

#### 15h00 - **Expressão Plástica: Grafismo**

A educadora apresentou uma proposta de trabalho de grafismo e explicou que primeiro deviam passar com o dedo, partindo dos pontinhos da esquerda para a direita. Seguiu-se o momento de lanche e às 16h15, terminou o dia de estágio.

### **Inferências**

As aulas surpresa desta manhã foram positivas, apesar de se verificar certo receio por parte de algumas estagiárias.

A primeira aluna usou estratégias adequadas às crianças e embora tenha conseguido que a sua prestação fosse positiva, não conseguiu manter as regras e a disciplina. Fez alguns cálculos mentais. Porém, teve alguma dificuldade ao longo da mesma; estava apreensiva, foi um pouco confusa ao ditar as peças e não se movimentou pela sala, manteve-se sempre no mesmo sitio, à frente. Algumas crianças tinham colocado mal as peças, mas ela não deu por isso.

Para Brazelton e Greenspan (2003, p.29), “ *as inter-relações pessoais também ajudam as crianças a distinguir quais os comportamentos adequados e quais não . . . estas relações permitem à criança aprender a pensar*”.

A segunda aluna manteve ao longo da sua prestação uma postura calma e segura. Utilizou estratégias adequadas durante a Estimulação à Leitura e conseguiu manter a atenção das crianças. Manteve um bom tom de voz ao longo da lição da Cartilha Maternal. Conseguiu gerir a turma de uma forma serena, seguindo as crianças que estavam a realizar a actividade nas mesas e ao mesmo tempo acompanhar as que estavam na Cartilha.

### **Terça-feira, 26 de Janeiro 2010**

9h30 - Aula programada e desenvolvida por uma estagiária do 4ºano de Licenciatura de Educação de Infância.

Antes de iniciar a aula, a estagiária combinou as regras com as crianças e disse que ia falar da reciclagem, pedindo-lhes para repetirem com ela a palavra “reciclagem”. A seguir, perguntou se sabiam o que era reciclagem e esclareceu que é transformar as coisas velhas em coisas novas, ou as coisas que já não usamos noutras coisas. Conversou e ouviu a opinião das crianças sobre a separação do lixo, perguntando se já separavam o lixo em casa. Apresentou um saco com lixo e chamou as crianças uma a uma, para o separem e colocar nos devidos ecopontos.

Para finalizar a aula, perguntou às crianças se já tinham aprendido o que era reciclagem e como se faz a separação do lixo. Acrescentou que tinham como missão avisar os pais e ajudar a fazer a separação do lixo.

### **11h00 - Aula de Informática.**

Enquanto um grupo de crianças foi para a aula de informática, a educadora entregou ao outro uma proposta de actividade que estava por acabar. Acompanhei o



primeiro grupo para a aula de informática e as outras colegas ficaram na sala a ajudar

#### **15h00 - Iniciação à Matemática: Blocos lógicos.**

Esta foi uma aula surpresa por parte da educadora da sala a uma colega do 4º ano de Licenciatura em Educação de Infância. Esta orientou as crianças para que se sentassem nos respectivos lugares, combinou as regras para um bom funcionamento da aula. Serviu-se dum fantoche (fadinha) através do qual fez a dinamização. Começou por dizer que a fadinha queria uma casinha; ditou as peças que queria até construir a casa da fadinha. Construiu também uma árvore ao lado da casinha, a partir da qual trabalhou a noção de lateralidade e explorou os atributos das peças.

15h50 - A educadora, orientou as crianças para se sentarem em semicírculo no chão. Colocou um CD com a história de piratas, enquanto fazia a avaliação da aula surpresa da colega.

### **Inferências**

A estagiária que deu a aula do conhecimento do mundo esteve muito bem. Manteve sempre uma postura calma, pedindo a interação das crianças; conseguiu transmitir os conceitos inerentes à reciclagem.

A prestação da aluna na aula de Iniciação á matemática foi bem conseguida. As estratégias que utilizou foram adequadas ao grupo e conseguiu manter alguma disciplina ao longo da aula. No entanto, deveria recordar, de vez em quando, as regras combinadas inicialmente e ser mais firme. Devia explorar mais as figuras que construiu com as crianças. Foi muito interessante o modo como introduziu estas construções e, sobretudo, utilizou linguagem como: casa, jardim que fazia recordar o ambiente familiar.

#### **Quarta-feira, 27 de Janeiro de 2010**

9h30 - Depois do acolhimento dirigimo-nos para a sala e orientei as crianças para se sentarem . Fiz o exercício de relaxamento, combinei as regras para um bom funcionamento da aula e iniciei uma aula treino, de **Iniciação à Matemática**, utilizando o material alternativo, que escondi em alguns espaços da sala.

Servindo-me da personagem Dora, inventei uma história que fez de suporte ao longo da actividade. Fui pedindo às crianças que fossem procurar os vários materiais escondidos, partindo de algumas pistas, que ia dando. Ao encontrar um material deviam dizer o nome, a característica da imagem encontrada, o que representava e colocá-la no quadro, no seu respectivo lugar, segundo as minhas orientações.

Realizei contagens, alguns cálculos mentais, noção de par, orientação espacial e fiz interdisciplinaridade. As crianças mantiveram-se muito atentas ao longo da aula. Terminei com uma canção alusiva à história.

10h00 – As crianças dirigiram-se para os **cantinhos** onde realizaram actividades de carácter livre (leitura/jogos).

11h00 – A educadora deu uma aula de **Estimulação à Leitura** através de um PowerPoint. Contou uma História cujo título era “**O Nabo Gigante**” em que apareciam varias imagens. Na medida que as ia mostrando, pedia uma criança para as contar, convidando todas as outras a repetirem em coro. A educadora foi interagindo com as crianças, ao longo da história, fazendo gestos, movimentos, repetindo frases e imitando sons de animais. Para terminar fez a dramatização da história.

#### 15h30- **Realização de proposta de actividades**

A educadora mostrou uma folha A4, com um desenho do fundo do mar. Depois de uma breve observação e explicação, as crianças fizeram a dobragem de um barco, grafismos e pintura. Acompanhei as crianças que precisavam de apoio.

### **Inferências**

As actividades deste dia tiveram um impacto significativo na aprendizagem das crianças. Ao idealizar a actividade de Iniciação à Matemática realizada com o material alternativo e a história, embora improvisada, pensei na minha interacção com as crianças e na transmissão de noções matemáticas, adequadas a esta faixa etária.

A partir das imagens que lhes eram familiares, introduzi vivências do espaço e do tempo, a lateralidade, noções matemáticas. “*O educador proporcione experiências diversificadas e apoie a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas*”. (Orientações Curriculares 1997,p.74)

As estratégias e dinâmicas utilizadas pela educadora, na actividade de Estimulação à Leitura, deram possibilidades para as crianças verbalizarem e realizarem várias expressões, muito importantes no desenvolvimento de várias competências.

Segundo Sim-Sim (2008)

*Para aprender a comunicar é essencial o uso dos sentido.[ . . .] é através da interacção verbal, que implica saber ouvir falar e falar, que as crianças se tornam comunicadores fluentes e falantes competentes na sua língua materna. É pela comunicação verbal que as crianças adquirem e desenvolvem a língua materna. (p. 33)*

## 5ª Semana

### Segunda-feira, 1 de Fevereiro de 2010

Neste dia cheguei mais cedo, para preparar a sala, pois era o dia das minhas aulas programadas. Depois de tudo arrumado às 9h00, dirigi-me para a roda.

9h30: Organizei o comboio e conduzi as crianças para a sala para arrumarem as suas coisas e de seguida, levei-as à higiene. De regresso fiz sentar cada uma no seu respectivo lugar e dei início às aulas programadas cujo tema era: **A Reciclagem**. As planificações, assim como as inferências e as suas fundamentações teóricas, encontram-se no Capítulo das Planificações.

### Terça-feira, 2 de Fevereiro de 2010

9h30: Início de uma aula programada por uma aluna do 3º ano de Licenciatura, segundo o programa de Bolonha, que desenvolveu uma actividade na área do conhecimento do mundo em que abordou o tema: **O sistema solar**.

Quando chegámos à porta da sala, a estagiária disse às crianças que iam fazer uma viagem no espaço e para isso, convidou-as a entrarem na nave espacial. Tinha uma cortina em forma de nave à entrada da porta, através da qual entrámos na sala. Mostrou um PowerPoint com imagens do firmamento e um foguetão, simulando uma viagem no foguetão, donde observaram os planetas e suas características. Na medida que ia mencionando o nome de cada um, dizia às crianças para repetirem.



*Figura 7 – Actividade sobre Sistema Solar*

Depois de observar as imagens (chegadas da viagem espacial) apresentou um saco com os planetas (bolas coloridas). Dispôs as bolas no chão, recordou e observou com elas as características dos planetas que tinham visto no “espaço”. Deixou-as manipular observando a cor e tamanho. Fez contagens, realçando as particularidades de cada um dos planetas. A seguir, disse que ia buscar uma estrela e apresentou um Sol gigante. Colocou-o no meio e convidou uma criança de cada vez, com um planeta na mão para andar à volta, executando os movimentos de rotação e translação. Para concluir distribuiu uma estrela (em cartolina) a cada uma.

10h00 - Fomos para o pavilhão assistir a um concerto .

Os artistas cantaram várias canções tradicionais portuguesas, utilizando vários instrumentos musicais. Conforme iam utilizando um instrumento, observavam e conversavam com as crianças sobre as suas características. Explicaram o significado das várias canções e conceitos inerentes, interagiram com as crianças ao longo da actuação.



*Figura 8 - Realização de um concerto no Jardim -Escola*

Regressámos à sala pelas 11h00. Dividiu-se a turma em dois grupos: um foi para a sala de informática e o outro ficou. A educadora entregou uma proposta de actividade, para as crianças realizarem o grafismo e pediu às estagiárias para as ajudarem. Estas terminaram e entretanto, chegou o outro grupo e revezaram-se.

15h00 – Expressão **Motora: jogo – “O Tubarão e os Peixinhos”**

A educadora pediu uma aula surpresa a uma colega do 4<sup>a</sup> ano de Licenciatura em Educação de Infância. Esta conduziu as crianças para o recreio, dividiu o grupo em duas equipas, explicou o jogo e as regras. Serviu-se duma pandeireta para dinamizar o jogo, utilizando várias estratégias na movimentação das equipas. Quase no fim da aula da colega, a educadora pediu-me também, que preparasse uma aula surpresa. Fui para a sala procurar um livro e preparei a aula e o espaço para o efeito.

15h30 - **Estimulação à Leitura: “Todos no Sofá”**

Com as crianças sentadas nos respectivos lugares, disse que ia precisar da ajuda delas e combinei o que era preciso para que tudo corresse bem. Comecei por observar a Capa do Livro (as imagens e a cor) deixando-as verbalizar. De seguida contei a história a partir do livro e na medida que a ia contando, fazia contagens, observava as características dos animais, imitando os sons dos mesmos, sempre em interacção com as crianças.

No final da história, fiz um “concerto” com os “animais” . Perguntei quem queria participar e que animal queria imitar. Dispus as dez crianças em fila, ensaiei o som do animal que cada um representava e no final produziram os sons, em coro, entoando cada uma o seu som. Terminado este momento, convidei as crianças, uma de cada vez, a deslocarem-se para os seus lugares e durante o percurso devia imitar a marcha, o movimento e o som, que este animal fez ao sair do sofá. Seguiu-se um momento de avaliação da minha aula e a da colega.

### **Inferências**

As actividades deste dia foram de grande importância para a aprendizagem das crianças. A estagiária que desenvolveu a actividade do conhecimento do Mundo, utilizou materiais apelativos e adequados, envolveu as crianças de uma forma mágica, conseguindo assim atingir os objectivos propostos, sendo o tema de grande importância, para iniciar as crianças à literacia científica.

O momento do concerto foi uma mais valia para o desenvolvimento cultural das crianças. Os artistas souberam envolvê-las ao longo da actuação e mostraram-se muito curiosas. Na minha perspectiva, a música na educação é uma forma única para a transmissão dos valores tradicionais e culturais.

Sousa (2003), afirma que:

*A musica na educação . . . Objectiva-se para o campo da cultura musical ( . . . ) . Maestros e músicos vão dar concertos às escolas ou os alunos vão assistir à actuação de bandas e orquestras em salas de espectáculos. A actuação artística despe-se da sua formalidade para se tornar um acto pedagógico. (p.22) Cordeiro (2007) sublinha esta ideia e diz que “é importante que, através da tradição, as crianças tomem o contacto com o passado, para melhor viverem o presente e arquitectarem o futuro”. (p.430)*

A aula surpresa realizada pela colega, no domínio de Expressão Motora foi muito bem conseguida. Idealizou um jogo que a meu ver foi muito importante para o desenvolvimento das competências motoras nas crianças. Participaram com muito entusiasmo. Senti-me feliz na realização da minha aula surpresa e gostei da minha prestação. Ao pensar e preparar esta aula de Estimulação à Leitura, imaginei realizá-la de uma forma lúdica, dando espaço à intervenção das crianças e isso aconteceu de uma forma feliz. A educadora e as colegas também gostaram.

Alarcão (2001) sustenta que:

*Quando numa situação concreta se advoga uma determinada estratégia de leitura, pensa-se em primeiro lugar, no professor, que será quem através da assimilação e indicação dessa mesma estratégia, ajudará o aluno a apropriar-se dos conhecimentos, tornando-se deste modo um mediador da leitura do aluno, influenciando-a. . . . A diversificação de estratégias de leitura aparece como uma ideia chave nas propostas recentes sobre a pedagogia de leitura. (pp.18-20)*

Na minha perspectiva, as estratégias que utilizei foram adequadas ao grupo, pois estava entusiasmado e animado. Todas as crianças responderam às minhas solicitações e envolveram-se na dinâmica da aula.

Segundo as Orientações Curriculares (1997, p.53), “a construção de autonomia supõe a capacidade individual e colectiva de ir, progressivamente, assumindo responsabilidades. Este processo de desenvolvimento pessoal e social decorre de uma partilha do poder entre o educador, as crianças e o grupo”. Para este grupo etário é muito importante a criatividade e a transmissão através de uma forma lúdica, favorecendo meios para que a criança realize a sua própria aprendizagem.

Neste sentido, Cunha (1988), citado por Sousa (2002, p.39.), comenta a importância do desenvolvimento das actividades lúdicas na aprendizagem das crianças dizendo:

*Os professores podem guiá-los proporcionando-lhes os materiais apropriados, mas o essencial é que, para que uma criança entenda, deve construir ela mesma, deve reinventar. Cada vez que ensinamos algo a uma criança estamos impedindo que ela descubra por si mesma. Por outro lado, aquilo que permitimos que descubra por si mesma permanecerá com ela.*

Ainda neste contexto, Sousa (2002) afirma que o professor deverá ser o facilitador ao invés do direccionador do processo ensino-aprendizagem desenvolvido no contexto de sala de aula.

### **Quarta-feira, 3 de Fevereiro de 2010**

#### **9h30 - Iniciação à Matemática: Blocos lógicos**

Neste dia, realizei mais uma aula surpresa proposta e observada pela educadora cooperante. Orientei as crianças para se sentarem no chão. Antes de iniciar a actividade, disse-lhes que íamos realizar um jogo, se podia contar com a ajuda delas. Recordei e combinei as regras para que a actividade corresse bem. Tinha já colocado algumas peças de blocos lógicos em alguns espaços da sala (em cima do armário, por baixo da mesa, atrás de uma criança, dentro de um baú.

Dei início a aula, colocando questões sobre o material matemático que íamos utilizar. Trabalhei a noção de conjuntos: conjunto universal, vazio e singular, relacionando os que tinham mais e menos elementos e atribui o número à quantidade das peças. Trabalhei também a orientação espacial, ou seja, ao longo da actividade, fui introduzindo as peças escondidas. Tinha comigo um (objecto) que produzia a luz e o som ao carregar no botão. Quando chamava uma criança, entregava-lhe esse objecto “mágico” que lhe ia ajudar a descobrir a peça e também dei algumas pistas.

Ao descobrir a peça, a criança devia carregar no objecto mágico, fazendo produzir a luz e o som e a seguir apresentar a peça às outras crianças. Questionava-a sobre as características da peça e algumas vezes, pedia para descobrir alguns objectos dentro da sala, que tivessem a mesma forma, ou cor. Fiz contagens e realizei alguns cálculos mentais. Terminei a aula pedindo às crianças para me ajudarem a arrumar a sala.

### 10h10 - **Estimulação à Leitura: O Capuchinho Vermelho**

Depois de um pequeno exercício de relaxamento, a educadora dispôs as crianças sentadas em fila no chão, pediu a uma para colocar outro CD com a história do Capuchinho Vermelho, e disse para todas escutarem. As crianças foram intervindo em algumas partes da história, cantando algumas canções.

### 11h00 - **Conhecimento do Mundo: “A Reciclagem”**

A educadora começou a aula mostrando imagens num power point que tinha como título: “ **O Chico campeão da reciclagem** “. Depois de uma breve introdução, feita pelo Chico, apareceu uma outra personagem, irmã do Chico, chamada Anita, que acompanharam o desenvolvimento da aula.

Imitando a voz do Chico e da Anita, a educadora começou por questionar às crianças se estavam a lembrar-se do que era a reciclagem. Partindo da história das duas personagens que ensinaram como se deve separar o lixo, foi conversando e repetindo com as crianças os vários conceitos sobre a reciclagem, destacando as diferenças entre os ecopontos, os outros contentores de lixo e os conteúdos a serem colocados em cada um.

Para finalizar, o Chico e a Anita convidaram as crianças a terem uma postura de cidadania responsável fazendo uma pergunta: Se querem ver a nossa cidade limpa, o que devemos fazer. As crianças responderam que devíamos colocar o lixo no sítio certo e não deitar para o chão.

A educadora ainda mostrou muitas imagens sobre a separação do lixo e a reciclagem, fazendo assim o resumo da aula. A história terminou com esta frase: “se quiseres ver a cidade bonita faz a reciclagem”.

15h30 - A educadora apresentou uma proposta de actividade sobre a aula acabada de realizar. As crianças deviam identificar os ecopontos através das cores e ajudar uma personagem a chegar aos ecopontos para colocar o lixo no lugar certo. Ajudei as crianças com mais dificuldade.

### **Inferências**

As actividades realizadas neste dia foram pertinentes e de grande vantagem para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Quando me foi pedida a aula surpresa, senti-me muito serena e com uma postura calma que mantive. No pouco tempo que me foi dado para preparar a aula, projectei os objectivos que se pretendem



para o desenvolvimento das noções matemáticas nesta faixa etária, tendo em conta as suas competências. Segundo Kollogg (1970), mencionado em Papalia et al. (2004, p.290), “*por volta dos 3 anos, a criança encontra-se no estágio da forma. A criança desenha diagramas em 6 formas básicas: círculos, quadrados ou triângulos e combina duas formas básicas num padrão abstracto e mais complexo*”.

Tendo em conta esta característica e as competências desta deste grupo, explorei as várias formas geométricas relacionando-as com os objectos presentes na sala, trabalhando alguns conceitos matemáticos.

Concordo com Mendes e Delgado (2008), que afirmam:

*Com crianças mais pequenas, as tarefas que devem ser propostas incluem objectos concretos, a partir dos quais observam as suas características e, manipulando-os, comparam um ou mais dos seus atributos. . . . Nos primeiros anos, devem ser propostas, inicialmente, tarefas mais relacionadas com acção de comparar e ordenar directamente os objectos e, posteriormente, fazê-lo usando unidades de medida não padronizadas. (p.46-47)*

## **Segunda-feira, 8 Fevereiro de 2010**

### **9h30 - Iniciação à Matemática: Material não Estruturado – Palhinha**

A educadora distribuiu os algarismos móveis de 0 a 3 e copos com palhinhas pelas mesas, para cada criança. Colocou-os num monte e pediu às crianças para os porem por ordem. Advertiu que deviam começar por zero e do lado esquerdo.

Contou uma história do príncipe e da princesa. O príncipe fazia dez anos e a princesa pensou fazer-lhe uma festa. Foi ao supermercado e comprou o que precisava para a festa: 1 bolacha de sabor a canela, a seguir 2 de sabor a laranja e 3 de sabor a chocolate. Perguntou a cada criança, qual o sabor de que mais gostava.

Depois de escutar a opinião sobre o gosto das crianças, disse para retirarem as palhinhas correspondentes ao número de bolachas dos diferentes sabores e a seguir colocar por baixo das palhinhas o algarismo correspondente. Colocou questões sobre a quantidade das palhinhas e a criança a quem se dirigiu teve dificuldade; convidou uma outra para a ajudar e também esta teve dificuldade; depois de várias pistas respondeu acertadamente. A educadora pediu às outras crianças que batessem palmas. Seguidamente pediu a várias que contassem as palhinhas. Depois mandou retirar as palhinhas e os algarismos, pedindo que os reordenassem (0,1,2 e 3).

Disse que a princesa preparou ingredientes para fazer o bolo. Após enunciar os ingredientes necessários, desenhou-os e escreveu os nomes no quadro, pedindo às crianças para identificarem a quantidade de cada um e atribuir os números, colocando-os por baixo de cada ingrediente. Simulou a feitura do bolo, enquanto introduzia os conceitos de quantidade, de adição e partição. No final introduziu o algarismo 4 apresentando-o às crianças, de uma forma lúdica, colocando-o na parede.

#### **11h00 - Estimulação à Leitura – “Os Três Porquinhos”.**

A educadora pediu uma aula surpresa a uma colega do 4º ano de Licenciatura em Educação de Infância. A colega contou a história utilizando os fantoches dos 3 porquinhos. Foi pedindo a colaboração das crianças, para imitarem vários gestos e sons dos animais. Terminada a história fez o reconto, mudando o papel das personagens.

15h00 - A educadora apresentou uma folha com proposta de actividades, que continha o desenho do algarismo 4. Entregou bocados de papel de várias cores, uma cor para cada criança, cola e lápis, para realizarem a actividade.

#### **15h30 - Estimulação à leitura: “Os Quatro Elefantes no Teatro”.**

A educadora contou a história através de um livro. Observou com as crianças a capa, distribuiu o algarismo 4 a cada uma e combinou que ao longo da História cada vez que dissesse quatro, deviam levantar o algarismo que tinham na mão. Terminada a história fez a interpretação.

### **Inferências**

De acordo com as (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar ( 1997, p. 52),

*São os valores subjacentes à prática do educador e o modo como este os concretiza no quotidiano do jardim de infância, que permitem que a educação pré escolar seja um contexto social e relacional facilitador da educação para os valores. As relações e interações que o educador estabelece com cada criança e com o grupo, a forma como apoia as relações e interações entre crianças no grupo, são o suporte dessa educação.*

Pude constatar ao longo das actividades desse dia, os valores subjacentes acima mencionados, nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar. Durante as actividades realizadas pela educadora, nomeadamente a de iniciação à matemática, para além de introduzir noções matemáticas significativas, achei

excelente a maneira como estabeleceu a interacção com as crianças e o facto de ter pedido a uma criança, para ajudar a outra. É muito importante inculcar nas crianças, desde cedo, os valores como a cooperação e a partilha.

Neste sentido, Formosinho (1996), afirma que:

*O professor pode preparar o terreno indicando os interesses ou experiências que uma criança tem em comum com outra. Esta estratégia é consistente com a estratégia mais geral de por as crianças em contacto umas com as outras para que desenvolvam a predisposição para partilhar ideias e sentimentos e contarem as suas experiências umas às outras. Esta prática pode estimular um padrão de interacção frequente entre crianças para que a comunicação não tenha de se dirigir sempre aos adultos ou passar por eles. (p. 38).*

### **Terça-feira, dia 9 de Fevereiro 2010**

#### **9h30 - Iniciação à Matemática – Material Alternativo e Algarismos Móveis.**

Com as crianças sentadas nos respectivos lugares, a educadora distribuiu a cada uma, linha de fronteira, massa de moldar e algarismos móveis de 1 a 4.

Depois de observar e questionar as crianças acerca do material que tinham à frente e o que tinham dentro da linha de fronteira, perguntou ainda, como se chamava o conjunto que não tinha nada lá dentro, dizendo às crianças para colocarem um par de bolinhas dentro da linha. As crianças fizeram duas bolinhas e colocaram-nas dentro da linha de fronteira, enquanto a educadora colocava também, no quadro.

A seguir, disse para colocarem o algarismo correspondente à quantidade das bolinhas. Depois de verificar se todas tinham feito, pediu a uma que fosse colocar também no quadro o algarismo correspondente ao número de elementos que estão dentro do conjunto. Trabalhou ainda a noção de adição e subtração, atribuindo o número à quantidade. Mandou arrumar o material e deu por terminada a aula.

#### **10h00 - Educação Musical**

Como é habitual depois de saudar as crianças com uma canção, o professor começou a descrever a sua rotina, desde o levantar, higiene, vestir, pequeno-almoço, a viagem para a escola e a chegada à escola. Ao longo desta descrição, cantou várias canções de acordo com o tema. Fez gestos, sons e movimentos com as crianças, pedindo também a participação das estagiárias que estavam a observar.

### 10h50 - Expressão Plástica – O grafismo

A educadora apresentou uma proposta de trabalho em folha A4, que tinha desenhado esquilos com bolotas, bocados de papel com algarismos. As crianças deviam picotar os algarismos, e colocá-los debaixo de cada esquilo, segundo a quantidade de bolotas que cada um tinha na mão.

### 15h00- Expressão Dramática – Teatro: “São Valentim e o Cupido”

Realizado por duas colegas de Licenciatura em Educação de Infância. Como se aproximava o dia de São Valentim, as colegas fizeram uma surpresa às crianças. Através de diálogo, as duas personagens explicaram as suas funções. Depois deste pequeno teatro, apresentaram uma proposta de actividade, sobre o teatro acabado de realizar.

## Inferências

As actividades deste dia realizadas nas diferentes expressões e domínios, foram favoráveis para o desenvolvimento de várias competências nas crianças. As estratégias utilizadas foram apropriadas ao grupo. Particularmente no domínio de matemática, foi pertinente a utilização da massa de moldar (plasticina) para a formação de conjuntos. Além de oferecer a manipulação de novo material, permitiu desenvolver noções matemáticas com meios diferentes. *“A diversidade de materiais para desenvolver as mesmas noções através de diferentes meios e processos, constitui um estímulo para a aprendizagem da matemática”*. (OCPEPE,1997,p.76) Essa aula permitiu o desenvolvimento da coordenação óculo-manual, a motricidade fina, a lateralidade, a percepção espacial, a contagem, o sentido do número e a capacidade de concentração.

Segundo o meu ponto de vista, o material moldável é de grande interesse educativo. Nesta perspectiva, Royo (1996) mencionado em Caldeira (2009), comenta que:

*O material educativo é aquele que com a sua presença, e manipulação, provoca a emergência, o desenvolvimento e a formação de determinadas capacidades, atitudes e destrezas na criança de modo a possibilitar experiências que levem a criança progressivamente, desde a sua formação da capacidade perceptiva, à representativa e finalmente à conceptual. Não é um meio que facilita o ensino, é o ensino em si mesmo. (p. 16-17)*

Nesta linha de pensamento, Prado (1998) citado pela mesma autora, afirma que *“o adulto serve-se dos materiais, como instrumentos, para motivar as actividades que se pretendem ricas e estimulantes, num processo de manipulação – acção e posteriormente de representação – conceptualização”*. (Caldeira, 2006, p. 17)

Ao estabelecer a relação do número com a quantidade das bolinhas de plasticina, faz com que a criança ordene mentalmente os conceitos inerentes. Para Kamii (1995), citado em Aranão (1996, p. 31), (. . .) *“a ordenação mental não basta para ter a conservação numérica. É necessário que se saiba quantificar os objectos como um grupo, colocando-os numa relação de inclusão hierárquica”*.

#### **Quarta-feira, 10 de Fevereiro 2010**

##### **9h30 - Iniciação à Matemática – Blocos Lógicos**

Primeiro momento: a educadora foi buscar 4 arcos (2 azuis, 1 amarelo e outro encarnado) colocou um dos arcos no chão e disse que era uma linha de fronteira. Despejou as peças dentro de um arco, enquanto fazia perguntas sobre a sua cor (azul), o nome do material matemático e os atributos das várias peças.

Segundo momento: Colocou mais 3 arcos no chão e chamou 3 crianças para irem procurar 3 peças de forma quadrada, da mesma cor. Estas retiraram 3 peças azuis (uma de cada vez) e colocaram-nas dentro do arco amarelo. A educadora prosseguiu com esta actividade, observando e relacionando as cores dos arcos com as peças. Trabalhou a noção de conjunto: Universal, vazio, singular; comparou os conjuntos com mais de uma peça, atribuindo o número à quantidade. Fez sequências, durante as quais tornou a explorar os atributos das peças.

##### **10h20 - Estimulação à Leitura**

A educadora colocou um CD com a história do Capuchinho Vermelho, enquanto distribuía bolachas às crianças. Seguidamente, chamou algumas e disse a cada uma para ir buscar o seu par e formar o comboio.

##### **11h10 - Conhecimento do Mundo: Sistema Solar**

Enquanto as crianças estiveram no recreio, a educadora pediu-me para preparar um cenário, um painel com folhas de papel azul-escuro, colocar estrelas fluorescentes e fechar as janelas para a sala ficar às escuras.

Ao entrarem, observou com as crianças o escuro e o céu estrelado e disse que era noite. Como as estrelas eram fluorescentes brilhavam, fazendo o efeito do céu estrelado. A seguir acendeu a luz, abriu as janelas e disse que era dia.

Disse que tinha um amigo que foi à lua; tirou a imagem de um pequeno astronauta, mostrou-a e colocou-a no quadro. Observou o equipamento do astronauta, conversou com as crianças, explicando a função de cada um dos objectos usados. e simulou uma viagem com ele. Perguntou o que estavam a ver no céu, qual era a estrela maior ao que responderam que era o sol. Perguntou ainda o que viam, para além das estrelas, as quais responderam: os planetas.

Pediu a uma criança para colocar o Mercúrio e disse que era o planeta mais quente porque fica mais perto do sol. A educadora questionou e observou pormenorizadamente as características de cada um dos planetas. Na medida em que os colocava no painel, repetia os nomes, a forma, a cor e o tamanho (maior/ menor), contando a quantidade dos planetas. Esclareceu que a lua era um satélite e observou os pequenos satélites que estavam à volta de alguns planetas.

Depois de estarem todos os planetas no painel, disse que já tínhamos um sistema solar e perguntou porque é que se chama sistema solar. Porque os planetas andam à volta do sol. Quantos planetas. Oito. Para terminar, fez deslocar o pequeno astronauta que passou por cada um dos planetas e satélites questionando de novo sobre os nomes e as características de cada um. Apagou de novo a luz, e disse que era de noite observando as características e seguidamente tornou a acender e disse que era de dia e deu por terminada a aula.



*Figura 9 - Sistema Solar*

#### 15h30 - **Proposta de actividade: O sistema solar**

Pediu às crianças para olharem o painel do sistema solar que tinham construído de manhã. Observou de novo as características de cada um dos planetas, informou que o planeta Terra tinha a cor castanha que era a cor da terra, onde nós habitamos e a cor azul que era a cor do oceano, água.

## Inferências

Todas as actividades deste dia, foram efectivadas pela educadora da sala. Desenvolveu-as de uma forma lúdica apesar da complexidade de alguns conteúdos; as crianças estavam muito motivadas e interessadas. Ao longo das aulas, nomeadamente na área do conhecimento do mundo, verifiquei que ficaram com algumas noções científicas, da forma livre, como corresponderam às solicitações da educadora. Esta ideia ficou mais esclarecida ainda, quando a educadora propôs a elaboração de uma ficha com o registo das actividades alusivas, ao tema desenvolvido na área do conhecimento do mundo.

Para as Orientações Curriculares (1997):

*Trata-se de uma área que desperta a curiosidade natural da criança e desejo de saber, englobando saberes sociais, método científico, observação e registo, construção de conceitos, educação para a saúde e ambiente. Estes temas devem ser criteriosamente escolhidos pelo educador, face à sua pertinência, não esquecendo os interesses do grupo.*

A cor, a forma, a estruturação espaço-temporal, estiveram bem presentes em todas as áreas e domínios; houve uma correlação entre os vários conteúdos, que proporcionou uma aprendizagem de forma sequenciada. A educadora promoveu a participação das crianças de uma forma dinâmica e criativa.

Sobre este aspecto, Formosinho (2011) afirma:

*Os objectivos das pedagogias participativas são os do desenvolvimento na experiência e a construção da aprendizagem na experiência contínua e interactiva. A imagem da criança é a de um ser competente que participa com liberdade, agência, inteligência e sensibilidade. A motivação para a aprendizagem sustenta-se no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas das crianças. (p.100)*

A elaboração do placard do sistema solar em interacção com as crianças, a experiência da luz, o claro e o escuro (noite e dia), entusiasmou-as e despertou nelas, ainda mais, a curiosidade, apesar de serem tão pequenas.

Seguindo a mesma ideia de Formosinho, Eshach (2006), mencionado em Matins et al. (2009), sustenta:

*As crianças gostam naturalmente de observar e tentar interpretar a natureza e os fenómenos que observam no seu dia a dia. No jardim de infância, devem vivenciar situações diversificadas que por um lado permitam alimentar a sua curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo que as rodeia e, por outro, proporcionar aprendizagens conceptuais, fomentando, simultaneamente, um sentimento de admiração. . . . Uma exposição precoce a fenómenos científicos favorece uma melhor compreensão dos conceitos apresentados mais tarde no ensino básico. (p.12-13)*

**6ª Semana****Segunda-feira, 22 de Fevereiro de 2010****9h45 - Iniciação à Matemática: Materiais alternativos**

A educadora pediu-me para distribuir copos com palhinhas e algarismos móveis, de 1 a 4, enquanto colocava as imagens dos planetas em cartolina e os algarismos móveis no chão, ao pé do quadro. Seguidamente, disse às crianças para colocarem os algarismos por ordem.

Utilizando os materiais do dia anterior, realizou noções matemáticas como: a lateralidade, contagem até cinco, atribuindo o número à quantidade, conceito par, situações problemáticas e cálculos mentais, adição, fazendo relação constante, com a aula do dia anterior. Para finalizar introduziu o número cinco.



*Figura 10 - Introdução do número cinco*

10h30: Chamou uma criança de cada vez e disse para ir buscar o seu par e fazendo o comboio seguiram para o recreio. Depois deste, a educadora continuou a falar do número cinco. Com as crianças sentadas no chão, nos respectivos lugares, perguntou quem sabia mostrar os cinco com as mãos, as crianças mostraram uma mão. Posteriormente, mostrou o algarismo cinco colocando-o na parede.

**11h15 - Conhecimento do Mundo: Movimento de Rotação e Translação**

A educadora trouxe uma maquete eléctrica com os planetas. No centro da maquete estava uma bola gigante de cor amarela. Com as crianças sentadas no chão, observou a maquete e perguntou quem sabia o nome da bola gigante que estava no centro. As crianças hesitaram em responder. Disse que era muito quente e que durante o dia dava muita luz. Foi dando dicas até as crianças descobrirem que era o sol. Fez notar que este, estava no centro do sistema solar e era uma estrela e recordou os nomes de cada um dos planetas.



Ligou a maquete à electricidade e os planetas giravam sobre si próprios, à volta do sol. Explicou que o movimento que os planetas estavam a fazer era o movimento de rotação. A seguir todos giravam à volta do sol, explicou que esse era o movimento de translação. Apagou a luz para observarem melhor o efeito dos movimentos. Ao carregar alguns botões da maquete, ouvia – se a voz que dizia os nomes dos planetas os quais as crianças repetiam.

Posteriormente, fez com as crianças a dramatização do sistema solar executando os movimentos de rotação e translação dos planetas. No primeiro momento os planetas giraram sobre si próprios e a seguir deram-se as mãos e andaram à volta do sol. Foi perguntando que planeta está mais perto e qual está mais longe do sol.

Para terminar, cada planeta disse o seu nome e cantaram uma música adaptada com a melodia, atirei o pau ao gato; Oito são os planetas, do sistema solar primeiro Mercúrio, depois Vénus e depois a Terra (bis) e Marte; a seguir vem Júpiter e Saturno (bis); para terminar vem Úrano e lá no fundo (bis) vem Neptuno.

#### 15h00 - **Expressão Plástica: Grafismo**

A educadora mostrou uma proposta de actividade com grafismos em que deviam completar o número cinco. Explicou às crianças o que deviam fazer: preencher o número com massinhas e carimbar com a própria mão os 5 dedos. Quase todas conseguiram realizar a actividade com muita destreza. Entretanto ajudei as que tinham mais dificuldade.

### **Inferências**

As actividades realizadas hoje, foram a continuação da aula do dia anterior. Houve interdisciplinaridade constante entre as áreas leccionadas ao longo do dia. A educadora tinha materiais muito apelativos, que cativaram a atenção das crianças e como sempre as estratégias utilizadas foram motivadoras. As crianças tiveram a possibilidade de manipular o material e interagir sempre com a educadora, o que a meu ver é uma mais valia para o processo de descoberta e de aprendizagem.

Na perspectiva de Hohmann, et al. (1995):

*À medida que manipulam, transformam e combinam materiais, as crianças, descobrem as relações entre os objectos e os acontecimentos. A acção das crianças sobre os materiais dá aos adultos ideias sobre o tipo de descobertas que fizeram. . . . o acesso aos materiais, a liberdade de manipulá-los... e o tempo para os fazer são os elementos essenciais do processo de descoberta. (p. 183)*

A educadora orientou as diferentes actividades, fazendo a correlação entre elas, de forma a introduzir o número cinco. Durante a actividade, no domínio da matemática, realizou noções matemáticas, tendo sempre a perspectiva da quantidade cinco. O critério era que as crianças nesta faixa etária (3 anos) aprendessem os algarismos de 1 a 5 e soubessem relacioná-los à quantidade, como se pode observar na figura nº10. A educadora foi introduzindo os conceitos matemáticos, de uma forma lúdica e dinâmica.

*A tarefa principal que se impõe aos educadores é conseguir que as crianças, desde cedo, aprendam a gostar de matemática. Caberá ao Educador organizar os meios e criar o ambiente propício à concretização do programa, de modo que a aprendizagem seja, na sala de aula, o reflexo do dinamismo das crianças e do desafio que a própria matemática constitui para elas. Só assim a matemática se tornará aliciante e poderão as crianças continuar activas, questionadoras e imaginativas como é da sua natureza. (Broner, 1941, referenciado em Diciopédia, [DVD ROM], 2006)*

### **Terça-feira, 23 de Fevereiro de 2010**

#### **9h30 - Iniciação à Matemática: Material Estruturado Cuisenaire**

Chegados à sala, a educadora chamou cada criança pelo seu nome e mandou-as sentar nos seus lugares, nas mesas. Disse que hoje tinha um jogo novo, que não conheciam. Colocou as caixas em cima das mesas e pediu às crianças para taparem os olhos, enquanto despejava o material no centro das mesmas; contou até 3 e disse para destaparem os olhos. As crianças ficaram admiradas e perguntaram o que era. A educadora disse que este material se chamava: **Cuisenaire** e pediu para repetirem o nome.

Convidou-as a olharem bem para as peças e perguntou se eram todas iguais, incentivando as crianças a exprimirem-se sobre: o tamanho, a cor e a forma. Realçou a importância da peça branca, que era a mais pequena mas a mais importante de todas, porque com ela se mediam as outras peças.

Posteriormente, disse para todas procurarem a peça mais pequena e colocá-la à frente. Andou pelas mesas e verificou se todas tinham a peça pedida, colocando questões sobre a mesma.

A educadora foi buscar um baú e colocou-o no meio da sala e disse que era o baú do tesouro. Pediu a colaboração das crianças e meteu dentro dele 1 peça encarnada, 1 branca, 2 verdes, 3 rosas e 1 amarela. Enquanto algumas colocavam as peças no baú, convidou as outras para escutarem as peças a cair e fazerem o gesto com as mãos “mágicas”, a deitarem o pó mágico dentro do baú. Criou expectativas, abriu o baú do tesouro e disse que a magia fez crescer as peças e ficarem gigantes.

Com a colaboração das crianças, tirou do baú as peças gigantes, em esferovite, da mesma cor das que tinha pedido para deitarem dentro do baú e colocou-as no chão. A medida que ia tirando as peças do baú, pedia para retirarem também uma da mesma cor. Fez várias questões sobre a cor e o tamanho das peças, comparando-as. Seguidamente, realizou sequências com as peças encarnadas e brancas.

#### **10h10 - Educação Musical**

O professor chamou as crianças, que se sentaram todas à volta dele e deu início à aula. Começou por cantar a canção do olá, saudando os meninos e esses responderam com satisfação. Conversou sobre a sua rotina diária, intercalando com várias canções. Seguidamente perguntou se sabiam a música da casa das notas e cantou: é uma casa muito estranha, não tem portas nem janelas...

Pedi à educadora para escrever uma frase no quadro. Esta desenhou uma linha e escreveu: “Eu gosto muito dos meus meninos”. O professor disse que também ia escrever, mas, de uma forma diferente da educadora. Desenhou as pautas e algumas notas e repetiu a canção inicial com intuito de introduzir a leitura das pautas.

#### **10h45 - Aula de Informática**

Como sempre, dividiu-se a turma em dois grupos: metade foi para a aula de informática e a outra ficou a realizar uma proposta de actividade. Acompanhei o primeiro grupo à sala de informática e ajudei na realização das actividades em colaboração com a professora.

Com as crianças sentadas nos respectivos lugares à frente dos computadores, a professora abriu o programa e as crianças trabalharam partilhando o computador. Uma criança iniciou uma actividade, que foi efectivada pelas outras do mesmo grupo, e assim sucessivamente.

#### 15h10 - **Conhecimento do Mundo: Sistema Solar**

A educadora mandou-me buscar um globo gigante que colocou no meio das crianças que estavam sentadas em círculo e convidou uma de cada vez para exemplificar os movimentos de rotação e translação da Terra. Seguidamente, mostrou um filme sobre o Planeta Terra. Na medida que iam visualizando, questionava acerca do nome e conversava sobre as cores: a parte castanha era os continentes onde nós moramos, o azul, os oceanos e a branca, as nuvens.

A seguir, apresentou outro filme em que mostrou todos os planetas: Convidou as crianças a dizerem os nomes e as características de cada um. Terminou a aula cantando a música dos planetas, que tinha inventado.

### **Inferências**

Na minha perspectiva, as actividades propostas pela educadora foram muito produtivas na medida em que as crianças puderam executar as actividades com muita destreza e de forma activa e harmoniosa, em todas as áreas. Na continuidade do tema das aulas anteriores, na área do Conhecimento do Mundo, a educadora utilizou mais uma vez materiais e estratégias que envolveram as crianças na dinâmica da descoberta dos fenómenos que ocorrem no dia a dia e fomentou a noção espaço-temporal. A meu ver, é fundamental a acção das crianças, para o seu próprio desenvolvimento e aprendizagem.

De acordo com Hohmann et al. (1997)

*É através da aprendizagem pela acção – viver experiências directas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão que as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo. . . . As crianças agem no seu desejo inato de explorar; colocar questões sobre pessoas, materiais, acontecimentos e ideias que lhes provocam curiosidade e procuram as respostas; resolvem problemas que interferem com os seus objectivos e criam novas estratégias para porem em prática. (p.5)*

Achei muito interessante a estratégia que o professor de música utilizou, para iniciar as crianças na escrita musical. Neste sentido, Sousa (2003), defende que:

*O objecto do professor é a criança e não a música, sendo por isso importante a formação psicopedagógica dos professores e não os seus conhecimentos musicais. O professor não necessita conhecer a escrita musical nem saber tocar qualquer instrumento para poder proporcionar às crianças meios e motivações para desenvolver o seu sentido musical e satisfazerem neste domínio as necessidades de expressão e criação. (p.18)*

Tendo em conta esta ideia, reitero que a educação musical é uma mais valia para o desenvolvimento de múltiplas competências nas crianças, nomeadamente a nível da linguagem. O professor de música teve sempre uma postura que favoreceu um clima de descontração, de muita alegria, entusiasmo e movimentação, atitudes pedagógicas adequadas ao grupo.

No domínio da matemática, as crianças mostraram-se curiosas e entusiasmadas com a introdução do novo material matemático. Este material oferece um poderoso contacto sensorial e uma aprendizagem de forma lúdica, um factor decisivo para obtenção de noções matemáticas das crianças pequenas. Caldeira (2009, p. 126), esclarece que, *“para além do desenvolvimento da lógica matemática, o material Cuisenaire possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação”*.

## Fundamentação

### **2.1.9. Material estruturado Cuisenaire**

O Cuisenaire é um dos materiais estruturados, utilizado no Jardim Escola, na abordagem à matemática. Composto por uma série de barras, geralmente de madeira, de diferentes tamanhos, variando desde um a dez centímetros. Damas e Oliveira (2010,65), denominam-no *“As Barras Cuisenaire” [regretas] paralelepípedicas, de tamanhos e cores diferentes simbolizando, cada uma, os números naturais de 1 a 10”*.

Por sua vez, Caldeira (2009), acrescenta que é também conhecido por números coloridos, devendo o seu aparecimento ao belga Emilie Georges Cuisenaire, que, como professor primário e músico que era, ao observar as dificuldades que as crianças do seu tempo tinham em perceber a aritmética, em contraste com a facilidade

com que aprendiam música, descobre este material como um instrumento válido para fomentar a aprendizagem da matemática.

Com intuito de actualizar o ensino da matemática em Portugal, este material foi experimentado pela primeira vez, no colégio Vasco da Gama (Meleças - Sintra), sob a orientação do Dr. João Nabais, com excelente resultado. São 10 as cores do Cuisenaire: branco -1 unidade; vermelho - 2 unidades; verde-claro 3 unidades; rosa – 4 unidades; amarelo - 5 unidades; verde-escuro 6 unidades; preto – 7 unidades; castanho - 8 unidades; azul - 9 unidades; laranja -10 unidades.

Segundo Damas e Oliveira (2010)

*De início, e à semelhança do que acontece com qualquer outro material didáctico, os alunos terão que o manusear livremente. Só depois estarão a desenvolver as actividades propostas. O manuseamento das barras, dá aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender. . . . os alunos deverão associar o número à cor respectiva. (p.65-67)*

Na mesma ordem de ideias, Alsina (2004), mencionada em Caldeira (2009, p.131) diz que " *as crianças devem memorizar o valor de cada barra, já que é importante que se habituem a nomear as barras não pela cor, mas sim pelo seu valor*".

*Ainda para Alsina (2004), as barras de cor são um material manipulativo, especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessários para poder passar ao cálculo mental. . . . para introduzir e praticar as operações aritméticas. (Caldeira 2009, p.126)*

**Quarta-feira, 24 de Fevereiro de 2010**

**9h30 - Iniciação à Matemática: Blocos Lógicos**

A pedido da educadora, distribui a cada criança uma linha de fronteira e uma caixinha de blocos lógicos, em cada mesa. A educadora perguntou o nome do material, explorou as características das peças. A seguir, disse às crianças para colocarem dentro da linha de fronteira, um par de peças grossas. Questionou sobre a cor, a forma, o tamanho e a espessura e o conceito par, atribuindo o número à quantidade das peças; explorou a noção de conjunto: vazio, singular e fez o cálculo mental de adição.

A educadora chamou uma criança e segredou; a seguir, esta disse que todos deveriam formar um conjunto singular e colocar o numeral correspondente à quantidade de peças que tinham dentro do conjunto. A educadora passou com a criança pelas mesas a verificar se estava tudo certo e mandou um beijinho a todas.

Seguidamente, disse que ia formar um conjunto com sequências e pediu para todas colocarem 1 peça encarnada, 1 azul e 1 amarela. Foi chamando as crianças para retirarem as peças que ia ditando e ficarem em pé, com a peça na mão formando sequência. Todas tiraram uma peça e formou-se uma grande sequência.

#### 11h10 – **Conhecimento do Mundo: movimento de rotação – O dia e a noite**

De regresso à sala, a educadora pôs as crianças sentadas no chão em “U”. Apresentou uma maquete com imagens do sol, Terra e Lua. Perguntou o que era o sol e as crianças responderam que era uma Estrela. O que é que girava à volta do sol. A Terra e os outros planetas. Qual o planeta que está mais perto do sol. Mercúrio. Recordou com as crianças o nome dos outros planetas.

Carregou no botão da maquete e a Terra rodou executando o movimento de rotação, a seguir o de translação. Observou que a lua não girava, estava estática. Foi buscar dois bonecos (o Príncipe e a Branca de Neve). Colocou a Branca de Neve do lado do sol e o príncipe do lado da Lua. Disse que por causa do movimento de rotação, um lado do planeta Terra fica de dia e outro de noite. A Branca de Neve está do lado claro (dia) e o príncipe do lado escuro (noite).

Para finalizar colocou os dois bonecos do lado do sol (dia). Chamou várias crianças para fazerem girar a Terra, ficando assim uma vez o príncipe da parte do dia e a princesa na da noite e vice-versa.



*Figura 11-Maqueta com a Terra, o sol e a Lua.*

15h15 - Continuação da aula do Conhecimento do Mundo A educadora colocou um filme sobre os movimentos de Rotação e Translação da Terra e recordou com as crianças tudo o que tinha falado na parte da manhã.

### 15h30 - Expressão Plástica

Entregou a cada criança, uma folha A4, com o desenho do Planeta Terra. Explicou que deviam realizar dedadas dentro dos continentes utilizando a cor castanha e a seguir, nos oceanos utilizando a cor azul.

## Inferências

As actividades realizadas pela educadora, em todas as áreas, foram convenientes ao grupo das crianças. Como sempre apresentou os conteúdos de uma forma agradável que envolveram as crianças. Em todas as áreas trabalhou conceitos já abordados nas aulas anteriores, com o objectivo de consolidar as noções que pretendia transmitir, utilizando novas estratégias.

Achei de grande relevância a educadora ter convidado a criança, que interagiu com ela na actividade, no domínio da matemática. A meu ver, esta estratégia provoca o desenvolvimento de várias competências na criança. Sublinho esta ideia com as Orientações Curriculares (1997) que dizem:

*A relação que o educador estabelece com cada criança, a forma como a valoriza e respeita, estimula e encoraja os seus progressos, contribuem para auto-estima da criança e constituem um exemplo para as relações que as crianças estabelecerão entre si. . . . favorecer a autonomia da criança e do grupo assenta na aquisição do saber-fazer indispensável à sua independência e necessário a uma maior autonomia, enquanto oportunidade de escolha e responsabilização. (p.52-53)*

Na aula do *Conhecimento do Mundo*, a educadora tentou realçar e aprofundar algumas noções, que já tinha referido nas aulas anteriores. Apesar da complexidade das mesmas, a maneira como as abordou despertou cada vez mais a curiosidade e o entusiasmo das crianças no que toca à noção espaço-temporal. Brazelton e Sparrow (2006, p. 51-52)), evidenciam a maneira como a criança de três anos concebe a noção de tempo, tendo em conta a sua complexidade:



*A criança de três anos não sabe ver as horas, mas é capaz de utilizar palavras para organizar o tempo [ . . . ]. O tempo, tal como acontece com outros conceitos novos, adquire significado para a criança ao relacionar-se com a sua vida. . . . quando uma criança tem três anos de idade, o tempo passa de acordo com o relógio interno subjectivo que é muito mais atraente do que os relógios nas paredes, os quais são misteriosos e indecifráveis. . . . o tempo interior é menos limitado pelo mundo à sua volta, dilata e contrai com o sentimento do momento . O tempo exterior ainda é tão longo, tão breve, tão difícil de compreender. . . . O tempo tão difícil de medir para uma criança de três anos – acabará por dizer quando as separações devem ser antecipadas e quando irão acabar. Uma separação pode parecer durar uma eternidade, mas uma noção do tempo e da sua importância em breve ajudará.*

As ideias destes autores acabam por elucidar-nos, que apesar da complexidade dos conteúdos que reportam ao tema abordado, é importante a transmissão das noções inerentes.

## **Segunda-feira, 1 de Março de 2010**

### **9h40 - Iniciação à Matemática : Palhinhas e materiais alternativos**

A educadora pediu-me para distribuir os algarismos móveis e as palhinhas pelas mesas. Seguidamente orientou as crianças para se sentarem nos respectivos lugares. Inventou uma história que serviu de suporte para várias situações problemáticas e cálculos mentais.

*Primeiro problema:* contou que no fim-de-semana saiu da sua casa e foi ao jardim onde viu um par de borboletas roxas. Perguntou quanto era um par e pediu para retirarem 2 palhinhas e a seguir o número correspondente. De repente viu mais 2 borboletas verdes. Mostrou as borboletas e colocou-as no quadro, perguntado quantas borboletas tinha ao todo. Estas borboletas foram pousar em cima da flor encarnada. Quantos pares de borboletas pousaram em cima da flor? 2 pares, respondeu a criança inquirida.

Estava a olhar para uma outra flor amarela quando pousaram em cima, outras 2 borboletas, uma azul e outra encarnada. Quantos pares de borboletas temos ao todo, no jardim. Pediu para retirarem 3 palhinhas e colocar por baixo, os números.

*Segundo problema:* de repente chegou um gato, as borboletas assustaram-se e fugiram todas para as suas casinhas. A educadora desenhou 3 casas e pediu a uma criança para ir colocar um par de borboletas em cada casa. Mandou arrumar as palhinhas nos copos e ordenar os algarismos de 1 a 5.



Figura 12- Actividade com o material alternativo

#### 10h15 - Estimulação à Leitura: “O Panda e a Lua Mentirosa”

A educadora contou a história através de um PowerPoint. À medida que ia mostrando, conversava com as crianças acerca das quatro fases da Lua. Explicou que a lua é mentirosa porque quando está em forma de C, está a diminuir/minguar (minguante) e não a crescer. Quando está em forma de D, está a aumentar, parece que está a diminuir mas está a crescer (crescente). Quando está tudo escuro e não se vê é a lua nova, A lua cheia tem a forma de um círculo. Para terminar fez a dramatização das 4 fases da Lua.

15h30: Apresentou uma **proposta de actividade com grafismos** e a seguir outra com a figura do planeta terra, para pintarem.

### Inferências

Mais uma vez a educadora as actividades realizadas hoje, pela educadora foram pertinentes para a transmissão de noções importantes para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Os materiais eram adequados às crianças e foram bem aproveitados. Houve interdisciplinaridade em todas as áreas e interligação com as aulas anteriores. Nesta perspectiva de Hohmann e Weikart (1997, p. 51), afirmam que *“fornecer uma grande variedade de materiais. . . estar atento às intenções das crianças, ouvir e estimular o seu pensamento e encorajá-las a fazer as coisas sozinhas, são elementos fulcrais da atitude do adulto (. . .)”*. A aula de matemática foi activa. A educadora utilizou o material muito apelativo que ajudou na resolução dos problemas, facilitando assim o raciocínio das crianças, a compreensão do conceito de número e de quantidade. Nesta linha de pensamento Kamii e DeVries (1991), citados em Caldeira (2009), *defendem que, “devemos encorajar as crianças a pensarem sobre os números e quantidade de objectos, quando estes forem significativos”* (p.66)

### **Terça-feira, 2 de Março de 2010**

9h30 – Neste dia juntaram-se na mesma sala, as crianças da sala A e as da sala B. As primeiras ensinaram a música do sistema solar, inventada pela educadora. A educadora pediu a uma criança para colocar um CD do Panda com músicas alegres. Dançou com elas, fez vários gestos e coreografias, seguindo o ritmo da música. Depois disse para dançarem aos pares.

#### **10h15- Educação Musical**

O professor cantou várias canções, que tinha ensinado na aula passada, convidando as crianças a cantarem sozinhas. Elas cantaram e ele escutou. A educadora desafiou e disse que as crianças sabiam uma canção dos planetas que o professor não conhecia e cantaram-na. Depois de escutar, o professor colocou algumas questões sobre o sistema solar e estas responderam sem hesitação. Ensinou ainda mais uma canção e terminou a aula com a do adeus.

#### **11h15 – Iniciação à Matemática: Cuisenaire**

Com as crianças sentadas nos respectivos lugares, a educadora, despejou nas mesas uma caixa de Cuisenaire para cada grupo de crianças, enquanto disse para pensarem no nome do jogo que estava a distribuir. Terminado este momento, perguntou o nome do material e qual a peça mais importante. Quase todas as crianças responderam sem hesitação. Seguidamente pediu para repetirem em coro, que a peça branca era a mais importante e valia 1 unidade. Acrescentou que esta, servia para medir todas as outras peças apontando para duas gigantes que tinha colocado em cima do armário, na aula anterior.

A educadora tocou a pandeireta para as crianças dizerem, que peça ela queria, segundo a quantidade de sons ouvidos. As crianças pegavam nas peças correspondentes à quantidade de sons. Depois de observar o valor e a cor das peças formou a sequência e pediu a uma criança para a ler por cores, advertindo, que devia começar pelo lado esquerdo. Depois, convidou todas as outras a lerem por valores. Distribuiu uma imagem com a figura de um menino (em cartolina) e disse que se chamava Rui. Pediu que todas colocassem a imagem em cima da peça que valia 1 unidade, a seguir em cima da peça que valia 2 unidades, até o Rui conseguir saltar a sequência. Continuou a trabalhar a sequência e a fazer leituras por cores e por valores.

### 15h00 - Expressão Plástica: Colagem

A educadora distribuiu uma proposta de actividade em que as crianças deviam associar o número à quantidade. 15h50 - Aniversário de um criança que completou 4 anos. A festa decorreu na sala de aula, onde estiveram presentes, também os pais.

### Inferências

As crianças participaram activamente nas actividades realizadas ao longo do dia. Achei muito importante a educadora ter permitido às crianças a escolha de alguns materiais para a actividade a realizar. Hohmann e Weikart (1997, p. 51), alegam que:

*Num ambiente de aprendizagem pela acção quer as crianças, quer os adultos agem, pensam e resolvem problemas ao longo do dia. As crianças são activas na escolha dos materiais, . . . e os adultos são activos na sua forma de apoiar e de participar nas experiências de aprendizagem [. . .]. Crianças e adultos tomam a iniciativa e respondem às iniciativas uns dos outros, alicerçando as suas interacções nas ideias, sugestões e acções de todos e de cada um. Esta relação recíproca de dar e receber é o motor do ensino e da aprendizagem. (p. 51)*

### Quarta-feira, 3 de Março de 2010

9h30 - Fizemos o comboio e dirigimo-nos para a sala, onde as crianças se sentaram no chão, em “U”. A educadora foi buscar 4 arcos: 1 amarelo, 1 encarnado e dois azuis, e colocou-os no meio do grupo. Foi buscar o material Blocos Lógicos e despejou a caixa toda, num arco de cor azul. Questionou sobre o nome e os atributos do material e a seguir disse que tinha um arco com todos os elementos e outro sem nada lá dentro. Explorou a noção do conjunto universal e do vazio.

Depois vendou os olhos a uma criança e pediu a uma outra para tirar uma peça e entregar à que tinha os olhos vendados. Questionou-a sobre os atributos da peça e destapando os olhos perguntou qual a cor e deu-lhe os parabéns porque acertou em tudo. Mandou-a colocar a peça dentro do arco amarelo. Repetiu o mesmo exercício com outras crianças.

Realizou ainda outros exercícios; trabalhou a noção de conjunto, fez comparação dos conjuntos com mais e menos elementos, atribuindo o número correspondente aos números de elementos de cada um .

**11h15 - Estimulação a Leitura: “O Pedro e a Lua”**

A educadora contou a história através de um PowerPoint e observou as imagens das quatro fases da lua, conversando sobre a característica de cada fase. Ao longo da história deixou sempre espaço para a intervenção das crianças.

11h35 - Mostrou dois filmes de pouca duração: Dock descobre as fases da Lua; O Ratinho e o Leão que relatavam o mesmo conteúdo.

**15h00 - Expressão plástica: Pintura**

A educadora entregou uma proposta de actividade, com figuras geométricas. Depois de explicar o que deviam fazer pediu que as estagiárias acompanhassem as crianças com mais dificuldade.

### **Inferências**

Durante as actividades deste dia, foram evidentes algumas noções que foram transversais a todas as áreas e domínios, tais como: a noção da cor, a associação dos objectos da mesma cor, a noção de quantidade, a estruturação espacial e o conceito número. A educadora expôs as actividades de uma forma criativa e pediu a colaboração das crianças e estas participaram com muito interesse. A este respeito Aranão (1996, p.35), confirma que “ *basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça. As sugestões do educador podem surgir após a iniciativa criativa da criança*”.

A forma como a educadora abordou os conceitos matemáticos foi oportuna para desenvolver a compreensão da matemática e despertar o gosto para a mesma. Já Wadsworth (1984), citado em Aranão (1996), faz alusão a ideia do Piaget dizendo que “ *o fracasso dos alunos em desenvolver a compreensão da matemática não implica em qualquer falta de inteligência ou habilidade para aprender os conceitos mas resulta do tipo de ensino da matemática, mesmo nas primeiras etapas de aprendizagens*”. Podemos confirmar então, que a estratégia utilizada pela educadora é o garante para a aprendizagem da matemática desde tenra idade (p.37)

**6ª Semana**

**Segunda-feira, 8 de Março de 2010**

9h10: Este foi o dia de actividade com os pais, por isso deixamos a roda mais cedo e fomos para a sala à espera que eles chegassem. A educadora já tinha tudo preparado para o efeito. Estes materiais tinham algumas partes por acabar que foram completados ao longo da actividade.

9h40 - Entraram os pais que estiveram no recreio à espera, sentaram-se nas cadeiras à volta das crianças.

**9h50 - Iniciação à Matemática: Blocos Lógicos e Material Alternativo**

A educadora começou por convidar as crianças a estarem atentas para mostrar aos pais que sabiam muito e que são os melhores do mundo. Entregou aos pais uma folha com algumas indicações, que através da interacção com a educadora deram o seu contributo na realização das várias actividades. Realizou actividades que abrangeram as três áreas de conteúdos, começando pelas actividades na área de Matemática.

Observou com as crianças, o material alternativo que tinha disposto na parede e identificou o nome do material: Blocos Lógicos. Observou as peças e suas características.

Utilizando duas personagens “fadinha” e a “bruxa”, inventou uma história que serviu de suporte à realização de vários exercícios. Continuou a explorar as características das peças de blocos lógicos, através de várias estratégias, e foi completando as partes da casinha, colocando as peças segundo as formas e tamanhos de cada espaço que ia preenchendo. Fez sequências, efectuou contagens, trabalhou o conceito par e atribuiu o número correspondente à quantidade aos materiais que ia utilizando. Ao longo desta actividade alguns pais ditaram exercícios, que ajudaram à realização de cálculos mentais.

10h15: As crianças continuaram sentadas no mesmo lugar e lancharam. Entretanto, cantaram para os pais a canção dos planetas o que eles escutaram com muita satisfação. Neste espaço de tempo eu e as outras estagiárias, fomos buscar o material para a actividade seguinte.

**10h25: Expressão Motora: “Dança do limbo “**

Esta dança consiste em atravessar por baixo de uma “ponte” dançando. Os pais dançaram com o/a respectivo/a filho/a. Todos participaram num clima de diversão familiar.

**11h00: Expressão Plástica: Decoração de uma T-shirt para recordação**

A educadora distribuiu em grupo os pais e os respectivos filhos, pelas mesas onde estavam dispostos todos os materiais necessários: tintas, pincéis e carimbos com figuras diferentes, para efectuarem a estampagem. As T-shirt já tinham sido trazidas pelas crianças e a educadora tinha estampado em cada uma, imagens de um menino com uma menina de mãos dadas e escrito uma frase: “Os meus pais vieram à escola “. As crianças estavam muito entusiasmadas na feitura desta actividade.

11h50 - Entretanto tendo terminado esta actividade algumas crianças foram-se embora com os pais, porque já não quiseram continuar na escola, naquele dia.

**11H30 - Estimulação à Leitura : “A casa da Mosca Fosca”**

A educadora tinha preparado fantoches de vara com as figuras retiradas do livro. Os pais deviam dar vida aos seus fantoches.. Alguns mostraram-se pouco à vontade mas acabaram por aceitar, mostrando cada um a sua expressividade e as crianças escutaram de uma forma dinâmica.



*Figura 13 - Actividades realizadas com a presença dos pais.*

## Inferências

A meu ver todas as actividades realizadas pela educadora, esta manhã, foram pertinentes para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Os materiais eram apelativos e foram muito bem aproveitados. A educadora usou diversas estratégias adequadas à idade dos alunos.

A presença e a participação dos pais nas actividades, são oportunidades imprescindíveis, para o desenvolvimento integral da criança/aluno. Eles são os agentes primordiais da acção educativa, juntamente com professores/educadores. As Orientações Curriculares (1997, p.22), mencionam um dos princípios gerais afirmado na Lei-Quadro, que considera a educação Pré –Escolar como “*complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação*”.

## Fundamentação

### **2.1.10. A interacção Família Escola**

Para Marques (2001), a aproximação dos pais aos professores é a garantia para o equilíbrio nas relações mútuas, e compreensão por parte dos pais do desempenho do professor.

*A aproximação dos professores aos pais e o envolvimento destes no apoio educativo aos filhos pode contrariar aquela desagradável tendência, libertando o professor de certas exigências e fazendo com que os pais voltem a assumir as suas funções tradicionais de primeiros educadores das crianças.(p. 16)*

Nesta perspectiva, já o Concílio do Vaticano II, Declaração Gravissimum Educationis (1967,p.470), afirmava que:

*Os pais, pelo facto de terem dado a vida aos filhos, assumem gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores [. . . ]. O dever de educar, que pertence primariamente à família, precisa da ajuda de toda a sociedade.*

Na mesma ordem de ideias, Wojtyla (1994), afirma: *a educação é (...) uma oferta de humanidade por parte de ambos os pais: estes comunicam juntos a sua humanidade madura ao recém-nascido, o qual, por sua vez, lhes dá a novidade e o frescor da humanidade que traz consigo ao mundo.* (1994, p. 66)



Pude observar a satisfação das crianças perante a participação dos pais nas diversas actividades. Para além de ter sido um momento de segurança, tornou-se num momento de intercâmbio de saberes. Os filhos demonstraram o conhecimento adquirido com muita segurança, o que deu aos pais também, uma grande satisfação.

Neste sentido, sublinho a ideia de Marques (2001) que diz:

*Quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento escolar (...). Quando falamos em colaboração da escola com os pais, estamos a falar de muitas coisas. Nos Jardins-de-infância e nas escolas do ensino básico, começa a ser vulgar a participação dos pais em actividades escolares (...). O envolvimento dos pais não só traz benefícios ao aproveitamento escolar dos alunos. como aumenta a motivação dos alunos pelo estudo. Ajuda a que os pais compreendam melhor os esforços dos professores. Melhora a imagem social da escola. Reforça o prestígio profissional dos professores. Ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis, ou seja, ajuda os pais a serem melhores pais. Da mesma forma ajuda os professores a serem melhores professores (p.20)*

Considerando a ideia de Marques, concordo com Oliveira (2002), que confirma que hoje mais do que nunca é necessário educar os pais para que possam cumprir a sua delicada missão de educadores. Apesar de haver uma grande preocupação das escolas na preparação dos técnicos de toda a ordem, não teve ainda a preocupação suficiente em preparar os futuros pais para a arte e ciência de bem educar. Todavia, não faltam teorias que abordam esta questão e insistem na necessidade não apenas de educar os pais, mas também de preparar os professores para uma melhor relação com os encarregados da educação. A educação é uma ciência e uma arte, assim sendo, exige do educador o saber, o suficiente auto conhecimento e a auto-aceitação de si mesmo, olhando para o hoje.

### **Terça-feira, 9 de Março de 2010**

#### **9h30 - Iniciação à Matemática – Material Alternativo**

Neste dia efectuei uma aula programada no Domínio da matemática, observada e avaliada pela equipa da supervisão pedagógica. A planificação desta aula, assim como a sua inferência e fundamentação encontram-se no Capítulo das planificações.

### 10h00 - **Educação Musical**

Juntaram-se os Bibes amarelo A e B, na mesma sala para a aula de música. As minhas colegas e eu não pudemos assistir a esta aula, pois em simultâneo tivemos a reunião com a equipa supervisora, para a avaliação da minha aula e das outras colegas.

### 11h10 - **Expressão Plástica e Informática**

Como consta no horário, a esta hora as crianças tiveram a aula de Expressão Plástica e Informática. Como sempre, dividiu-se a turma em dois grupos, enquanto um foi para a aula de informática, o outro ficou na sala numa actividade de expressão plástica, em que realizaram uma dobragem em Origami. Entretanto chegou o outro grupo e revezaram-se.

### 15h20 - **Conhecimento do Mundo: Sistema Solar**

Esta foi uma aula de treino realizada por duas colegas do 4º ano de Licenciatura em Educação de Infância. Apresentaram um PowerPoint com imagens e conversaram com as crianças sobre os vários planetas e suas características. Ao longo da aula, as colegas foram interagindo umas com as outras. Além da imagem dos planetas, mostraram também a imagem de um cientista com um telescópio, comentando as suas funções.

## **Inferências**

Por se tratar de um dia em que a parte de manhã, foi preenchida com aulas supervisionadas, o resto do dia correu com normalidade. Como habitual, o momento de avaliação das aulas supervisionadas em grande grupo, é uma mais valia, pelo facto que proporciona a partilha das estratégias utilizadas nas várias aulas, os pontos fortes e fracos percebidos nas mesmas, com as respectivas observações e achegas, por parte dos supervisores.

Neste sentido Zabalza (1998), comenta que:

*A capacidade de avaliar processos capacita, além disso, o professor/a de mecanismos necessários para ser realmente construtor do seu trabalho e sentir-se protagonista do mesmo e do seu aperfeiçoamento: sabendo como avaliar o trabalho que faz ele terá em suas mãos os dados necessários para saber quais são os pontos fortes e os pontos fracos do mesmo. A sua própria responsabilidade profissional o levará a iniciar os passos necessários para melhorá-lo. (p.16)*

As actividades realizadas após a aula supervisionada, proporcionaram momentos diversificados de aprendizagem, de uma forma harmoniosa.

### **Quarta-feira, 10 de Março de 2010**

#### **9h40 - Iniciação à Matemática: material estruturado Cuisenaire**

Com as crianças sentadas nos respectivos lugares, a educadora distribuiu o material Cuisenaire pelas mesas. Posteriormente, colocou a questão sobre o nome do material, e se as peças eram todas iguais.

Auxiliando-se de um instrumento musical (tambor) tocou, dirigindo-se a uma criança, perguntou quantas vezes tinha tocado e esta respondeu duas. Pediu para tirarem a peça que valia 2 unidades e seguidamente, que fossem buscar a peça que valia 1 unidade e colocar ao pé da outra. Acrescentou: “ tínhamos duas peças e juntamos uma, com quantas unidades ficamos ao todo? As crianças tiveram dificuldade em responder à questão. A educadora disse para pegarem na peça que valia 3 unidades e colocar as outras duas peças em cima.

Com esta estratégia conseguiu que as crianças chegassem ao raciocínio. Posto isso, tocou outra vez o instrumento, repetiu o mesmo exercício. Desta vez as crianças responderam correctamente. Mandou arrumar o material e deu por terminada esta aula.

#### **11h00 - Estimulação à Leitura: “O Coelhoinho Tremeliques”**

.A educadora contou a história através do Livro, ao longo da qual envolveu as crianças, pedindo para repetirem algumas palavras e fazerem gestos.

#### **15h10 – Realização de Propostas de Trabalho**

### **Inferências**

As actividades realizadas pela educadora ao longo do dia correram de uma forma feliz, na medida em que proporcionaram participação das crianças e a aprendizagem de algumas noções através dos conteúdos abordados.

Na aula de Estimulação à Leitura, a educadora utilizou o livro para contar a história, o que na minha opinião, é favorável para promover nas crianças o prazer da leitura. Figueiredo (2006), defende que:

*Os livros constituem um dos grandes prazeres da vida e são vitais para munir a criança com as palavras de que necessita para expressar sentimentos, ideias e pensamentos. . . . Todas as crianças gostam de livros. O contacto com os livros deve começar assim que o bebé se mostra capaz de os segurar nas mãos. A literatura para as crianças deve constituir uma das componentes do currículo da pré-escola. Ler livros, em voz alta, às crianças pequenas, deve ser uma prática diária dos educadores. Faz com que o livro seja um objecto de prazer. (p.49)*

Achei de muita importância a participação das crianças, nomeadamente, na aula de Estimulação à Leitura, em que a educadora deu a possibilidade de verbalizarem, repetindo palavras e fazendo gestos, um facto importante para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças, nesta faixa etária.

*Através da repetição, ela pode tentar memorizar histórias simples, como se já pudesse tornar realidade o seu desejo de ser capaz de ler. Uma criança de três anos não necessitará de ser incitada; a sua própria motivação – que muito facilmente se pode transformar em frustração – tem de ser protegida. (Brazelton e Sparrow, 2006, p.51)*

## 7ª Semana

### **Segunda-feira, 15 de Março de 2010**

9h20 - Hoje houve aulas programadas para todo o dia, realizadas por uma colega do 4ºano Licenciatura em Educação de Infância. Depois do acolhimento conduziu as crianças para a sala de aulas.

#### **9h30 - Estimulação à Leitura: “A Viagem da Sementinha Gira-gira”**

Contou a história através de imagens coloridas por ela. Foi interagindo com as crianças ao longo da história, fazendo gestos e imitando sons. Após a leitura, colocou um CD; em conjunto com a turma cantou a música do girassol.

#### **10h0 - Iniciação à Matemática: Material não estruturado - Palhinhas**

A colega fez sentar as crianças nos respectivos lugares, nas mesas. Contou uma breve história cujo título era, “A Aventura da Mimi”. Posto isto, pediu a uma criança de cada mesa que fosse procurar uma pista da cor da sua mesa, num baú que

tinha colocado num espaço da sala. Cada criança devia realizar o exercício que lhe era proposto através da pista, utilizando palhinhas. Realizou algumas situações problemáticas em que cada criança devia efectuar individualmente, no seu lugar, e ao mesmo tempo, acompanhando a representação no quadro.

#### **11h00 - Conhecimento do Mundo: As Plantas – “O girassol”**

A colega apresentou a imagem de um Girassol, explicou as partes constituintes de uma planta e o seu crescimento. Seguidamente, mostrou uma planta verdadeira de Girassol, observou e conversou com as crianças acerca da mesma. Dividiu a turma em 3 grupos, apresentou 3 vasos com terra e materiais necessários e cada grupo fez a sementeira do Girassol, para depois irem cuidando e observando o seu crescimento.

11h40: Saiu com as crianças e foi colocar os vasos num espaço do recreio onde podiam visualizar a semente a crescer.

#### **14h45-Expressão Plástica Pintura e Colagem**

Com as crianças sentadas nos seus respectivos lugares, a colega apresentou uma proposta de actividade, explicando o que deviam fazer: pintura e colagem.

#### **15h15 – Expressão Motora: Jogo –“Salta até ao Girassol”**

Marcou dois espaços no recreio e disse que um espaço seria a água, o outro o campo de girassóis. Colocou arcos no chão, em fila fingindo serem nenúfares na água e girassóis ao lado. Dividiu a turma em três equipas, formando três filas. Colocou um CD com a música do girassol, explicou que ao som da música um elemento de cada equipa, devia saltar sobre os nenúfares (arcos) até ao campo de girassóis, procurar um girassol e regressar a correr para o final da fila. Ganhou a equipa que conseguiu apanhar mais girassóis.

### **Inferências**

As actividades efectivadas pela colega foram adequadas ao grupo etário. O tema abordado foi de grande interesse das crianças que se mostraram curiosas. Utilizou materiais apelativos, em qualidade e quantidade, permitindo que as crianças observassem e manuseassem, conseguindo assim, transmitir os conhecimentos e conceitos de uma forma motivadora e lúdica em todas as áreas. Sob este ponto de vista, Formosinho (2011) argumenta:

*As observações e manipulações permitem às crianças aprofundar conhecimentos sobre o mundo, possibilitam o estabelecimento de semelhanças e diferenças, ajudam a reconhecer mudanças e a compreender fases e processos. A aprendizagem dos conceitos . . . faz-se num ambiente repleto de materiais interessantes e estimulantes que despertam os sentidos e apelam ao seu uso reflexivo. . . . As crianças observam as propriedades físicas dos materiais e as suas transformações. (p.58)*

### **Terça-feira, 16 de Março 2010**

#### **9h40 - Estimulação à Leitura : “O Elmer”**

Esta foi uma aula surpresa da educadora da sala, a uma colega do 4º ano de Licenciatura em Educação de Infância. Depois de combinar as regras, a colega leu a história a partir do livro, interagindo com as crianças. Terminada a História, fez a interpretação, com perguntas, tais como: De que cor era o elefante; se fossem elefantes como gostariam de ser; que animal gostariam de ser sem ser um elefante. Quase todas as crianças responderam, expressando a sua escolha. Para terminar distribuiu uma folha A4 e disse para cada uma desenhar o seu próprio elefante, com as cores preferidas.

#### **10h00 - Educação Musical**

Chegado o professor de Música, como habitual dispôs as crianças sentadas à volta dele e saudou-as, cantando bom dia. De seguida contou a sua rotina diária, questionando as crianças sobre as delas. Ao longo das descrições, cantou várias canções inerentes em interação com as crianças.

#### **10h40 - Matemática: Material não Estruturado - Palhinha**

Uma segunda aula surpresa foi pedida pela educadora da sala, a uma outra colega de 4º ano de Licenciatura em Educação de Infância, a qual distribuiu o material e algarismos móveis de 1 a 5. A seguir contou uma história que serviu de suporte para a realização de cálculos mentais, problemas de adição e subtração, atribuindo o número à quantidade.

#### **11h00 – Aula de Informática**

14h30 – Enquanto as crianças descansavam, as colegas que tiveram aulas surpresa na parte da manhã, reuniram-se com a educadora e comigo, para a avaliação das mesmas.

### 15h10 – Realização de Propostas de Trabalho

A educadora distribuiu uma folha A4 com uma proposta de trabalho, que continha o desenho de uma casa. Explicou às crianças que deviam realizar o grafismo do telhado da casa e a seguir, a dobragem da porta e colá-la na casa. À medida que as crianças foram terminando a actividade, iam-se agrupando numa mesa para brincarem com plasticina.

### Inferências

Em todas as actividades deste dia notou-se um ambiente harmonioso. Os conteúdos e as estratégias foram ajustados ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Durante a aula de estimulação à leitura desenvolvida por uma das colegas, achei de grande interesse o diálogo que manteve com as crianças e lhes ter dado a possibilidade de escolha. Nesta perspectiva Hohmann e Weikart (1997), sugerem que:

*Os adultos ouvem e dão atenção, apoiam, envolvem-se, e suavemente desafiam as crianças(. . .). De certa forma, os ingredientes da aprendizagem activa permitem às crianças e aos adultos agir como colaboradores/parceiros na aventura da educação . . . os adultos esforçam –se por manter uma esfera de confiança na qual as crianças se sintam suficientemente seguras para experimentar as coisas novas, dizer aquilo que pensam, identificar problemas e tentar encontrar e pôr em prática soluções .(p.239).*

### Quarta-feira, feira 17 de Março 2010

#### 9h40 - Iniciação à Matemática: material estruturado Cuisenaire

Com as crianças sentadas nos respectivos lugares, a educadora distribuiu o material Cuisenaire pelas mesas. Seguidamente perguntou qual era o nome do jogo e qual a peça mais importante. As crianças responderam o nome do material e disseram que a peça mais importante era a branca. Perguntou o porquê a uma criança, que respondeu: “é a mais importante porque serve para medir todas as outras”. Dirigindo-se a uma outra, perguntou qual era a cor da peça que vinha a seguir e quanto valia. Repetiu as mesmas questões para as peças seguintes até chegar à peça cor-de-rosa. Mas desta última, as crianças ainda não sabiam quanto valia; disse-lhes então para colocarem peças brancas em cima, para saberem o seu valor.

Seguidamente, foi buscar o seu baú, tirou peças gigantes, colocou-as no chão e pediu a uma criança para ir medir a peça rosa. A criança colocou 4 peças brancas por cima. Chamou outra, que colocou a peça rosa em cima. Chamou ainda uma, que fez o mesmo exercício no quadro, com as peças pequenas, atribuindo os números correspondentes ao valor das peças. A educadora colocou as peças gigantes em cima do armário da sala, colocando também os algarismos correspondentes.

Posteriormente, disse para medirem de novo a peça que valia 4 unidades, esclarecendo que era proibido utilizar a peça branca. As crianças fizeram tentativas até conseguirem medir a peça rosa, utilizando peças encarnadas. Todas colocaram 2 peças encarnadas que valiam duas unidades, cada. A educadora enumerou as peças.

Posto isso, a educadora disse que tinha uma amiga chamada “Gina” e mostrou a imagem de uma girafa, perguntando às crianças o nome e o seu habitat. A Gina gostava muito de comer folhas e queria comer as de uma árvore mas que era muito alta. Como fazer para lá chegar? As crianças sugeriram um escadote. Pediu para todas construírem uma escada. No final, disse para ajudarem a Gina a subir para comer as folhas, começando pelo 1º degrau. Fizeram subir e descer um degrau de cada vez, fazendo a leitura por valores.

A educadora repetiu o exercício subindo os degraus, fazendo leituras por cores e por valores. Mandou arrumar as peças e deu por terminada a aula.



*Figura 14 - Exercícios com o material estruturado Cuisenaire*

#### 10h30 - **Actividades nas áreas - Cantinhos**

As crianças dirigiram-se para as várias áreas da sala e cada uma escolheu a sua actividade.



### 11h10 - **Conhecimento do Mundo: “As Plantas”**

A educadora começou por recordar a personagem da aula anterior. Disse que enquanto estávamos no recreio a Gina esteve a dormir e de repente ouviu chamar, era a árvore a dizer à Gina que tinha muitas coisas para lhe ensinar. Seguidamente foi buscar uma árvore em grande dimensão feita em cartolina, dividida em varias partes constituintes. Observou e conversou com as crianças sobre cada uma das partes e as respectivas funções.

Mandou uma criança buscar um envelope, que se encontrava num espaço da sala. Abriu-o e tirou vários textos. Cada um continha uma adivinha correspondente às várias partes da árvores, começando pela raiz. A educadora foi lendo, à medida que as crianças acertavam as adivinhas, uma de cada vez, ia buscar a parte alusiva e mantinha-se de pé com ela na mão. Com esta estratégia acabou por formar uma árvore. A seguir colocou algumas flores e frutos na copa, com a ajuda das crianças, realizando contagem.

Para terminar chamou varias crianças e pediu para apontarem as partes da árvore, que ela ia mencionando. Esclarecendo ainda, que a raiz, serve para segurar o tronco e “chupar” a água, que era como se fosse a boca, o tronco serve para a árvore ficar direitinha. Foi buscar um caule e comparou com o tronco, dizendo que o tronco fica mais grosso e forte e serve para segurar a copa. As folhas ajudam a árvore a respirar que era como se fossem o “nariz” da árvore. Finalizou a aula fazendo uma pequena dramatização com algumas crianças que representaram a constituição de uma planta.

### 15h10: **Realização de Propostas de Trabalho**

A educadora entregou uma folha com desenhos de duas árvores para as crianças pintarem, cada parte da árvore com as respectivas cores da mesma, observadas na aula do Conhecimento do Mundo.

15h45 – Como hoje foi o meu último dia de estágio no Bibe Amarelo, a educadora fez sentar as crianças todas em semi-circulo no chão e convidou-me a ficar no meio para as crianças se despedirem de mim e eu delas. Não foi fácil convencer-me que tinha que deixar cada criança deste grupo, nomeadamente as que tinham mais dificuldades. Por serem desta faixa etária senti-me a crescer imenso ao inclinar-me para escutar o que queriam e ajudá-las.

## Inferências

A postura da educadora e as estratégias utilizadas ao longo das actividades, foram estimulantes para o desenvolvimento de inúmeras competências, através da interligação das diferentes áreas. As crianças participaram com muita satisfação na construção de seus conhecimentos, inerentes ao tema desenvolvido.

*Adoptar uma pedagogia organizada e estruturada não significa introduzir na educação pré-escolar certas práticas tradicionais sem sentido para as crianças, nem menosprezar o carácter lúdico de que se revestem muitas aprendizagens. . . o prazer de aprender e de dominar determinadas competências exige também esforço, concentração e investimento pessoal.*(Ministério da Educação, 1997 p.18)

A pedagogia utilizada pela educadora ao longo de todas as actividades no decurso do seu desempenho, leva-a a um conhecimento individualizado da criança que na minha sensibilidade é o potencial para a educação de qualidade “O conhecimento que o educador adquire da criança e do modo como esta evolui é enriquecedor pela partilha com outros adultos que também têm responsabilidades na sua educação (. . .).” (Orientações Curriculares, 1997, p. 27)

Tendo em conta as ideias acima referidas, posso afirmar a realidade que pude observar durante este período de estágio. A educadora estabeleceu sempre uma relação excepcional com as crianças de uma forma integral, na interacção e partilha constantes com as estagiárias, através das quais se verificou um enriquecimento mútuo.

## **2.2- 2ª SECÇÃO**

**Relatos do B. Encarnado Sala – A**

(faixa etária 4 anos)

2º Momento de estágio

Realizado de 22 de Março a 27 de Abril

Educadora cooperante: Elisabete Oliveira

### 2.2.1. Horário Lectivo da turma

- Quadro 4 – Horário Lectivo da Turma Bibe Encarnado A

Bibe Encarnado A	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
1º Tempo (manhã)	Acolhimento às crianças				
	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática Cerâmica *
	Hora do conto: estimulação à leitura/teatro de fantoches				
	Suplemento alimentar				
	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Ginástica (10h50/11h50)
12.00	Higiene pessoal/Almoço				
2º Tempo (tarde)	Recreio orientado e livre				
	Educação Musical (14.30/15h)	Informática (14h/16h) Picotagem/dobragem	Rasgagem Colagem	Actividades Plásticas	Clube Europeu/Experiências
	Modelagem com Terracota e outros materiais	Enfiamentos Entrelaçamentos	Estruturação Espacial	Desenho livre/orientado	Puzzles e jogos de mesa
16.00	Lanche/Saída				

### 2.2.2. Caracterização da turma

Por uma questão de integridade, esclareço que a informação e dados apresentados na caracterização da turma do Bibe Encarnado A, foram concedidos pela educadora responsável da turma. Esta tem 29 alunos; é relativamente homogénea em termos de idades: todas as crianças nasceram entre Janeiro e Dezembro de 2005. Quanto ao género, há 13 rapazes e 16 raparigas.

A nível cognitivo: os elementos da turma não revelam grandes disparidades de aprendizagem e comportamento, muito embora existam algumas crianças com mais dificuldades e outras mais desenvoltas (a nível cognitivo, de raciocínio lógico, de psicomotricidade, de socialização). A turma é bastante interessada, colaborativa e participativa, em todas as actividades. É uma turma em que é agradável trabalhar. Há alunos com grande capacidade criativa e imaginativa; são atentos de um modo geral e denotam capacidade de memorização e de associação de ideias. Apresentam facilidade de comunicação e um bom vocabulário. A nível sensório-motor denotam bom desenvolvimento, demonstrando boa orientação espacial e coordenação motora.

A nível afectivo: a turma revela-se sem grandes problemas de relacionamento entre os elementos que a constituem, havendo grupos de interesses para partilharem brincadeiras e conversas, grupos estes que desejam manter-se em todas as situações. Por vezes é necessário contrariar esses grupos, para melhorar a dinâmica do grupo grande e o desenvolvimento de cada criança.

Com a educadora relacionam-se de forma carinhosa e exteriorizam esse seu lado meigo diariamente, com desenhos, com palavras, afectos ou outras atitudes.

O nível sócio-económico da turma apresenta-se média alta; os pais distribuem-se por dois níveis de formação: superior e secundária. Os pais e mães que possuem formação universitária, têm profissões que se situam entre as seguintes: bancários, engenheiros, empresários, professores, arquitectos, investigadores e técnicos superiores. Os pais e mães que são detentores do ensino secundário apresentam profissões ligadas aos serviços: técnicos, secretariais e administrativos.

### 2.2.3. Caracterização do espaço

*“Os ambientes que promovem a aprendizagem activa incluem objectivos e materiais que estimulam as capacidades de exploração e criatividade das crianças”.*

(Hohmann & Weirkart, 1997, p.160)

O grupo etário, 4 anos (Bibe Encarnado), tem como espaço (sala de aula), o salão polivalente da escola. Um espaço amplo que serve para várias funções, de entre elas, o acolhimento em grande grupo, a primeira rotina da manhã das crianças deste Jardim-Escola, de faixas etárias compreendidas entre os 3 e 5 anos. É o espaço onde trabalham as crianças dos dois Bibes Encarnados (A e B) e por vezes à hora do almoço a sala é transformada no refeitório para as crianças dos outros Bibes. Um espaço amplo, que está dividido por um biombo. Um dos lados é destinado às crianças do Bibe Encarnado A; o outro lado pertence ao Bibe Encarnado B. Nos dois lados existem locais com armários onde estão dispostos os materiais, não exclusivos, para os dois grupos, mas partilhados pelos diferentes Bibes e salas. Sobre este aspecto, Formosinho (2011), sugere que:

*Pensamos o espaço como um território organizado para a aprendizagem; um lugar de bem estar, alegria e prazer. Procuramos que o espaço pedagógico seja aberto às vivências e interesses das crianças e comunidades; seja organizado e flexível; plural e diverso; seja estético, ético, amigável; seja seguro, lúdico e cultural. (p.11)*

O espaço/sala do Bibe Encarnado não é tão colorido como a sala do Bibe Amarelo. Porém, existem expositores com decorações, muito apelativas, com motivos de algumas épocas e festividades, elaborados pelas estagiárias ou educadoras e várias actividades feitas pelas crianças, que são expostas ao longo do ano, que a meu ver, são de estímulo para elas. Apesar do aparente desconforto que por vezes possa aparecer e vivenciar, visto que é um espaço polivalente em oposição aos espaços únicos. Formosinho (2007), mencionado em Formosinho (2011) confirma as vantagens que advêm deste espaço:

*A sala de actividades não tem um modelo único, tal como não tem uma organização totalmente fixa desde o início do ano lectivo até ao seu final. . . . A organização do espaço com os respectivos materiais visíveis, . . . é uma forma poderosíssima de passar mensagens implícitas à criança . . . permite –se à criança experienciar o Mundo de diversos ângulos, fazer dessa experiência uma aprendizagem significativa, e permite ao educador uma consonância entre as mensagens verbais e não verbais, uma coerência entre o currículo explícito e implícito, uma facilitação das propostas, uma escuta dos propósitos das crianças. (p.12)*

Tendo em conta a ideia deste autor, podemos concluir que as crianças que usufruem deste espaço, como as crianças dos dois Bibes Encarnados, que passam a maior parte do seu dia nele, privilegiam o desenvolvimento de uma maior capacidade de concentração e socialização. Um factor que pude observar ao longo da permanência neste espaço e grupo.

#### 2.2.4. Relatos Diários

Os relatos da 2ª secção, resumem-se na descrição de 4 semanas de aulas, observadas no segundo momento de estágio.

### 1ªSemana

#### Segunda-feira, 22 de Março de 2010

Foi o meu primeiro dia de estágio no Bibe Encarnado A, onde estavam também, três estagiárias do 4º ano de Licenciatura em Educação de Infância. Durante a manhã deste dia, realizaram-se actividades de Iniciação à Matemática, Estimulação à Leitura e Conhecimento do Mundo, assistidas e avaliadas pela equipa da supervisão pedagógica.

A primeira estagiária, deu a aula de **Iniciação à Matemática**, com o material estruturado **IVº Dom de Froebel**, que teve início às 9h40. Com o material disposto no centro das mesas, uma caixa para cada criança, deu início à aula, colocando questões sobre o nome do material e a seguir disse que as peças tinham a forma de um sólido geométrico e como se chamava esse sólido? Paralelepípedo. Quantas peças eram? A criança a quem se dirigiu teve uma certa dificuldade; a colega pediu que contassem as peças. Todas verificaram que tinham 8 peças.

Depois desta introdução, inventou uma história que serviu de suporte às construções que ia realizando. Construiu o banco do jardim, e perguntou quantos pares de paralelepípedos utilizaram para construir o encosto e o assento do banco. Seguidamente, disse que tinha um balde com 7 bocados de carne e o tigre comeu 3. Com quantos ficou, pedindo a uma criança para ir representar os cálculos no quadro, enquanto ia conversando com as outras, sobre o mesmo problema. A seguir fez as

construções do poço e do carrossel, introduzindo vários cálculos mentais, contas de somar dividir e subtrair.

A segunda colega deu uma aula na área do **Conhecimento do Mundo**, cujo tema era: **Os animais da selva – O elefante**.

Mudou as crianças de posição, fazendo alguns exercícios de relaxamento e iniciou a aula. Disse às crianças que ia falar de um animal do jardim zoológico e utilizou também a estratégia de uma adivinha, para a descoberta do animal que ia abordar. Mostrou imagens no Power Point, conversou sobre as suas características e explicou que os elefantes andavam sempre em grupo e que a um grupo de elefantes, dá-se o nome de manada. Perguntou onde é que eles vivem esclarecendo que costumamos vê-los no Jardim Zoológico, mas, que o habitat natural destes animais é a Savana, na selva. Alimentam-se de folhas, ervas e frutos.

Explicou ainda que a tromba serve para irem buscar água para se lavarem, beberem, trazer comida à boca, se cumprimentarem e se defenderem, acrescentando que eles têm muita força. Mostrou ainda, a imagem de um homem e um elefante, comparando os pesos. Nesta altura conduziu as crianças para as mesas e distribuiu envelopes com puzzles para construírem a imagem de um elefante.

A estagiária terminou, fazendo passagem para a terceira colega, que deu uma aula de **Estimulação à Leitura: “O Rei da Selva”**. Esta, contou a história através de um livro grande, com as imagens desenhadas por ela. Pediu às crianças para fazerem os gestos e imitarem o som de cada animal que ia aparecendo. Quando terminou, pediu a algumas crianças para fazerem a releitura da mesma.

11h25 - Seguiu-se a reunião de avaliação com os supervisores.

A tarde deste dia foi preenchida com actividades no **Domínio da Expressão Plástica**. A educadora distribuiu uma proposta de actividade às crianças, com o tema alusivo à Páscoa e em simultâneo, pediu às estagiárias para pintarem um painel, com o mesmo tema.

Segundo o plano diário, das 14h30 às 15h00, deveria haver a aula de Iniciação Musical, mas o professor faltou.



## Inferências

As aulas desta manhã, de um modo geral, foram conseguidas. As colegas combinaram as regras com as crianças, recordando-as ao longo das actividades, mantendo uma postura adequada. Fizeram a passagem ordenadamente e as crianças estiveram sossegadas e participativas. Neste sentido Zabalza (1998) diz que, “os adultos devem estar atentos aos momentos de transição, para evitar que as crianças fiquem sem saberem o que fazer quando acaba uma actividade e ainda não começou a seguinte. Assim contribui-se para prevenir as situações de conflitos”. (p.190)

A colega que deu a aula de Iniciação à Matemática, foi dinâmica e criativa. Utilizou várias estratégias no decorrer da aula, através das quais realizou muitos cálculos mentais e situações problemáticas. Da mesma forma, a que deu a aula do Conhecimento do Mundo, foi clara na sua exposição, utilizou imagens reais e conseguiu cativar a atenção das crianças, apesar da aula ser de carácter expositivo. A meu ver, devia proporcionar materiais, que permitissem às crianças o manuseamento. Segundo as Orientações curriculares para a Educação Pré-escolar (1997), “O tratamento desta área não visa promover um saber enciclopédico, mas proporcionar aprendizagens pertinentes com significado para as crianças que podem não estar obrigatoriamente relacionadas com a experiência imediata”. (p.85)

A outra colega, que fez a Estimulação à Leitura, foi muito meiga e tentou envolver as crianças ao longo da história. As imagens que utilizou eram grandes e apelativas o que é muito positivo para captar a atenção. Azevedo (2007, p.27), refere a qualidade dos livros para estimular à leitura:

*(...).Consiste em versões de grandes dimensões de livros de histórias conhecidas, poemas ou canções. As palavras encontram-se impressas com letras de grande formato de forma a serem apresentadas pelo educador e visíveis por cada criança numa actividade colectiva.*

Achei interessante a colega ter convidado as crianças para fazerem a releitura da história. Marques (2001), confirma esta ideia, dizendo que, “é uma actividade agradável para as crianças de 4 e 5 anos de idade (. . .)”. (p.38)

**Terça-feira, 23 de Março de 2010**

9h35 - A educadora deu uma aula na área do **Conhecimento do Mundo**, tendo como tema: **As árvores de frutos e os frutos**. Colocou no ambiente da sala, três árvores de frutos em esferovite - pereira, laranjeira e macieira - cada qual carregada dos respectivos frutos. Interrogou as crianças sobre as árvores de frutos que conheciam e a seguir chamou três, uma de cada vez, para irem contar quantos frutos tinham as árvores que estavam ali representadas.

Mostrou frutos verdadeiros e à medida que os ia mostrando, perguntava o nome da árvore que dava esse fruto. Fez o jogo dos sentidos, chamando algumas crianças, a quem vendou os olhos. Colocou-lhes em frente um cesto com frutos e pediu para retirarem um e identificarem a forma, a textura e o cheiro. Observou as características de cada fruto e comparou os tamanhos. Realçou o cuidado que devemos ter em lavá-los antes de os consumir e a sua importância para a saúde. Terminou, preparando uma salada de frutas com a colaboração das crianças.

10h10 - A educadora realizou a actividade de **Expressão Motora** ao ar livre. Pediu a colaboração das estagiárias para levarem as três árvores para o recreio. Formou três equipas e realizou o jogo da apanha dos frutos.

11h05 - Regressamos à sala e a educadora deu uma aula de **Iniciação à Matemática**, utilizando o material alternativo.

Pondo as crianças em círculo, sentadas no tapete, colocou um arco no meio, com várias imagens (flores, borboletas). Explorou as propriedades do material, a forma e a cor. Trabalhou a teoria de conjunto, comparando os elementos entre si. Perguntou o que era o cardinal de um conjunto. Continuou a trabalhar alguns conceitos matemáticos: par/ impar, dúzia/meia dúzia, realizando cálculos mentais e situações problemáticas, efectuando no quadro contas de multiplicação, adição e subtracção. o que as crianças fizeram sem hesitar.

14h00 - **Aula de Informática**. A turma foi dividida em dois turnos. Sendo assim, enquanto um grupo foi para o computador, o outro realizou propostas de actividades na área de Expressão Plástica.

## Inferências

As actividades sobre “ **Seres Vivos**” realizadas neste dia, foram de grande valor para a aprendizagem e o desenvolvimento do raciocínio da criança. A educadora manteve ao longo das aulas uma postura dinâmica, criativa, alegre, que de estimulou à participação por parte das crianças. O tema abordado foi de grande interesse assim os materiais utilizados, ligados ao dia-a-dia das crianças. “*Os animais e as plantas fazem parte do dia-a-dia das crianças através de um contacto mais ou menos directo, quer seja em casa, no Jardim-de-infância ou que observem em visitas.* (Martins, 2009, p.79)

As estratégias utilizadas na realização de cada aula, provocaram grande envolvimento, de uma forma lúdica. Neste sentido, Martins et al., (2009, p.20), afirmam que, “ *questionar a criança, sem a pressionar, é uma forma de a orientar na sua aprendizagem e de lhe permitir reflectir sobre o que faz e o que observa*”.

### **Quarta-feira, 24 de Março 2010**

9h40 - Esta manhã foi preenchida com actividades realizadas pela educadora da sala, que deu a aula na área do **Conhecimento do Mundo**, abordando o tema “**Os legumes.**”

Levou as crianças à cantina, disse que ia falar de algumas plantas que servem para fazermos a sopa. Perguntou como se chamavam essas plantas, a que as crianças responderam: legumes. Apresentou uma mesa com vários tipos de legumes e na medida que ia pegando num, perguntava o nome e fazia observações sobre as suas características. Perguntou ainda como se chamava a pessoa que cultiva os legumes. A educadora abriu uma enciclopédia de imagens e mostrou a cada criança, a imagem de um agricultor a fazer plantações e uma estufa com os legumes, explicando que estes se desenvolvem mais depressa nas estufas. A seguir simulou a feitura de uma sopa.

10h10 - **Expressão Motora: jogo de movimento – “A apanha dos legumes”**. A educadora formou duas equipas: uma de meninos e outra de meninas tendo cada uma, um chefe que atribuiu o nome ao grupo. Entregou um cesto e um chapéu a cada chefe do grupo. Ao sinal dado, devia partir a primeira criança, com um cesto na

cabeça e a saltar, até ao arco, onde se encontravam os legumes. Apanhar um legume e regressar à sua equipa, entregando o cesto à criança que vinha a seguir. Terminado o jogo, a educadora fez contagens e explorou os conceitos: meia dúzia, meia dezena, números pares e ímpares.

11h05 - De regresso à sala, a educadora realizou a actividade de **Estimulação à Leitura**. Contou a história através de um livro grande, com a forma de um nabo, que se intitulava “**O Nabo Gigante**.” Utilizou imagens móveis retirados do livro, colocando-as de novo no lugar certo à medida que ia lendo a história. Fizeram gestos, imaginando as personagens e imitaram o som dos animais presentes na história.

14h15 – Os alunos do 4º ano do ensino básico, deste Jardim-Escola, realizaram uma actividade de **Estimulação à Leitura**. Utilizando fantoches, contaram a história do “Coelhinho Assustado”. A seguir, um outro grupo contou a história da “Casinha de Chocolate”, com fantoches e imagens criadas pelo próprio grupo.

14h45 – A educadora distribuiu uma **proposta de actividade** para as crianças realizarem o grafismo e depois pintar as figuras que estavam representadas.

15h30 - Juntamente com a educadora, eu e as minhas colegas organizamos um jogo de grupo, no recreio,.

### Inferências

O tema abordado pela educadora da sala, na área do Conhecimento do Mundo foi transversal a todas as áreas, dando continuidade à actividade sobre os seres vivos. Um tema familiar às crianças, tendo como objectivo despertar a curiosidade na área das ciências e inculcar certos hábitos inerentes à alimentação, higiene e saúde.

Nesta perspectiva, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, argumentam que a multiplicidade de aspectos englobados pelo Conhecimento do Mundo, a diversidade de possibilidades que oferece, exigem que:

*O educador escolha criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança. (p.83)*

Na actividade de Expressão motora, o jogo de movimento orientado pela educadora, no meu entender, foi excelente para o desenvolvimento de: atitudes de cooperação da criança em relação aos pares; a coordenação inter-segmentar; as noções de espaço/tempo; a lateralidade e a coordenação óculo-manual e óculo-pedal. Elementos essenciais para o desenvolvimento motor das crianças nomeadamente nesta faixa etária. Papalia, Olds & Feldam (2003), sustentam que, “*as crianças entre os 3 e os 6 anos, fazem grandes progressos nas suas competências motoras tanto as competências motoras grossas, como correr ou saltar, como as competências motoras finas, como abotoar e desenhar*”.(p.286)

## Fundamentação

### **2.2.4.1. A Expressão Motora: Importância do Jogo de movimento**

O jogo de movimento é de suma importância na idade Pré-Escolar, visto que é uma das actividades que contribui para desenvolvimento motor da criança. Por isso retenho de grande interesse, fundamentar a sua importância. Segundo as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar escolar, (1997):

*O corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem. Tendo em conta o desenvolvimento motor de cada criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global de aprendizagem de exercício tanto da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo. Ao entrar para a educação pré-escolar a criança já possui algumas aquisições motoras básicas, tais como andar, transpor obstáculos, manipular objectos de forma mais ou menos precisa. (p. 58)*

Seguindo a mesma linha de ideias, Sousa (2003, p.71), refere que:

*No seu desenvolvimento, a criança parte do conhecimento do seu próprio corpo para o conhecimento do mundo que a rodeia e, mesmo nas formas mais complexas de percepção do meio, ela toma como ponto de referência o seu próprio corpo. Sem quase ser necessária qualquer motivação do adulto, a criança evolui, formando o seu esquema corporal, levada pelas suas pulsões internas e pelas suas necessidades de movimento e actividade lúdica.*

Ainda as Orientações Curriculares, confirmam que:

*Há diversificação de formas de utilizar e sentir o corpo – trepar, correr e outras formas de locomoção, bem como deslizar, baloiçar, saltar a pé juntos ou num só pé, podem dar lugar a situações de aprendizagem em que há um controlo voluntário de movimento . . . . A exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes seguimentos do corpo, das suas possibilidades e limitações. (p.58)*

Serrano (2002, p.60), conclui que, “o jogo permite – nos analisar a criança no seu todo, tanto a nível Motor e Afectivo como Social ou Moral”. Para completar este pensamento, as Orientações Curriculares, salientam que os jogos de movimento com regras progressivamente mais complexas, são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem.

## 2ª Semana

### Segunda-feira, 12 de Abril de 2010

9h40 – A educadora deu uma aula de **Iniciação à Matemática**, utilizando o **material Cuisenaire**. Enquanto distribuía o material foi conversando sobre o seu nome e perguntou se as peças eram todas iguais, destacando as características destas. Pediu para construírem uma escada por ordem crescente. Pediu às crianças para fazerem a leitura por cores e por valores e ainda, por ordem crescente, só os de valor par e a seguir só os de valor impar.

Apresentou as peças gigantes, feitas em esferovite e pediu a uma criança para as colocar pela mesma ordem. De seguida, utilizou um instrumento musical, ferrinho, na medida que o ia tocando, as crianças contavam os sons ouvidos. Perguntou qual a peça que tinha o valor correspondente à quantidade de sons acabados de ouvir e mandou retirá-la. Repetiu este exercício várias vezes, conforme ia retirando as peças. Realizou ainda a construção de escadas por ordem crescente e decrescente efectuando leituras por cores e valores.

Fez ainda o jogo do comboio, fazendo a leitura por cores e valores, pedindo a uma criança para ir ao quadro, e esta escreveu o valor das peças e fez a seguinte leitura: uma peça encarnada que vale duas unidades, e uma peça verde-clara que vale três unidades, equivalem a cinco unidades, fazendo a representação numérica:  $2+3=5$ .

A educadora improvisou uma história que serviu de suporte a vários cálculos mentais: “Era uma vez um menino chamado João. A mãe mandou-o comprar quatro tubérculos (4 batatas)”. Disse às crianças para irem buscar a peça que valia 4 unidades e colocarem, na posição vertical, a peça cor-de-rosa. O João comprou meia dúzia de aboborinhas. Quanto era meia dúzia? 6 Unidades. As crianças colocaram a peça verde-escuro. A mãe do João mandou comprar ainda uma dezena de cebolas e meia dezena de alhos franceses. Perguntou qual a cor da peça que valia uma dezena e a que valia meia dezena e disse para as irem buscar. Comparou as peças, perguntando quais os legumes mais comprados pelo João.

Estava na hora do lanche. A mãe preparou um bolo de chocolate e cortou em 10 fatias. O João e a sua irmã Maria, comeram 2 fatias de bolo. Quantas fatias ficaram. A educadora disse às crianças para colocarem em horizontal as peças correspondentes aos cálculos. Enquanto colocavam as correspondentes às unidades, mandou uma criança representar no quadro:  $10-2=8$

A educadora disse que ia ter visita da avó materna do João e da Maria, perguntando se ela era a mãe do pai ou da mãe. A avó trouxe 6 berlindes e ainda foi buscar outros 2. Quantos doces tinham no total. As crianças colocaram as peças encarnadas e verde no horizontal, enquanto uma foi representar no quadro:  $6+2=8$ .

11h05 – **Conhecimento do Mundo: Os animais: “os felinos”**. A educadora começou por dizer que os cientistas separaram vários tipos de animais e naquele dia, ia falar dos animais mamíferos. Convidou as crianças a pensarem nos animais mamíferos que conhecem e suas características específicas. Mostrou várias imagens de animais felinos no PowerPoint e explorou as suas características, habitat, alimentação e cria.

#### 14h30 – **Educação Musical**

Auxiliando-se de um CD de música, a professora cantou várias canções com os meninos, ao longo das quais foi introduzindo uma história inventada, que relatava a rotina diária, fazendo vários gestos e coreografias.

15h10 – Proposta de actividades no domínio de **Expressão Plástica: grafismos**

## Inferências

Durante as actividades deste dia, a educadora abordou conceitos importantes para o conhecimento das crianças. Achei demasiados os conceitos abordados no domínio da Matemática para esta faixa etária. Porém, a forma lúdica como foram apresentados e a qualidade do material utilizado para a transmissão dos conceitos, contrariaram a minha perspectiva; para as crianças tratava-se dum momento de jogo, pois, estavam entusiasmadas e divertidas.

Aranão (1996), vem afirmar que, *“Com todo o universo de materiais à disposição da criança e do professor é possível executar um excelente trabalho para o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, independentemente de exercícios repetitivos e enfadonhos, estereotipados em livros didácticos e em folhas”*.

A meu ver, não basta ter muitos materiais mesmo que sejam de qualidade, se o professor/educador não estiver munido de competências para o seu desempenho. Hohmann e Weikart (1997), confirmam esta ideia comentando que, o relacionamento activo das crianças com materiais e pessoas envolve-as, naturalmente, nas experiências essenciais da aprendizagem. Por sua vez, os adultos que compreendem a relevância destas experiências, podem usá-las para moldar o seu trabalho, adequando-o à necessidade do grupo.

### Terça-feira 13 de Abril de 2010

9h45 – A educadora começou por recordar com as crianças a actividade realizada no dia anterior, com o material *“Cuisenaire”*. A seguir distribuiu o material estruturado **IIIº Dom de Froebel**, perguntando o nome das peças e quantas eram? As crianças responderam que são cubos e eram oito peças. Quanto pares? Quatro. Quantas faces? Oito. As faces tinham a forma de que figura geométrica? De quadrado.

Posteriormente, distribuiu uma imagem a cada criança, enquanto ia contando a história de uma menina chamada Constança, que precisava de uma cama para descansar. As crianças construíram a cama para a Constança. A Constança tinha em cima da cama: quatro almofadas cor-de-rosa e 8 cor de laranja. Quantos pares de almofadas tinha a Constança? Seis pares. Tinha mais almofadas rosas ou laranja? Laranja. Oito, é um número par ou ímpar? Par.



*A mãe da Constança tinha umas lindas mobílias na sala de visitas. Disse às crianças para construírem as mobílias e fazerem sentar a Constança numa cadeira. Na casa Constança, vivia a avó materna, o avô materno, ela e a mãe. Quantas pessoas viviam ao todo na casa da Constança? Quatro.*

O avô da Constança estava muito cansado. Disse às crianças para construírem o cadeirão do avô. *O avô tinha duas almofadas, mas como tinha tantas dores, utilizou mais quatro*". Quantas meias dúzias de almofadas tinha o avô? Uma meia dúzia. Pediu a uma criança para ir ao quadro representar o cálculo:  $2+4 = 6$ .

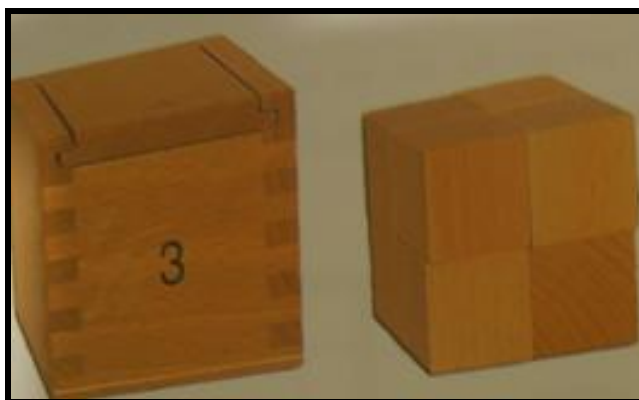
A educadora ditou ainda outra situação problemática. A Constança tinha quatro anos, num fim-de-semana, pediu ao avô para lhe contar uma história. Foi à estante e contou doze livros. Quantas dúzias de livros a Constança tinham na estante? Se ela tivesse lá duas dúzias, quantos tinha ao todo? Uma criança respondeu 24 e a educadora deu-lhe uma pequena lembrança, por ter respondido a um problema difícil. A seguir perguntou à mesma, como se representava o número e pediu para ir escrever no quadro. A criança escreveu:  $12+12=24$ . Continuou ditando situações problemáticas e fez ainda construções: coluna com base, muro baixo, muro alto e cadeirão do avô. A educadora prosseguiu com vários exercícios, realizando cálculos mentais, fazendo representações numéricas e leitura dos resultados, no quadro. Trabalhou os conceitos: dezena, meia dezena; dúzia, meia dúzia,

Na parte da tarde, deu a aula na área do **Conhecimento do Mundo** na qual abordou o tema: **Os animais – O coelho**. Mostrou um coelho verdadeiro, questionando as crianças: a que classe pertencia, quais as suas características, qual o alimento favorito do coelho. A educadora mostrou no PowerPoint, imagens de coelhos, observando com as crianças: o número e pares de patas, a cor, perguntando como se chamava a casa dos coelhos? Coelheira. E acrescentou que os coelhos bravos vivem nas tocas. Fazendo passar um coelho de mão em mão para as crianças que quisessem o observar mais de perto. A seguir fez passar alguns posters com imagens de coelhos.

## Inferências

*Nos primeiros anos, a maioria das situações problemáticas, surgem das experiências vividas, quer na escola, quer fora dela. Quando a matemática resulta, duma forma natural, de situações problemáticas que tenham sentido para a criança, a matemática torna-se relevante e as crianças associam facilmente o seu conhecimento a muitos tipos de situações. (Normas, 1991 citado em Caldeira 2009,p.29)*

As actividades realizadas, foram significativas para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, especialmente no domínio da matemática. Para a realização das várias situações problemáticas e construções com o IIIº Dom de Froebel, a educadora utilizou situações baseadas nas experiências vividas pelas crianças. O material utilizado foi um meio eficaz, para motivar a aprendizagem dos conceitos matemáticos. Muito acessível, permitindo a manipulação pelas crianças e estas mostraram muito interesse no decorrer da actividade, respondendo correctamente e num clima harmonioso, às questões colocadas. Algumas conseguiam fazer cálculos mentais mais difíceis.



*Figura 15 - Material estruturado IIIº Dom de Froebel*

## Fundamentação

### ***2.2.4. Material estruturado Dons de Froebel***

Este é também um dos materiais estruturados muito utilizado para o ensino de noções matemáticas, nos Jardins Escola João de Deus. Caldeira (2009), faz referência às teorias de Froebel sobre a instrução que são baseadas na unidade da divina natureza, de modo que o desenvolvimento sensorial é um princípio fundamental. Sob esta sensibilidade, se deve o aparecimento e o nome de Dons de Froebel.

Na Metodologia João de Deus é utilizada a exploração dos materiais nas suas vertentes pedagógicas, deixando o espaço à criatividade, à manipulação e à descoberta, sendo actualmente utilizados apenas: 1º, 3º, 4º e 5º Dons de Froebel. São 6 os Dons de Froebel. Porém o 2º e 6º não são utilizados na Metodologia João de Deus. Este material é constituído por conjuntos de peças de várias formas geométricas. O I Dom é composto por 7 esferas de cores diferentes (as cores do arco

íris); o II Dom é constituído por uma esfera, um cubo e um cilindro. O III Dom é composto por 8 cubos de madeira e o IV por 8 paralelepípedos de madeira.

No Jardim-Escola onde estagiei utilizam o Iº Dom para o Bibe Verdinho (2 anos), fazendo uma pequena abordagem posteriormente no Bibe Amarelo, no início do ano lectivo, enquanto que o III Dom, é introduzido no final do ano lectivo. Este último e o IV Dom são utilizados no Bibe encarnado e no Bibe azul. O 5º é reservado para o 1ºciclo.

Na opinião de Moreira e Oliveira (2003)

*Estes blocos geométricos eram utilizados por Froebel para ensinar conceitos de forma, número, simetrias, padrões e outros conceitos aritméticos elementares. Com as actividades realizadas que envolviam construções específicas, pretendia-se que as crianças explorassem propriedades de objectos a três e a duas dimensões, bem como a linha e o ponto, fazendo assim uma progressão na sua aprendizagem matemática. Com o material há oportunidade de desenvolver o ensino de... construções, bem como o incitamento ao pensamento matemático intuitivo a nível da geometria, do número, da medida . . . . (pp. 33-34)*

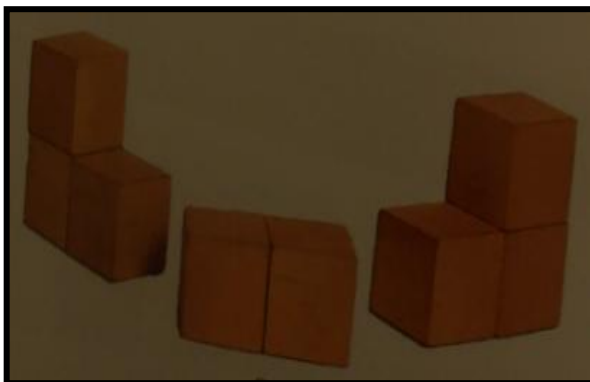
Este material proporciona o ensino da matemática de uma forma lúdica. Froebel (1887) citado em Caldeira (2009, p.239), declara que, “*o feliz desenvolvimento da actividade lúdica da criança, influencia o seu futuro carácter de homem, por isso, nunca deverão ser impostos, nem o jogo, nem qualquer outra actividade educativa*”.

Para o suporte das situações problemática, as construções são normalmente acompanhadas de histórias que conferem um clima de descontração e vontade de aprender.

**Construções com o IIIº Dom realizadas durante uma actividade**



*Figura 16-Construção da “cama”*



*Figura 17 - Construção de “Cadeiras e*



*Figura 18 - Construção do “Cadeirão do avô”*



*Figura 19 – Construção do “Muro baixo e da Coluna com base”*

**Quarta-feira, 14 de Abril de 2010**

A primeira actividade desta manhã foi relacionada com a área da matemática, em que foi utilizado o material **III e IV Dons de Froebel**.

9h45 – A educadora pediu a duas crianças para distribuírem o material. Depois explorou a quantidade e as formas das peças, de cada caixa.

Construiu a mobília do quarto, ditando a seguinte situação problemática: “ *Um móvel tinha 3 gavetas em cada gaveta tinha 4 camisas quantas camisas temos no total?*” Uma criança respondeu sem hesitação: 12 camisas. Pediu a outra para ir representar no quadro. A criança escreveu:  $4+4+4=12$ .

A educadora perguntou qual a outra maneira de fazer a conta. Quantas gavetas tinham o móvel? A criança respondeu 3 e mandou escrever. Se em cada gaveta temos 4 camisas, quantas vezes temos 4 camisas? A criança escreveu  $4 \times 3 = 12$ . Acrescentou: então temos 2 maneiras para ter o mesmo resultado. No fim, disse à criança para fazer a leitura do resultado. Fez ainda a construção da mobília da sala, escadaria e poço, efectuando várias contagens e cálculos mentais.

15h00 – **Actividade de Estimulação à Leitura** realizada por mim. Conteí a história através de um Livro intitulado “Todos no Sofá” da Luísa Ducla Soares. Pedi a interacção das crianças ao longo da história. No final construí um álbum gigante com imagens móveis que representavam os animais presentes na história acabada de ouvir. As crianças iam dizendo pela ordem em que os animais saíam do sofá e assim construímos um álbum dos animais.

15h20 – A educadora deu uma aula do **Conhecimento do Mundo**. Continuou a abordar o tema sobre “**Os animais mamíferos**”. Mostrou imagens de vários animais através do PowerPoint; observou com as crianças cada uma das imagens e abordou as características gerais e específicas de cada animal que iam visualizando. Abordou o habitat e o tipo de alimentação de cada um. Fez interdisciplinaridade com a área de matemática, fazendo contagem dos animais; explorou os conceitos de pares e ímpares.

## Inferências

As aulas deste dia decorreram de uma forma serena. Os conteúdos abordados e os materiais utilizados foram adequados ao grupo etário. As crianças participaram activamente na realização de todas as actividades. Considero de grande importância a educadora ter pedido a colaboração das crianças para a distribuição do material. Na minha opinião, está bem subjacente a intencionalidade educativa. Ao desempenhar esta tarefa, a criança está a realizar o seu processo de aprendizagem, desenvolvendo várias competências. *“A intencionalidade do educador é suporte desse processo”.* Ministério de Educação”. (1997).

Para Dewey citado em Formosinho, et al. (2007) *os elementos fundamentais do processo educativo são, ao mesmo tempo, as crianças e na essência da educação são esses os elementos fundamentais. É importante dar espaço a estas experiências e à acção da criança.*

*É a partir de experiências activas com objectos que se deve construir toda a actividade pré-escolar de aprendizagem. Estas experiências activas podem enriquecer-se por meio da linguagem e a representação não verbal. . . A experiência concreta, activa é examinada e elaborada (. . .) “. (Hohmann, Banet e Weikart, 1995,p.18)*

De entre inúmeras competências que esta estratégia pode desenvolver nas crianças, podemos destacar alguns valores como a cooperação, um elemento importante no desenvolvimento e na aprendizagem da criança deste grupo etário . Já Pena (1980, p. 101), defendia que, *a partir de quatro anos, a competição se torna mais objectiva e a escola deve aproveitar esta potencialidade para incrementar o real valor pedagógico tão discutível, num mundo onde a cooperação parece cada vez mais indispensável. Sendo essa muito rudimentar em crianças desta idade.*

Formosinho et al. (2007), completa esta ideia afirmando que:

*A personalidade, o carácter da criança são o ponto de gravitação e o desenvolvimento da criança a grande finalidade da educação. O valor da escola reside em servir esta finalidade, porque a personalidade é mais importante do que a matéria, a realização pessoal subordina a aquisição de informação. (p.23)*

Considerando este ponto de vista podemos concluir que é pertinente uma educação centrada no individuo, que valoriza o seu desenvolvimento de uma forma integral.

**3º Semana**

**Segunda-feira, 19 de Abril 2010**

**9h45 - Iniciação à Matemática com o material estruturado – “Geoplano”**

A educadora disse que ia utilizar um novo material e esse chama-se Geoplano. Questionou as crianças sobre a diferença entre os elásticos, o tamanho e a cor e acrescentou que sem estes não podemos trabalhar no Geoplano. Este material tem uns biquinhos onde, com a ajuda dos elásticos, podemos fazer formas geométricas: rectângulo, triângulo, quadrado e simetrias. Deu exemplo de uma simetria, colocando um elástico de modo a dividir o geoplano em duas partes iguais. Pediu a uma criança para contar os piquinhos que limitavam a fronteira do Geoplano, no sentido horizontal e a seguir no vertical. Concluiu-se que tinha a mesma quantidade de piquinhos em ambos os lados, por isso, o Geoplano tem forma de um quadrado. Explorou o conceito par e ímpar.

Depois desta introdução, a educadora distribuiu os elásticos para cada mesa. Pediu às crianças para representarem uma figura rectangular.

No segundo momento pediu para representarem duas figuras quadrangulares, uma grande e outra pequena, segundo o critério de cada um. Depois de observar e questionar sobre a figura representada, disse para imaginarem que as duas figuras são salas de brinquedos. Qual das salas levava mais brinquedos e pediu ainda para imaginarem que os elásticos são canetas para fazerem um desenho livre.

Para terminar, a educadora disse às crianças para imaginarem uma viagem de visita de estudos em França. Fez o comboio e seguiram a viagem. Ao chegarem a Paris, viram o quadro da Monalisa (A Gioconda) e perguntou quem foi o pintor? Leonardo Davinci. Continuaram as visitas: passaram pelas mesas observando os vários desenhos que as crianças fizeram. Ao chegar às mesas, a educadora questionava: quem foi o pintor e o que quis representar e cada criança explicava o seu desenho. A educadora explorou os desenhos, fazendo contagem dos preguinhos e cálculos mentais.

11h00 - Foi desenvolvida a **actividade da expressão plástica**. A educadora pediu às estagiárias para ajudarem as crianças na elaboração das prendas para o Dia da Mãe.

## Inferências

Em minha opinião, esta aula foi muito bem conseguida. A estratégia utilizada pela educadora foi pertinente para a aprendizagem das crianças. Manteve sempre uma postura dinâmica e criativa, motivando as crianças ao longo da atividade. Foi uma actividade que exigiu bastante concentração, domínio da motricidade fina, coordenação visual-motora, por parte das crianças. Estavam muito entusiasmadas e interessadas. Penso que são competências que devem ser estimuladas, desde cedo.

Caldeira (2009) confirma esta opinião, dizendo que, *“a capacidade de coordenar a visão com os movimentos do corpo e a percepção figura-fundo, desenvolvida através destas actividades, é algo que deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida”*.

Por ser a aula de introdução do novo material Geoplano, algumas crianças tiveram certa dificuldade no manuseamento dos elásticos. Porém, a educadora esteve sempre muito atenta, andando pelas mesas e acompanhando cada uma. Verificou-se que houve aprendizagem, mesmo aquelas que inicialmente tiveram alguma dificuldade, acabaram por conseguir com a ajuda da educadora.

Caldeira (2009) sugere que: *como primeira actividade de contacto com o Geoplano deve-se valorizar a construção de desenho livre. Assim os alunos livremente tomam conhecimento do material através da sua manipulação e exploração e descobrem a utilidade dos pregos, manipulando elásticos. Então, a partir dos seus próprios trabalhos “desenhos”, a criança pode reconhecer formas geométricas, nomeadamente os polígonos.* (p.409)

Gostei do modo como a educadora se relacionou com as crianças durante esta actividade e das dinâmicas que foi introduzindo. Fez interdisciplinaridade e apelo constante ao conhecimento, à imaginação e à criatividade das crianças.



## Fundamentação

### 2.2.4.3. Material estruturado Geoplano

O Geoplano é um recurso manipulativo, utilizado para auxiliar os professores no trabalho e ensino das figuras e formas geométricas planas, e tudo o que se lhes relaciona. Com este material, podem ser abordados vários conceitos de medida, de vértice, de aresta, de lado, de simetria, área, perímetro, ampliação e redução de figuras.

Caldeira (2009), sugere que, *“Na utilização do Geoplano é importante que o professor desenvolva aulas com lógica e sequência tendo em consideração os programas, a idade dos alunos e o seu ritmo de trabalho”*.(p.409) A autora recomenda ainda, que a idade cinco anos é ideal para começar a trabalhar com este material.

Damas e Oliveira (2010), apresentam o Geoplano, como um Material Manipulável Estruturado, criado por Caleb Cattegno. Construído por tabuleiros e pregos [pinos], com uma determinada disposição de modo a que se possam prender elásticos, de cores variadas, o que torna o material não só aliciante como também proporciona uma maior objectividade na exploração dos conteúdos programáticos. Este material oferece um apoio na representação mental das figuras geométricas, permitindo “fazer” e “desfazer” figuras e observá-las em várias posições.

Os mesmos autores, realçam o objectivo pedagógico deste material:

*Numa primeira fase os alunos deverão manusear os elásticos e criar os seus próprios “desenhos”. Estas actividades favorecem o conhecimento do material e o desenvolvimento da coordenação psicomotora. Posteriormente, dever-se-á explorar situações partindo da interiorização de conceitos básicos para se alcançarem conceitos mais complexos. Dos conceitos elementares interior, exterior e fronteira, partir-se-á para a exploração de situações relacionadas com figuras geométricas, comprimentos, áreas, transformações geométricas, ângulos, entre outras. (p.87)*

Por sua vez Caldeira (2009), afirma que:

*Este material é excelente pela sua mobilidade e para que as crianças explorem problemas geométricos, registam no papel pontado, os seus desenhos, de forma a desenvolverem a sua destreza. como recurso didáctico, o professor deverá utilizar papel pontado para a representação das situações exploradas. (p.87).*

Nesta linha de pensamento Serrazina e Matos (sd), fazem abordagem ao objectivo pedagógico deste material, argumentando que:

*Ao dar aos alunos a oportunidade de experimentar a matematização através da manipulação de materiais não estamos apenas a fomentar uma actividade lúdica mas estamos principalmente a criar situações que favorecem o desenvolvimento do pensamento abstracto. A formação dos conceitos pertence à essência da aprendizagem da matemática e ela tem de ser fundamentalmente baseada na experiência. (p.8)*

Os mesmos autores realçam a necessidade de uma abordagem precoce do conceito geometria, que dado ao seu poder de abstracção, por vezes os alunos não se sentem motivados. Esses defendem que este conceito quando é apresentado de um modo informal, os alunos acaba por mostrar interesse. Afinal têm uma curiosidade e um interesse naturais pelas ideias geométricas, e conseguem compreender muitas relações. “A geometria . . . está intimamente ligada com a realidade uma vez que é o estudo do espaço e as formas que o envolve e a vida diária das pessoas; envolve relações espaciais do tipo qualitativo e quantitativo”.(p.9)

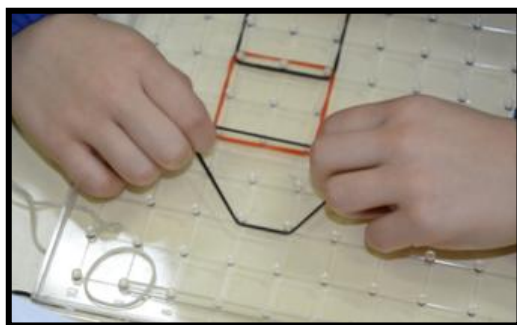


Figura 20- Actividade com o Geoplano.

### **Terça-feira, 20 de Abril de 2010**

As actividades da manhã foram realizadas pelas alunas estagiárias do 4º ano da Licenciatura em Educação de Infância. As aulas foram observadas e avaliadas pela equipa da supervisão da prática pedagógica.

9h50 – Foi desenvolvida a actividade de **Iniciação à Matemática** com o material “**Cuisenaire**” onde foi trabalhado também o sistema aberto. A aluna distribuiu pelas mesas rebuçados e o material Cuisenaire. Em cada mesa tinha um pequeno tabuleiro em cartolina que continha 3 taças: uma das taças continha rebuçados e as outras duas estavam vazias. no centro das mesas colocou o Material Cuisenaire.

A colega começou a aula com o seguinte problema: *O Miguel encontrou 2 taças, pediu às crianças para pegarem na peça que valia 2 unidades, todas pegaram na peça encarnada. A seguir perguntou qual a peça que valia 6 unidades; uma criança disse a peça verde. Continuou: o Miguel tinha 6 rebuçados, a mãe deu-lhe mais 2 com quantos rebuçados ficou o Miguel.* Algumas crianças responderam sem hesitação, a colega pediu a uma criança para ir representar o cálculo no quadro:  $6+2=8$ .

Pedi para observarem que no tabuleiro que tinham em cima das mesas estavam 3 taças: uma com 8 rebuçados e queria que distribuíssem igual quantidade de rebuçados para cada taça. Verificou as distribuições feitas e convidou uma criança para ir ao quadro. Escreveu o nome da criança, fez o desenho das 3 taças e disse -lhe para colar os rebuçados nas “taças”. Chamou outra criança e disse para imaginar outra maneira de distribuir os rebuçados. Conseguiram distribuir os rebuçados, de vários modos. Terminou a aula dizendo que a mãe do Miguel lhe tinha recomendado para não comer muitos rebuçados. Mas ele comeu tantos que ficou com a cárie nos dentes. Fez assim a passagem para uma outra colega que entrou vestida de médico para dar a aula do **Conhecimento do Mundo.**” **Higiene Oral**”.

. Através das imagens no PowerPoint, mostrou vários objectos utilizados pelo dentista, para tratar os dentes e explicou para que servem. Questionou as crianças acerca do que estavam a visualizar e mostrou alguns materiais verdadeiros: espelho, luvas, máscara, fazendo passar de mão em mão para as crianças os observarem.

Fez apelo aos cuidados que devemos ter com a higiene oral e o que fazer quando nos descuidarmos da mesma, para recuperar a saúde dos dentes. Mostrou um placard com desenho de uma boca e uma escova gigante, pedindo a uma criança para ir mostrar como é que se lavava os dentes. A seguir chamou algumas para irem fazer a consulta e ver se os dentes estavam bons. Recomendou os cuidados que devemos ter em mudar a escova de dentes de 3 em 3 meses e ir ao dentista ao menos 2 vezes por ano. Fez a passagem para a terceira colega dizendo que vai chegar a fada dos dentes.

A última actividade foi a de **Estimulação à Leitura**. A colega utilizou o Livro intitulado **“A fada dos dentes”**. Começou por contar a História através do livro, utilizando também um teatrinho onde de vez em quando fazia passar as imagens mais relevantes. No fim fez a interpretação da história, destacando algumas palavras pedindo às crianças que dissessem outras, que rimassem com as que tinham acabado de ouvir na história. Todas colaboraram.

**11h00:** Juntamente com as outras estagiárias, fomos para a reunião de avaliação das aulas realizadas pelas colegas.

### Inferências

De um modo geral, as atividades desta manhã foram bem conseguidas. As colegas mantiveram uma postura calma e segura. Observei que havia sintonia entre elas em relação à programação das aulas, aspecto que teve reflexo nas passagens, de umas para as outras, ao longo das atividades e no relacionamento com as crianças no decorrer das aulas. Acho este aspecto muito importante e concordo com Hahmann, Banet e Werkait (1995) quando afirmam que, *toda a criança é olhada como um individuo que constrói o seu próprio conhecimento através de iniciativas partilhadas com os adultos que a apoiam. (p.20)*

As estratégias utilizadas foram adequadas à faixa etária e estiveram atentas às necessidades de cada criança acompanhando-a nas atividades. Neste sentido Formosinho et al. (2007, p. 22), argumentam que:

*o papel do educador é de substituir uma natureza superficial causal, peculiar, por uma natureza estável e ordenada através de lições. . . . dividindo cada lição em factos e fórmulas para a criança seguir, passo a passo, degrau a degrau, e, através do domínio progressivo de cada uma destas partes, chegar ao todo.*

Durante a aula de matemática pude observar o modo como as crianças participaram, de uma forma descontraída e dinâmica. Estavam entusiasmadas com a manipulação dos materiais que a colega utilizou ao longo da aula. Estes eram adequados e do conhecimento das crianças. Nesta perspectiva, Decroly (1983), mencionado em Caldeira (2009, p.20), afirma que *o conhecimento desenvolve-se da actividade que o sujeito efectua. ( . . . ) o material responde às necessidades das crianças não de forma isolada, mas sim global .*

O facto da colega ter trabalhado o sistema aberto, proporcionou também às crianças um momento favorável para o exercício e aquisição de alguns conceitos matemáticos. Caldeira (2009, p.27) comenta esta ideia, afirmando que *o material deve ser facilitado à criança, não só para que o conheça, mas também para que o assimile e domine, e ao mesmo tempo para estimular a sua criatividade.*

**Quarta-feira, 21 de Abril de 2010**

9h40- **Iniciação à Matemática**, com o material estruturado **Blocos Lógicos**. Esta actividade foi desenvolvida em grande grupo . A educadora fez sentar as crianças em semicírculo e colocou à frente do grupo, uma casinha em madeira, com várias aberturas, com o tamanho e forma de cada peça de Blocos Lógicos

Começou por dizer que a *Beatriz fez anos e recebeu uma prenda*, pedindo a uma criança para ir buscar a caixa e ver qual era a prenda que a Beatriz recebeu. Eram Blocos lógicos. Explorou os atributos das peças: cor, forma, tamanho, espessura. Chamou algumas crianças e disse-lhes para retirarem as peças que ia ditando e ficarem de pé, com elas na mão, até perfazer uma sequência.

Seguidamente ditou alguns problemas e realizou operações e cálculos mentais.

*1º Problema: O Marco foi à loja da Beta e comprou 4 guloseimas e deu 2 ao menino que mais gostava.* A educadora disse à criança para ir buscar as peças correspondentes à quantidade de guloseimas e a seguir ir representar no quadro. A criança escreveu:  $4:2=2$  e fez a leitura correcta do resultado.

*2º Problema: “O Mateus foi à loja da Beta e comprou meia dúzia de rebuçados e a Andreia deu-lhe outros 4”.* Um menino foi retirar 6 peças de Blocos Lógicos e a menina 4 dando-as ao menino. Com quantos rebuçados ficou o Mateus? A mesma criança respondeu 10 rebuçados. *A seguir o Francisco deu 2 rebuçados à Marta, com quantos ficou. 8* Rebuçados. Pediu à criança para ir representar no quadro e esta representou correctamente:  $10-2=8$  e fez a leitura do resultado em voz alta.

*3ºproblema: “O Pedro foi a uma loja e comprou 5 fatias de bolo e um amigo ofereceu-lhe 3. Com quantas fatias de bolo ficou o Pedro?”* Uma criança foi buscar as peças correspondentes e realizou-se a seguinte operação:  $5+3=8$  e fez-se a leitura dos resultados obtidos.

Para finalizar a educadora trabalhou a noção de conjunto: vazio, universal e singular. Sempre com a colaboração das crianças deu o nome a 2 conjuntos, comparando-os. A seguir pediu a uma criança para fazer a leitura dos conjuntos representados e esta leu o seguinte: “*cardinal um é menor que dois*”. (figuranº22)

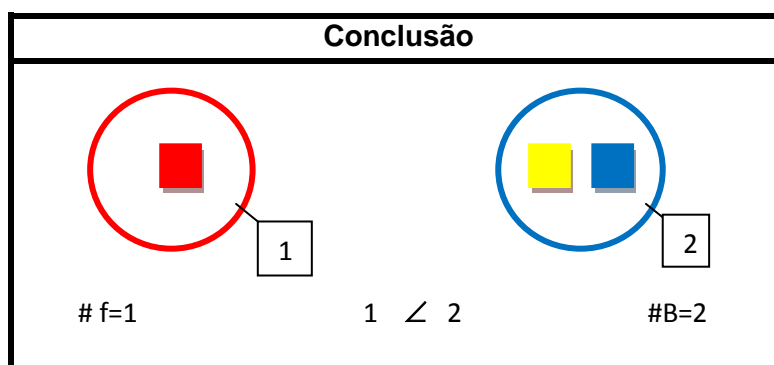


Figura 1- Exercícios com Blocos Lógicos

A educadora realizou ainda alguns problemas de adição, subtração e multiplicação, pedindo às crianças para os representarem no quadro e lerem os resultados, obtidos em voz alta.

Após a aula de matemática, a parte da manhã foi preenchida com aulas programadas por um aluno e uma aluna, do 3ºano de Licenciatura em Ensino Básico. Estes efectuaram actividades na área do **Conhecimento do Mundo** tendo como tema: "**As Profissões**". A aula foi assistida e avaliada pela educadora da sala.

O primeiro momento da aula foi orientado pelo aluno que falou sobre a profissão do agricultor, utilizando um boneco chamado António, para dinamizar a actividade. Mostrou vários objectos que o agricultor utilizava para cultivar a terra, perguntando às crianças qual o nome e a finalidade de cada um. A seguir apresentou uma caixa com terra e algumas sementes, simulando uma sementeira. Seguidamente mostrou uma caixa igual à que usou anteriormente com as plantas já crescidas. Chamou uma criança de cada vez para apanhar os legumes. As crianças foram arrancando legumes, frutos e plantas com raízes.

À medida que cada criança arrancava uma planta (legume) o aluno questionava-a sobre o nome, a qualidade e qual seria a sua aplicação. Quando terminou de arrancar toda a verdura, disse que o senhor António resolveu dar um pouco de legumes ao senhor Manuel e assim, passou a aula à aluna que deu continuidade ao tema, na área de **Estimulação à Leitura**.

A aluna mostrou um livro gigante com uma história elaborada por ela que tinha como título: **A cozinha do senhor Manuel**. Observou com as crianças, o desenho da capa do livro e disse que o senhor Manuel estava no seu local de trabalho, perguntando o que ele estaria a fazer e qual seria a sua profissão. Na medida em que lia a história, pedia às crianças para irem buscar imagens (em cartolina): roupa que

utiliza o cozinheiro, objectos e utensílios de cozinha, para afixarem nos seus respectivos lugares. Perguntando o nome de cada material, de que era feito e a sua utilidade, explorou a cor, comparou os tamanhos e fez notar as diferenças entre os vários objectos.

A seguir falou dos cuidados que devemos ter na utilização dos legumes, a sua importância para a nossa saúde, perguntando quem gostava de legumes. Observou a textura e a forma dos vários legumes, por exemplo: a batata é lisa, a cebola cortada tem umas “lâminas” e fez a contagem dos legumes. Para terminar, a aluna sublinhou a importância das duas profissões: o cozinheiro e o agricultor que se complementavam. Perguntou a cada criança, quando for grande, que profissão gostaria de ter.

15h20 - A educadora distribuiu às crianças, uma proposta de actividade com grafismos. Enquanto algumas estagiárias as acompanhavam na realização da proposta, outras ajudavam a terminar e a preparar a prenda para o Dia da Mãe

### **Inferências**

Em todas as actividades realizadas ao longo do dia foi evidente o interesse das crianças, dadas às estratégias que foram utilizadas. Tanto a educadora como os dois alunos estagiários, utilizaram uma linguagem familiar às crianças, indo assim, ao encontro dos interesses delas. O facto de a educadora ter falado de presentes e de festa de anos, para a apresentação do material Geoplano e os alunos terem abordado um tema com conteúdos alusivos ao dia a dia, despertaram a curiosidade e o interesse das crianças.

Nesta perspectiva a Enciclopédia de Educação Infantil (1997) afirma:

*A integração de todas estas funções cognitivas com as noções adquiridas, o desenvolvimento das habilidades e destrezas, assim como o domínio operativo alcançado, pode e deve obter-se de uma forma vivenciada, se possibilita, orienta e impulsiona às realizações de reflexões individuais e colectivas acerca das acções efectuadas sobre os objectos e da repercussão e valor que têm para a sua vida e para os outros. Tudo, assim, adquire sentido e é, por consequência, mais potente como elemento auto-estruturante. (p. 12)*

**4ª Semana****Segunda-feira, 26 de Abril de 2010**

Foi um dia preenchido com aulas surpresa, por parte da educadora da sala. As actividades foram realizadas por três colegas do 4º ano do Curso de Educação de Infância e por mim. Às 9h40 a educadora pediu-me uma aula no **domínio da matemática com o material Cuisenaire**.

Com a ajuda das colegas distribuí o material e iniciei a aula improvisando uma história que serviu de suporte à construção das escadas, por ordem crescente e decrescente; à realização de cálculos mentais e situações problemáticas; conceito par/ímpar, dezena e meia dezena, dúzia e meia dúzia. Chamei algumas crianças ao quadro, para representarem operações de aritmética e realizarem operações de adição e subtração.

Algumas tiveram dificuldade em concretizar os cálculos, servi-me de material alternativo para auxiliar a contagem e os cálculos, ajudando o raciocínio. Por fim disse às crianças que fizessem um jogo livre, mas sempre utilizando as 3 primeiras peças: branca, encarnada e verde-claro. Fui passando pelas mesas e questionei sobre o que representava a construção elaborada. Terminada a minha aula, levamos as crianças para o recreio.

11h20 - De regresso à sala, a educadora pediu a uma colega para preparar uma aula de **Estimulação à Leitura**. Esta contou a história através de um livro intitulado: **“O Elmer”**. Foi questionando acerca das imagens que iam visualizando. No final, perguntou quem sabia desenhar um elefante e colocou um papel de cenário no chão, pedindo a três crianças de cada vez, para irem desenhar.

14h30 - A educadora pediu ainda a uma outra colega, uma aula surpresa de **Estimulação à Leitura**, dizendo para contar uma história que quisesse, com fantoches. A colega formulou uma nova **história dos três porquinhos**, invertendo a postura e a ordem das personagens, em que o lobo mau passou a ser bom, ajudando o porquinho mais novo na construção da casa.

15h00 - Enquanto as crianças realizavam uma actividade de enfiamento, a educadora esteve a fazer a avaliação das aulas, minha e das outras colegas.



## Inferências

Pude verificar pelas expressões das crianças que as aulas desta manhã foram bem conseguidas.

Na minha actividade de matemática, tentei ser dinâmica e utilizar estratégias que motivassem as crianças e pudessem aprender de uma forma lúdica. As crianças estavam atentas, quase todas conseguiram corresponder ao que ia pedindo. Ajudei aquelas que tiveram dificuldades. Neste sentido Barros e Palhares (2001,) sugerem que:

*Apesar de ocasionais respostas que não correspondem, às expectativas dos adultos, a criança acabará por chegar ao desenvolvimento pleno das suas capacidades. Aqui, como em relação a outras capacidades, a função dos adultos . . . é a de deverem proporcionar novas oportunidades de actividades e reflexão sobre elas. Não deverá ser a função dos adultos corrigir as respostas das crianças, mas criar novas oportunidades que permitam à criança autocorrigir-se, pois senão, em vez de se estar a desenvolver a autonomia, estará a desenvolver-se a heteronomia, isto é, a dependência relativamente a outros. (p.54)*

No decorrer da aula, a certa altura, apercebi-me que me desviei um pouco do exercício com o material Cuisenaire ao introduzir o material alternativo, o que facilitou o raciocínio e a transmissão das noções matemáticas. Porém, retomei o exercício com o material Cuisenaire logo que me apercebi deste facto. Apesar do pequeno lapso, ao longo da minha prestação, tive a sensação agradável de sentir que as crianças estavam a aprender e os materiais foram meios favoráveis para o efeito. Concordo com a ideia de Diennes citado em Aranão (1996) que comenta acerca dos materiais manipuláveis:

*Diante de tantas opções prazerosas para a criança desenvolver o pensamento lógico-matemático, e sabendo-se que ela é um ser autenticamente lúdico, é inconcebível que muitos educadores insistam em fazer justamente o contrário, lançando mão de exercícios de ligar um conjunto a outro, copiar diversas vezes os numerais até levar à memorização e utilizar-se de livros distantes da realidade infantil. (p.37)*

Aranão cita ainda Wadsworth (1984) que afirma, que os professores que utilizam tal sistema não se baseiam em métodos activos que permitem que a criança construa conceitos matemáticos, dizendo ainda, que nesta situação verifica-se a falta de criatividade do professor e, o que é pior, a falta de visão da realidade em que seus alunos estão inseridas.

Nesta linha de pensamento Piaget (Kamii 2003, p.72) menciona Dukword que argumenta:

*Devemo-nos preocupar, em princípio, em encontrar conteúdos que interessem e apaixonem as crianças. Quanto mais estas se comprometem, mais farão novas conexões, e a sua estrutura lógico-matemática desenvolver-se-á necessariamente. A arte de ensinar começa, pois, pela maneira de fornecer uma situação e material que sugira ideias motivantes para as crianças.*

A colega que realizou a actividade de Estimulação à Leitura foi dinâmica e simpática com as crianças, usando muita “magia” ao longo da história. A outra que contou a história com os fantoches foi imaginativa apelando ao mesmo tempo também, à imaginação das crianças. Pois, na medida que ia contando a história foi despertando nelas a curiosidade sobre o que viria a seguir, visto ter introduzido novas expressões e invertido a postura das personagens.

#### **Terça-feira, 27 de Abril de 2010**

9h30 – Duas aulas programadas por duas alunas do 3º ano de ensino básico, observadas pela educadora da sala. As aulas foram intercaladas e cada uma deu um tema. Na primeira aula foi abordada a temática “**As Aves: Os passarinhos mandarins**”. A aluna começou por falar das características das aves, observando com as crianças um pássaro que tinha dentro de uma gaiola. Posteriormente, mostrou algumas penas e perguntou se achavam que as penas deixavam passar água e se as aves ficavam molhadas quando chovia. Colocou uma gota de água em cima de uma pena, passou por todas as crianças fazendo-as observar que a gota não penetrou na pena. Concluiu-se que as aves não se molham porque as penas estão protegidas com uma espécie de óleo, que não deixa passar facilmente a água, a não ser que chova muito.

Perguntou ainda se achavam que as penas deixavam passar o calor e se as aves sentiam o calor. Acendeu uma vela, colocou a pena à frente da chama e pediu a uma criança para ir soprar a ver se conseguia apagar a vela. Verificou-se que a pena não deixou passar muito o calor. Distribuiu algumas penas e livros com vários tipos de aves e penas, para as crianças observarem. Questionou as crianças se sabiam como nascem as crias das aves e explicou o processo do desenvolvimento das crias. Observou as diferenças dos bicos de vários pássaros e o tipo de alimentação de cada um.

**11h00** - A outra aluna iniciou a sua actividade na **área do Conhecimento do Mundo**, abordando a temática **Animais aquáticos – “Os Peixes”**. Apresentou um carapau verdadeiro, observou e questionou as crianças sobre as suas características e o tipo de respiração, fazendo a distinção entre a do peixe e a nossa respiração. Apresentou um aquário com um peixinho vermelho e conversou sobre o tipo da sua alimentação. No final, a aluna distribuiu um crachá em forma de peixinho, feito em Origami, a cada criança.

Na parte da tarde as crianças realizaram uma actividade de expressão plástica fazendo um desenho livre.

### Inferências

As actividades deste dia decorreram de uma forma harmoniosa. As alunas que realizaram aulas programadas, abordaram temas que foram importantes para o conhecimento científico das crianças. Utilizando materiais familiares às crianças e relacionados com o meio ambiente. Antes de iniciar as aulas, as alunas fizeram a contextualização e o levantamento das ideias prévias das crianças,

despertando nelas a curiosidade.

Nesta linha de pensamento Martins et al. (2009) referem a importância das situações contextualizadoras na exploração didáctica, esclarecendo: *para que as actividades tenham significado para as crianças e que, dessa forma, lhes despertem a curiosidade e o interesse, é imprescindível que partam de contextos que lhes são próximos*. As actividades na realidade foram de carácter prático favorecendo uma participação activa das crianças, manipulando o material e observando o fenómeno ocorrido, que geraram conhecimentos. Martins (2007) esclarece que:

*A simples manipulação de objectos não gera por si só conhecimentos. Para que uma actividade prática possa criar na criança o interesse em querer compreender fenómenos, relacionar situações, desenvolver interpretações, elaborar previsões, é necessário questionar, reflectir, interagir com outras crianças e com o professor, responder a perguntas planejar maneiras de testar ideias prévias, confrontar opiniões, para que uma actividade prática possa criar na criança o desafio intelectual que a mantenha interessada em querer compreender fenómenos, relacionar situações, desenvolver interpretações, elaborar previsões. (p.28)*

As colegas souberam interagir de forma harmónica. Apesar dos temas serem diferentes, conseguiram, cada uma por sua vez, atingir os objectivos propostos.

### **3.3 – 3ª Secção Relatos Diários**

#### **Bibe Azul A**

(Faixa etária de 5 anos)

3.º Momento de estágio

Realizado de 3 de Maio 7 de Julho

**Educadora cooperante: Emília Tomás**

### 3.3.1. Horário Lectivo da Turma

- Quadro 5 – Horário Lectivo da Turma Bibe Azul A

Bibe Azul A	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h15-10h00	Leitura e Escrita/ Desenvolvimento Verbal	Iniciação Musical	Matemática	Matemática	Leitura e Escrita
10h10-11h00	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita/Computadores	Leitura e Escrita
11h10-12h00	Matemática	Matemática	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita/Computadores	Matemática
12h00-13h00	<b>Almoço</b>				
13h00-14h00	<b>Recreio</b>				
14h10-15h00	* Grafismos /Ginástica	Inglês 14h15-15h15	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo
15h10-16h00	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Expressão Plástica	Estruturação espaço - temporal	Expressão Dramática
16h00-16h30	Jogos interior	Dinamização da leitura/Biblioteca	Desenvolvimento da Motricidade	Estimulação à Leitura ( ex: histórias)	Assembleia de Turma
16h30-17h00	<b>Lanche/Saída</b>				
* Neste item incluem-se as actividades de interior e exterior com o por ex: picotagem, grafismos, actividades de movimento, etc.					

### **3.3.2. Caracterização da turma**

A turma do Bibe Azul A é constituída por vinte e seis crianças. Catorze do sexo masculino e doze do sexo feminino. Os alunos não revelam grandes divergências na aprendizagem nem no comportamento. Todavia, há crianças mais desenvolvidas a nível cognitivo, social, motricidade e raciocínio lógico do que outras. Relacionam-se bem entre pares e com a educadora. Todas as crianças desta turma têm facilidade de comunicação e um bom vocabulário. De modo geral é interessada, colaborativa e participativa durante as actividades. As crianças gostam de actividades de cooperação em grupo, e em geral revelam grande capacidade de concentração; pertencem a famílias, cujo nível sócio-económico é médio/alto e os pais possuem na sua grande maioria formação académica de nível superior.

### **3.3.3. Caracterização do espaço**

À semelhança da sala do Bibe Amarelo, a sala do Bibe Azul é um espaço muito colorido, alegre e acolhedor. Nas paredes e em placards estão expostos alguns trabalhos das crianças e algum material de apoio de entre ele o alfabeto, figuras que representam quantidades e numerais correspondentes. Alguns objectos da sala como: a porta, o quadro, a cadeira da secretária, o armário entre outros são identificados. A cartilha Maternal é um dos objectos importantes do espaço/sala do Bibe azul e faz parte da sua rotina diária. A disposição normal da sala do Bibe Azul é semelhante à duma sala do 1º ciclo: as mesas e cadeiras em filas, com as crianças de frente para o quadro. Porém, varia ao longo do dia, de acordo com as actividades. As crianças podem estar sentadas nas secretárias aos pares ou no chão em semicírculo (mantendo o princípio de sentar menina, menino). Nesta perspectiva Pessanha (2001) comenta que:

*Numa sala se deve privilegiar uma organização acolhedora, existindo diversos recantos equipados com uma selecção de materiais didácticos que favoreçam as relações entre as crianças e os adultos. Estes espaços possibilitam à criança a decisão de como deseja organizar a sua participação, provocam a interacção, a comunicação verbal, a leitura e a escrita. (p. 93)*

**A sala do Bibe Azul**



*Figura 22- Organização da sala e disposição dos alunos.*



*Figura 23 - Decoração da sala.*

### 3.3.4. Relatos Diários

Os relatos da 3.<sup>a</sup> secção resumem-se na descrição de dez semanas de aulas observadas no segundo momento de estágio.

#### I<sup>a</sup> Semana

##### Segunda-feira, 3 de Maio de 2010

Hoje foi o meu primeiro dia de estágio no Bibe Azul A. Às 9h10, os alunos deixaram a roda, foram para a casa de banho, acompanhados da educadora e das estagiárias, dirigindo-se depois para a respectiva sala.

9h45 – A educadora entregou a cada estagiária um livro da língua portuguesa, do 1<sup>o</sup> ciclo, para ajudarem as crianças a ler, segundo a regra da Cartilha Maternal. Após a leitura, a educadora entregou às estagiárias, uma Cartilha Maternal e uma caixa com letras móveis para as crianças escolherem e formarem palavras, utilizando letras móveis, escrevendo-as numa folha.

11h25 - A educadora pediu uma aula surpresa na **área de Expressão e Comunicação – Domínio da linguagem Oral e Abordagem à Escrita**, a uma colega do 4<sup>o</sup> ano de Licenciatura em Educação de Infância. Esta utilizou um livro intitulado “**A Ovelha Carlota**”.

A aluna, contou a história de uma forma dinâmica, interagindo com as crianças, fazendo a interpretação da mesma. A seguir convidou as crianças a sentarem-se nos respectivos lugares, nas mesas. Escreveu uma frase no quadro, desenhada a letra redonda: “**A ovelha Carlota é muito corajosa**” e pediu para a copiarem. Enquanto as crianças realizavam esta actividade, ajudada por mim e outras estagiárias, a colega escolheu 3 crianças e levou-as para a leitura da Cartilha Maternal, fazendo a revisão da lição de “c” [cêke].

Terminada esta aula e enquanto esperávamos que a sala estivesse pronta para o almoço, fizemos sentar as crianças em fila, no salão. Convidámo-las a levantarem-se, um par de cada vez, e enunciarem algumas lengalengas que todos repetiam em coro.

14h30 – A educadora pediu às estagiárias para levarem as crianças ao ginásio, onde se encontrava a professora de ginástica. Esta dividiu as crianças em dois grupos:



A e B. Como estavam um pouco indisciplinadas, a professora pediu às estagiárias que fizessem um jogo com um grupo, enquanto dava aula a outro. Fez vários exercícios (orientação espacial, equilíbrio...).

15h45 – A educadora deu a aula de Iniciação à Matemática, utilizando o material não estruturado “**Palhinhas**” e os algarismos móveis. As crianças trabalharam aos pares; uma delas utilizava as palhinhas para efectuar as contagens e a outra os algarismos para realizar os cálculos, sempre em cooperação.

Serviu-se da história da “*Ovelha Carlota*” para realizar algumas situações problemáticas. Ao falar das ovelhas perguntou como se chamava um grupo de ovelhas e uma criança respondeu que era rebanho. Seguidamente ditou algumas situações problemáticas.

1º Problema: “*O senhor Manuel tinha 10 ovelhas*”, perguntou quantas dezenas de ovelhas tinha o senhor Manuel e pediu a uma criança para ir representar no quadro, enquanto as outras representavam nas mesas com as palhinhas e os algarismos móveis.

2ª Problema: “*O senhor Manuel tinha comprado mais ovelhas*”, tocou a pandeireta e perguntou quantas vezes tinha tocado. 12 (uma dúzia) respondeu uma criança. A educadora pediu à criança para efectuar as operações, a fim de sabermos ao todo, quantas ovelhas tinha o senhor Manuel:

Dados	Indicação	Operação
10	$10 + 12 = 22$	10
12		<u>+ 12</u>
		22

Resposta: *O senhor Manuel tinha ao todo 22 ovelhas.*

3º Problema: “*Na quinta do senhor Manuel, além das ovelhas havia ainda um cavalo e um burro. Sobre o burro colocou 2 sacos de cada lado*”. A educadora perguntou: “*Ao todo quantos sacos o senhor Manuel tinha colocado em cima do burro?*” e acrescentou ainda: “*Em cada saco havia 10 sementes*”, “*Quantas sementes tinham os sacos todos juntos?*”.

Pediu a uma criança para ir representar no quadro e esta escreveu:  $10+10+10+10=40$ . Dirigiu-se a uma outra criança, perguntando qual é a outra maneira de fazer este cálculo para obter o mesmo resultado. A criança disse que poderia multiplicar e foi

representar no quadro:  $10 \times 4 = 40$ . A educadora perguntou ainda em 40 quantas dezenas havia.

4º Problema: “O senhor Manuel repartiu as sementes por 2 cestos, quantas sementes ficaram em cada cesto?” A criança inquerida teve uma certa dificuldade, e para a ajudar no raciocínio, a professora chamou duas crianças colocando-as à frente da turma. Entregou um cesto a cada uma e foi repartindo as palhinhas até que cada cesto ficasse com a mesma quantidade. Tornou a perguntar à criança a quem primeiro se tinha dirigido e esta respondeu acertadamente: “Ficaram 20 em cada cesto”.

16h00 – **Expressão Motora: jogo no interior**

### Inferências

As actividades deste dia foram muito proveitosas para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. A educadora manteve sempre uma relação de afecto com as crianças e foi notório o clima de confiança que conseguiu criar no contexto sala de aulas, quer com as crianças quer em relação às estagiárias. Na minha perspectiva, é muito importante a relação afectiva na sala de aula.

*(...). Quando existem relações sólidas, empáticas e afectivas, as crianças aprendem a ser mais afectuosas e solidárias e acabam por comunicar os seus sentimentos, reflectir nos seus próprios desejos e desenvolver o seu relacionamento com as outras crianças e com os adultos”. (...). Estas relações permitem à criança aprender a pensar. (Brazelton, 2003, p.29).*

Para a leitura da cartilha, a educadora deu orientações que são linhas mestras, para a aprendizagem da leitura e da escrita. O facto de proporcionar às crianças o contacto com as letras e poderem manuseá-las, formando palavras, no meu entender, favorece a aprendizagem e um conhecimento maior das letras do alfabeto, promovendo a literacia.

Na perspectiva de Azevedo (2007), a literacia é vista como um processo que à semelhança da alfabetização, enquanto processo individual, se encontra em permanente construção. Afirma ainda, que hoje como ontem, independentemente do evoluir dos conceitos da literacia em leitura, é necessário aprender a ler e compreender o texto escrito.

A metodologia e as regras utilizadas para a leitura, também proporcionam às crianças uma apropriação e compreensão do texto escrito, formando nelas a consciência fonológica. A meu ver é muito importante levar a criança, desde cedo, a contactar com o mundo das letras, despertando nelas a curiosidade.

Segundo Pinto (2002), citado por Azevedo (2007)

*A sociedade actual exige aquisição e desenvolvimento de competência leitora de modo a permitir aos sujeitos o desenvolvimento de outras competências. O conceito de literacia em leitura está, obviamente, relacionado com as mudanças constantes que se operam nas sociedades. (p.3)*

## Fundamentação

### **3.3.4.1. Despertar desde cedo o gosto pela leitura**

Acho pertinente uma reflexão mais aprofundada sobre a competência da leitura e como inculcar o gosto para ela desde a mais tenra idade, a fim de formar cidadãos competentes, capazes de ler, interpretar e compreender o que gira à sua volta. Esta ideia é sustentada por vários autores.

Na perspectiva do Ministério de Educação (1997):

*É importante que a educação pré-escolar garanta as condições de futuras aprendizagens com sucesso que garanta às crianças um contacto com a cultura e os instrumentos que lhes vão ser úteis para continuar a aprender ao longo da vida. (...) É o conjunto de experiências com sentido e ligação entre si que dá a coerência e consistência ao desenrolar do processo educativo. (p. 93)*

Segundo Marques (2001), “(...) a criança começa muito cedo a fazer da linguagem objecto da sua experimentação [. . .] Continua a ser um segredo a forma como as crianças tomam consciência da existência dos fonemas e que tipo de actividades é necessário para conduzir a essa tomada de consciência”.(p.21)

Lopes (2005) mencionado em Ruivo (2009) sustenta que “(...) a aprendizagem é cumulativa, sendo a princípio lenta, e constrói-se sobre aprendizagens anteriores. Por isso mesmo é necessário ter conhecimentos para desenvolver novos conhecimentos e estes devem ser estimulados desde muito cedo”.(p. 100)

Nesta linha de pensamento, Mata (2006) diz que:

*O desenvolvimento da literacia começa antes da criança iniciar uma instrução formal. A criança começa desde cedo a desenvolver comportamentos associados à leitura e escrita, em contextos informais, tais como a sua casa e a comunidade. As crianças desenvolvem um trabalho crítico cognitivo sobre a literacia desde muito cedo e não somente aos 6 anos. (p. 18)*

Ainda Marques (2001) recomenda, que para um bom sucesso escolar das crianças no 1ºciclo, “(...) convém, que o último ano de frequência da pré-escola seja um verdadeiro período de preparação para a escola primária, proporcionando actividades de preparação para a leitura (. . .).” (p. 54)

Deus (1997) refere o grande pedagogo João de Deus que designa este processo como: “a arte de Leitura”, argumentando que “ Ler é interpretar e compreender”. (p. 7-8) A mesma autora, comenta: “ (...) tudo no Método João de Deus é explicado fazendo apelo a um raciocínio lógico tão do agrado da criança. (...) É a Arte de Leitura em toda a força de imaginação ligada à Arte, mas usada com bom-senso, critério pedagógico e indo directamente ao fim em vista, não criando dispersões que confundam ou atrasem” (p. 21-22)

*Se a escrita e a leitura fazem parte do quotidiano familiar de muitas crianças que assim aprendem para que serve ler e escrever, todas as crianças deverão ter oportunidade de ter estas experiências na educação pré-escolar. A atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas. (Ministério de Educação, 1997, p.69)*

Sob esta virtude é aplaudível a utilização da Cartilha Maternal João de Deus, que apresenta um modelo com uma estrutura única, cujo método permite a iniciação à leitura de uma forma simples e esclarecedora.

Segundo Michaelis, citado por Ruivo (2009)

*O discurso que profere a favor da Cartilha Maternal João de Deus é elucidativo... Com a Cartilha Maternal do Senhor João de Deus entrámos num mundo novo; tudo mudou de aspecto, tudo se tornou simples, lúdico, transparente. O novo pedagogo vai guiando o discípulo passo a passo; não o mete num labirinto; apresenta-lhe um plano disposto na melhor ordem que assenta no lugar, uma a uma, as pedras do edifício, os elementos da língua. Dá a conhecer as letras, uma a uma, assim como a sua aplicação e só no fim constitui a cadeia do alfabeto, ligados a estes elos. (p.110)*



Figura 24- Cartilha Maternal João de Deus.

## Fundamentação

### 3.3.4.2. A Cartilha Maternal João de Deus

A Cartilha Maternal João de Deus é um dos meios eficazes para formar leitores. Na metodologia João de Deus, as aulas de Iniciação à Leitura e Abordagem à Escrita são efectivadas através da Cartilha Maternal.

Segundo Ruivo (2009)

*João de Deus toma como elemento estruturante fundamental a palavra. O seu Método de Leitura, estava baseado na análise da língua feita através de um processo sério e graduado a partir do raciocínio lógico e numa atitude construtivista de descoberta de valores e regras que levam à leitura consciente e significativa. (p. 80)*

Para Viana e Teixeira (2002) João de Deus desenvolveu uma metodologia que:

*Funda-se na língua viva, não apresenta os seis ou oito abecedários do costume, senão um, do tipo mais frequente, e não todo, mas por partes, indo logo combinando esses elementos conhecidos em palavras que digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem; de modo que em vez do principiante apurar a paciência numa repetição néscia, se familiarize com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras inteligíveis. (p.110-111)*

Os mesmos autores realçam a qualidade do método João de Deus e comentam:

*Não conhecemos manuais escolares que proponham o que a Cartilha Maternal propôs, ao apresentar as palavras segmentadas silabicamente através do recurso ao preto/cinza. O recurso a estruturas gráficas artificiais, identificando a divisão das palavras sem quebrar a unidade gráfica (e sonora) das mesmas. (. . .) a metodologia de João de Deus recusa-se a tratar as sílabas independentemente das palavras em que estão inseridas (crítica frequentemente dirigida aos métodos fónicos), permitindo ensinar o código alfabético num contexto de leitura significativo. (p.111)*

A metodologia João de Deus goza ainda de um mérito de grande relevância no âmbito educativo que é a consideração pela individualidade das crianças. Para a realização das lições da Cartilha Maternal, como regra, são seleccionados grupos de 3 a 4 crianças de modo a apoiarem-se mutuamente. Salvaguardando assim algum aluno que seja mais tímido ou com mais dificuldade. Sob este ponto de vista (Zabalza, 1998) afirma que *“a atenção individualizada está na base da cultura da diversidade. É justamente com um estilo de trabalho que atenda individualmente às crianças que poderão ser realizadas experiências de integração”*. (p. 53)

Viana e Teixeira (2002) descrevem esta estratégia como uma arte, que vai tornar fáceis as coisas difíceis:

*A importância da relação afectiva e o respeito pelos ritmos próprios de cada criança perpassa toda a obra pedagógica de João de Deus. Desenvolvendo um método que permita “massificar” o acesso à leitura, João de Deus não esqueceu nunca a necessidade da individualização, já que cada criança seguia a Cartilha ao seu ritmo próprio (e não ao ritmo de uma classe). Também não esquecia a necessidade de estimular e de reforçar as pequenas conquistas que a criança ia fazendo, porque aprender a ler requer disponibilidade afectiva, atenção e também esforço.* (pp.118 -119)

Ruivo (2009) reforça a pertinência do ritmo individual da criança, salientando a função do grupo/equipa durante as lições, dizendo que:

*Essa pequena “equipa” torna as lições mais vivas e equilibra em interação o comportamento individual de cada aluno: os mais activos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes. Nunca devem responder em coro, cada um fala na sua vez, mas estão todos empenhados numa mesma tarefa.* (p. 133)

### **Terça-feira, 04 de Maio de 2010**

Hoje, tive que regressar à sala do Bibe Encarnado A, na primeira parte da manhã, para dar uma aula programada, na área do *Conhecimento do Mundo*, com o tema **“Reino Animal: Mamíferos marinhos - O Golfinho.”** Esta foi observada e avaliada por uma professora da equipa da supervisão pedagógica. O relato desta aula, a inferência, a fundamentação e a autoavaliação da mesma, podem ser visualizados no capítulo das planificações.

10h20 – Depois de arrumar o material utilizado, regressei ao Bibe Azul, para assistir às aulas surpresas das colegas de estágio. A primeira actividade pedida pela supervisora foi um jogo ao ar livre e quando cheguei já estava no final. De seguida,

pediu a uma outra colega para dar uma aula de matemática com o material estruturado “**III e IV Dons de Froebel**”.

A colega improvisou uma história, através da qual fez as construções de camioneta e mobília da sala, efectuando contagens e cálculos mentais. Questionou as crianças sobre os conceitos: dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia. Terminado o tempo, as crianças arrumaram o material.

A uma outra colega, pediu uma aula de estimulação à leitura. A supervisora deu a possibilidade de decidir sobre uma lengalenga e esta optou por “**Tão-Balalão.**” Para a introduzir, a colega disse uma adivinha: “*Tem orelhas compridas e é um animal de estimação*”. As crianças responderam imediatamente, que era um cão e ela pediu-lhes que dissessem uma lengalenga que falasse do cão. As crianças enunciaram o seguinte: “*Tão balalão, cabeça de cão, orelhas de gato, não tem coração*”.

Seguidamente, a colega sugeriu que repetissem a lengalenga, com ritmos diferentes (devagar, rápido, grave, agudo, a chorar, a rir...). Depois disto distribuiu quadrinhos de papel de cores diferentes e realizou com as crianças a dobragem que representava a cabeça de um cão que depois colaram numa folha. Entretanto chamou 3 crianças à Cartilha e deu a lição do “zêxe”.

11h30 – Reunião de avaliação das aulas, assistidas pela equipa responsável pela supervisão pedagógica.

14h15 – **Aula de Inglês.**

15h40 – A educadora pediu-me uma aula surpresa de **Estimulação à Leitura.**

Proporcionou-me alguns materiais, deixando-me a liberdade de escolha e optei por ler a história através dum livro intitulado “*Beijinhos e Abraços*”. Tratava-se da história de um cão que vivia com os “pais” e “irmãos”. Num certo dia levantou-se sorrateiramente, muito cedo, e andou pelas ruas à procura de amigos que lhe dessem beijinhos e abraços mas, por fim descobriu que de todos os beijos e abraço que recebera, os melhores eram os da mãe.

Depois da leitura da história, questionei as crianças, se algum dia, tinham tentado fazer uma aventura semelhante. Estabeleceu-se um diálogo interessante e muitas contaram coisas parecidas. Estavam entusiasmadas e todas quiseram partilhar a sua aventura, chegando todos à conclusão, que este procedimento não era correcto

e podia ser perigoso. Como já tinha acabado o tempo, dei por terminada esta aula. Seguiu-se um momento de avaliação da minha aula com a educadora e as colegas.

### Inferências

As actividades deste dia nomeadamente da parte da manhã, que pude observar, foram bem-sucedidas. A colega que realizou a actividade na área da Matemática, conseguiu estabelecer uma boa relação com as crianças, expondo de uma forma clara aquilo que pretendia. Através da história realizou várias situações problemáticas a que as crianças corresponderam sem hesitação. No entanto poderia também, ter efectuado representações numéricas no quadro, para ajudar as crianças a concretizar melhor o raciocínio e tornar mais dinâmica a sua aula.

A Enciclopédia de Educação Infantil (1997) sustenta esta consideração:

*Para que a criança seja capaz de extrair uma conclusão mediante um determinado processo lógico, deverá necessariamente passar pela observação e manipulação dos objectos e pela verbalização das acções realizadas; verbalização que deve ser reflexo ou manifestação externa do processo de reflexão sobre as operações efectuadas. (p.901)*

A colega que desenvolveu a actividade de Estimulação à Leitura utilizou estratégias pertinentes, para o desenvolvimento da linguagem oral. O facto de ter utilizado a adivinha para as crianças descobrirem a lengalenga que pretendia trabalhar e a repetição da mesma em ritmos diferentes, proporcionaram estímulo à imaginação e à memória. Azevedo, (2007) diz que “No jardim-de-infância as lengalengas são sinónimas de divertimento para as crianças, permitindo-lhes desenvolver o seu imaginário.” (p.27)

Custódia (2002) afirma que:

*Brincar com as palavras, articular sons, imprimindo-lhes determinada cadência, é sensibilizar a criança para a linguagem materna despertando-lhe o gosto pela leitura e a escrita. Se quisermos ser mais arrojados até podemos afirmar, que aqueles momentos lúdicos podem constituir os primeiros contactos no mundo da poesia. (p.21)*

Ainda a mesma autora afirma que a criança em idade pré-escolar prende-se facilmente à sonoridade da rima, argumentando que este facto pode revelar-se para o educador uma possibilidade de entrar, assim, no mundo da expressão e da criatividade, interligando actividades de diferentes naturezas que partem da palavra e terminam na palavra. É esta, afinal, a tarefa das lengalengas.



Na mesma linha de pensamento, Costa (1992) diz que, “(...) *a pouco e pouco a criança vai-se apropriando dos sons, da voz, da fala e dominando dentro desta a fonologia e depois a morfologia, a sintaxe e semântica e paralelamente vai construindo a noção do outro, do eu, do espaço, do símbolo e do tempo*”. (p. 26)

#### **Quarta-feira, 5 de Maio 2010**

9h30 – **Aulas programadas supervisionadas**, pela equipa responsável pela prática pedagógica, preencheram a manhã deste dia.

Enquanto aguardávamos a chegada dos supervisores, a educadora fez leitura de algumas palavras, segundo a regra da Cartilha Maternal. Associou a palavra dez, à dezena, realçando o som das letras iniciais destas duas palavras, para esclarecer algumas crianças, que ainda mostravam uma certa dificuldade sobre este conceito. A seguir, perguntou quanto era uma, duas, três e quatro dezenas. As crianças responderam correctamente sem hesitação. No fim desta actividade, a educadora entregou uma proposta de trabalho, na área da escrita.

10h30 – Chegou a equipa de supervisão que assistiu às aulas das colegas do 4º ano de Licenciatura do Curso de Educação de Infância, que desenvolveram a actividade na área do **Conhecimento do Mundo**, cujo tema era “**A Habitação**”.

A primeira colega, começou por mostrar às crianças a planta de uma casa que fez passar de mão em mão, perguntando o que estavam a visualizar, escutando o parecer de cada uma. Seguidamente perguntou como se chamava o “desenhador” de casas e qual a sua profissão.

Mostrou várias imagens no PowerPoint, em que se podia visualizar como se constrói uma casa, desde os alicerces (fundamentos) até estar pronta para nós habitarmos, apresentando também, os materiais e objectos de construção e todos os profissionais que se envolvem na construção de uma casa. Para finalizar, mostrou ainda a imagem de uma casa de aldeia e uma de cidade, observando as suas arquitecturas e diferenças. A seguir, uma segunda colega, deu continuidade à actividade, abordando o tema “**Os Tipos de Habitação**”, no nosso país e noutros. Neste momento, um dos supervisores que estava na sala do bibe encarnado, de onde eu tinha acabado de estagiar, veio chamar-me para uma aula surpresa que ainda não me tinham feito neste bibe. Sendo assim, às 11h30, deixei a sala do Bibe Azul e fui para a sala do Bibe Encarnado.

A supervisora pediu-me uma aula de **“Iniciação à Matemática”** com o material estruturado **“III e IV Dons de Froebel”**. Pedi ajuda de duas crianças para a distribuição do material. Depois de combinadas as regras, disse-lhes para retirarem as peças correctamente das caixinhas, passei pelas mesas, verifiquei se todas tinham conseguido abrir as caixas e se tinham as peças correspondentes a cada um dos Dons, ajudando as que tinham dificuldade em abrir as caixas.

Explorei as peças de cada um dos Dons, quanto à forma e abordei a quantidade. Introduzi uma história que serviu de suporte às construções e às situações problemáticas, que fui realizando. Fiz cálculos mentais e pedi a algumas para fazerem a representação numérica no quadro. Com perguntas dirigidas, abordei os conceitos: par, ímpar, dezena, meia dezena, dúzia e meia dúzia.

Depois desta aula, regressei de novo à sala do Bibe Azul; a colega a que me referi inicialmente, estava a terminar a sua aula. Às 12h10, todas as outras estagiárias, foram para o momento de avaliação com a equipa supervisora.

15h00 – A educadora deu uma aula de **Iniciação à Matemática** com o material estruturado **“ III e IV Dons de Froebel”**. Distribuiu uma ficha com o seguinte enunciado: **“ O senhor Manuel transportou na sua camioneta 3 caixas e cada caixa levava 2 mesas. Ao todo quantas mesas levavam as 3 caixas?”** As crianças fizeram a actividade acompanhadas pelas estagiárias, obtendo o seguinte resultado:

$$\begin{array}{r} 3 \\ 2 \end{array} \quad \begin{array}{r} 3 \\ 2 \end{array} \times 2 = 6 \quad \begin{array}{r} 3 \\ x 2 \\ \hline 6 \end{array}$$

À medida que as crianças iam terminando esta ficha, a educadora ajudada pelas estagiárias, distribuíram algumas fichas das aulas anteriores, que estavam por terminar. Cada uma completou o que lhe faltava.

15h20 – A educadora disse que iriam realizar uma visita de estudo ao Oeste Infantil, propondo realizar umas prendas para levarem. Pedi ajuda às estagiárias para distribuírem a cada criança uma porção de massa de moldar, forminhas e ímanes, para fazerem uns objectos que serviriam para enfeitar o frigorífico.

## Inferências

As aulas supervisionadas deste dia, decorreram de uma forma positiva. Os conteúdos abordados foram pertinentes para o conhecimento das crianças, que estiveram sempre muito atentas e participativas. Nas duas salas em que tive a ocasião de participar, observei que as estratégias utilizadas proporcionaram o envolvimento das crianças de uma forma significativa, o que pude confirmar durante a avaliação das aulas com os supervisores.

Gostei muito da minha prestação durante a aula surpresa. Senti-me à vontade no uso do material que me foi pedido e na realização dos exercícios com as crianças e estas também, corresponderam. Houve uma relação de empatia e no meu entender, esta atitude é um meio eficaz para um bom desempenho por parte do educador e conseqüentemente de aprendizagem por parte do educando. Concordo com a ideia de Brazelton e Greenspan (2004) quando afirmam que, *“toda a aprendizagem (...) começa com o carinho, a partir do qual as crianças aprendem a confiar (...).”* (p.188).

Neste clima harmonioso consegui envolver as crianças que participaram de uma forma activa. Nesta perspectiva Brickman, N. & Taylor (1991) afirmam que:

*As experiências de aprendizagem para as crianças devem ser activas; isto é, tais experiências devem tornar a criança capaz de construir o seu próprio conhecimento lidando directamente com pessoas, materiais e ideias. (...) o papel do adulto não é dirigir ou controlar este processo de aprendizagem mas antes apoiá-lo. (p.153)*

## 2ª Semana

**Segunda-feira, 10 de Maio de 2010**

9h15 – Aulas programadas para todo o dia e efectuadas por uma aluna do 4º ano de licenciatura do Curso em Educação de Infância, que abordou o tema ” **A China**”, foram observadas e avaliadas pela educadora da sala.

A primeira aula foi na área do **Conhecimento do Mundo**. A colega vestida de traje chinês, começou por imaginar uma viagem a este país, mostrando imagens no *powerpoint*. Conversou com as crianças sobre a situação geográfica deste país da Ásia, a cultura e a língua, destacando as diferenças entre a escrita e os traços fisionómicos das pessoas da China em relação às de Portugal. Perguntou às crianças que língua se falava na China e estas responderam que era “chinês”. A colega esclareceu que era mandarim e ensinou algumas palavras em mandarim. Terminou esta primeira aula com um piquenique chinês, dando a provar vários sabores típicos da China.

10h10 - **Expressão Motora - Jogo**. A colega distribuiu crachás às crianças, formando 3 equipas de camponeses, distinguindo-as pelas cores. Depois de uma breve explicação, levou-as para o recreio onde já tinha preparado, ajudada pelas colegas, 3 pratos com 15 bagos de arroz em esferovite. Cada equipa dos camponeses devia recolher o arroz que lhe pertencia e a equipa vencedora seria a que acabasse em primeiro lugar.

10h20 - De regresso à sala realizou a actividade de **Iniciação à Matemática**, utilizando o material estruturado “**Tangram**.”

Fez a ligação com a aula anterior, descrevendo uma “viagem” à China. Estava a passear junta à muralha da China quando viu ao longe um chinês. Pediu às crianças para construírem uma figura humana, utilizando as 7 peças, enquanto mencionava as formas geométricas de cada uma. Fez ainda a construção da figura de uma casa e de um gato, utilizando também as 7 peças. Realizou vários cálculos mentais, situações problemáticas, pedindo às crianças para representarem os cálculos no quadro. Fez várias operações, servindo-se ainda de alguns materiais alternativos.

11h35 – A colega realizou a actividade de **Estimulação à Leitura** utilizando um livro gigante elaborado pela própria, cujo título era “**Sombra Chinesa**”.

Pediu a interacção das crianças ao longo da história, para colocarem palavras e imagens adequadas ao que ela ia lendo. Após a leitura conduziu-as para as mesas e com a ajuda das outras colegas, distribuiu um pequeno livro intitulado **“O meu livro de Vocabulário”** que tinha desenhos de animais. Distribuiu ainda um envelope, com palavras correspondentes aos desenhos do livro, para colarem nos respectivos lugares e a seguir pintarem os desenhos. Entretanto chamou três, para a Cartilha e fez a revisão da letra **“m”**.

14h15 – Como as crianças não tiveram tempo para terminar a actividade proposta na parte da manhã, a colega pediu para a continuarem e chamou 3 para a leitura da Cartilha Maternal.

14h50 – Realizou a ultima actividade do dia, no domínio da **Expressão plástica**. Distribuiu a cada criança uma caixa de ovos vazia e tinta verde, perguntando-lhes qual era o animal sagrado para os chineses? Responderam que era o dragão e disse-lhes para pintarem as caixas e fazerem um dragão.

### Inferências

A colega teve uma postura adequada no seu desempenho ao longo do dia; soube manter a regra e a disciplina, foi dinâmica e acolhedora. Usou estratégias de acordo com a idade dos alunos e provocou a aprendizagem de uma forma lúdica, usou materiais apelativos, criou momentos de expectativa e fez a interdisciplinaridade.

O Tema abordado foi pertinente para a cultura da actualidade. O facto de ter falado de uma cultura diferente, despertou nas crianças um certo interesse e curiosidade. Vivemos numa sociedade multicultural e globalizante e é importante conhecer e ter a noção das várias culturas, para que haja aceitação, acolhimento e respeito das pessoas entre si. O Relatório para a UNESCO sobre Educação para o século XXI, argumenta, considerando as políticas educativo um processo permanente de enriquecimento dos conhecimentos, do saber fazer, sublinhando a primazia da construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos, grupos e nações.

Na actividade de matemática, a colega conseguiu introduzir várias situações problemáticas a que as crianças corresponderam com entusiasmo. A meu ver, foi oportuna a utilização do material Tangram, para o desenvolvimento da aula. Estava intrinsecamente ligado ao conteúdo dado à sua lenda. Na aula de estimulação à leitura utilizou uma estratégia modelo, pois, proporcionou às crianças um momento mágico,

que estimulou a imaginação, pelo facto de ter feito a interacção do texto escrito com a sombra chinesa e em simultâneo a ilustração da história.

Porém, apesar das aulas terem sido conseguidas, achei que a colega devia colocar mais questões dirigidas, saber ouvir e explorar as intervenções das crianças. Por vezes mostrava-se um pouco preocupada com o que queria transmitir e isso impediu-a de dar mais atenção aos aspectos mencionados.

*Se o educador tem um papel fundamental na escolha dos assuntos a desenvolver, importa que, quer esta decisão, quer a ideia inicial, parta dos interesses das crianças... sendo a educação pré-escolar como processo que deve partir do que as crianças já sabem. (OCPEPE, p. 84)*

Não obstante a pequena lacuna na valoração das intervenções das crianças, observei, que soube conduzir de forma harmoniosa o tema e relacionar os conteúdos, de tal forma que parecia vivenciar a realidade cultural daquele país, a China.

Nesta linha de ideias as Orientações Curriculares (1997) argumentam:

*Se o contexto imediato de educação pré-escolar é fonte de aprendizagens relativas ao conhecimento do mundo, este supõe também uma referência ao que existe e acontece no espaço exterior (...). Se o meio próximo tem um sentido afectivo e relacional que, facilitando a sua apreensão, fornece quadros explicativos para outras situações mais distantes, a fantasia das crianças permite-lhes o aceso a “realidades” que não se limitam ao mundo próximo. (pp.79-80)*

## Fundamentação

### 3.3.4.3. Material estruturado Tangram

*O estudo do processo de criação matemática envolve ainda outros saberes, alguns mais ligados aos processos sociais, como a Sociologia ou a Antropologia, ou outros como a Filosofia ou Linguística. E parece envolver, em particular, uma sensibilidade capaz de integrar todas estas abordagens, respeitando as características particulares do conhecimento matemático. (Silva & Pinto, 1986.p.138)*

É através destes processos acabados de citar que apareceu o material didáctico Tangram. Caldeira (2009) refere que este material é um jogo ou “quebra-cabeças” de origem chinesa, também conhecido como tábua das sete sabedorias. Segundo a Lenda, o nome deste deve-se a um homem chamado Tan, que deixou cair um ladrilho, que se quebrou em 7 pedaços. Na tentativa de reconstruir o ladrilho, verificou que era possível, com as 7 peças, formar múltiplas figuras diferentes. As 7 figuras compostas por diferentes formas: 5 triângulos (2 grandes, 1 médio e 2 pequenos); 1 quadrado (correspondente a 2 triângulos pequenos); 1 paralelogramo (correspondente a 2

triângulos pequenos). As 7 figuras geométricas, por sua vez permitem compor um quadrado. Damas e Oliveira (2010) completam este raciocínio dizendo que “As sete peças que compõem o Tangram podem obter-se pela decomposição de um quadrado por processos geométricos.” (137).

Este é também um dos materiais manipuláveis utilizados na metodologia João de Deus para a Iniciação à Matemática. Um material didáctico, “puzzle” geométrico, que possibilita o desenvolvimento de actividades de uma forma lúdica.

### ✓ **Interesse pedagógico do Tangram**

Na perspectiva de Damas e Oliveira (2010):

*Este material permite realizar uma enorme variedade de actividades que implicam o desenvolvimento do sentido espacial e criativo dos alunos. A composição e decomposição de figuras, assim como, relações entre áreas são conceitos geométricos que poderão ser trabalhados com a manipulação das peças. (p.137)*

Matos e Gordo (1993) citados por Ponte e Serrazina (2000) enfatizam alguns aspectos importantes, que podem desenvolver-se com a utilização deste material como seja a capacidade espacial. Um elemento é essencial em muitas tarefas, definindo assim, alguns aspectos da capacidade visual:

*Coordenação visual e motora - Capacidade de coordenar a visão com os movimentos do corpo; Memória visual - Capacidade de recordar objectos que já não estão à vista; Percepção figura-fundo - Capacidade visual de identificar um componente específico numa determinada situação e que envolve a mudança de percepção de figuras contra fundos complexos; Constância perceptual – Capacidade de reconhecer figuras geométricas em diversas posições, tamanhos, contextos e texturas; Percepção da posição no espaço – Capacidade para distinguir figuras iguais mas colocadas com orientações diferentes; Percepção de relações espaciais – Capacidade de ver ou imaginar dois ou mais objectos em relação consigo próprios ou em relação connosco; Discriminação visual – Capacidade para identificar semelhanças ou diferenças, entre objectos. (p. 168)*

Por sua vez Caldeira (2009) argumentar que:

*O Tangram tem um lugar no ensino da matemática. Ajuda a desenvolver as inteligências lógico-matemática, espaciais e intrapessoal. (...). O seu valor educativo, entre outros aspectos, reside no exercício da concentração e no estímulo à investigação e à criação. Permite actividades de manipulação de figuras geométricas, fazendo inúmeras composições, transformações e rotações das peças, permitindo “ver partes” num “todo” complexo. (p.398)*

Santos (2008) citados por Caldeira (2009) complementa esta ideia dizendo:

*O Tangram, como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presente nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem, permite que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações. (p. 391)*

Ainda na opinião de Alsina (2004):

*O jogo do Tangram é um recurso lúdico-manipulativo muito útil na preparação das noções de superfície e área. A sua utilização no ensino de matemática é de grande interesse para aprofundar a análise das diferentes formas geométricas, tanto no que se refere às suas propriedades (lados formados por linhas rectas ou curvas, número de lados de cada figura, etc.), como nas relações que se podem estabelecer entre as diferentes figuras (composição e decomposição de figuras, etc.). (p.82)*

Segundo o mesmo pensamento Caldeira (2009) enuncia algumas competências como: as Capacidades e Destrezas que se podem desenvolverem com o uso deste material:

*Desenvolver a concentração; estimular a curiosidade contribuindo para a perseverança; capacidade em transformar; percepção espacial; desenvolver o sentido da comparação; noção da área/perímetro; desenvolver a escrita; desenvolver a linguagem e a criatividade. (p.399)*

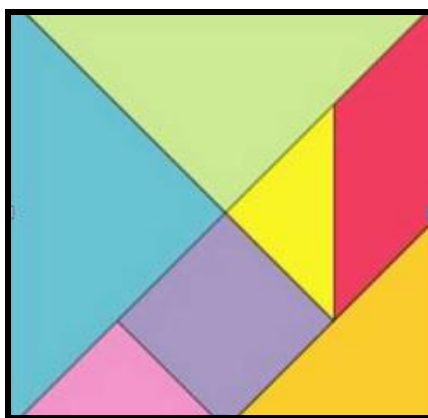


Figura 25 – Material estruturado Tangram

### **Terça-feira, 11 de Maio de 2010**

9h25 – Segundo consta no horário da turma devia haver uma aula de música. A educadora ocupou o momento na conversa com as crianças, seguida da recitação de algumas lengalengas e trava-línguas.

9h45 – Distribuiu uma proposta de actividade com grafismo, durante a qual recordou a noção de singular e plural. Depois escreveu algumas frases para elas copiarem, primeiro para uma folha de rascunho e a seguir passarem a limpo.



11h05- Enquanto as crianças terminavam a proposta de actividade iniciada anteriormente, chamou algumas para a Leitura da Cartilha Maternal, recordando as regras pedindo às crianças para formarem frases.

11h45 – A educadora deu uma aula de **Iniciação à Matemática** utilizando o material matemático “**Geoplano**”. Representou algumas figuras geométricas, explorou as formas e os lados e fez contagens destes. Sempre com a participação das crianças realizou várias situações problemáticas e cálculos mentais; chamou algumas para representarem os cálculos no quadro e as que estavam nos seus lugares, participavam na realização dos cálculos, segundo as questões levantadas pela educadora. Para terminar, pediu para fazerem uma construção em forma de triângulo. Passou pelas mesas, observando as figuras, recordou os conceitos: dúzia e meia dúzia.

14h00 - Conversa sobre o comportamento que as crianças tiveram ao longo da manhã. A educadora mostrou desagrado por algum comportamento menos correcto e deu reforço positivo às que se portaram bem.

14h15 - As crianças do 1º ciclo do 4º ano E.B. contaram uma história através de um livro intitulado: “**O livro da selva**”. Depois da leitura fizeram a interpretação do texto através de uma caça ao tesouro. Dividiram o grupo em dois e formaram duas equipas: A e B, que foram descobrir imagens de animais espalhadas pela sala. Encontradas as imagens, as equipas deviam dizer o nome do animal e descrever que função desempenhava na história, acabada de escutar.

14h45 – Segundo consta no horário da turma devia haver aula de Inglês. Como a professora não apareceu, a educadora deu uma aula na área do **Conhecimento do Mundo**: “ **Os animais**”. Fez a revisão das várias classes dos animais e mostrou imagens alusivas a cada uma, através de um PowerPoint enquanto observava e conversava sobre as suas características.

15h00 – **Expressão Plástica: Dobragem.**

15h45 – Levou as crianças para o salão e fez um jogo orientado.

## Inferências

Todas as actividades deste dia decorreram de uma forma harmoniosa. Achei excelente e de grande interesse pedagógico, a intervenção das crianças/alunos do 1ºciclo. Na minha opinião, na medida em que esses interagem com os mais novos vão construindo, eles próprios, a sua aprendizagem e adquirindo a competência leitora.

Neste sentido, Neto e Almeida citados em Alarcão (2001), afirmam que “(...) *o conhecimento do sujeito é da ordem do sujeito que, para construir significados para as coisas, tem de envolver-se activamente no estabelecimento de conexões entre aspectos da situação de aprendizagem e os seus conhecimentos prévios*”.(p.24) Durante as actividades, as crianças demonstraram algumas competências e revelaram um nível elevado de auto-estima. Através desta interacção utilizaram estratégias adequadas, entre elas a verbalização, que proporcionaram o desenvolvimento de inúmeras competências em termos da linguagem.

Nesta perspectiva Zabalza (1998) sustenta que:

*A linguagem é uma das peças-chave da educação infantil. É sobre a linguagem que vai sendo construído o pensamento e a capacidade de descodificar a realidade e a própria experiência, ou seja, a capacidade de aprender. É preciso, então, criar um ambiente no qual a linguagem seja a grande protagonista: tornar possível e estimular todas as crianças a falarem; criar oportunidades para falas cada vez mais ricas através da interacção. . . .(p. 51)*

Nesta linha, o Jardim-Escola proporciona meios variados que estimulam a competência leitora e promovem a literacia e ao mesmo tempo desenvolve a atitude de cidadania, como refere no seu Projecto Educativo (2009/10) uma das metas educativas é a de “*promover nos alunos atitudes e valores conducentes ao seu desenvolvimento como cidadãos responsáveis e participativos; promover o sentido de entreatajuda e cooperação*”. (p.30)

### **Quarta-feira, 12 de Maio de 2010**

9h15 – Aula de Música

Como o professor não chegasse, a educadora distribuiu uma folha com proposta de actividades. Pediu para observarem as imagens e colocou algumas questões sobre a quantidade dos elementos que cada uma representava, pedindo às crianças, para dizerem o plural e o singular de algumas palavras enunciadas.

Convidou também algumas crianças para perguntarem umas às outras, o singular e o plural de várias palavras, à escolha. Uma criança teve certa dificuldade na compreensão desses dois conceitos. A educadora recorreu à teoria de conjunto, perguntando quantos elementos tem um conjunto singular, e acrescentou que o plural, significa muitas coisas e singular uma só. A seguir fez o contrário: as crianças que faziam as perguntas diziam uma palavra no plural e as outras respondiam no singular. Posteriormente, distribuiu uma folha, pedindo para construírem uma frase, com a palavra “lápiz”.

11h05 – A educadora deu aulas de revisão da **Cartilha Maternal**. Chamou 3 crianças e leu a lição de cêke, rêre, zêxe e cezêxe. Seguidamente, deu uma aula de **Iniciação à Matemática** com o material “**Geoplano**”.

Começou por questionar as crianças sobre o nome do material, pedindo para representarem uma figura que tivesse menos de 6 lados e mais de quatro, perguntando quantos lados deveria ter essa figura. 5, respondeu uma criança. Seguidamente, pediu que construissem outra figura com o dobro dos lados em relação à primeira, perguntando quantos lados devia ter essa figura. A criança inquirida respondeu 10 lados ou seja, uma dezena de lados.

A educadora pediu ainda, para representarem um triângulo. Perguntou quantos lados tinha esse triângulo e se fossem dois, quantos lados tinham ao todo e que conta podiam fazer para saberem ao certo a quantidade de lados. Fizeram a seguinte operação:  $3+3=6$ . Entretanto uma outra criança disse espontaneamente, que se podia fazer de uma outra maneira e a educadora permitiu-lhe ir ao quadro e essa representou:  $3 \times 2=6$ . Para finalizar esta aula, a educadora disse às crianças que representassem livremente outras figuras e a seguir passou pelas mesas, explorando-as.

14h00 – A educadora esteve a conversar e a ouvir as crianças sobre os comportamentos que tiveram durante a manhã, ao almoço e no recreio, fazendo alguns ajustamentos.

14h45 – Fez uma pequena revisão das aulas dadas anteriormente, na área do **Conhecimento do Mundo**, em que falaram sobre os animais mamíferos – os ovíparos e suas características. Feita esta pequena revisão, prosseguiu com a actividade na mesma área, abordando o tema “**Os Peixes**”. Mostrou imagens no PowerPoint com vários tipos de peixes, conversando sobre o habitat, característica,

alimentação, crias dos mesmos, observando as partes constituintes. Falou da importância do peixe na nossa alimentação.

15h30 – **Domínio de Expressão Plástica: “Dobragem em Origami”** A educadora foi realizando a dobragem e as crianças seguiram a evolução até obter a figura de um peixe.

## Inferências

*Segundo Brazelton e Greenspan (2004):*

*As crianças aprendem... a modelarem as suas atitudes a partir das atitudes de quem está com elas. (...) quando a disciplina é estabelecida como uma aprendizagem e é reforçada com muita empatia e carinho, as crianças sentem-se bem por seguirem as regras. (pp. 188 -189)*

É nesta perspectiva que observei o momento de conversa da educadora com as crianças, sobre alguns comportamentos menos bons, que tiveram durante algumas actividades. Achei interessante a maneira como a educadora abordou este aspecto. Mostrou seriamente o seu descontentamento, colocando as crianças numa atitude reflexiva, num clima amigável. Verifiquei que havia uma empatia e confiança em ambas as partes. Ao tomar esta atitude, a educadora proporcionou às crianças um momento significativo de desenvolvimento de valores da cidadania. A este respeito Libâneo (1995) afirma:

*Os educadores devem ajudar os estudantes a construírem seus próprios quadros valorativos a partir do contexto de suas próprias culturas, não havendo valores com sentido universal. Os valores a serem cultivados dentro de grupos particulares são a diversidade, a tolerância, a liberdade, a criatividade, as emoções, a intuição. (p.24)*

Formosinho (1996) sustenta ainda que “os professores podem ajudar as crianças a adquirirem um comportamento adequado tornando-lhes claro aquilo que se espera delas de uma forma directa e clara. Um dos objectivos principais das estratégias de orientação e de estabelecimento de limites é ajudar as crianças a atingirem o controlo dos impulsos internos.” (p.28)

**Segunda-feira, 17 de Maio 2010**

9h20 – A Educadora distribuiu uma ficha com a proposta de actividade sobre a escrita, com o enunciado: “*Escreve o alfabeto minúsculo em letra redonda*”. Depois de uma breve explicação, escreveu uma frase no quadro para as crianças copiarem, e ofereceu um autocolante àquelas que terminaram em primeiro lugar.

9h30 – Aulas programadas, na sala do Bibe Amarelo A, observadas e avaliadas pela equipa de supervisão pedagógica. Estas foram efectivadas por duas estagiárias do 4º ano de Licenciatura do Curso de Educação de Infância.

A primeira desenvolveu a actividade na área do **Conhecimento do Mundo** e abordou o tema “**O Fundo do Mar**”. Mostrou um PowerPoint com várias imagens do fundo do mar, explorando as características deste habitat. Mostrou ainda um peixe em tecido adequado, cujas barbatanas colocou, posteriormente, com a colaboração das crianças, falando simultaneamente dos nomes das várias partes do peixe. A partir de imagens alusivas falou do tipo de alimentação e da respiração do peixe e pediu a algumas crianças para irem contar os peixes que estavam a visualizar, explorando os nomes, tipos e características.

Para finalizar apresentou um peixe “morto”, lupas, e sacos com escamas secas. Chamou três crianças de cada vez, entregou as lupas para observarem o corpo do peixe e as guelras, enquanto fazia passar de mão em mão, o saco com escamas, para sentirem se a textura era áspera ou macia.

A segunda aluna desenvolveu a actividade no **Domínio da Matemática**, utilizando o **material alternativo**. Esta colocou uma piscina em plástico dizendo que era um “lago” e que iam pescar. Dentro do lago havia peixinhos feitos em cartolina de cores: azul, amarela e encarnado. Chamou várias crianças que pescaram “peixinhos” de cores diferentes, colocando-os no chão, formando uma sequência e a seguir colocaram os algarismos correspondentes à quantidade dos peixes.

Num segundo momento, colocou na parede imagens de 3 baldes em cartolina, pedindo outras crianças para irem pescar. A primeira criança pescou 2, a segunda 4 e a terceira 5 que colocaram nos baldes. Com a colaboração das crianças, mandou colocar o número correspondente à quantidade de peixinhos de cada balde, perguntando qual dos baldes tinha a maior e qual tinha a menor quantidade de peixes

e se havia algum com a mesma quantidade. Num terceiro momento, chamou uma criança para pescar 6 peixes e reparti-los por 3 amigos de modo a ficarem todos, com a mesma quantidade.

11h30 – Seguimos para a reunião de avaliação com os supervisores, que se prolongou até às 12h50.

14h20 – As alunas do 1º ciclo, 4º ano do E.B, orientaram uma actividade na área de **Estimulação à leitura**. Estas, utilizaram um livro intitulado “**A Zebra Cecília**”. Leram a história e interagiram umas com as outras, pedindo em simultâneo a interacção do Bibe Azul. Depois deste momento, a Educadora chamou algumas crianças à cartilha e deu a lição do cêke.

### **Inferências**

As actividades observadas ao longo deste dia foram diversificadas e em salas diferentes. Os temas abordados ao longo das actividades foram importantes para o processo de aprendizagem das crianças. As aulas supervisionadas foram bem conseguidas e os supervisores apontaram alguns aspectos a melhorar por parte das colegas que realizaram essas actividades.

As aulas de estimulação à leitura realizadas pelas alunas do 1º ciclo, 4º ano do EB, foram muito bem conduzidas. Utilizaram estratégias que envolveram as crianças de um modo significativo; acho de grande interesse esta interacção entre crianças, que a meu ver, faz desenvolver inúmeras competências de ambas as partes.

Formosinho (1996) salienta a importância de ajudar as crianças a descobrir um terreno comum:

*O desenvolvimento da amizade pode ser muitas vezes facilitado quando os futuros amigos descobrem interesses, experiências ou preferências que têm em comum. O professor pode preparar o terreno indicando os interesses ou experiências que uma criança tem em comum com outra. Esta estratégia é consistente com a estratégia mais geral de pôr as crianças em contacto umas com as outras para que desenvolvam a predisposição para partilhar ideias e sentimentos e contarem as suas experiências umas às outras. Esta prática pode estimular um padrão de interacção frequente entre crianças para que a comunicação não tenha de se dirigir sempre aos adultos ou passar por eles. (p. 38)*

**Terça-feira, 18 de Maio de 2010**

Este dia, devia ser todo preenchido com as aulas programadas por uma aluna do 4º ano de Licenciatura da Educação em Infância. Porém, como está indicado no horário semanal, todas as terças feiras as crianças do Bibe Azul A, têm uma aula de Iniciação Musical.

9h15 – Chegou o professor, que é sempre esperado com muita ansiedade por parte das crianças. Começou por dar os bons dias, cantando acompanhado de um CD de músicas. Cantou várias canções, fazendo gestos e coreografias. Trabalhou oralmente alguns conceitos de Iniciação Musical, de uma forma lúdica e alegre.

10h00 – Seguiram-se as aulas programadas pela colega, que começou por efectivar a primeira actividade na área do **Conhecimento do Mundo**, abordando o tema “ **Os anfíbios**”, falando da rã a quem deu o nome de “Rã Gri, Gri”.

Começou por questionar a que classe pertencia a rã; apresentando uma verdadeira, conversou sobre as suas características e através de imagens no PowerPoint observou: o habitat, os vários tipos de rãs e suas características, a alimentação, a locomoção, a cria e a metamorfose por que passa. Mostrou também um sapo e comparou-os, destacando as diferenças entre a pele lisa da rã e a rugosa do sapo. Realizou um jogo, onde as crianças tinham de apanhar uma mosca em feltro, tentando imitar as rãs, quando caçam os insectos.

A aula seguinte foi a de **Iniciação à Matemática**, em que a colega utilizou o material estruturado “**Calculadores multibásicos**”. Com a ajuda das outras estagiárias da sala, distribuiu uma caixa de Calculadores Multibanco. Contou uma história que serviu de suporte à realização de vários exercícios; utilizou materiais alternativos que auxiliaram a realização de situações problemáticas.

Trabalhou a noção de: dobro, metade, par e ímpar e chamou algumas crianças para realizarem cálculos no quadro.

11h45 – Efectuou-se a actividade na área da **Expressão Motora: O Jogo**. Dividiu a turma em 4 equipas: a família das rãs; distribuiu a cada criança três nenúfares feitos de cartolina. Cada “rã” tinha de atravessar o “lago” com a ajuda dos nenúfares e ir buscar uma mosca. Ganhou a família das rãs que tivera maior número de moscas.

14h10 – **A aula de Inglês.**

A professora colocou um Cd através do qual as crianças escutaram a história de uma refeição preparada em família. A refeição constava de confecção de uma pizza em que toda a família devia colaborar com os vários ingredientes necessários à sua feitura.

15h10 – A colega continuou as suas actividades, dando neste momento a aula de **Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita**. Começou por contar a história “As Partidas da rã” utilizando uma “televisão” feita de cartão. Como a história terminava em rimas, a colega perguntou o que eram rimas, convidando as crianças a dizerem palavras que rimassem com as acabadas de ouvir.

Mostrou algumas imagens para dizerem os nomes alusivos às figuras e palavras, pedindo para encontrarem outras, que rimassem, com as que estavam a visualizar. Apresentou ainda, outras palavras e fez a leitura segundo a regra da Cartilha Maternal. Seguidamente, conduziu as crianças para as mesas, sentando-as nos respectivos lugares e distribuiu uma ficha com a proposta de actividade. Entretanto chamou três delas à Cartilha Maternal e deu a lição do “n” [netil].

A última actividade foi na área de **Expressão Plástica** em que se realizou a **“Dobragem”**. Distribuiu uma tela e um bocado de papel quadrangular, a cada criança. Depois de explorar a forma dos dois materiais, e exemplificando fez a dobragem de uma rã. Disse às crianças que terminada a dobragem deviam colá-la na tela. Entregou bocados de papel crepe de cor azul para rasgarem e colarem por baixo da rã a formar um lago e a seguir pintar a tela a seu gosto. No final cada um deu um nome à sua rã.

### **Inferências**

A estagiária manteve sempre uma postura dinâmica e alegre. Realizou estratégias adequadas ao grupo, utilizou materiais diversificados e apelativos, dando possibilidade às crianças de observarem e manusearem, estabelecendo o diálogo. Conseguiu envolver as crianças, promovendo o conhecimento e aprendizagem de uma forma activa em todas as actividades. Nesta perspectiva Caldeira (2009) argumenta que:

*O educador deve estimular a criança a pensar, propiciar, fornecer informações, sistematizar os conhecimentos que vão sendo construídos, possibilitando o acesso da criança ao desenvolvimento de várias capacidades cognitivas, contribuindo para sua interacção no mundo em que vive, mas não esquecendo de ampliar os horizontes e proporcionar o desenvolvimento, de modo a que a criança evolua no seu modo de pensar. (p.151)*



**Quarta-feira, 19 de Maio 2010**

9h30 – As actividades foram orientadas pela educadora da sala. Entregou algumas propostas de actividade para as crianças terminarem. Entretanto foi chamando algumas à Cartilha e fez uma revisão geral começando pelas vogais. Ao longo das lições recordou as várias regras da **Cartilha Maternal**: os pontos e modos de articulação e a regra da sílaba forte. Fez a leitura das várias letras e palavras alusivas.

11h00 – A educadora deu continuidade às actividades iniciadas anteriormente.

11h50 – Enquanto esperavam a preparação das mesas, fiz sentar as crianças no salão e pedi a algumas que dissessem lengalengas e fizessem alguns jogos, enquanto todo o grupo acompanhava.

14h15 – Actividade de **Iniciação à Matemática** com os **“Calculadores Multibásicos”**. Depois de combinada a regra da utilização do material, a educadora fez o jogo da torre, ditando as peças, que as crianças foram colocando nas placas: na 1<sup>o</sup> placa 2 peças amarelas, uma peça verde, e uma peça encarnada e na 2<sup>a</sup> placa uma peça amarela, uma verde e uma encarnada. Perguntou em que bases estavam a jogar e uma criança respondeu que era na base 3. “Olhamos para a torre mais alta e acrescentamos 1 no pensamento”. Depois de efectuada a soma, pediu para fazerem a leitura da placa dos resultados.

Posteriormente, a educadora ditou o seguinte problema: “ *A vaca do senhor Manuel deu muitos baldinhos de leite e ele resolveu reparti-los* “. Pediu para colocarem na 1<sup>a</sup> placa, 6 peças amarelas. Pegou na 2<sup>a</sup> placa dizendo às crianças para imaginarem que os dois buraquinhos representavam os dois filhos do Senhor Manuel. Foi repartindo, pelos filhos, as 6 peças que representavam os 6 baldinhos; cada um ficou com 3 baldinhos. Depois disse a uma criança para fazer a operação no quadro.

15h00 – A educadora entregou a cada criança uma proposta de actividade e acompanhei algumas na sua realização.

### **Inferências**

Todas as aulas realizadas durante este dia foram de grande interesse para o desenvolvimento de competências das crianças, em vários domínios. Como sempre, estas mostraram-se interessadas e entusiasmadas em todas as actividades.

Durante a aula de revisão geral da Cartilha Maternal, a educadora recordou algumas regras de leitura muito importantes para o desenvolvimento da linguagem: modos e ponto de articulação e a regra da sílaba forte. Esta última é um elemento de grande importância no conjunto das lições enunciadas na Cartilha Maternal. Sim-Sim, Sílvia & Nunes (2008) argumentam que:

*Por volta dos cinco anos, ocorre um processo gradual de aquisição dos sons da fala a que é chamado desenvolvimento fonológico e que contempla a capacidade para discriminar (distinguir) e para articular inteligivelmente todos os sons da língua. (...). A capacidade para distinguir ou discriminar, os sons da fala é apenas uma das facetas do desenvolvimento fonológico; a outra diz respeito à capacidade para produzir sons da fala. Ao processo de produção de sons da fala, através do movimento de um conjunto de órgãos e músculos (língua, lábios, dentes, cordas vocais, palato, etc.) controlados pelo sistema nervoso central, chama-se articulação. (p. 14-15)*

Na aula de matemática, com o material Calculadores Multibásicos, observei que antes de iniciar os exercícios, a educadora, ao longo dos mesmos, tentou recordar as regras da utilização deste material. As crianças estiveram muito atentas e a educadora aproveitou os conhecimentos prévios que contribuíram para a realização dos vários exercícios. Neste sentido Bruner referenciado em (Diciopédia, 2008 [DVD - ROM] Porto Editora) comenta:

*A necessidade de resolver problemas surge a cada momento da vida. Consistindo a resolução de problemas num processo de aplicação de conhecimentos adquiridos previamente a situações novas e não familiares, ela requer determinadas competências, entre as quais: identificação de pormenores importantes, flexibilidade de pensamento, perseverança, avaliação da razoabilidade da resposta.*

Na minha opinião, o material utilizado é um óptimo recurso, que permite iniciar as crianças no conhecimento de inúmeros conceitos matemáticos de forma simples e lúdica. Segundo Nabais (s.d), o Calculador multibásico *é um material polivalente para a descoberta da matemática nas escolas (...): Ideal para a introdução da criança na numeração (diferentes bases), bem como no algoritmo das operações aritméticas.*

Ao ditar as situações problemáticas, a educadora deu sempre às crianças a possibilidade de resolverem as questões, chegando a uma conclusão por elas próprias, através das questões que ia colocando. Nesta perspectiva Ponte e Serrazina (2000) defendem que:

*Os alunos podem representar as suas ideias matemáticas de muitas maneiras. Para além das formas convencionais, podem usar materiais manipuláveis, os dedos, a língua natural, desenhos e diagramas. Através do uso de todas estas representações, desenvolvem as suas imagens mentais das ideias matemáticas. O professor tem de ter atenção para que a aprendizagem da Matemática não seja vista pelos alunos como uma simples aprendizagem de simbologia. (p. 42)*

## Fundamentação

### 3.3.4.4. *Material estruturado Calculadores Multibásicos*

Este material didáctico é bem considerado pelo método João de Deus na Iniciação à Matemática, nomeadamente no Bibe Azul (5 anos). O aparecimento deste material, deve-se a João António Nabais de origem portuguesa. Este excelente material facilita o desenvolvimento da competência matemática.

Nabais (s.d) afirma:

*Com este simples material é fácil a concretização de vários capítulos da aritmética, em especial das operações do cálculo elementar (as combinações das quatro operações), do processo operativo das quatro operações aritméticas, das classes e ordens da numeração, das diferentes bases de numeração (. . .), sendo um material profundamente educativo para a escola infantil. (p. 61)*

O mesmo autor apresenta as características deste material: *Os Calculadores multibásicos são constituídos por um conjunto de três placas, com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes. (p. 11).* Ao todo são um conjunto de 50 peças: dez peças amarelas, treze verdes, treze encarnadas, dez azuis, duas cor-de-rosas e duas de cor lilás. Estas peças encaixam-se umas nas outras, bem como nos orifícios formando "torres". Cada orifício corresponde a uma cor, e cada cor representa uma ordem numérica, começando da direita para a esquerda.

Caldeira (2009) esclarece que as cores disponíveis nos calculadores permitem ler números até à classe dos biliões. A leitura da placa faz-se sempre da esquerda para a direita. Nesta perspectiva, as cores são legendadas do seguinte modo: (a) peça amarela colocada no primeiro orifício, corresponde à ordem e classe das unidades; (v) verde, colocada no segundo, corresponde à ordem das dezenas e classe das unidades; (e) peça encarnada no terceiro orifício do lado direito, corresponde à ordem das centenas e classe das unidades. A seguir colocam-se as peças azuis e novamente as verdes e encarnadas com as respectivas ordens e classes.

✓ **Interesse pedagógico**

Para Caldeira (2009), o interesse pedagógico deste material situa-se em termos matemáticos, em aspecto de:

*Exploração de atributos; Associação e comparação; Contagem de quantidades; Ordenação; jogos em várias bases; Compreensão do sistema decimal; Valores de posição (classes e ordens); leitura de números inteiros; Introdução da base decimal (e actividades com outras bases); Operações aritméticas (e provas); Situações problemáticas. (p.188)*

Damas, Oliveira, Nunes & Silva (2010), sublinham a vantagem deste material no desenvolvimento do pensamento matemático, afirmando que “a *exploração de actividades que envolvem trocas e respectivas destrocas são importantes na medida em que envolvem a reversibilidade do pensamento matemático*”. (p. 48)

Caldeira (2009,) sugere ainda que:

*Numa primeira fase a criança deve manusear o material livremente: individualmente ou em grupo. Nas primeiras aulas os alunos devem ter a possibilidade de manusear o material para que façam as suas próprias descobertas*”. (p. 189)

Tendo em conta as vantagens que este material favorece para a aquisição dos alicerces matemáticos, podemos compreender a metodologia João de Deus que dá grande importância a este material na iniciação à matemática, na faixa etária 5 anos. Seguindo esta linha de pensamento Nabais (s.d) confirma que “*quanto mais bem apetrechado for o arsenal da experiência pessoal da criança, mais rica e segura será a sua abstracção*”. (p.10)



Figura 26 - Calculadores Multibásicos

**Segunda-feira, 24 de Maio de 2010**

Este dia foi inteirado com actividades programadas por uma aluna do 4º ano de licenciatura de Educação de Infância que trabalhou o tema a “**Habitação.**”

9h30 – A colega deu início à primeira actividade que foi de **Iniciação à Matemática**, servindo-se do Material “**Geoplano**”. Com as crianças sentadas nos respectivos lugares, distribuiu o Geoplano e um montinho de elásticos. Inventou uma história que serviu de suporte para trabalhar os conteúdos propostos. As crianças foram construindo formas geométricas a partir do que iam visualizando no retroprojector.

Ao longo da aula solicitou-lhes para fazerem cálculos matemáticos e alguns destes foram representados numericamente no quadro. Trabalhou também conteúdos como: área e perímetro, adição e subtracção; noção de dúzia e meia dúzia, dezena e meia dezena e quarteirão. No fim, as crianças representaram em papel pontado o que tinham no seu Geoplano.

10h15 - A aula seguinte foi de **Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita**. A colega leu a história: “**A Casinha de chocolate**”. Contou a história através de um livro gigante. No final fez a interpretação da história, pedindo a interacção das crianças. Mostrou cartões com algumas palavras, e pediu para dizerem o plural e singular das mesmas.

10h35 – A colega realizou a actividade de **Expressão Motora – “O Jogo”**. Formou um comboio, distribuiu crachás e formou 3 equipas levando-as para o recreio, onde fez um jogo intitulado: “As Casinhas das Cores” que constou na construção de um puzzle com o formato duma casa.

11h25 – Com as crianças sentadas nas mesas, desenvolveu a actividade na área da **Leitura da Escrita**. Entregou uma ficha de actividade para circundarem as palavras que tinham a ver com a construção da casa. Enquanto realizavam as fichas a colega foi chamando grupos de 3 para irem à Cartilha Maternal e deu a lição da letra **/h/**.

14h00 - Retomou a actividade do dia dando a aula na área do **Conhecimento do Mundo** em que abordou o tema “**Habitação: Construção da casa**”. Fez sentar as crianças no chão, em semi-círculo, mostrou cimento e um tijolo de grande dimensão, conversando com as crianças sobre o alicerce de uma casa. Com o recurso datashow mostrou imagens das etapas da construção de uma casa e à medida que ia projectando, dialogava com as crianças sobre as mesmas.

Abordou as diferentes áreas profissionais que são exigidas na construção de uma casa e ao mesmo tempo, fez passar alguns utensílios e materiais utilizados na sua construção. Por fim, as crianças construíram uma casa com tijolos em tamanho pequeno, utilizando o cimento.

15h30 – A colega realizou a actividade de **Expressão Plástica**, com o subtema “**A casa**” em que fez pintura e moldagem. Fez sentar as crianças nos respectivos lugares nas mesas e distribuiu a cada uma, uma pedra de calçada, tintas, pincéis e massa de moldar e explicou que primeiro deviam fazer o “telhado” com a massa de moldar e a seguir pintar a parede da casa e desenhar as portas e as janelas.

### Inferências

Ao longo deste dia pude observar, que em todas as actividades a colega teve uma atitude desejável no seu desempenho. As actividades desenvolvidas foram muito bem conseguidas e as crianças participaram em tudo com muita satisfação. O tema foi de grande interesse, transversal a todas as áreas. Como soube transmitir os conceitos inerentes, houve aprendizagem significativa por parte das crianças.

Estou de acordo com a afirmação de Abrantes (1988) ao dizer:

*A atitude do professor é crucial para o desenvolvimento de uma atmosfera na aula onde os alunos partilham os seus pensamentos, comunicando activamente entre si e com o professor. Comunicação com sucesso exige a negociação de intenções e depende de todos os elementos da turma expressarem respeito e apoio pelas ideias dos outros. (p. 171)*

### **Terça-feira, 25 de Maio de 2010**

Neste dia, fomos a uma *visita de estudos em Torres Vedras - Oeste Infantil*, onde decorria a grande feira Infantil de 25 a 29.

10h10 – Partimos da escola em direcção ao lugar da visita. O percurso foi animado pela educadora da sala, estagiárias e crianças que entoaram várias canções e lengalengas.

Chegados ao local de visita fomos acolhidos e fornecido um kit, que continha as informações e material necessário a utilizar durante a visita. Participámos em vários ateliers, onde se realizaram actividades que abrangeram todas as áreas curriculares, através de jogos, músicas, dramatizações, coreografias, experimentações e observações científicas.

14h00 – Depois do almoço, continuámos as actividades visitando e participando nos vários ateliers. Regressámos às 16h15.

### **Inferências**

A visita de estudo decorreu de uma forma serena e foi de grande interesse pedagógico. As crianças estavam entusiasmadas e participaram nos vários ateliers com muita à vontade. Neste aspecto concordo com Katz e Chard (1997) que afirmam, *que todas as crianças mais novas se interessam por quase todos os aspectos imagináveis de uma visita fora da escola. Poucos pormenores escapam à sua atenção se o professor, juntamente com as crianças, tiver especificado as expectativas para o objectivo principal da visita” (p.225)*. As crianças demonstraram grande curiosidade perante as descobertas que iam fazendo. Durante as várias actividades eram-lhes colocadas algumas questões nas diferentes áreas e elas respondiam com destreza. A meu ver, as visitas de estudo são uma forma excelente para o desenvolvimento e aprendizagem, espaço para novas e múltiplas descobertas.

Na opinião de Harlam e Rivikin (2002)

*A maneira como as crianças se sentem em relação a si mesmas e ao seu mundo influencia a sua curiosidade. Existe um elo recíproco e energizante entre a descoberta e a auto-estima, entre as sensações de domínio do recém-aprendido e o desejo de conhecer mais. O prazer que decorrer do prazer da descoberta de aspectos maravilhosos, ou reconfortante contribui ainda para o crescimento afectivo e cognitivo. (p. 22)*

**Quarta-feira, 26 de Maio de 2010**

9h25 – Foi realizada a actividade na área da *Iniciação à Leitura e Abordagem à Escrita*. A educadora entregou uma proposta de actividade sobre a escrita. Esta continha um enunciado: “*O cão do Paulo era muito bonito*” e explicou às crianças que deviam ler a frase, copiá-la para uma folha de rascunho e depois para a ficha.

10h30 – Após um momento de intervalo, continuámos a actividade proposta anteriormente. Terminada esta, seguiu-se uma aula de **Iniciação à Matemática** com o material “**Cuisenaire**”.

Depois de recordar o nome do material e o seu autor, a educadora perguntou qual a regra para a construção de um comboio e de seguida, pediu para pegarem todas na peça de cor azul, enquanto ela utilizava a mesma em maior dimensão, para representar no quadro. Disse para construírem a carruagem que quisessem.

Solicitou ainda às crianças para fazerem a leitura por cores e por valores, explorando os vários comboios. Pediu a uma para fazer a representação numérica no quadro e depois ditou o seguinte problema:

“*A Directora da escola comprou uma dúzia de flores para colocar num canteiro*” e perguntou quanto era uma dúzia. Pediu às crianças para representarem com as peças a quantidade de flores, com menor número possível de peças. Chamou uma criança para ir colar no quadro a mesma quantidade de flores em cartolina, enquanto uma outra, foi representar os cálculos no quadro e obtiveram os resultados seguintes:



$$10 + 2 = 12$$

Pediu ainda para pegarem numa peça que valia uma dezena, todos pegaram na peça Laranja e uma outra que representasse 20 unidades, todas pegaram em 2 peças laranja. Perguntou ainda quanto eram três dezenas e disse para pegarem nas peças equivalentes; todos pegaram em 3 peças laranja.

14h00 – Estimulação à leitura orientada por mim e pelas colegas do 4º ano da licenciatura do Curso de Educação de Infância. Fizemos o teatro utilizando a história do “**Capuchinho Vermelho**” interagindo umas com as outras e com as crianças.



15h50 – **Conhecimento do Mundo** com o tema “ **As Tartarugas e os Cágados**”. A educadora pediu às crianças para lerem o título e uma lê-lo sem hesitação. Mostrou as imagens no PowerPoint e questionou sobre o que estavam a visualizar, conversando sobre: o habitat, as características, o tipo de alimentação, a cria, comparando a tartaruga e o cágado. Terminou a aula propondo uma actividade na área de expressão plástica.

### **Inferências**

Em todas as actividades deste dia, as crianças estiveram empenhadas. Como sempre a educadora manteve uma postura dinâmica que captou a atenção e o interesse das crianças. Durante a aula de abordagem à escrita, observei que algumas tiveram dificuldade na elaboração da ficha. Isso deve-se ao facto de faltarem às aulas e de não terem muita experiência da escrita, mas, com as estratégias utilizadas por parte da educadora acabaram por realizar o que foi pedido.

Mata (2008) sublinha este aspecto afirmando:

*Quando a criança vai estabelecendo razões e metas para as suas escritas, e é devidamente apoiada, vai tentando fazer cada vez melhor, actividades mais complexas, mais difíceis e elaboradas. Só assim sente que exige algo de si, o desafio necessário para se sentir bem, nem demasiado difícil, pois sentir-se-ia pressionada e insegura, nem demasiado fácil, pois sentir-se-ia desmotivada. O nível de desafio adequado fomenta a curiosidade necessária para aderir a uma tarefa e procurar arranjar as estratégias e formas mais adequadas para resolvê-la; esta é uma das vias de promoção da motivação intrínseca. (p. 46)*

### **Fundamentação**

#### **3.3.4.5. A Importância da abordagem à escrita no Pré-Escolar**

Segundo as Orientações Curriculares (1997)

*“(...)”. É actualmente indiscutível que (...) que a abordagem à escrita faz parte da educação pré-escolar. Não há hoje em dia crianças que não contactem com o código escrito e que, por isso, ao entrar para a educação pré-escolar não tenham já algumas ideias sobre a escrita. Ao fazer, neste domínio, referência à abordagem à escrita pretende-se acentuar a importância de tirar partido do que a criança já sabe, permitindo-lhe contactar com as diferentes funções do código escrito. (p. 65)*

Kamii e Willert, mencionados em Marques (2001) através dos seus estudos chegaram à conclusão que “as crianças constroem muitas ideias sobre a escrita muito antes de entrarem na escola (. . .)”. (p.17)

Na mesma linha de pensamento Mata (2008) afirma:

*Um dos papéis importantes do jardim-de-infância na aprendizagem da linguagem escrita é o de promover um envolvimento precoce das crianças com a escrita. Isto não significa que o jardim-de-infância assuma o papel do ensino da leitura e da escrita, mas sim que a linguagem escrita não seja ignorada e banida dos contextos pré-escolares. Esta deve ser algo sistematicamente presente e, portanto, que as crianças possam explorar, utilizar, experimentar, compreender e descobrir, progredindo, assim, no seu conhecimento sobre as características da escrita e da sua utilização. (pp.46-47)*

Ainda Niza et al. (2009) mencionam a perspectiva de Vigotski (1988) que diz que “ a escrita deve ter significado para as crianças, despertando nelas uma necessidade intrínseca e deve ser incorporada numa tarefa necessária e relevante para a vida.” (p.12)

## 5ª Semana

### Segunda-feira 31 de Maio de 2010

A educadora preencheu a manhã, deste dia, com as actividades de revisão de algumas lições da Cartilha Maternal e Iniciação à Matemática. Sendo assim, às 9h20 chamou as estagiárias e distribuiu um grupo de palavras e imagens correspondentes às mesmas e outras palavras “intrusas”, para trabalharem a estimulação e a escrita, com as crianças.

As crianças deviam visualizar as imagens, identificar no grupinho as palavras correspondentes, fazer a leitura da palavra segundo a regra da Cartilha Maternal e a seguir escolher uma das palavras para formar uma frase. Durante esta actividade a educadora chamou algumas crianças à Cartilha, para reverem as regras, porque algumas estavam esquecidas; fez a revisão do “g”, “r”, “j” e “f”.

11h30- Seguiu-se a aula de **Iniciação à Matemática** com o material “**Calculadores multibásicos**”. Recordou o nome e as regras de utilização deste material, dirigindo-se às crianças que enunciaram algumas delas: não deixar cair as placas nem as peças, não arrastar nem fazer barulho com as placas. Falou ainda das cores e valores das peças. Pediu para colocarem a mão direita para cima, a fim de situar a posição e colocação das peças. Depois desta breve observação, ditou as peças e pediu a uma criança para fazer o exercício no quadro, enquanto uma outra

fazia a leitura da placa dos resultados obtidos. Continuou os exercícios, fazendo jogos das torres e questionou sobre as bases, recordando a regra de identificação destas.

14h00 – Aula de Expressão Motora

As estagiárias ficaram a apoiar os grupos, mantendo a disciplina. Como estava a ensaiar as crianças, para a festa dos finalistas, o grupo foi dividido em equipas e cada uma tinha um exercício que devia preparar para apresentar nesse dia.

15h50 – A educadora continuou a aula de Matemática com os **Calculadores** iniciados na parte da manhã. Pediu às crianças para colocarem na placa que está mais longe, meia dezena de peças amarelas. Trabalhou os conceitos: dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia, metade e dobro.

Pediu para fazerem a leitura da placa e prosseguiu com o exercício do jogo da base 10. Escreveu no quadro as ordens das unidades e das dezenas, pedindo a uma criança para fazer a representação numérica e realizar a operação:

*Resultado:*

$$\begin{array}{r} \text{D U} \\ 34 \\ +76 \\ \hline 110 \end{array}$$

Pediu ainda a outra criança para fazer a leitura por ordem e por classe e deu por terminada a aula.

### **Inferências**

Todas as actividades observadas ao longo do dia foram de grande interesse e envolveram as crianças. Tanto a educadora da sala como a professora de ginástica mantiveram uma postura dinâmica durante as tarefas realizadas. Na aula de estimulação à escrita, achei pertinente a estratégia utilizada pela educadora. O facto de ter associado as imagens às palavras e colocado no grupo destas uma palavra intrusa, fez com que as crianças ficassem mais atentas, desenvolvendo assim, de formas diversas, a competência sobre a escrita.

Niza et al. (2008) enfatizando esta estratégia no contexto, dão algumas sugestões:

*A exploração da escrita em contexto permite a integração sistemática destes vários aspectos e deixa a criança progredir na diferenciação dos vários códigos com que vai contactando e na compreensão crescente das particularidades e convenções do sistema de escrita. (. . .)para se apropriar das características e utilizações da escrita, a criança tem que explorar diferentes formas de escrever. Muitas vezes essa exploração começa por ser superficial e pouco consistente e depois torna-se mais sistemática e complexa. (pp.52-53)*

Durante a aula de ginástica, observei que havia um pequeno grupo de crianças que tiveram dificuldades em seguir as ordens da professora que entretanto adoptou uma postura mais firme, que fez com que as crianças mudassem de comportamento. Nesta situação concordo com Serrano (2002) quando afirma:

*O papel do professor é fundamental para a melhoria do ensino. Para isso, terá de ser capaz de actuar eficazmente. A eficácia da sua intervenção depende de múltiplos aspectos, de factores externos (programas, condições de trabalho, tipo de alunos), de factores internos, da sua competência pedagógica e do seu sentido profissional. (p.77)*

### **Terça-feira, 1 de Junho 2010**

Como este era o dia internacional da criança houve uma ligeira alteração, no plano diário. Não houve aulas de música neste dia, pois o professor estava envolvido nas actividades desta área, mas, noutra jardim-escola. As educadoras dos Bibes Azuis A e B, pediram às estagiárias para prepararem uma dramatização na qual também, participaram, fazendo uma surpresa às crianças.

11h10 -Todas as crianças foram para o ginásio onde assistiram à dramatização da história do **“Capuchinho Vermelho”**. As crianças mostraram-se contentes com a surpresa, foi um momento diferente do habitual. Posteriormente, seguimos para o almoço de festa, ao ar livre. Depois, as crianças brincaram numa casinha insuflável o que gostaram muito.

### **Inferências**

Hoje foi um dia cheio de magia e de extraordinária alegria para as crianças. Todas as actividades foram de grande envolvimento cultural, muito significativas para o desenvolvimento pessoal e social da criança. As orientações Curriculares (1997) afirmam que *“o desenvolvimento assenta na constituição de um ambiente relacional securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e auto-estima”*. (p.52)

A meu ver, a comemoração deste dia tem um significado particular para o momento histórico em que vivemos em pleno Século XXI. Na sociedade actual torna-se premente a consciencialização dos direitos da criança de forma a promover cidadãos com o sentido cívico e democrático.

### **Quarta-feira, 2 de Junho de 2010**

#### **9h30 – Conhecimento do Mundo – “As profissões”**

Como é habitual nesta escola é importante a participação dos pais e sempre que possível a intervenção de pessoas com determinadas profissões, para transmitirem conhecimentos específicos, às crianças.

Neste dia, veio o pai de uma criança falar da sua profissão de jornalista. Explicou que os jornalistas dão informações através da rádio, jornais, TV e que devem ser verdadeiros, isto é, investigar para saber a verdade dos factos. Por isso, devem saber escutar, recolher informações, fazer perguntas às pessoas, sobre os acontecimentos e escrever muito bem. Disse ainda, que devem ter características necessárias, para obterem credibilidade profissional. A função do jornalista é fazer perguntas às pessoas e fazer notícias, mas dentro da verdade.

10h00 – **Leitura da Cartilha Maternal.** A educadora deu-me uma Cartilha e pediu para ouvir uma criança a ler o “**Hino de amor**”. Esta leu sem hesitação. A seguir dei a lição /z/ [zêxe] e do /c/ [cêke] a outra criança. A educadora chamou algumas crianças que ainda mostravam dificuldades e levou-as à Cartilha Maternal.

11h30 – Aula de **Iniciação à Matemática** com o material “**Tangram**.” A educadora perguntou o nome das peças, e pediu para verificarem se as tinham todas.

Perguntou às crianças se se recordavam da história da princesa Ariana. Estas foram actualizando a história e em simultâneo iam colocando as peças construindo o castelo, os personagens da história ao mesmo tempo que exploravam as formas das figuras. Posteriormente, propôs uma situação problemática, enquanto utilizava o material “Tangram”.

1º Exercício: “*Os construtores fizeram uma ponte levadiça, colocaram um tabuleiro com forma de quadrado.*” A educadora foi colocando as peças no quadro enquanto os alunos as colocavam nos lugares. Começou por dois triângulos grandes, aos quais explorou o número dos lados. Pediu a uma criança para fazer a

representação numérica no quadro e esta escreveu:  $3+3=6$  e a outra para apresentar a operação de forma diferente, a qual realizou deste modo:  $2 \times 3=6$ .

2º Exercício: *“Depois de construir a ponte, os construtores verificaram que se chegassem os invasores iam assaltar o palácio, então resolveram construir a ponte em forma de rectângulo.”*

3º Exercício: *“Entretanto os construtores avistaram ao longe um barco, com uma dúzia de soldados e uma dezena de navegadores.”* Dirigiu-se a uma criança, perguntando quantas pessoas viram ao todo. Esta fez o cálculo mental e respondeu. A professora pediu à criança para ir representar o cálculo no quadro que escreveu o seguinte:  $12+10=22$ . A seguir perguntou como se chamava um conjunto de barcos; as crianças não souberam responder e a educadora disse que era uma frota.

4º Exercício: *“Esta frota tinha 5 barcos, ou seja, meia dezena.”* A educadora representou os barcos com os 5 triângulos. Perguntou quantos lados tinham os 5 triângulos juntos. Uma criança foi fazer a operação:  $3+3+3+3+3=15$  e a seguir disse que também havia outra maneira de fazer:  $3 \times 5=15$ .

14h00 – Os Bibes Azuis A e B, foram para o ginásio e aí realizada uma actividade na área do **Conhecimento do Mundo**, que tinha como tema **“O Piolho”**. Esta foi orientada por profissionais de uma empresa, que através de encenações, diálogo com as crianças, canções, coreografias, filme, apresentaram o modo como evitar o piolho e a sua propagação e disparasitação. Para terminar recomendaram às crianças, que evitassem usar os chapéus umas das outras e entregaram uma pequena revista que continha instruções e exercícios, que as crianças deveriam fazer para consolidação de conhecimentos sobre este tema.

15h00 – Regressámos à sala. A educadora que tinha ficado a preparar um trabalho, deixou o que estava a fazer e conversou com as crianças, questionando – as sobre o assunto abordado pelos profissionais.

## Inferências

Achei de grande relevância para a aprendizagem das crianças, os temas abordados durante a manhã pelo pai jornalista e o da tarde pelos profissionais. Foram actividades extraordinárias através das quais foram transmitidas informações importantes. Em ambos os temas houve uma interacção significativa das crianças. Segundo Katz e Chard (1997)

*A competência social desenvolve-se no decurso da interacção com os outros. (...) quanto mais novas forem as crianças, mais probabilidades a interacção tem de facilitar a aprendizagem. Este princípio implica que as crianças deverão participar em processos mais activos e expressivos do que em processos passivos e receptivos. (p. 91)*

Tendo em conta a ideia dos autores acima referidos, enfatizo a intervenção do pai jornalista. A meu ver, a presença dos pais é uma mais valia para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças de uma forma segura e confiante. O Ministério da Educação (1997) acentua esta dimensão, proferindo que "os pais ou encarregados de educação são os responsáveis pela criança e também os seus primeiros e principais educadores (...)". (p.22)

A Conferência Episcopal portuguesa (CEP, 2002) enfatiza esta missão de educadores argumentando:

*Os educadores são verdadeiros artífices de um futuro de pessoas harmoniosamente desenvolvidas e com boa relação social. (. . .). A harmonia social é o suporte de uma sociedade democrática. Um dos níveis de construção dessa harmonia é a educação para a cidadania: propõe noções e comportamentos, que induzem os indivíduos a adquirir o estatuto e a prática de cidadãos, e explicita-se na organização e participação nas instituições cívicas. (pp. 6-7)*

## 6ª Semana

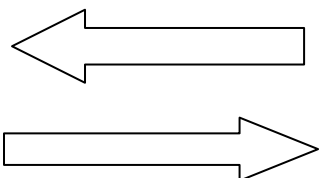
### Segunda-feira, 07 de Junho de 2010

9h30 – **Estimulação à Leitura**. Esta aula foi programada por mim, assistida e avaliada pela equipa responsável pela supervisão da prática pedagógica. O plano desta actividade, a descrição, a inferência e auto-avaliação encontram-se no capítulo das planificações.

Depois desta primeira actividade, a educadora distribuiu fichas com propostas de actividades de escrita e explicou o que se devia fazer. Na primeira ficha, as crianças deviam copiar o alfabeto maiúsculo. A seguir entregou mais duas fichas, para escreverem as palavras com o som "che", ler e copiar, ainda outras com o mesmo som e escolher uma delas, para fazerem um desenho alusivo.

11h00 - A educadora distribuiu uma ficha com uma proposta de actividade na **Área de Iniciação à Matemática**, para trabalhar os conceitos de unidades e dezenas.

Esta continha a representação numérica, em que os algarismos representavam a ordem das unidades e das dezenas. A educadora deu um exemplo de uma operação de adição, dizendo que primeiro deviam adicionar as unidades e depois as dezenas:

<table style="border-collapse: collapse;"> <tr><td style="padding: 0 10px;">D</td><td>U</td></tr> <tr><td style="padding: 0 10px;">1</td><td>3</td></tr> <tr><td style="padding: 0 10px;">+</td><td>6</td></tr> <tr style="border-top: 1px solid black;"><td style="padding: 0 10px;"></td><td style="padding: 0 10px;">9</td></tr> </table>	D	U	1	3	+	6		9		<table style="border-collapse: collapse;"> <tr><td style="padding: 0 10px;">D</td><td>U</td></tr> <tr><td style="padding: 0 10px;">1</td><td>3</td></tr> <tr><td style="padding: 0 10px;">+</td><td>6</td></tr> <tr style="border-top: 1px solid black;"><td style="padding: 0 10px;">1</td><td style="padding: 0 10px;">9</td></tr> </table>	D	U	1	3	+	6	1	9
D	U																	
1	3																	
+	6																	
	9																	
D	U																	
1	3																	
+	6																	
1	9																	

### 14h15 – Aula de Ginástica

A professora continuou a ensaiar para a festa do final do ano, em que iam participar todos os familiares.

### 15h15 – Expressão Plástica: *Dobragem – “Harmónica”*

A educadora entregou às crianças tiras de papel de cores diferentes, para realizarem a dobragem e a seguir colarem numa folha, pintando-a a seu gosto.

## Inferências

As actividades deste dia decorreram de uma forma agradável. As crianças realizaram-nas sem hesitações, pois já têm noção sobre as propostas de actividades realizadas, quer na aula de Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita, quer na aula de Matemática. Durante a actividade de abordagem à Escrita verifiquei que na realidade as crianças estão familiarizadas com o código escrito. Nesta perspectiva McGee e Richgels mencionados em Mata (2006) dizem que *“uma parte importante da aprendizagem da leitura e da escrita envolvem o saber mais sobre as funções da linguagem escrita.”* (p.30)

Os mesmos autores afirmam ainda que estes conhecimentos são adquiridos pela interacção com outros e participação em actividades significativas. *“A linguagem escrita implica conhecer as formas e saber as características da linguagem escrita, por exemplo, as letras, palavras, frases, textos e organização da esquerda para a direita.”* (McGee & Richgels, mencionados em Mata, 2006, p.30)



Também na actividade, no domínio da matemática, constatei que as crianças já tinham adquirido os conhecimentos sobre os conceitos pretendidos. Realizaram a operação com muita destreza. Na minha perspectiva, a actividade de cálculo apresentada pela educadora facilitou a interpretação. Concordo com Alsina (2004) quando afirma: *“No cálculo escrito convém usar linguagens gráficas: desenhos espontâneos, máquinas, setas, diagramas, tabelas, etc.; isso promove a agilidade mental e proporciona oportunidades de aprendizagem dos alunos com diferentes tipos de pensamento e diferentes experiências escolares.”* (p.33)

### **Terça-feira, 8 de Junho de 2010**

Este foi o meu dia de aulas programadas para todo o dia, observadas e avaliadas pela educadora da sala. Porém, como consta no plano diário da turma, houve horas preenchidas com aulas de outros professores.

Sendo assim, a primeira actividade foi a de **Iniciação Musical**. Às 9h15- chegou o professor que como sempre é muito desejado pelas crianças. Cantou várias canções com gestos e coreografias, trabalhando alguns conceitos de iniciação musical. Esteve ao mesmo tempo a ensaiar algumas canções para a festa do final do ano, para as crianças cantarem juntamente com os familiares.

Depois desta aula, às 10h15, dei início à minha primeira actividade deste dia na área do Conhecimento do Mundo em que abordei o tema **“Os Insectos – A formiga.”** O tema foi transversal às áreas de Iniciação à Matemática, Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita, Expressão Motora – o Jogo e a Expressão Plástica, que podem ser visualizados no Capítulo das Planificações, com as respectivas descrições, inferências e avaliações.

### **14h15 – Aula de Inglês**

A professora abordou os mesmos conteúdos que já tinham sido abordados por outra. Colocou o CD com a história da família do “Patch”, entregou o caderno de actividades às crianças e uns autocolantes com as imagens dos ingredientes da “pizza,” para colocarem no devido lugar. Cantou ainda, algumas canções com a ajuda de um CD.

15h15 - Continuei a realização das minhas aulas do dia, com a aula de Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita e Lição da Cartilha Maternal; Às 15h45 realizei a actividade de Expressão Motora: O jogo; 16h00 – Actividade de Expressão Plástica, seguida do momento de avaliação do dia, com a educadora e as colegas.

### Inferências

Hoje foi um dia preenchido com muitas actividades, porém todas correram num clima sereno e de uma forma lúdica. As crianças estavam entusiasmadas, participativas e felizes. Para além da minha aula programada, observei que durante as aulas de música e de Inglês, os professores tiveram uma postura dinâmica e afectiva que envolveram as crianças.

Estrela (2010, p.56) opina sobre a importância da afectividade na sala de aula, dizendo que *“a relação entre afectividade e autoridade garantem a harmonia emocional, uma vez associadas e que quando dissociadas, originam a permissividade. A mesma autora diz ainda que “atingir o ponto de equilíbrio ideal entre a afectividade e autoridade é talvez a tarefa docente mais difícil (...) requer o domínio de competências sociais, como acuidade empática e a cognição social”.* (p.56)

#### Quarta-feira, 09 de Junho de 2010

9h15 – A educadora distribuiu propostas de actividades sobre a escrita, e pediu-me a mim e às outras estagiárias do 3º ano de Licenciatura do Ensino Básico, para orientarmos as crianças, enquanto chamou algumas para a lição da Cartilha, fazendo uma pequena revisão.

11h00 – **Aula de Inglês** A professora recordou com os alunos alguns conceitos da aula anterior como: identificar as várias partes do nosso corpo e os sentidos. Depois deste breve resumo, pôs um CD de Música fazendo gestos e coreografias, tocando as várias partes do corpo. Posteriormente, recordou ainda a aula que tiveram com a nova professora de Inglês, sobre a confecção de uma refeição à base de “pizza.” Mostrou um livro com imagens dos ingredientes comentou os nomes com as crianças, enquanto cantava uma canção.

14h15 – A educadora recordou com as crianças alguns conceitos matemáticos, que já estavam esquecidos, sobretudo por parte de algumas que mais faltaram às aulas, enquanto as outras, terminavam algumas fichas. A seguir realizou uma

actividade na área da expressão plástica: dobragem e pinturas e uma actividade de expressão motora: Jogo ao ar livre.

### Inferências

Hoje as aulas decorreram com normalidade e as crianças estiveram motivadas. Durante a aula de inglês, a professora manteve uma postura dinâmica e divertida que envolveu de um modo significativo toda a turma; as crianças estavam entusiasmadas e participativas. Pude verificar que houve aprendizagem no decorrer do diálogo com a professora; os alunos revelaram algumas competências dentro desta área. Hoje é bem perceptível a necessidade da aquisição de línguas estrangeiras, tendo em conta a sociedade globalizada e a troca cultural. Nesta perspectiva, acho oportuno que as crianças tenham desde cedo, para além da abordagem da língua materna, o contacto com outras línguas.

*A multiplicidade de códigos pode ainda referir-se à existência de diferentes línguas, não se excluindo a sensibilização a uma língua estrangeira na educação pré-escolar, sobretudo se esta tem um sentido para as crianças, contactos com crianças de outros países...” (Ministério da Educação, 1997, p.73)*

### 7ª Semana

#### Segunda-feira 14 de Junho de 2010

9h30 - A educadora pediu a uma colega do 4º ano do curso de Educação de Infância, uma aula surpresa, na área da **Iniciação à Matemática** com o material estruturado “**Calculadores multibásicos**. Depois de distribuir o material recordou as regras de utilização do mesmo e deu início à actividade, realizando vários exercícios. Fez vários cálculos mentais, leitura das peças por ordem e por classe e realizou situações problemáticas, improvisando uma história, que serviu de suporte para os exercícios.

Terminado este tempo de aula, a educadora recapitulou com as crianças a leitura das placas, por ordem e por classe. Desta vez, acrescentou também a ordem das centenas, que estava um pouco esquecida, sublinhando que a leitura das placas é feita da esquerda para a direita.

A actividade seguinte foi na área da **Leitura e da Escrita**. Às 10h00 a educadora entregou os cadernos, às crianças, para terminarem as fichas; ler e copiar as palavras; escolher uma delas e fazer um desenho. Distribuiu cartões com frases para as lerem sozinhas. Enquanto as crianças realizaram esta actividade fizemos a avaliação da aula anterior.

Terminada esta avaliação, as estagiárias foram escutar a leitura das frases que as crianças tinham estado a estudar a sós. Aquela que escutei teve uma certa dificuldade na leitura, ajudei-a a ler segundo a regra da Cartilha Maternal.

Após um tempo de recreio, a educadora entregou cartilhas individuais a cada estagiária para lerem com as crianças a letra /h/. Enquanto levava algumas crianças à Cartilha, convidava também uma estagiária para seguir a leitura e posteriormente reler a mesma lição com as crianças, a fim de se treinarem para a prova prática.

15h15 – A educadora fez surpresa a uma outra colega, no domínio da matemática com o material não estruturado: “**Palhinhas**”. Esta, começou por recordar a aula que a outra dera na parte da manhã, aproveitando a situação problemática que tinha realizado. A colega tinha pescado oito peixes mas ela pescou outros 6. Chamou uma criança para resolver o problema no quadro que realizou o cálculo:  $8+6=14$ . A colega continuou a realizar situações problemáticas, efectuando ainda os cálculos, subtracção e divisão.

### Inferências

A meu ver, a aula da primeira colega foi positiva. No início foi pouco dinâmica, mas apesar de tudo, teve uma postura calma e soube manter a disciplina, conseguindo de certo modo envolver as crianças. A segunda teve uma postura adequada, meiga e calma, soube manter a disciplina e a dinâmica durante a aula; fez vários cálculos, pedindo sempre a colaboração das crianças. Ambas utilizaram histórias que relatavam situações do dia-a-dia, para a realização dos exercícios. Uma estratégia facilitadora da aprendizagem da matemática. Alcina (2004) afirma que “*é importante lidar também com números de forma lúdica, tanto nas aulas de Matemática como fora delas. Para tal podemos encontrá-los em diversos aspectos da vida quotidiana: adivinhas, provérbios, contos, canções, etc.*” (p.33)

Para além das estratégias utilizadas, as colegas souberam orientar e ajudar as crianças que tinham dificuldades. Neste sentido Barros e Palhares (2001) sugerem que:

*Se a criança não conseguir resolver problemas que se lhe deu, deve dar-se-lhe outros mais simples, não se deve dar a resposta pois isso desencoraja o desenvolvimento da autonomia por parte da criança. Devem dar-se outras oportunidades para a criança desenvolver a capacidade de resolver problemas.*  
(p.120)

### **Terça-feira, 15 de Junho de 2010**

#### **9h30 – Educação Musical**

O professor começou por dar bons dias às crianças cantando. Seguidamente, cantou várias canções com conteúdos de iniciação musical (a pauta) coreografando-as. Enquanto decorria esta aula, a educadora pediu às estagiárias para prepararem o caderno do mês de Junho, para cada criança.

10h00 – Fez uma pequena revisão da lição /s/ cezêxe. Tem 3 valores: lê-se com o primeiro valor quando o cezêxe está no princípio da palavra ou os dois juntos, lê-se com o 2º valor quando o cezêxe está entre 2 vogais e com o 3º valor quando está no final da palavra.

10h10 – A educadora propôs uma aula surpresa a uma colega que realizou a actividade na área da Iniciação à Matemática com o material “**Geoplano**”. Esta fez um itinerário em que abordou a seguinte situação problemática: disse que *num fim de semana foi passear num jardim e deu meia dúzia de passos*. Pediu para as crianças colocarem o elástico do lado superior direito do geoplano e esticar para envolver 6 piquinhos. Disse ainda, que viu um par de borboletas, perguntando quanto era um par. A seguir deu 8 passos para baixo e ainda 4 para o lado esquerdo e viu uma dezena de flores do seu lado esquerdo e meia dúzia do lado direito. Quantas flores viram ao todo. Uma criança foi escrever no quadro  $10+6= 16$ . Seguidamente, viu uma árvore e disse às crianças para pegarem num elástico e fazer o eixo da simetria e a seguir representar a imagem de duas árvores. Depois de fazer a simetria, perguntou qual a área e qual o perímetro da copa da árvore.

15h00 – Enquanto aguardavam a aula de Inglês, a educadora fez uma breve revisão dos números pares e ímpares, descrevendo os algarismos de um a dez. A seguir perguntou às crianças se se recordavam da numeração romana, estas disseram-na até cinco; a educadora escreveu-as no quadro.

15h15 - Chegou a professora de inglês e distribuiu um livro de leitura, para as crianças completarem os exercícios da aula anterior.

## Inferências

Por serem diversificadas as actividades em clima de revisão, as crianças mostraram sempre a vontade de aprender, estiveram atentas e houve novas aprendizagens. Fiquei surpreendida nomeadamente na actividade no domínio da matemática, por a colega ter introduzido os conceitos: áreas e perímetros. Noções que a meu ver, eram difíceis para esta faixa etária. Neste sentido, Matos e Serrazina (1996) *esclarecem que o ensino da geometria “ não necessita de ser tão estruturado como o da Aritmética, mas deve ser mais do que peças disjuntas e simples jogos.* Na realidade, a colega soube introduzir os conceitos de uma forma lúdica e clara. Considerando esta postura, os mesmos autores confirmam que:

*A nova aprendizagem deve estar relacionada com a anterior e os professores devem saber porque razão uma ideia particular está a ser abordada e como é que essa ideia se insere numa unidade de geometria. (...) será necessário que o professor desenvolva uma sequência apropriada, que tenha em conta os programas vigentes, o nível etário dos alunos (...).” (p.11)*

### Quarta-feira, 16 de Junho de 2010

9h30 – Efectuei uma aula programada da Cartilha Maternal, observada e avaliada pelas professoras responsáveis pela unidade curricular de Investigação e Metodologia da Aprendizagem da Língua Portuguesa no Jardim-de-infância. Desenvolvi a actividade na área de Estimulação à Leitura, seguida de uma lição da Cartilha Maternal letra /C/ cêke. Conteí a história através de um livro gigante com forma de uma cabaça que tinha como título: “ **Corre, Corre Cabacinha** ”. Durante a leitura da História envolvi as crianças na dinâmica da mesma. Entreguei uma proposta de actividade, seguida de uma breve explicação do que iam realizar. Os supervisores escolheram algumas crianças para a lição da Cartilha e fiz a leitura da letra /c/. [cêke]. Depois, seguiu-se um momento de avaliação da minha aula com os supervisores.

10h30 – A educadora deu uma aula de leitura e escrita. Posteriormente entregou-me uma cartilha individual, para ler com as crianças, recordando-lhes as regras.

14h30 – A educadora deu uma aula de matemática com o material **Cuisenaire**. Depois de recordar o nome do material, trabalhou o conceito dezena e a cor da peça equivalente, pedindo às crianças para colocarem esta peça no horizontal, para a

construção da estação do comboio. Efectuou algumas operações com as peças utilizadas e posteriormente representou os resultados obtidos de uma outra maneira. Desenhou uma flor em que colocou no olho a dezena, ou seja, número dez, correspondente à peça, e nas pétalas o resultado das operações obtidas. Com o intuito de visualizar a mesma operação com parcelas diferentes, obtendo o mesmo resultado.

Posto isto, escreveu no quadro o número 13 e as iniciais da dezena e da unidade, dizendo às crianças para procurarem a peça referente ao algarismo que representa a dezena e a que representa a unidade. Escreveu ainda o nº 24 trabalhando os conceitos: metade, dobro e dúzia. Posteriormente ditou algumas situações problemáticas fazendo um itinerário, realizando os cálculos no quadro, onde foram representados os resultados. Finalizou a aula pedindo às crianças para fazerem uma construção livre, que posteriormente explorou.

A actividade seguinte foi na área da escrita. A educadora mostrou uma ficha com a proposta de actividade, explicou e deu exemplo no quadro. A ficha continha o código de imagens em que as crianças deviam descobrir o nome que elas representavam.

### **Inferências**

A primeira actividade realizada por mim, faz parte de uma disciplina, por isso está isenta das inferências e fundamentações.

As actividades seguintes realizadas pela educadora foram de grande interesse e como sempre as crianças mostraram-se motivadas ao longo do dia. Achei curiosa a nova estratégia utilizada pela educadora para a realização do cálculo. O facto de ter realizado situações problemáticas utilizando a imagem de uma flor tornou a aula ainda mais lúdica e sugeriu outra maneira de representar ideias matemáticas.

Nesta perspectiva, sublinho as ideias de Ponte e Serrazina (2000,p.42) que afirmam: *“o professor tem de ter atenção para que a aprendizagem da matemática não seja vista pelos alunos como uma simples aprendizagem de simbologia (...). Os alunos podem apresentar as suas ideias matemáticas de muitas maneiras”*.

Os mesmos autores dizem ainda:

*Os alunos precisam, assim, de desenvolver o seu reportório de representações, que devem incluir as representações convencionais da Matemática e outras que elas próprias se sintam confiantes a trabalhar. É particularmente importante que os alunos sejam capazes de se mover flexivelmente de umas representações para outras. (p.45)*

## 8ª Semana

### Segunda-feira, 21 de Junho de 2010

#### 9h30 - Proposta de actividade: o grafismo

A educadora entregou uma ficha a cada criança para realizar o grafismo.

Entretanto avisou que no dia seguinte iam ter uma festa na sala, por dois motivos: primeiro por terem acabado a cartilha e o segundo por estarem no final do ano lectivo e o Bibe Azul ia para o 1º ciclo, Bibe Castanho. Seguidamente, entregou outra ficha e a Cartilha para as estagiárias escutarem e ajudarem as crianças a lerem o cezêxe / s/ nas mesas, em grupos de três.

10h30 – A educadora pediu-me uma aula surpresa de Iniciação à Matemática, com Calculadores multibásicos.

11h10 - As crianças regressaram à sala e dei início à aula. Recordei o nome do material e regras de utilização. Improvisei uma história que serviu de suporte aos vários cálculos mentais e situações problemáticas, andei pelas mesas a verificar se estava tudo correcto e ajudei as crianças que tinham dificuldade. Chamei algumas ao quadro para representarem os cálculos. Seguiu-se a avaliação da minha aula e em simultâneo as crianças continuaram a ficha que já tinham iniciado na parte da manhã.

14h15 – **Aula de ginástica**

15h15 – Eu e as minhas colegas estivemos a organizar os cadernos das crianças.

## Inferências



Por se aproximar o final do ano lectivo todas as actividades foram de consolidação dos conhecimentos. Um momento que mereceu uma reflexão foi durante a minha aula surpresa. Quando me foi proposta a utilização do Calculadores Multibásicos, hesitei um bocadinho, porque ainda não tinha utilizado este material matemático e sentia-me pouco à vontade. Concordo com a ideia de Ponte e Serrazina (2000,p,15) quando apresentam condições para um bom ensino da Matemática, afirmando que:

*O professor tem de realizar (...) um adequado planeamento do seu trabalho. Mas para que esse planeamento possa dar frutos pretendidos é preciso que se verifiquem certas condições de base fundamentais que dependem antes de mais do próprio professor. (...) o professor precisa de se sentir à vontade na Matemática que ensina.*

Apesar de tudo, senti-me com uma postura calma e dinâmica ao longo do meu desempenho. Nesta perspectiva Caldeira (2009) afirma que “o educador, através do seu conhecimento prático que resulta da síntese pessoal, que realiza ao combinar o seu conhecimento teórico com a sua experiência do ensino e o balanço que deles faz, produz um conhecimento dinâmico, que evolui com a prática de ensino...” (p.150) Apesar de ter sido positiva a minha prestação, senti que podia fazer melhor, pois apercebi-me que ao pedir a uma criança para fazer a leitura da placa orientei-a no sentido contrário ou seja, da direita para a esquerda enquanto segundo a convenção devia ser da esquerda para a direita.

Ainda Ponte e Serrazina (2000) mencionados em Caldeira (2009) afirmam que “a manipulação do material pelos alunos devidamente orientada, pode “facilitar a construção de certos conceitos” e “ servir para representar conceitos que eles já conhecem por outras experiências e actividades, permitindo assim a sua melhor estruturação” (p. 18)

### **Terça-feira 22 de Junho de 2010**

9h20 – Como é habitual o dia deveria começar pela aula de música, mas como o professor teve um imprevisto, chegou atrasado. Entretanto a educadora esteve a recordar com as crianças os algarismos de 1 a 50.

9h30 – Chegou o professor que continuou a ensaiar as crianças para a festa do final de ano.

10h15 – Com as minhas colegas, assistimos às aulas programadas por duas alunas do 3º ano da Licenciatura do Ensino Básico, que abordaram o tema: “A Praia”. A actividade foi realizada ao ar livre, onde tinham preparado todo o material e ambiente como se fosse na praia. Através do diálogo com as crianças, transmitiram todas as informações necessárias para a segurança na praia. Também falaram dos tipos de alimentos que se devem levar para a praia. Contaram ainda uma história para ajudar à compreensão do tema. Falaram da protecção do ambiente e os cuidados a ter, convidando as crianças para falarem deste problema e ajudar as outras pessoas a não deitarem o lixo para o chão nem deixar o lixo na praia. Para terminar as alunas dividiram as crianças em 3 equipas, e fizeram o jogo da separação do lixo.

11h00 -Regressámos à sala e enquanto esperávamos a chegada das duas alunas acima referidas, a educadora retomou a contagem dos números que já tinha iniciado na parte da manhã e desta vez, começou a contar de 50 a 100 e fez a leitura por ordem:

**C D U**

1 0 0

Representou ainda outros números e fez a leitura por ordem e por classe. Como as alunas demoraram a chegar, a professora prosseguiu com a actividade na área de matemática.

11h30 – Deu início à aula com material matemático “**Tangram**”. Depois de questionar sobre o nome do material, explorou a forma de cada peça, fez a soma e multiplicação dos lados de dois triângulos.

Ditou ainda outra situação problemática: “*se 1 triângulo tem 3 lados quantos lados têm 5 triângulos juntos*”. A pedido da educadora as crianças foram representar os cálculos no quadro, realizando operações diferentes, obtendo o mesmo resultado:  $3+3+3+3+3=15$  e  $5 \times 3=15$ .

Construiu ainda outras figuras, utilizando todas as peças. Realizou situações problemáticas, cálculos mentais, questionando as crianças sobre conceitos: um quarteirão, dezena, meia dezena, auxiliando-se de materiais alternativos para concretizar o raciocínio.

14h15 – **Aula de Inglês**

15h20 - Aula de Estimulação à leitura na Biblioteca.

## Inferências

Os conteúdos abordados hoje durante todas as actividades, foram muito importantes para o conhecimento das crianças. As alunas que realizaram a actividade na área do conhecimento do mundo transmitiram noções importantes, incentivando-as no sentido de responsabilidade e cuidados com o meio ambiente.

Na aula da matemática, a educadora trabalhou conceitos matemáticos no âmbito da Geometria, importantes para o desenvolvimento do raciocínio, promovendo a imaginação através das construções realizadas. Segundo Ponte e Serrazina (2000) *“A Geometria constitui um domínio da Matemática extremamente importante. Todos os cidadãos precisam de desenvolver as capacidades espaciais e de organização do espaço para viverem numa sociedade que é cada vez mais visual”*. (p.164)

Alsina (2004) apresenta o Tangram e Geoplano como dois recursos básicos para a aquisição progressiva de competências geométricas, afirmando que:

*Estes materiais favorecem análises das características e propriedades das formas geométricas a duas dimensões, das relações que se estabelecem entre elas e da representação geométrica. Para além disso permitem resolver uma infinidade de problemas geométricos, usando a visualização, o raciocínio espacial e a modelização geométrica.* (p.13)

Durante os exercícios, a educadora promoveu nas crianças o pensamento lógico-matemático. Neste aspecto, concordo com a mesma autora que alerta para o aproveitamento das potencialidades que advêm da aprendizagem da geometria, dizendo que, *apesar da sua grande importância, a geometria não deve limitar-se à experimentação, devendo implicar também reflexão e pôr em jogo o pensamento lógico-matemático.*

### Quarta – feira, 23 de Junho 2010

A manhã deste dia foi preenchida com aulas programadas por duas alunas do 3º ano da Licenciatura em Ensino Básico, que abordaram o tema **“Cuidados a ter na praia”**. Esta actividade foi observada e avaliada pela educadora da sala. A aula foi executada na própria sala onde as alunas prepararam o ambiente adequado. Para introduzir o tema, a primeira aluna mostrou um urso polar (peluche) questionando as crianças sobre o seu habitat. Disse que o urso nunca tinha ido à praia, não sabia o que levar e a mãe teve que lhe preparar uma mochila, com todas as coisas necessárias.

Mostrou uma mochila, alimentos e objectos verdadeiros, que se devem ou não, levar para a praia, distribuindo a cada criança uma réplica da mochila em cartão e um envelope com imagens dos objectos anteriormente referidos. Foi chamando as crianças para identificarem no todo, os objectos e alimentos próprios que se devem levar para a praia, colocando-os na mochila. Em simultâneo, cada criança devia meter os mesmos na sua mochila.

Para terminar esta primeira parte convidou as crianças a irem à “Praia”. A educadora e as outras estagiárias, acompanharam as crianças para fora da sala, enquanto as 3 alunas preparavam o ambiente de praia no mesmo local. As crianças regressaram descalçando-se para entrar na sala (praia). A segunda aluna continuou a conversar sobre os cuidados e segurança a ter durante a estadia na praia. Fez a simulação de uma estadia e mostrou as várias bandeiras conversando sobre o seu significado. Para consolidar os conhecimentos a 3ª aluna fez um jogo de “**caça ao tesouro**”.

11h20 – A educadora fez a revisão do “til”. Leu várias palavras terminadas em /ão/ e /am/. Mostrou a letra com o til /ã/ e perguntou como se chama a ondinha que está por cima do /á/, perguntando o que é que faz o til por cima das vogais. Uma criança respondeu que é para se ler com o nariz, nasalada. Quando a palavra termina em ão qual é a sílaba forte. As crianças responderam que era a ultima e a educadora foi apontando algumas palavras terminadas em /ão/ e /am/ pedindo às crianças para pronunciarem, fez a destrição entre os dois sons nasalados. /ão/ que era o mais forte e faz a sílaba forte e o /am/ que o som é mais fraco e faz a sílaba fraca. A seguir disse a uma criança para ler o Hino de Amor, aproveitando algumas palavras para reforçar os conteúdos anteriormente referidos.

14h15 – Iniciação à Matemática com o material “**Palhinhas**” e algarismos móveis”, dada pela educadora da sala. Distribuiu as palhinhas e algarismos às crianças que estavam sentadas aos pares, nas mesas. Às do lado direito entregou as palhinhas e às do lado esquerdo os algarismos móveis. A seguir enunciou algumas situações problemáticas, pedindo algumas crianças para representarem os cálculos no quadro, enquanto as outras representavam nas mesas com as palhinhas e os algarismos móveis .

## Inferências

O tema abordado durante a aula desta manhã foi pertinente. As estratégias foram adequadas às crianças e foram atingidos os objectivos propostos. Isso verificou-se pela reacção das crianças.

As alunas tiveram uma postura calma e meiga. Todas foram criativas, pediram a participação das crianças e elas corresponderam, com interesse e entusiasmo. Porém, a primeira colega podia ter sido mais dinâmica, mas estava um pouco apreensiva. As outras foram mais alegres e mais dinâmicas e houve uma boa interacção entre elas.

Achei muito interessante esta interacção, a meu ver, é uma estratégia que beneficia tanto as estagiárias como as crianças. Arends (1995) menciona algumas ideias que definem este clima como positivo

*Onde os alunos têm expectativas em que cada um irá dar o seu melhor intelectualmente e se apoiam mutuamente, onde os alunos partilham um elevado grau de influência potencial, tanto uns com os outros como o professor; onde a comunicação é aberta e caracterizada pelo diálogo; e onde os processos de trabalhar e desenvolver-se em conjunto, enquanto grupo, são considerados, eles mesmos, relevantes (. . .)” (p.111)*

A actividade realizada pela educadora no Domínio da Matemática, foi uma mais valia, para o desenvolvimento do raciocínio da criança. As estratégias utilizadas foram adequadas à idade dos alunos fomentando uma aprendizagem activa. Nesta mesma perspectiva cito algumas estratégias enunciadas por Brickman & Taylor (1991) como modos de encorajar a aprendizagem das crianças:

*Planificar cuidadosamente o ambiente, partilhar com a criança o controlo da experiência de aprendizagem; partir dos pontos fortes da criança; apoiar o prazer que a criança retira do contacto com pessoas e materiais; reconhecer e promover actividades e processos de desenvolvimento apropriados. (p.4)*

O facto de trabalharem aos pares, proporciona uma interacção salutar, promovendo valores e atitudes de cooperação. Nesta linha o Ministério da Educação (1997) diz que “as relações e interacções que o educador estabelece com cada criança e com o grupo e a forma como apoia as relações e interacções entre crianças no grupo, são o suporte dessa educação”. (p.52)

**Segunda-feira, 28 de Junho de 2010**

9h30- A educadora pediu-me uma aula surpresa com o material não estruturado “**Palhinhas**”. Comecei por contar o meu fim-de-semana passado no Porto, perguntando se sabiam onde ficava o Porto. Esclareci que ficava no norte de Portugal um pouco longe de Lisboa. Fui visitar uma amiga chamada Margarida, ela estava muito feliz neste dia porque fazia anos.

A mãe colocou na mesa 3 pratinhos com biscoitos de chocolate. Perguntei se 3 era um número par ou ímpar? Fiz o cálculo mental, perguntando: e se a mãe colocasse outros 3 pratinhos de biscoitos, quantos pratinhos ficavam ao todo em cima da mesa. Mas, a mãe colocou os 3 pratinhos e em cada um, colocou 6 biscoitos. Quantas meias dúzias de biscoitos tinha cada pratinho? Quantos biscoitos estavam ao todo nos 3 pratinhos. Pedi a uma criança para ir representar o cálculo no quadro, enquanto as outras faziam o mesmo nos lugares com as palhinhas e algarismos móveis, os quais obtiveram o seguinte resultado:  $6+6+6= 18$ . Passei e verifiquei se estava tudo correcto e ajudei as que precisavam de apoio. Perguntei que outra operação podíamos fazer para obter o mesmo resultado. Uma criança respondeu que era a multiplicação e foi imediatamente concretizar no quadro enquanto as outras faziam nas mesas.

Prossegui com mais situações problemáticas: Os biscoitos estavam tão apetitosos que a Margarida pediu à mãe para os provar ainda antes de chegarem os convidados e comeu meia dezena. Perguntei quanto era meia dezena e quantos biscoitos ficaram. Efectuou-se a operação no quadro e nas mesas obtendo o seguinte resultado:  $18-5=13$

Chegaram dois convidados da Margarida e trouxeram um lindo presente. Pedi a uma criança para ir, num espaço da sala, tentar descobrir qual era a prenda. Era um coelhinho branco. O outro convidado tinha levado a comida para o coelho. Chamei uma outra criança que descobriu um carrinho de mão com 6 molinhos de palha. A Margarida repartiu-os com uma amiga que também tinha um coelhinho ficando cada uma com a mesma quantidade. Com quantos molhos ficou cada uma. Ao que responderam 3. Como tinha terminado o tempo acabei assim a minha aula.

10h00- A educadora entregou uma folha de escrita a cada criança e escreveu uma frase no quadro: “*O José vai de férias*”, pedindo para copiarem. A seguir chamou

algumas à cartilha e fez revisão de todas as lições, lendo com as crianças e a seguir as estagiárias repetiam as mesmas lições com o intuito de se treinarem para a Prova Prática que estava eminente.

11h10 – Deu-se continuidade às actividades de Leitura e Escrita, iniciadas anteriormente.

14h15 – Devia haver a aula de ginástica, mas como a professora não veio, a educadora improvisou uma actividade de expressão plástica, enquanto chamava as crianças 3 a 3 para lerem a Cartilha e as colegas continuarem o treino das lições iniciadas na parte da manhã. Fez de novo a revisão da Cartilha, pedindo às crianças para estarem atentas à letra que enunciava. Quando ouvissem a letra correspondente ao inicial do seu nome deviam ir à Cartilha.

Fez a revisão da sílaba forte, recordando a regra e leu as letras /netil /n/ e metil /m/ que no final da palavra faz a sílaba fraca e ão faz a sílaba forte.

15h35 – A educadora chamou uma criança de cada vez, formou grupos e entregou-os a mim e a mais duas colegas para os acompanhar ao recreio e fazer um jogo. Regressámos à sala e arrumámos as pastas nos respectivos lugares.

### **Inferências**

Durante a minha prestação de hoje, na aula surpresa, senti-me bastante à vontade na utilização do material que me foi proposto. Os poucos minutos que me foram proporcionados para pensar a aula, comecei por centrar-me no grupo de crianças a que me ia dirigir e preparei-a tendo em conta as competências já adquiridas nesta altura do ano. Achei que tive uma postura dinâmica e calma, andei pelas mesas e ajudei as que tinham dificuldades.

Admito a opinião de Abrantes (1994) quando diz que:

*A atitude do professor é crucial para o desenvolvimento de uma atmosfera na aula onde os alunos partilhem os seus pensamentos matemáticos, comunicando activamente entre si e com o professor. Comunicação com sucesso exige a negociação de intenções e dependem de todos os elementos da turma expressarem respeito e apoio pelas ideias dos outros. (p.171)*

Ao inventar a história que acompanhou os exercícios tentei aproximar-me da situação mais familiar das crianças, como é um aniversário. Nesta perspectiva o Ministério da Educação (1997) afirma que:

*As crianças vão espontaneamente construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia-a-dia. O papel da matemática na estruturação do pensamento, as suas funções na vida corrente e a sua importância para aprendizagens futuras, determina a atenção que lhe deve ser dada na educação pré-escolar, cujo quotidiano oferece múltiplas possibilidades de aprendizagens matemáticas. (p.73)*

Trabalhei vários conceitos matemáticos, realizei contagens; operações de adição, multiplicação e divisão e cálculos mentais. Utilizei outro material alternativo para auxiliar ao cálculo mental e orientação espacial. Neste sentido, o Ministério da Educação adverte ainda que “o educador proporcione experiências diversificadas e apoie a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas”. (p.74)

### **Terça-feira 29 de Junho 2010**

#### **9h15 – Educação Musical**

Chegou o professor de música que saudou as crianças cantando Bom Dia e estas responderam também cantando, num clima alegre e festivo. Cantou ainda várias canções interagindo com as crianças de um modo afável.

Seguidamente foi efectivada uma actividade na área da **Leitura e Escrita**. A educadora entregou uma ficha com a proposta de actividade em que as crianças deviam completar uma frase. Depois desta, entregou uma cartilha individual a cada estagiária para lerem com as crianças, e em simultâneo chamou três de cada vez, para a lição da Cartilha, chamando também três estagiárias para continuarem o treino para a prova prática.

O resto da manhã, foi preenchido com uma aula de matemática em que se utilizaram os **Calculadores multibásicos**. Às 11h20, a educadora distribuiu o material pelas crianças, enquanto mostrava o seu desagrado pela indisciplina de algumas. Normalmente pedia a ajuda das estagiárias para a distribuição do material e desta vez não o fez, para proporcionar um momento de silêncio e reflexão sobre o acontecido.

Depois de uma pequena introdução sobre as regras de utilização do material, a educadora disse que ia jogar na base 10 e ditou algumas situações



problemáticas. Chamou uma criança para realizar a operação no quadro, enquanto as outras fizeram o mesmo nos seus lugares com as peças e solicitou algumas para lerem a placa dos resultados e deu por terminada a aula.

14h15 – Como consta na planificação semanal, foi efectivada a aula de inglês. Ao chegar à sala, a professora saudou as crianças em Inglês e estas responderam na mesma. Cantou algumas canções que relatavam situações correntes e estado do tempo. A seguir distribuiu a cada criança o livro de exercícios e algumas imagens relacionadas com os temas acima referidos para realizarem uma colagem.

15h10 – **Expressão plástica: Dobragem**

### **Inferências**

Todas as actividades deste dia decorreram em tom de revisão e consolidação dos conhecimentos. Observei que em geral as crianças estavam interessadas, porém, algumas revelaram um certo cansaço e pelo facto de se estar a aproximar o tempo de férias, ocupavam alguns momentos conversando acerca dos seus projectos, desviando-se um pouco da rotina. A educadora demonstrou-se compreensiva e afectuosa perante esta situação, tentando motivar as crianças, não deixando de agir com firmeza, perante a indisciplina de algumas.

Achei muito importante esta atitude para a aprendizagem das crianças e concordo com a opinião de Brazelton e Greenspan (2003) quando argumentam que:

*Ao dar às crianças a possibilidade de utilizar com mestria as ferramentas da aprendizagem em todas as facetas da vida, promovemos uma atitude assertiva e a capacidade de procurar alcançar as expectativas. Se proporcionarmos estes incentivos com uma estrutura e limites adequados e os combinarmos com carinho e um verdadeiro sentido de admiração pela sua individualidade, estaremos a ajudá-la a estabelecer os seus próprios objectivos e a sua própria disciplina. (p. 195)*

### **Quarta-feira, 30 de Junho de 2010**

9h00 – Deu-se início às **Provas Práticas** de Aptidão Profissional, observadas e avaliadas pela equipa da supervisão pedagógica.

A prova do primeiro tempo, foi realizada por uma colega do 4º ano de Educação de Infância, que abordou o tema “ **Plantas Carnívoras**”. Começou por

apresentar um PowerPoint com imagens de plantas carnívoras existentes em vários países, conversando sobre os nomes e as características específicas das mesmas. Mostrou um vaso com uma planta para as crianças observarem de perto, utilizando lupas. Para finalizar esta aula, construiu um puzzle com as crianças; entregou bocados de cartão com letras de alfabeto, a cada criança, que em conjunto construíram o puzzle; no final da construção resultou no nome de algumas plantas carnívoras. Seguidamente a colega deu a aula de Matemática com o material “**Cuisenaire**”.

Depois de recordar o nome e as características deste material, contou uma história, através da qual fez a construção da estação do comboio, realizando cálculos mentais e algumas situações problemáticas. A seguir fez a leitura por cores e valores, explorando as peças de valor par e ímpar.

A actividade seguinte foi o do jogo: “**Apanha das moscas**”. Dividiu o grupo formando equipas e conduziu-o para o recreio. A última aula foi a leitura da **Cartilha Maternal** em que lhe foi pedido a lição do cêke.

10h25- Começou a prova de outra colega que trabalhou o tema “**O Bombeiro**”, mostrando um PowerPoint com várias imagens sobre a intervenção dos bombeiros, questionando-as sobre o que estavam a visualizar e prestou atenção aos comentários que iam fazendo. Colocou um CD com sons das sirenes e fez notar a diferença entre os vários sons, esclarecendo que cada um tinha o seu significado, ou seja, anunciava um acontecimento específico. Mostrou ainda outras imagens de objectos e instrumentos utilizados pelos bombeiros, durante a execução de suas tarefas e em simultâneo fez passar de mão em mão os objectos reais. As aulas seguintes, foram as de: **matemática, jogos, e Cartilha Maternal**, a que não pude assistir porque fui ajudar uma outra colega a preparar o ambiente para as suas aulas.

A última prova da parte da manhã, foi realizada por uma colega que abordou o tema “ **A Espanha**”. Também não estive presente no início da aula, porque juntamente com mais duas colegas, fui preparar o espaço, no recreio, para ela posteriormente realizar o jogo. Quando regressei à sala, a colega tinha estendido no chão, uma Bandeira espanhola e outra portuguesa e estava a conversar sobre as diferenças e características destas. A seguir colocou um CD com música espanhola, dançando com as crianças. Tinha preparado “A paella”, um prato típico de Espanha, que no final deu a provar a quem quisesse. Depois desta aula, organizou o grupo dividindo-o em equipas que conduziu para o recreio onde realizou o jogo que consistia na feitura da paella.

Uma vez na sala, deu uma aula de matemática com o material “**Geoplano**”. Envolveu as crianças numa pequena história e fez um itinerário, utilizando o retroprojector; enquanto as crianças representavam o que viam. Enunciou algumas situações problemáticas e fez cálculos mentais, servindo-se também de algumas imagens para auxiliar o raciocínio das crianças. Para terminar foi-lhe pedida uma aula da “**Cartilha Maternal**”.

Depois desta última prova da manhã, a educadora fez uma pequena pausa com as crianças seguindo-se o almoço. Neste dia, a escola ofereceu o almoço a todas as estagiárias que realizaram a prova prática.

14h30 – Realizei a minha Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP), as inferências e a fundamentação podem ser visualizadas no Capítulo das planificações.

### **Inferências**

Hoje, notava-se um clima de uma certa apreensão por parte das estagiárias que realizaram a prova, todavia, os temas abordados, por cada uma, foram pertinentes para o conhecimento das crianças a todos os níveis que estavam curiosas e entusiasmadas. Achei muito importante o facto de em cada tema abordado, as crianças terem a possibilidade de observar e manipular os materiais em todas as áreas, tendo merecido especial cuidado a área do conhecimento do mundo.

Segundo as Orientações Curriculares (1997)

*O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si própria na relação com os objectos. (p.57)*

Nesta mesma perspectiva Martins *et al.* (2009) argumentam que “*a participação activa das crianças em todas as fases do desenvolvimento das actividades favorece o seu entusiasmo, dado que gostam naturalmente de mexer, experimentar e observar as consequências das suas acções*”. (p.21)

Observei que no final da manhã as crianças mostravam-se um pouco irrequietas; na verdade as actividades foram intensivas e quase todas elas ultrapassaram o tempo limite. Este facto também condicionou a postura da última colega, que durante a aula de matemática estava um pouco nervosa acabando por transmitir conceitos errados

em termos matemáticos. Não conseguiu manter a disciplina, apesar de ter sido afável com as crianças e utilizado os materiais adequados e apelativos. A meu ver, é muito importante o cuidado na transmissão dos conteúdos nomeadamente às crianças tão novas.

Jantz citado em Arends (1995) aclara que:

*Os conceitos permitem que os indivíduos classifiquem objectos e ideias e derivem regras e princípios; proporcionam os alicerces para as redes de ideias que guiam o nosso pensamento. O processo de aprendizagem de conceitos começa numa idade muito tenra e desenvolvem conceitos cada vez mais complexos quer no meio escolar quer extra-escolar. (p.303)*

## 10ª Semana

### Segunda-feira, 5 de Julho de 2010

Como se tratava do final do ano lectivo, neste dia houve alterações no plano semanal e todas as actividades foram orientadas em função da preparação da festa de encerramento. Quando entrámos na sala, a educadora avisou que íamos fazer actividades diferentes.

9h30 – Distribui às crianças algumas fichas que estavam por acabar. Na medida que iam terminando, conferia e entregava-as às estagiárias, para as colocarem, por áreas, nas respectivas pastas/dossiers. Entretanto, chegou o professor de música que fez o último ensaio para a festa final do ano, que seria no dia seguinte. Recordou várias canções que já eram do conhecimento dos alunos.

11h00 – A educadora ensaiou também uma dança com as crianças, que iriam fazer com os pais; Dividiu a turma em duas filas que fizeram várias coreografias interagindo umas com as outras.

14h30 – Continuámos a organizar os dossiers e todos os materiais necessários para a festa de encerramento. Cada criança já tinha pintado e enfeitado uma caixa onde a educadora colocou um CD com fotos de algumas actividades realizadas ao longo do ano.

## Inferências

Tudo decorreu num clima de descontração. Faltaram algumas crianças que já tinham seguido para férias. As que estiveram presentes participaram com entusiasmo nos preparativos para a festa. Achei este envolvimento das crianças muito importante para um desenvolvimento integral. Sublinho a ideia de Formosinho (2011) que sustenta o interesse de Pedagogias participativas afirmando que:

*Os objectivos das pedagogias participativas são os do envolvimento na experiência e a construção da aprendizagem na experiência contínua e integrativa. A imagem da criança é a de um ser competente que participa com liberdade, agência, inteligência e sensibilidade. (p.100)*

Estas estratégias favorecem várias competências em vários domínios. Constatei que durante a preparação da actividade a realizar com os pais, a educadora, para além de envolver as crianças na dinâmica, manteve uma relação afectiva, conversando com elas sobre a presença dos pais na festa e a importância da interacção com eles.

A este respeito Kamii (2003,) esclarece que “o educador centrado na criança preocupa-se com a dinâmica psicológica da criança e pensa no contexto socioafectivo no qual cada uma delas vive”. (p. 158) A mesma autora realça ainda que *um bom educador... não está somente centrado na criança em função das relações individuais, mas também organiza todo o grupo para que as crianças se concentrem de forma construtiva sobre as actividades da sua escola*”. (p. 159)

### **Terça-feira, de 6 Julho de 2010**

Hoje, decorreu a festa do encerramento e tudo se procedeu fora do habitual. As crianças foram acolhidas nas respectivas salas e à medida que iam chegando, a educadora pedia às estagiárias para as levarem ao ginásio onde começou a primeira actividade do dia.

9h00 - Entraram os pais que assistiram a esta actividade. A professora de ginástica realizou com as crianças vários movimentos, ao som e ritmo da música.

Num segundo tempo, foi realizado um momento musical num espaço do recreio. O professor colocou o CD de músicas e começou a cantar com as crianças e os pais, o Hino a João de Deus. A seguir cantou várias canções com mensagens, pedindo a interacção dos pais, que participaram com agrado.

Terceiro momento, regressámos à sala onde a educadora dinamizou um “Jogo dos alfabetos” maiúsculo e minúsculo, entre pais e filhos; tinha preparado na sala de aula um tapete em esponja e colocou as crianças sentadas à volta formando um “U”. Distribui as letras maiúsculas às crianças e aos pais as minúsculas. Cada um tinha uma letra. Foi fazendo perguntas por ordem alfabética e quem tivesse a respectiva letra dizia o seu nome e valores. A seguir entregou a cada pai, um cartão com imagens de vários animais, (insectos, aves, mamíferos...). Um pai apresentava as imagens enquanto a professora perguntava à criança a que classe pertencia o animal. Muitas destas imagens tinham na parte de trás as perguntas que serviam de pistas para ajudar a criança a descobrir o nome e o animal em causa. Ao acertar a pergunta, a criança dirigia-se às estagiárias que lhe entregavam como prenda, uma caixa com CD e um Diploma. Depois deste momento, a professora fez a dança com crianças e pais. Para terminar entregou-lhes os dossiers, as pastas e as avaliações.

14h45 – Actividade de carácter livre.

### Inferências

*“A família e a instituição de educação pré – escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas”.* (OCE PE, 1997,p. 43)

É sob esta perspectiva que decorreu a festa final do ano lectivo, em que os pais participaram de um modo significativo. Presenciei a alegria e o entusiasmo deles ao longo das actividades em interacção com os filhos. A meu ver é fundamental a participação dos pais nas acções curriculares. Segundo as Orientações Curriculares (1997) *“Os pais encarregados de educação são responsáveis pela criança e também os seus primeiros e principais educadores”.* (p.22) Considerando a importância da educação, urge uma participação activa dos pais e uma escola que promova esta participação.

Um dos princípios gerais da Lei-Quadro, referido nas Orientações salienta que a importância relação escola/família, traduz-se no objectivo: *“incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade”.* (Ministério da Educação, 1997,p.22)

Seguindo o mesmo pensamento Katz e Chard (1997) afirmam que, *“os pais também aprendem aspectos do currículo associados à aplicação de capacidades e ao desenvolvimento de predisposição que têm probabilidades de contribuir para o sucesso escolar das crianças. (p.218)*

Nesta mesma linha o Ministério da Educação (2002) afirma que *“ A troca e a reflexão alargada de experiências permitirá uma componente de apoio à família qualificada, que dignificará os profissionais que a dinamizarem e dará uma enorme satisfação às crianças e aos seus pais”.* (p.22)

Na minha perspectiva, esta interacção é uma mais valia para um desenvolvimento e educação com qualidade, que convence os pais de suas responsabilidades. Kamii (2003) alega que *“convencer os pais de que sabemos o que fazemos na escola é realmente fácil, mas obter que eles tentem mudar a sua forma de educar as crianças em casa, é outro problema”.* (p.154) Pude observar nos pais presentes, que ao longo das actividades demonstraram o sentido de responsabilidade pelos seus deveres e que existe uma cooperação qualitativa entre a Instituição e as famílias. Este facto teve reflexo no modo como as crianças interagiram com os pais e as competências demonstradas entre ambos.

#### **Quarta-feira, 07 de Julho de 2010**

Como já estavam terminadas as actividades lectivas, durante este dia a educadora orientou as crianças para trabalhos em grupo e de carácter livre.

9h20 -Apesar de ser um dia diferente o Bibe Azul dirigiu-se à sala como de costume. A educadora juntou as mesas e as crianças realizaram pinturas segundo a criatividade de cada uma. Entretanto, a educadora perguntou o que queriam fazer a seguir, acrescentando que deviam fazer uma programação para o resto do mês, por isso cada criança devia dar a sua opinião.

11h00 – A educadora levou as crianças à Biblioteca e contou uma história, através de um livro que tinha como título: *“A Mariana e os Saltimbancos”.*

13h00 – Jogo: *“ Campeonato de bowling”* orientado pela educadora

14h30- Feitura do pão para o lanche de todas as crianças. A educadora começou por lhes perguntar se gostavam de pão e o que era necessário para o fazer. Foi escutando as opiniões, enquanto chamava algumas para identificarem os

ingredientes referidos. Sempre com a colaboração das crianças colocou-os num alguidar e fez a massa que ficou em repouso durante algum tempo. Continuou a conversar sobre o que era necessário fazer a seguir, até os pãezinhos estarem prontos a comer. As crianças participaram nesta feitura como muito gozo.

16h00-Foram para a cantina partilhar os pãezinhos com os outros Bibes. Com esta actividade terminou o meu Estágio Profissional.

### Inferências

No meu entender este foi um dia tipo, o que acho extraordinário para o desenvolvimento de inúmeras competências nas crianças. Na minha perspectiva, a possibilidade destas actividades de carácter livre, em que as crianças têm a possibilidade de escolher e decidir, ou seja, planear juntamente com a educadora o que querem fazer, deveria acontecer mais vezes ao longo do ano.

Sobre esta ideia, Katz e Chard (1997) comentam: *um currículo que limita o professor principalmente a lições formais diárias, e a dispor dos mesmos brinquedos e equipamento dia após dia pode tornar-se rapidamente monótono e desprovido de desafio intelectual.* (p.16) Seguindo a mesma ideia, Piaget (Kamii, 2003) afirma que (...) as crianças organizam as coisas para si próprias porque tentam constantemente dar um sentido ao seu mundo.(p.131)

Ainda Hohmann, Banet e Weikart (1995) sublinham que:

*As crianças que fazem seus próprios planos, compreendem que são capazes de fazer com que aconteçam coisas. Começam, assim, a considerar-se pessoas que são capazes de decidir e actuar sobre as suas próprias decisões; controlam, em parte, as suas próprias actividades.* (p.86)

Ao longo da prática pedagógica no Bibe Azul (5 anos) durante as actividades de carácter formal, observei que lhes foram proporcionados a participação e o envolvimento de uma forma extraordinária, e demonstravam-se felizes. Porém, sublinho que este último dia verificou algo de extraordinário. Admito a ideia de

Formosinho (2011) que declara que:

*O papel do adulto é criar espaço para que a criança se escute a si própria e comunique essa escuta – planificar é dar à criança o poder para se escutar e para comunicar a escuta, para fazer planificações como forma reflectida de iniciar a acção. A criança que se escuta cria habitus de definir intencionalidades e propósitos e de tomar decisões.* (p.77)



## CAPÍTULO II

# PLANIFICAÇÕES

*Quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: . . . a capacidade de se assombrar diante do banal.*

*Rubem Alves*

## 2.1. Descrição do Capítulo

O presente capítulo diz respeito aos planos de aula elaborados no decorrer do Estágio Profissional do Mestrado em Pré-Escolar; está dividido em três secções e cada secção refere-se às planificações elaboradas para cada Bibe nos três momentos de estágio, por ordem crescente. Primeira secção: planos de aula referentes ao Bibe Amarelo A (3 anos); segunda secção: planos de aula referentes ao Bibe Encarnado A (4 anos); terceira secção: planos de aula referentes ao Bibe Azul A (5 anos); quarta secção: planos de Aula da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional (P.P.A.C.P).

A exposição de cada planificação, poderá ser seguida de fotografias das actividades inerentes, ou fotografias de imagens utilizadas no Power Point; seguindo-se as inferências e fundamentações de cada planificação. Farei também, uma reflexão crítica para uma maior consciencialização do desempenho.

Parece-me indispensável, antes de me inteirar na secção das planificações, fazer uma pequena alusão sobre as mesmas, a necessidade da sua utilização, a sua importância no âmbito educativo e referir alguns elementos do desenho curricular utilizados para elaboração do plano T da unidade de aprendizagem.

## Fundamentação

*Planificação é um processo de orientação da acção para determinados fins. A função do planeamento é precisamente regular ou controlar a actividade dos indivíduos e dos grupos, de modo a que os efeitos negativos que possam surgir se reduzam ao mínimo, e estimular um melhor rendimento do enquadramento físico, de acordo com um conjunto amplo de fins e objectivos mais específicos, tal como se tenham estabelecido no Plano. (. . .) planear é, pois, racionalizar a utilização de recursos . . . para atingir o mais elevado grau de satisfação possível dos objectivos fixados (Diciopédia,2008,[DVD-ROM], Porto Editora).*

A planificação prossegue segundo os critérios de cada professor/educador, definindo os objectivos adequados à turma em geral e a cada aluno, tendo em conta os conhecimentos prévios, de modo a promover uma interacção e dinâmica quantitativas e qualitativas, a fim de se formar um cidadão capaz de responder, de forma autónoma, crítica e livre às exigências da sociedade.

Na perspectiva de Zabalza (2003)

*Planificar é prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp. 47-48)*

A educação tem um papel decisivo na formação do cidadão, na edificação da pessoa humana, no seu desenvolvimento num clima de confiança, no cultivo equilibrado da auto-estima, assimilação e adequação aos valores sociais e culturais que o envolve. Tendo em conta este ponto de vista, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) afirmam que:

*Planear o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança. . . é a condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades (p.26).*

Para que isso aconteça, no Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto, foi definido o perfil geral do desempenho profissional do educador de infância, do qual realço alguns pontos que acho oportunos:

- 3 - No âmbito da observação, da planificação e da avaliação, o educador de infância:
  - a) *Observa cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação de actividades e projectos adequados às necessidades da criança e do grupo e aos objectivos de desenvolvimento e da aprendizagem;*
  - b) *Tem em conta, na planificação do desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, os conhecimentos e as competências de que as crianças são portadoras;*
  - c) *Planifica a intervenção educativa de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação, bem como as propostas explícitas ou implícitas das crianças, as temáticas e as situações imprevistas emergentes no processo educativo;*
  - d) *Planifica actividades que sirvam objectivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares;*
  - e) *Avalia, numa perspectiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adoptados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo.(p.5)*

Ainda segundo as Orientações Curriculares (1997):

*Ao fazer a sua planificação o professor/educador deve ter em conta dois elementos fundamentais: o meio e o aluno. Deve atender-se ao meio social, familiar, económico e a todos os componentes necessários para a integração escolar. Procurar conhecer as características psicológicas, afectivas, emotivas e volitivas de cada criança/aluno e atendendo ao seu desenvolvimento cognitivo (p.52).*

Nesta perspectiva, propõe-se um exemplo de planificação, que procurou contemplar os aspectos acima referidos e considerar os seguintes elementos: o projecto educativo da escola, o projecto curricular da turma; o grupo alvo, a sua faixa etária, as competências a desenvolver; os conteúdos leccionados no momento e os conhecimentos prévios. Toda a actividade foi orientada tendo em conta a comunidade educativa e a metodologia específica do Jardim-Escola João de Deus.

Fica explicado também, que os planos de aulas utilizados no Jardim-Escola João de Deus, são elaborados com base no modelo T da aprendizagem ou blocos/áreas de conteúdo, proposto por Martiniano Pérez, conforme poderemos visualizar na secção das planificações. As planificações são elaboradas por “Áreas de Conteúdo”.

**Área:** segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997,p.47) “ é um termo habitual na educação pré-escolar para designar formas de pensar e organizar a intervenção do educador e as experiências proporcionadas às crianças. Foram elaborados os planos de: Conhecimento do Mundo; Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita; Domínio da Matemática; Expressão Motora-Jogos e Expressão Plástica.

Pérez (sd., p.7) identifica alguns elementos fundamentais do “Desenho Curricular de Aula”; como modelo de Aprendizagem-ensino, como marco de um novo desenho de aprender a aprender, facilitadores da aprendizagem:

**Conteúdo:** Para este autor é uma forma de saber. Existem dois tipos fundamentais de conteúdos: saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e saber sobre feitos (conteúdos factuais)

**Métodos/procedimento:** trata-se de formas de fazer, ou seja, situações de aprendizagem que promovem estratégias e actividades que se idealizam e incluem métodos pedagógicos.

**Capacidade /Destreza:** habilidades que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo.

Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade. A capacidade e destrezas estão interligadas sendo uma de carácter específico e outra de carácter geral, como se pode observar no quadro nº 6.

<b>Capacidades/ Destrezas</b>	
<p><b>Expressão escrita</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ortografia</li> <li>- Regras ortográficas</li> <li>- Caligrafia</li> <li>- Elaboração de textos</li> <li>- Redacção correcta</li> </ul> <p><b>Expressão oral</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura compreensiva</li> <li>- Fluidez mental</li> <li>- Agilidade de expressão</li> <li>- Diálogo</li> <li>- Vocalização</li> <li>- Entoação</li> <li>- Uso da voz</li> </ul> <p><b>Compreender</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar</li> <li>- Interpretar</li> <li>- Comparar</li> <li>- Simbolizar</li> <li>- Conhecer</li> <li>- Relacionar</li> <li>- Avaliar</li> <li>- Sistematizar</li> <li>- Classificar</li> <li>- Identificar</li> </ul> <p><b>Orientação espacial</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Situar</li> <li>- Ordenar</li> <li>- Interpretar</li> <li>- Localizar</li> <li>- Referenciar</li> <li>- Representar</li> </ul>	<p><b>Relacionar</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer</li> <li>- Associar</li> <li>- Distinguir</li> <li>- Memorizar</li> </ul> <p><b>Observação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar</li> <li>- Identificar</li> <li>- Descobrir</li> <li>- Concluir</li> <li>- Investigar</li> <li>- Procurar</li> <li>- Aferir</li> </ul> <p><b>Participar</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Iniciativa</li> <li>- Saber escutar</li> <li>- Improvisação</li> <li>- Trabalho em grupo</li> <li>- Interesse</li> <li>- Curiosidade</li> <li>- Experimentar</li> <li>- Manipular</li> <li>- Observar</li> <li>- Concluir</li> <li>- Indagar</li> </ul> <p><b>Raciocínio lógico</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Classificar</li> <li>- Resolver problemas</li> <li>- Diferenciar</li> <li>- Representar oralmente</li> <li>- Precisão conceptual</li> <li>- Sistematizar dados</li> <li>- Avaliar informação</li> </ul>

Quadro nº6- Capacidades e destrezas

**Valor:** estrutura-se e desenvolve-se por meio de atitudes. A componente fundamental de um valor é afectiva.

**Atitude:** predisposição estável face a algo cujo componente fundamental é afectivo.

Um conjunto de atitudes constitui um valor.

Valores/ Atitudes	
<p><b>Convivência</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação</li> <li>- Colaboração</li> <li>- Humildade</li> <li>- Entreajuda</li> <li>- Partilha</li> </ul> <p><b>Solidariedade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cuidado</li> <li>- Apreço</li> <li>- Aceitação</li> <li>- Ajuda</li> <li>- Respeitar</li> <li>- Altruísmo</li> <li>- Compromisso</li> <li>- Apoio</li> <li>- Tolerar</li> <li>- Partilha</li> </ul> <p><b>Criatividade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Criar</li> <li>- Explorar</li> <li>- Ser original</li> <li>- Imaginação</li> <li>- Ser curioso</li> <li>- Iniciativa</li> <li>- Interpretar</li> <li>- Representar</li> <li>- Inventar</li> </ul>	<p><b>Responsabilidade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Atenção</li> <li>- Autonomia</li> <li>- Cooperação</li> <li>- Esforço</li> </ul> <p><b>Tolerância</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Flexibilidade</li> <li>- Consideração</li> <li>- Valorização</li> <li>- Apoio mútuo</li> <li>- Saber escutar</li> <li>- Ceder</li> </ul> <p><b>Rigor</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Precisão</li> <li>- Interesse</li> <li>- Curiosidade</li> <li>- Expressão clara</li> </ul> <p><b>Respeito</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Atender</li> <li>- Tolerar</li> <li>- Aceitar</li> <li>- Conviver</li> <li>- Seriedade</li> <li>- Escutar</li> <li>- Pôr-se no lugar do outro</li> </ul>

Quadro nº7 Atitudes e Valores

Como podemos verificar, assim como foi anteriormente referido, todas as planificações elaboradas para as aulas, obedeceram aos elementos enunciados nos quadros 6 e 7. Podemos também observar que esses elementos fazem parte integrante da formação pessoal e social do aluno. *A Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas (. . .).* (Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar, 1997, p. 51)

### **3.1 - 1ª Secção:**

Planificações Referentes às aulas  
no Bibe Amarelo A

**Educadora Cooperante:** Rita Sapinho

**Jardim – Escola João de Deus – Alvalade**

**Plano de Actividade**

**Faixa Etária:** 3 anos (Bibe Amarelo-A)

**Estagiária:** M<sup>a</sup> Teresa Cardoso

**Duração:** 30 minutos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Educadora Cooperante:** Rita Sapinho

**Número:** 12

**Data:** 01/02/2010

**Área: Expressão e Comunicação**

**Domínio: da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

Conteúdos		Procedimentos	
<p>✦ <b>Leitura da história</b></p>  <p>“As Aventuras do Verdinho”: Adaptação.</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>✦ Ajudar as crianças a sentarem-se em filas no tapete;</li> <li>✦ Criar expectativas... aparece “o verdinho” e saúda as crianças;</li> <li>✦ Visualizar a imagem (capa do livro) no PowerPoint questionando as crianças:                     <ul style="list-style-type: none"> <li>- O que vêem na imagem?</li> </ul> </li> <li>✦ Contar a história (em 1<sup>a</sup> pessoa) e apelar à participação das crianças, através de gestos e expressões.</li> </ul>	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores – Atitudes	
<p><b>Fluidez mental:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Interpretar</li> </ul> <p><b>Expressão Oral:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Escutar</li> <li>- Dialogar</li> </ul>		<p><b>Responsabilidade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar</li> </ul> <p><b>Solidariedade:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cuidado</li> <li>- Respeitar</li> </ul>	

**Material de Apoio:** PowerPoint com a História “As Aventuras do Verdinho”, bonecos manufacturados “O Verdinho” (personagem principal da história), datashow, Computador.

Plano sujeito a alteração.

Baseado no Modelo “T” de unidade de aprendizagem



## Inferências

Esta foi a minha primeira aula programada, que acho ter corrido de uma forma calma, dinâmica e bem conseguida, pois já tinha realizado algumas aulas de treino e havia uma relação de empatia, entre eu e as crianças, o que acho muito importante para o desenvolvimento de qualquer actividade e da própria aprendizagem, nomeadamente por se tratar de crianças nos seus primeiros anos de vida. *“A aprendizagem mais importante nos primeiros anos é proporcionada pela interacção humana. Não tem comparação com os objectos e os utensílios usados para a aprendizagem”* (Brazelton e Greenspan, 2003, 28-29) A UNESCO confirma que *“a educação é também um grito de amor e de afecto”* (Dolores p.) De facto, senti-me muito à vontade e as crianças estiveram comigo ao longo do dia. Os conteúdos que abordei, as diferentes estratégias e os materiais utilizados, a meu ver, foram adequados ao grupo e houve aprendizagem.

## Fundamentação

Escolhi o tema tendo em conta as actividades lectivas do momento, e por achar de grande importância incentivar as crianças, desde cedo, para o sentido da responsabilidade em dar o seu contributo para a protecção do ambiente. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) *“A educação ambiental relaciona-se com a saúde-bem-estar, qualidade de vida-incluindo os cuidados com a preservação do ambiente. Manter a sala arrumada e limpa, cuidar do espaço exterior, não deitar lixo para o chão., fazem parte do quotidiano do jardim-de-infância”*. (p.84)

Ao dar início à minha actividade com a estimulação à leitura, pensei que era a maneira para integrar as crianças no tema e introduzir de uma forma lúdica os conteúdos que queria transmitir. Para a excussão desta actividade optei pelos seguintes procedimentos:

### **Ajudar as crianças a sentarem-se em filas no tapete.**

Esta disposição e o espaço, foram escolhidos pelo facto das crianças terem de visualizar um PowerPoint. *“A maneira como o espaço é gerido tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos”.*(Arends, 1995, p.85) Porém, se tivesse que repetir era um dos procedimentos que mudaria, apesar do espaço ser pequeno. Estou de acordo com o mesmo autor quando afirma que, *“ Embora os professores não controlem a quantidade de espaço disponível, têm uma considerável liberdade de acção no que diz respeito à sua gestão”.* (p.85)

### **Criar expectativas... aparece “o verdinho ” e saúda as crianças.**

Ao optar por este procedimento, tive em consideração a capacidade imaginativa característica desta faixa etária. De facto, para Brazelton e Greenspan (2003)

*Um dos pontos de referência dos 3 anos é a imaginação. Com a capacidade que tem para usar os símbolos, a criança agora desenvolve uma imaginação viva e activa. Representa mentalmente aspectos do mundo e das suas relações com os outros. E como agora tem capacidade de gerar ideias separadas das suas experiências, começa a usar a fantasia para a ajudar a dar sentido a um mundo complexo. (241)*

### **Visualizar a imagem (capa do livro) no PowerPoint questionando as crianças: o que vêem na imagem?**

Optei por este procedimento tendo em conta que a leitura das imagens é um excelente meio para o desenvolvimento da linguagem oral, nesta faixa etária. Efectuei a leitura através de um trabalho prévio com as crianças, sobre alguns aspectos paratextuais do livro, ou seja, uma pré-leitura da história. Azevedo (2007) afirma que:

*Esta “conversa” à volta do livro/texto, além de favorecer a participação oral, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem, leva os alunos com uma competência enciclopédica menos desenvolvida, a beneficiar da partilha dos comentários do grupo, alargando, assim, os seus próprios conhecimentos. (p.71)*

Apresentei as imagens no PowerPoint de modo a proporcionar uma melhor visualização das mesmas em grande dimensão, tendo em conta a sua vantagem para o grupo. Segundo Figueiredo (2006), este recurso pode ser muito educativo, ajuda a ensinar as crianças a ler e a contar e a porem-se em contacto com ideias e experiências imaginativas. No que diz respeito às imagens de grandes dimensões, Sulzby e Teale (1996), citados por Azevedo (2006, 27), afirmam que para além do grupo ter uma perspectiva de qualidade, este é um recurso poderoso no desenvolvimento das competências da literacia.

**Contar a história (em 1ª pessoa) e apelar à participação das crianças, através de gestos e expressões.** *“A criança em idade pré-escolar gosta de imitar, de fingir, (. . .) através dessas actividades pode exercitar a sua capacidade de representar o mundo”. (Zabalza, 1998, p.15)*

**Jardim – Escola João de Deus – Alvalade**

**Plano de Actividade**

**Faixa Etária:** 3 anos (Bibe Amarelo-A)

**Estagiária:** M<sup>a</sup> Teresa Cardoso

**Duração:** 30 minutos


Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Educadora Cooperante:** Rita Sapinho

**Número:** 12

**Data:** 01/02/2010

**Área:** Conhecimento do Mundo

Conteúdos		Procedimentos	
<p>✔ <b>Ecopontos:</b></p> <p>- Identificação do lixo reciclável e colocação do mesmo nos respectivos ecopontos.</p> 		<ul style="list-style-type: none"> <li>✔ Orientar as crianças para que se sentem nas cadeiras dispostas em semi-círculo;</li> <li>✔ Iniciar a aula apelando aos conhecimentos das crianças e perceber se em casa fazem a separação do lixo;</li> <li>✔ Mostrar os ecopontos (amarelo, azul, verde e encarnado (o pilhão) e os cartazes correspondentes;</li> <li>✔ Os cartazes servirão de auxílio para a actividade uma vez que, terão afixado um exemplar do que se coloca em cada um dos ecopontos;</li> <li>✔ “O verdinho” vai pedir ajuda às crianças para fazer a separação do lixo e colocá-lo no respectivo ecoponto.</li> <li>✔ Terminar a actividade, ouvindo um Cd de música e cantar a canção: “Proteger a Natureza”</li> </ul>	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores – Atitudes	
<p><b>Classificação:</b></p> <p>- Identificar</p> <p><b>Raciocínio Lógico:</b></p> <p>- Comparar</p> <p>- Aplicar</p>		<p><b>Respeito:</b></p> <p>- Ser capaz de escutar</p> <p>- Ser capaz de cooperar</p> <p><b>Responsabilidade:</b></p> <p>- Ser cumpridor</p>	
<p><b>Material de Apoio:</b> Ecopontos (amarelo, azul, verde e encarnado (pilhão) e cartazes.</p>			

Plano sujeito a alteração

Baseado no Modelo T de unidade de aprendizagem



Figura 27 – Bonecos manufacturados utilizados para dinamizar as actividades.

### Inferências

*O ser humano faz parte de um sistema global e é necessário tomar consciência disso logo desde as idades mais precoces. Os educadores devem formar-se para que os alunos conheçam e compreendam as bases e as consequências dos problemas ambientais, e que saibam que, como integrantes nesse espaço comum, são também afectados se este se deteriorar. (Enciclopédia Geral da Educação, sd. p.1507)*

Foi por esta perspectiva e a consciência da responsabilidade que me toca como educadora, que pensei no tema já referido; elaborei o plano e orientei esta aula do conhecimento do mundo. As crianças participaram com muito entusiasmo, colaborando com o “verdinho” na identificação das cores dos ecopontos e colocação do lixo correspondente a cada um.



Figura 28-Camião dos Ecopontos realizado em equipa: Bibe Amarelo A.

## Fundamentação

**Orientar as crianças para que se sentem nas cadeiras dispostas em semi-círculo.**

Ao preparar este plano, pensei que a disposição das crianças, sentadas nas cadeiras e em semi-círculo, facilitaria a observação e a visualização dos materiais. Neste sentido, a Enciclopédia de Educação Infantil, (1997,p.790) confirma que " *no caso de exercícios com material de manipulação, será necessário que as crianças se coloquem de modo que todas vejam os materiais ou objectos; para isso, uma distribuição circular, com os objectos colocados no centro do círculo, pode ser óptima*".

**Iniciar a aula apelando aos conhecimentos das crianças e perceber se em casa fazem a separação do lixo.**

Segundo Martins et al (2007), para este tipo de trabalho prático, é necessário questionar, reflectir, interagir com as crianças e responder a perguntas, planejar maneiras de testar ideias prévias, confrontar opiniões. Na perspectiva do Ministério da Educação (1997), "a *educação ambiental pode também implicar uma observação e recolha de informação e até uma intervenção na conservação e recuperação do património natural e cultural. Este contacto com a natureza e a cultura é, ainda, um meio de educação estética*". (p. 84)

**Mostrar os ecopontos (amarelo, azul, verde e encarnado (o pilhão) e os cartazes correspondentes; os cartazes servirão de auxílio para a actividade, uma vez que terão afixado um exemplar do que se coloca em cada um dos ecopontos.**

Hohmann M., Banet e Weikart David (2001,p.19) afirmam que:

*O papel que o adulto desempenha no Currículo (. . .) descreve-se, com mais propriedade, como de um incentivador de actividades para resolução de problemas. O adulto pode incentivar ou estimular a resolução de problemas, proporcionando um conjunto variado de materiais e de actividades, de entre os quais a criança seja levada a escolher. (p.29)*

**“O verdinho” vai pedir ajuda às crianças para fazer a separação do lixo e colocá-lo no respectivo ecoponto.**

Sob este procedimento, a Enciclopédia Geral da Educação (sd.,p.1507) sustenta ainda que:

*A educação tem uma função primordial na consciencialização e compreensão dos problemas que afectam o ambiente, com a intenção de instaurar uma nova ética do desenvolvimento mundial, mas também com o objectivo de fomentar atitudes positivas para com o meio mais próximo. Por conseguinte a educação ambiental deveria desenvolver os conhecimentos teóricos e práticos, os valores e as atitudes que podem melhorar a qualidade do meio e a qualidade de vida de todos os habitantes, respeitando o equilíbrio do sistema com uma perspectiva de futuro.*

**Terminar a actividade, ouvindo um Cd de música e cantar a canção:**

**“Proteger a Natureza”**. Considerando o objectivo da educação pela música, Sousa (2003) argumenta que:

*A música como movimento motiva o desenvolvimento das estruturas neurológicas ( ...) o que permite o desenvolvimento cognitivo e a organização da personalidade; a música sendo movimento no espaço e no tempo, concorre de forma muito especial para estes objectivos educacionais. ( . . . ) Na música como estratégia metodológica, o programa dessa disciplina (Português, Inglês, Matemática, Ciências, etc.) mantém-se com os seus objectivos e conteúdos próprios, mas a “ferramenta” pedagógica é a música: aprender através da música. (p.20-21)*

### **3.2 - 2ª Secção:**

Planificações Referentes às aulas  
no Bibe Encarnado A

**Educadora Cooperante:** Elisabete Oliveira



Jardim – Escola João de Deus – Alvalade

Plano de Actividade

**Faixa Etária:** 4 anos (Bibe Encarnado-A)

**Estagiária:** M<sup>a</sup> Teresa Cardoso

**Duração:** 25/30 minutos


Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Educadora Cooperante:** Elisabete Almeida

**Número:** 12

**Data:** 27/04/2010

**Área de Expressão e Comunicação:** Domínio da Matemática

Conteúdos		Procedimentos	
<p>■ <b>III Dom de Froëbel:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construções: (muro baixo, muro alto, cadeirão do avô, cadeiras e mesa);</li> <li>- Contagens</li> <li>- Lateralização</li> </ul> <p><b>Situações Problemáticas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cálculo mental</li> <li>- Operações aritméticas</li> </ul> 		<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Iniciar a aula com as crianças sentadas nas mesas, já com as caixas à frente;</li> <li>■ Explorar o material, relacionando a sua forma geométrica com alguns objectos da sala de aula;</li> <li>■ Contar uma história, servindo-me dos elementos utilizados nas aulas anteriores, pedindo às crianças que façam construções;</li> <li>■ Questionar acerca de cada construção com questões dirigidas e resolver de forma abstracta e concreta, os cálculos;</li> <li>■ Concluir a aula, deixando-as explorar livremente o material e questioná-las sobre a construção realizada.</li> <li>■</li> </ul>	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores – Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> <li>■ <b>Raciocínio Lógico:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fluidez mental</li> <li>- Interpretar</li> </ul> </li> <li>■ <b>Orientação espaço-temporal:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar</li> <li>- Identificar</li> </ul> </li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>■ <b>Convivência:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação</li> </ul> </li> <li>■ <b>Responsabilidade:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Atenção</li> </ul> </li> <li>■ <b>Cooperação:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Receptividade</li> </ul> </li> </ul>	
<p><b>Material:</b> III<sup>o</sup> Dom de Froebel, Imagens e algarismos móveis.</p>			

Plano sujeito a alteração

Baseado no Modelo T de unidade de aprendizagem

## Inferências

Estas planificações nos domínios da matemática e expressão plástica, foram realizadas no contexto de uma aula programada para todo o dia, cujo tema foi: As aves “O Periquito”. O tema foi interligado a todas as áreas de conteúdo. Ao pensá-lo, tive em conta o mundo das crianças ou seja, a sua sensibilidade, sabendo que os animais são seus preferidos, fazendo parte do seu dia a dia. Concordo com as Orientações Curriculares (1997) quando afirmam:

*O educador escolha criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança. (p.83)*

Um outro objectivo que norteou a escolha do tema foi despertar nas crianças a curiosidade científica, partindo da observação de um animal de estimação. Nesta perspectiva, Martins et al (2009) dizem que:

*As crianças gostam naturalmente de observar e tentar interpretar a natureza e os fenómenos que observam no seu dia a dia. No Jardim-de-infância, devem vivenciar situações diversificadas que, por um lado, permitam alimentar a sua curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo que as rodeia e, por outro, proporcionar aprendizagens conceptuais, fomentando, simultaneamente, um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela actividade dos cientistas. (p.12-13)*

## Fundamentação

**Iniciar a aula com as crianças sentadas nas mesas, já com as caixas à frente.** “Os alunos precisam que lhes sejam ensinadas estratégias específicas e apropriadas que os ajudem a satisfazer as exigências das tarefas que lhes vão sendo apresentadas nas aulas”. (Arends, 1995,p.114)

**Explorar o material, relacionando a sua forma geométrica com alguns objectos da sala de aula.** A Enciclopédia de Educação Infantil (1997,p.895) afirma, que “o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático é decisivo para a compreensão da realidade ao ligarem-se as noções pedagógicas às vivências da criança”.

Seguindo a mesma ideia Mendes e Delgado (2008) argumentam:

*No nosso dia a dia, somos confrontados com inúmeras situações que envolvem a mobilização de capacidades e ideias geométricas ( ...) na verdade este “olhar” sobre o que nos rodeia é influenciado pelos conhecimentos e pela sensibilidade geométrica. Como área da matemática para além de permitir representar e descrever a realidade física, assume também um valor intrínseco. (...) permite articular a evidência visual com a exactidão do seu método, dando resposta a inúmeros problemas. (p.9)*

As Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (1997), sobre o mesmo argumento dizem:

*Todos estes jogos são um recurso para a criança se relacionar com o espaço e que poderão fundamentar aprendizagens matemáticas, como por exemplo: a comparação e nomeação de tamanhos e formas, designação de formas geométricas, distinção entre formas planas e em volume e, ainda, comparação entre formas geométricas puras e objectos da vida corrente. (. . .). (p. 76)*

Mendes e Delgado (2008) Continuando na mesma linha acrescentam que:

*Neste contexto, é fundamental que as tarefas propostas estejam associadas à manipulação dos objectos no espaço e à utilização de materiais diversificados, facilitando a exploração de propriedades e relações. (...) o educador tem, neste processo, um papel fundamental, não só pelas características das tarefas que propõe, mas, também, pelo tipo de interacção que estabelece com as crianças durante a sua realização. Deve incentivá-las a verbalizarem as suas acções e colocar-lhes questões que as ajudem a explicar o que vão observando nas suas experiências e a relacioná-las com as outras. (p.13)*

**Contar uma história, servindo-me dos elementos utilizados nas aulas anteriores, solicitando às crianças que façam construções;**

Castro e Rodrigues (2008,p.14) afirmam que, “a história é o mote para criar um contexto significativo, do dia-a-dia das crianças”. Nesta linha de pensamento, Mendes e Delgado, 2008p.17) dizem: “o educador pode contar uma história ... à medida que vai contando a história, uma criança vai executando várias acções que vão surgindo. Cito ainda a ideia dos mesmos autores que afirmam que “a educadora começa por contar uma história de uma personagem universal infantil. (...) a ideia é partir de um contexto que inclua personagens do imaginário das crianças e fazer com que estas se envolvam no planeamento e construção (...) que a personagem foi exprimindo ao longo da história”. (p.23)

**Questionar acerca de cada construção com questões dirigidas e resolver de forma abstracta e concreta os cálculos.**

*A resolução de problemas constitui uma situação de aprendizagem que deverá atravessar todas as áreas e domínios em que a criança será confrontada com questões que não são de resposta imediata, mas que a levam a reflectir no como e no porquê. (Ministério da Educação, 1997, p.78)*

Na mesma perspectiva, Caldeira (2009, p.115) afirma:

*As aulas estruturadas, pelo educador, para a abordagem aos problemas, implicam a colocação de questões, que provoquem o raciocínio, especulações, investigações e explorações. Simultaneamente, desenvolvem a capacidade de comunicar matematicamente e a capacidade de usar processos cognitivos de alto nível. O professor facilita este processo quando promove actividades exploratórias e convida as crianças a explicar as suas ideias, e o seu pensamento.*

**Concluir a aula, deixando-as explorar livremente o material e questioná-las sobre a construção realizada.**

Ponte e Serrazina (2000) confirmam este procedimento defendendo que:

*Convenientemente orientada, a manipulação de material pelos alunos pode facilitar a construção de certos conceitos. Pode também servir para representar conceitos que eles já conhecem por outras experiências e actividades, permitindo assim a sua melhor estruturação. O professor pode tirar partido de uma grande variedade de objectos e materiais. A primeira regra de ouro é que estes sejam defacto usados pelo aluno . . .".(p.116)*

Sustentando esta ideia e a importância da exploração livre, Formosinho (2007) argumenta que, "a criança não é um mero receptor de informação, não é uma máquina fotográfica que imprime no interior as estruturas do ambiente, é antes construtor da sua inteligência e do seu conhecimento." (p. 62)

**Jardim – Escola João de Deus – Alvalade**

Plano de Actividade

**Faixa Etária:** 4 anos (Bibe Encarnado-A)

**Estagiária:** M<sup>a</sup> Teresa Cardoso

**Duração:** 25/30 minutos

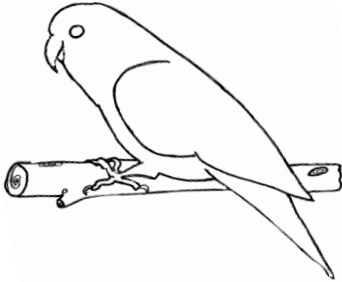
Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Educadora Cooperante:** Elisabete Almeida

**Número:** 12

**Data:** 27/04/2010

**Área:** Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Plástica

Conteúdos		Procedimentos	
<ul style="list-style-type: none"> <li>■ <b>Decoração da imagem de um Periquito</b></li> <li style="padding-left: 20px;">- Reprodução artística</li> </ul> 		<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Sentar as crianças nos respectivos lugares, nas mesas;</li> <li>■ Apresentar uma folha A4 com proposta de actividades e explicar a actividade, que se vai realizar: decoração do periquito;</li> <li>■ Pedir ajuda de alguns alunos e distribuir pelas mesas os materiais necessários: folhas com desenho do periquito, um Kit (para cada criança) com penas de aves, coloridas, missangas para colocar o olho e lápis de cor para pintar o bico e as patas.</li> </ul>	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores /Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> <li>■ <b>Compressão científica</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar</li> <li>- Relacionar</li> </ul> </li> <li>■ <b>Orientação espacial</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Situar</li> <li>- Localizar</li> </ul> </li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>■ <b>Criatividade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Interpretar</li> <li>- Representar</li> </ul> </li> <li>■ <b>Rigor</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Interesse</li> </ul> </li> </ul>	
<p><b>Material:</b> Folha de papel A4, um kit, com penas de aves e missangas; cola e lápis de cor.</p>			

Plano sujeito a alteração

Baseado no Modelo T de unidade de aprendizagem

## Inferências

*A Expressão Plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão. (. . .) O desenho, pintura, digitinta bem como a rasgagem, recorte e colagem são técnicas de expressão plástica comuns na educação Pré-Escolar. (Ministério da Educação, 1997,p.61)*

É nesta perspectiva que propus esta actividade no Domínio de Expressão Plástica, a técnica de colagem, considerando o seu aspecto lúdico de grande interesse das crianças nesta faixa etária, com o intuito de fazer interligação das experiências sensoriais e conceptuais desenvolvidas ao longo das outras actividades e de as motivar para a criação artística. A enciclopédia de Educação Infantil (1997,p.1102) sustenta a ideia de que “a expressão plástica apresenta, como características fundamentais, a vertente lúdica, comunicativa, a estética e a cognitiva”.

Ao preparar os materiais para esta actividade, tive em conta as destrezas básicas que iam proporcionar às crianças e o entusiasmo que a qualidade do material iria despertar nelas. Sousa (2003,188-189) comenta que:

*As crianças desta faixa etária, 4-7 anos, encontram-se na Etapa Pré-Esquemática. Uma fase em que a criança está entusiasmada com a sua habilidade para representar aquilo que para si tem significado. Trocar frequentemente de materiais ou introduzir novos, ajuda na descoberta e exploração de novas formas de expressão e criação. (. . .) Os recortes e as colagens, são actividades expressivo-criativas que parecem ser do especial agrado das crianças desta fase etária.*

Apesar de ter atingido os objectivos com esta actividade, queria fazer uma autocrítica no que diz respeito ao Kit com os materiais para cada criança. Este, consistia em pequenos envelopes de plástico transparente onde coloquei as penas coloridas e uma missanga. A abertura do envelope não facilitava a retirada do material, o que fez com que caíssem algumas penas para o chão. Se tivesse que repetir esta actividade utilizaria uma caixinha, para colocar os materiais. Estou de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) quando diz que:

*Se todo o material existente num contexto de educação pré-escolar deve obedecer a critérios de qualidade, essa qualidade torna-se essencial no que diz respeito aos materiais e instrumentos de expressão plástica. A disposição ordenada desses materiais, a sua diversidade e acessibilidade são condições para que a criança possa realizar o que deseja. (...) o cuidado com os materiais e a responsabilização pelo material colectivo bem como o respeito pelo trabalho dos outros relaciona-se com o desenvolvimento pessoal e social. A diversidade e acessibilidade dos materiais utilizados permitem ainda outras formas de exploração. (p.62)*

## Fundamentação

### **Sentar as crianças nos respectivos lugares, nas mesas.**

Optei por esta disposição porque achei a mais adequada, para o desenvolvimento desta actividade em que as crianças a podiam realizar eficazmente. Neste aspecto concordo com as Orientações Curriculares (1997p.37) quando afirmam que *"os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender.*

### **Apresentar uma folha A4 com proposta de actividades e explicar o que se vai realizar: Decoração do periquito.**

Com este procedimento, pretendi consolidar os conhecimentos sobre as características do animal em causa, observando também a textura e a cor das penas visualizando ao mesmo tempo o periquito que ainda se encontrava na sala de aula. A este respeito Formosinho (2007,p71) diz que *"o papel do adulto é basicamente o de criar situações que desafiem o pensamento da criança e, assim, provoquem o conflito cognitivo.* As crianças estiveram interessadas e escutaram com muita atenção a minha proposta; não foi preciso repetir a regra combinada no início das actividades.

*Quando as crianças se sentem envolvidas num conteúdo, há menos necessidades de repetir regras (. . .). As crianças ouvirão as outras pessoas porque querem ouvir o que se diz. A intervenção do professor pode consistir em comentários, assim como em levantar questões e as crianças podem ser incentivadas a interagir umas com as outras para que nem toda a conversação envolva o professor directamente. Desta forma pode constituir um modelo de ouvir interessado. (Katz & Chard, 1997, p.224)*

Cito ainda Formosinho (2007) que realça esta atitude, dizendo que *"a escuta como o verbo activo, significa interpretar, dar sentido e significado às mensagens dos outros. (. . .). A tarefa da educação e dos adultos que interagem com as crianças é apoiar o desenvolvimento das múltiplas linguagens e das múltiplas formas de escuta.* (p.110)

**Pedir ajuda de alguns alunos e distribuir pelas mesas todos os materiais necessários para a realização da actividade: folha com desenho do periquito, penas de aves, coloridas, missangas para colocar os olhos e lápis de cor para pintar o bico e as patas.**

Ao pedir ajuda de alguns alunos na distribuição dos materiais, com intuito de estimular várias competências, entre elas, o sentido de responsabilidade e da cooperação. Estou de acordo com Katz e Chard (1997,p.13) quando afirmam que “Os professores representam um papel primordial no apoio ao desenvolvimento nas crianças do sentido de pertença a um grupo de contribuição para a vida de grupo”. Ainda os mesmos autores esclarecem que, “(. . .) o professor é um veículo da promoção do etos da classe, que permite às crianças cooperar, apreciarem-se umas às outras e partilharem o trabalho da sua classe com outras”. (p. 245)



*Figura 29 -Actividade de Expressão Plástica: Colagem*



### **3.3 - 3ª Secção:**

Planificações Referentes às aulas  
no Bibe Azul A

**Educadora Cooperante:** Emília Tomás

**Jardim – Escola João de Deus – Alvalade**

**Plano de Actividade**

**Faixa Etária:** 5 anos (Bibe azul-A)

**Estagiária:** M<sup>a</sup> Teresa Cardoso

**Duração:** 30 minutos


Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Educadora Cooperante:** Emília Tomás

**Número:** 12

**Data:** 08/06/2010

**Área:** Conhecimento do Mundo

Conteúdos		Procedimentos	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Os animais: Insectos – Formiga</b></li> <li>- Características</li> <li>- Habitat</li> </ul> 		<ul style="list-style-type: none"> <li>⊕ Apresentar uma réplica de uma formiga de grandes dimensões e perguntar qual o nome da espécie a que pertence;</li> <li>⊕ Questionar sobre os insectos e pedir às crianças que dêem exemplos de alguns;</li> <li>⊕ Mostrar imagens, através de um power point, abordar as características físicas da formiga;</li> <li>⊕ Dialogar sobre o seu habitat, explicando a dinâmica de um formigueiro e as diversas funções dos seus habitantes;</li> <li>⊕ Observar um formigueiro com a ajuda de uma lupa;</li> <li>⊕ Apresentar as partes constituintes de uma formiga (em tecido) e pedir para construírem uma formiga atribuindo os nomes correspondentes: cabeça, tórax, abdómen;</li> <li>⊕ Explicar o processo de evolução de uma cria da formiga: Ovo; larva; pupa; adulto;</li> <li>⊕ Terminar, realizando com as crianças, no quadro, um exercício de ordenação das fases de evolução de uma formiga.</li> </ul>	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores /Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Classificação:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Observar</li> <li>-Identificar</li> </ul> </li> <li>▪ <b>Raciocínio Lógico:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Comparar</li> <li>- Analisar</li> </ul> </li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Respeito:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser capaz de escutar</li> <li>- Ser capaz de cooperar</li> </ul> </li> <li>▪ <b>Responsabilidade:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Ser respeitador</li> <li>- Ser interessado</li> </ul> </li> </ul>	
<p><b>Material de Apoio:</b> uma réplica de formiga gigante, formigueiro, lupas, datashow, computador.</p>			

Plano sujeito a alteração

Baseado no Modelo T de unidade de aprendizagem

## Inferências

Estas planificações nas Áreas do Conhecimento do Mundo e de Expressão e Comunicação, foram elaboradas no contexto das minhas aulas programadas para todo o dia, em que abordei o tema sobre Seres Vivos: Os Insectos – formiga. Ao escolher este tema e pensar as actividades e os procedimentos, tive em conta o contexto da sala de aula, a faixa etária, e as competências já adquiridas nesta altura do ano lectivo. Katz e Chard (1997, p.191) argumentam que *“as actividades podem levar a cabo, a aplicação de capacidades, a disponibilidade de recursos, o interesse do professor e a altura do ano lectivo”*.

A meu ver, estas aulas sucederam-se de um modo sereno e alegre. Atingi os objectivos propostos e houve aprendizagem. O tema escolhido, as estratégias e os materiais utilizados foram adequados e de grande interesse para o grupo. As crianças estavam motivadas e felizes ao longo das actividades; consegui envolvê-las e senti que estavam comigo. Ao escolher o tema, pensei promover nas crianças a atitude científica, fazendo uma interligação de conteúdos em todas as áreas. Nesta linha admito a afirmação das Orientações Curriculares (1997,p.83) quando diz que *“a sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais*.

No decorrer da actividade do conhecimento do mundo tive um momento em que me senti um pouco apreensiva. Uma criança quis expôr alguns conhecimentos, sobre algumas características da formiga que tinha visualizado num documentário televisivo. Apesar de ter escutado, apercebi-me que não valorizei suficientemente a intervenção, devia dar mais atenção pois são oportunidades para a criança se sentir estimada, componente imprescindível para a relação pessoal e social. Tal como refere as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (1997)*“o desenvolvimento pessoal e social assenta na constituição de um ambiente relacional securizante, em que a criança é valorizada e escutada o que contribui para o seu bem-estar e auto-estima. (p.52)*

Durante as actividades promovi momentos de interacção em grupo, tentando fomentar alguns valores e atitudes de entre eles a cooperação, a partilha, o que a meu ver é muito importante. Nesta perspectiva, Martins et al.; (2009), afirmam que, *“a dimensão e a composição dos grupos de crianças são aspectos a considerar aquando da planificação das actividades”*.

## Fundamentação

**Apresentar uma réplica de uma formiga de grandes dimensões e perguntar qual o nome da espécie a que pertence.**

Utilizei este procedimento, com o intuito de introduzir as crianças no conteúdo, através da observação e manipulação da réplica de uma formiga, facilitando a melhor visualização das partes constituintes dos insectos. *As observações e manipulações permitem às crianças aprofundar conhecimentos sobre o mundo, possibilitam o esclarecimento de semelhanças e diferenças, ajudam a reconhecer mudanças e a compreender fases e processos.* (Formosinho, 2009,p.58). Considerei também importante a utilização de material em grandes dimensões, sabendo que esse tem grande impacto na aprendizagem das crianças, deste grupo etário. Formosinho (2011) afirma que *“os materiais são um sustentáculo incontornável da pedagogia que se organiza no espaço e no tempo”*. (p.68)

**Questionar sobre os insectos e pedir às crianças que dêem exemplos de alguns.** Achei pertinente fazer a contextualização e levantamento dos pré-requisitos.

De acordo com Matins et al.; (2009)

*Para que as actividades tenham significado para as crianças e que, dessa forma, lhes despertem a curiosidade e o interesse, é imprescindível que parta de contextos que lhes são próximos. Quando as crianças são desafiadas a procurar a resposta a uma situação que lhes é familiar implicam-se de forma mais profunda na actividade.* (p.19)

Nesta mesma linha, o Ministério da Educação (1997,p.80) afirma que, *“tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também esses saberes deverão ser tidos em conta e que a educação pré-escolar, bem como outros níveis de ensino, não os poderão ignorar”*. Harlan e Rivkin (2002) acrescentam que *“quando o desejo humano de compreender o mundo está organizado de forma criteriosa para colectar, testar e partilhar informações, temos o que chamamos de ciências”* (p.22)



Figura 30- Réplica de uma formiga de grandes dimensões utilizada durante as actividades

**Mostrar imagens, através de um PowerPoint e abordar as características físicas da formiga; Dialogar sobre o seu habitat e explicar a dinâmica de um formigueiro e as diversas funções dos seus habitantes.**

Ao idealizar este procedimento, pensei incentivar a curiosidade natural e despertar ainda mais a sua capacidade de observação e experimentação. Concordo com as ideias de Rivkin e Harlan (2002) que afirma:

*Quando oferecemos experiências instigantes às crianças pequenas, alimentamos sua capacidade natural e humana de conhecer. Se fazemos isso com sensibilidade em relação a seus interesses, natureza e necessidades, envolvemos o componente afectivo poderoso do conhecimento e da aprendizagem. (p.22)*

Continuando o mesmo pensamento, as Orientações Curriculares (1997), sustentam que:

*A sensibilidade às ciências, enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo. (p.79)*

**Observar um formigueiro com a ajuda de uma lupa.**

*A utilização de lupas e outros materiais é de grande ajuda para alunos que estudam o ambiente. Estes recursos fazem parte das linhas metodológicas da educação ambiental. Tendendo ao protagonismo dos valores na educação ambiental não se podem, esquecer as estratégias e técnicas de trabalho na educação para os valores. (Enciclopédia Geral da Educação, sd.; p.1495)*

Por ter a consciência e perspectiva da ideia que acabei de mencionar, sendo a formiga um animal tão pequeno e tendo a noção da grande curiosidade das crianças em observar e compreender a realidade que as rodeia, preparei o formigueiro e as lupas para que pudessem observar melhor, através deste exercício prático, as características deste insecto, o que a olho nu não era possível. “*As crianças em período pré-escolar tendem a recordar melhor as coisas que fizeram do que as coisas que meramente viram*”. (D.C. Jones, Swift & Johnson, citados em Papalia et al., 2001, p. 332)

Figueiredo (2004,p.161) sustenta este procedimento, argumentando que:

*Ao propor actividades que visam à observação e compreensão de determinados aspectos biológicos, a pré-escola está a fornecer à criança condições para desenvolver o raciocínio lógico e incorporar o método contínuo de investigações, essenciais para o posterior estudo das ciências da natureza. A observação e compreensão dos aspectos biológicos permitirá à criança identificar os animais a partir das suas características físicas (. . . ). (p.161)*

**Apresentar as partes constituintes de uma formiga (em tecido) e pedir para construírem uma formiga atribuindo os nomes correspondentes: cabeça, tórax, abdómen.**

Aranão (1996) declara que:

*A criança é um ser puramente lúdico, incapaz de manter a sua concentração por mais de 20 minutos numa actividade de que requer atenção quanto à exposição verbal realizada por um adulto. Como se pode exigir que uma criança aprenda sem lhe dar oportunidade de manipular objectos, interagir com diversos tipos de materiais e pessoas, simplesmente que ela memorize e armazene informações puramente verbalizadas que muitas vezes não levam em consideração o seu interesse e seu nível intelectual? A criança, portanto, tem de explorar o mundo que a cerca e tirar dele as informações que lhes são necessárias. (p.16)*

**Explicar o processo de evolução de uma cria da formiga: ovo; larva; pupa; adulto; Terminar, realizando com as crianças, no quadro, um exercício de ordenação das fases de evolução de uma formiga.**

Optei por este procedimento, pensando em proporcionar às crianças a consolidação do conhecimento de uma forma lúdica, dando ainda mais possibilidade de verbalizarem os conceitos aprendidos ao longo da aula e contactar com as palavras alusivas.

Aranão (1996,p16) defende ainda que *“o professor deve agir como interventor e proporcionar à criança o maior número possível de actividades, materiais e oportunidades de situações para que as suas experiências sejam enriquecedoras, contribuindo para a construção do seu conhecimento”*.

Já Comenius (1989), citado em Aranão (1996), defendia que *“só se aprende a fazer, fazendo”, e a criança só conseguirá aprender fazendo e não apenas armazenando informações (...)*”. Na mesma linha, as Orientações Curriculares (1997) afirmam que o que parece essencial na área do Conhecimento do Mundo *“é a capacidade de observar, o desejo de experimentar, a curiosidade de saber e a atitude crítica”*. (p.85). Completando este pensamento, Fumagalli (1998) citado por Martins et al.; (2009,p.14) sustenta que:

*A educação básica, incluindo a educação pré-escolar, tem um papel social na distribuição do conhecimento, devendo-se integrar o conhecimento científico nos conteúdos dos currículos oferecidos, dado que ele é a parte constitutiva da cultura socialmente construída. o conhecimento científico é uma mais valia socialmente, que permite os indivíduos melhorar a qualidade da sua interacção com a realidade natural.*

#### Figuras utilizadas no power Point – Formiga

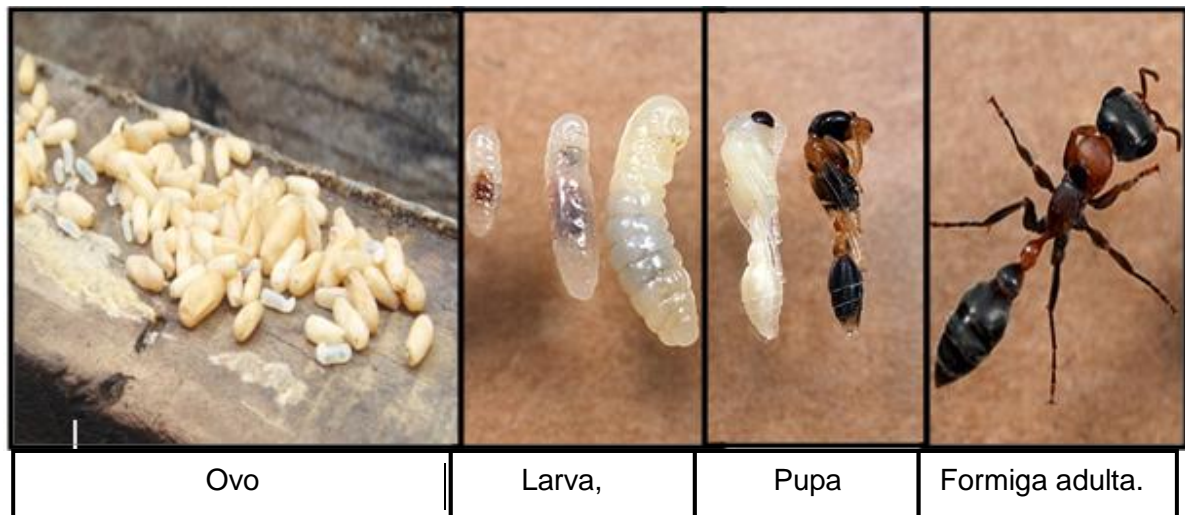


Figura nº31- PowerPoint: as quatro fases do desenvolvimento de uma formiga



Figura32- Formiga: alguns tipos-características-funções-comportamentos

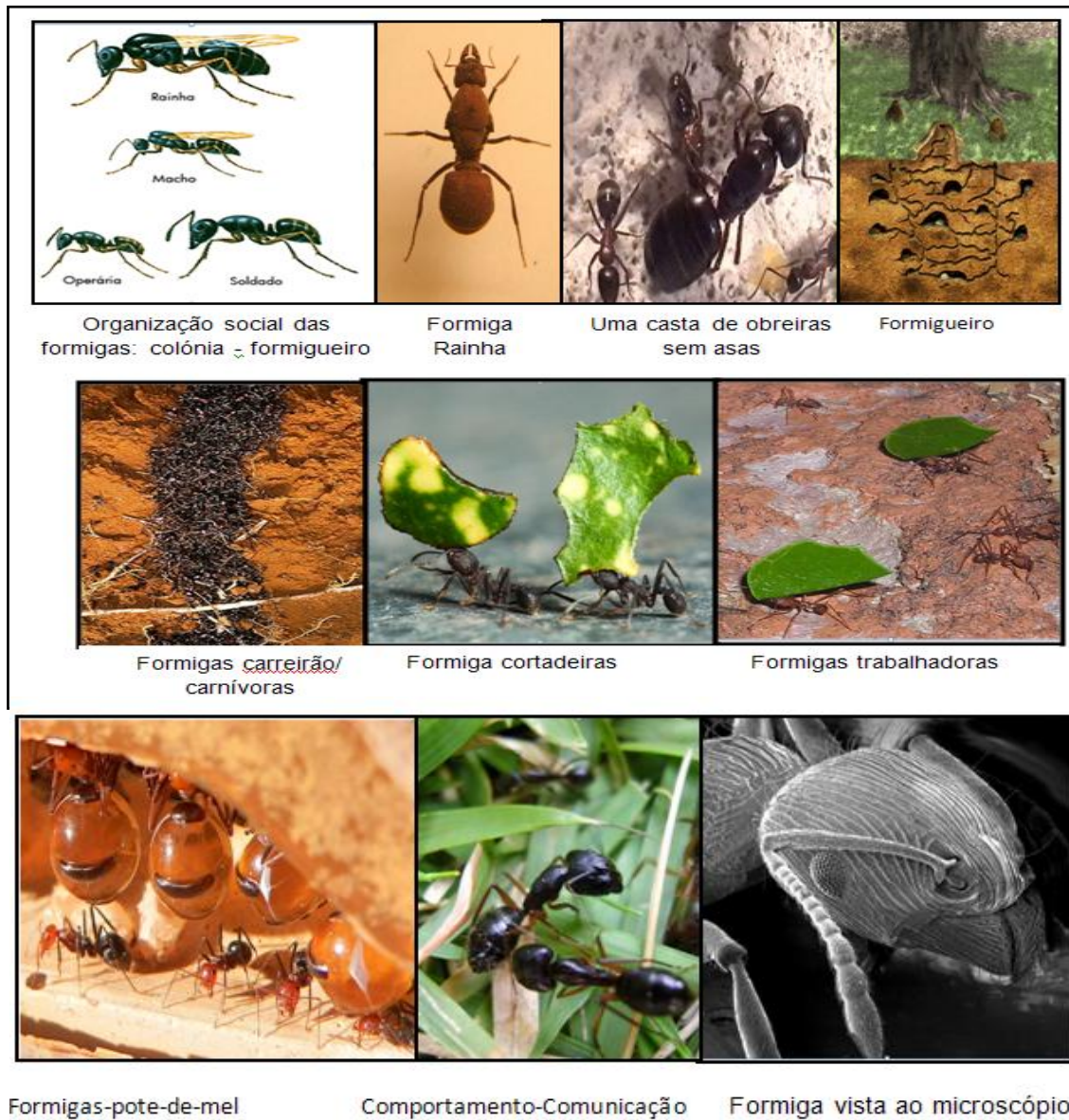


Figura 33 - Modelagem de uma formiga realizada pelas crianças do Bibe Azul A



**Jardim – Escola João de Deus – Alvalade**

**Faixa Etária:** 5 anos (Bibe azul-A)

**Estagiária:** M<sup>a</sup> Teresa Cardoso

**Duração:** 30 minutos


Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Educadora Cooperante:** Emília Tomás

**Número:** 12

**Data:** 08/06/2010

**Área de Expressão e Comunicação:** Domínio da Matemática

Conteúdos		Procedimentos	
<p><b>Cuisenaire- Itinerário</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Raciocínio Lógico matemático:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cálculo mental;</li> </ul> </li> <li>▪ <b>Noção de Quantidade:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Uma dezena, meia dezena, um quarteirão;</li> <li>- Uma dúzia, meia dúzia;</li> <li>- Metade e dobro;</li> </ul> </li> </ul> 		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Distribuir uma caixa de Cuisenaire por cada duas crianças e uma folha de registo do itinerário para cada uma.</li> <li>▪ Colocar no quadro uma folha de registo do itinerário de grandes dimensões, de modo a que as crianças possam acompanhar as actividades propostas;</li> <li>▪ Explicar a finalidade das actividades que iremos realizar: seguir o percurso (itinerário) que a formiga faz até chegar ao formigueiro;</li> <li>▪ Contar uma história que sirva de suporte aos conteúdos que vão ser abordados, utilizando alguns instrumentos musicais para auxiliar o cálculo mental;</li> <li>▪ Realizar com as crianças, quer no lugar quer no quadro o itinerário percorrido pela personagem da história;</li> <li>▪ Concluir a aula pedindo às crianças para colorirem o percurso registado de acordo com as cores das peças.</li> </ul>	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores – Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Raciocínio Lógico- matemático:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cálculo mental</li> <li>• Medir</li> </ul> </li> <li>▪ <b>Orientação espacial:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Manipular</li> <li>• Saber situar</li> </ul> </li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Rigor:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Escutar</li> <li>• Comunicar</li> </ul> </li> <li>▪ <b>Criatividade:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Representar</li> <li>• Explorar</li> </ul> </li> </ul>	
<p><b>Material de apoio:</b> Folha de registo A4 e em grandes dimensões, material Cuisenaire, Instrumento musical (piano).</p>			






Plano sujeito a alteração

Baseado no Modelo T de unidade de aprendizagem

Jardim – Escola João de Deus – Estrela

Área: Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

- 1- Regista o percurso que a formiga faz até chegar ao formigueiro.
- 2- Pinta o percurso registado de acordo com as cores das peças utilizadas.

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Objectivo:** Desenvolver o raciocínio lógico – matemático, realizando situações problemáticas e cálculos mentais.

## Inferências

Esta actividade correu num clima sereno e alegre, sentindo-me muito à vontade. As crianças mantiveram-se atentas e participativas, visto que já eu tinha estado com elas nas outras actividades. Havia uma relação de empatia, que se estabeleceu desde o primeiro momento, o que a meu ver é muito importante. *“A empatia permite às crianças compreenderem os sentimentos de outras pessoas, relacionando-os com os sentimentos que elas próprias têm vivenciado. (. . .) A vivência dessas experiências permite que a criança vivencie o sucesso no seu ambiente(. . .).”* (Hohmann, mencionado em Zabalza, 1998, p.198). Tendo em conta que estávamos quase no final do ano lectivo, não considerei necessário a exploração dos atributos deste material.

## Fundamentação

**Distribuir uma caixa de Cuisenaire por cada duas crianças e uma folha de registo do itinerário para cada uma. Colocar no quadro uma folha de registo de grandes dimensões, de modo a que as crianças possam acompanhar as actividades propostas.**

Ponte e Serrazina (2000) baseando-se em Ministério da Educação (1990) afirmam que: *“o uso de materiais é fundamental neste nível de ensino. (. . .)”na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação.* (pp.115-116). Nesta perspectiva, Piaget mencionado em Aranão (1996,p.12) diz que *“o professor desempenha o papel de mediador na construção do conhecimento, criando situações para que a criança exercite a capacidade de pensar e buscar soluções para os problemas apresentados”.*

**Explicar a finalidade das actividades que iremos realizar: seguir o percurso (itinerário) que a formiga faz até chegar ao formigueiro.**

Achei imprescindível uma explicação e informação sobre o que se pretende realizar. Concordo com a opinião de Ponte e Serrazina (2000, p.117-118) quando comentam a importância da comunicação na sala de aula, dizendo:

*A comunicação na sala de aula é um aspecto fundamental do processo de ensino-aprendizagem da Matemática. Ela é, ao mesmo tempo, um indicador sobre a natureza desse processo e uma condição necessária para o seu desenvolvimento. A comunicação é regulada pelo professor, a quem cabe encorajar os alunos a assumir nele uma participação activa. Nessas interações assumem um papel fundamental, a comunicação e a negociação de significados.*

Já Zabalza (1998,p.51) dizia que:

*Todos somos conscientes de que a linguagem é uma das peças-chaves da educação infantil. É sobre a linguagem que vai sendo construído o pensamento e a capacidade de descodificar a realidade e a própria experiência, ou seja a capacidade de aprender. É preciso, então, criar um ambiente no qual a linguagem seja a grande protagonista... explicar o que vai ser feito, contar o que foi feito, descrever os processos que a levaram ao resultado final (como e para que), estabelecer hipóteses (por que), construir fantasias, relatar experiências. . . . Neste sentido, a interacção com os educadores (as) é fundamental.*

**Contar uma história que sirva de suporte aos conteúdos que vão ser abordados, utilizando alguns instrumentos musicais para auxiliar o cálculo mental.**

Optei por este procedimento, por achar ser mais adequado ao grupo no desenvolvimento da actividade e integração de conceitos matemáticos de uma forma lúdica. Nesta linha, Lahora (2008,p.4) afirma: “*é importante que a criança esteja motivada para realizar tarefas lógico-matemáticas. Deste modo, é bom aproveitar qualquer centro de interesse (um conto, uma canção, ...) para as integrar. Estas actividades já são, por si só, motivadoras, porque incidem nos fundamentos do pensamento infantil, nos seus interesses, mas porque também é o caso, precisam de ser estimuladas e estimuladoras*”. A meu ver, também o uso de instrumentos musicais é um meio eficaz para estimular o raciocínio – lógico, como afirma Aranão (1996,p.36) “*é possível executar um excelente trabalho para o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, independentemente de exercícios repetitivos e enfadonhos estereotipados em livros didácticos e em folhas impressas*”.

**Realizar com as crianças, quer no lugar quer no quadro o itinerário percorrido pela personagem da história.**

Cito as Orientações Curriculares para Educação Pre-Escolar (1997, p.78) que afirmam:

*Neste processo de resolução de problemas não se trata de apoiar as soluções consideradas certas, mas de estimular as razões de soluções, de forma a fomentar o desenvolvimento do raciocínio e do espírito crítico. O confronto das diferentes respostas e formas de solução permite que cada criança vá construindo noções mais precisas e elaboradas da realidade.*

**Concluir a aula pedindo às crianças para colorirem o percurso registado de acordo com as cores das peças.**

Caldeira (2009) afirma que:

*A criança ao efectuar essa tarefa está a treinar a sua capacidade de visualização espacial, uma vez que tem de olhar para a figura de diferentes formas para imaginar os diversos percursos que podem escolher, assim como orientar-se perante as opções que vai realizando. As crianças aplicam também o pensamento combinatório, à medida que visualizam e se apercebem dos vários caminhos que podem escolher, os quais podem ser visualizados, utilizando cores diferentes. Os diferentes caminhos possíveis ou impossíveis, para chegar ao objectivo, podem ser utilizados, para fazer contagem dos itinerários possíveis e registados por cada criança. (p.271)*

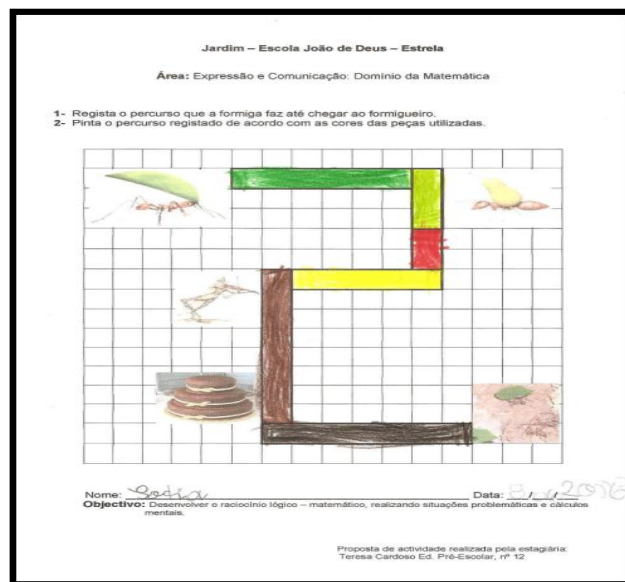


Figura 34- Registo de Itinerário efectuado por uma criança .

### **3.4- 4ª Secção:**

**Planificações Referentes à Prova Prática**

**(P.P.A.C.P)**

**Realizada no Bibe Azul-A**

## Inferências

Ao pensar o tema “Povos do Mundo-Cabo Verde” para a minha prova prática, tive em conta o poder de imaginação e fantasia deste grupo etário e a sua sensibilidade e curiosidade pelo que é diferente. Sublinho esta minha opção, com a ideia de Brazelton e Sparrow (2003) que afirmam:

*As crianças de quatro e cinco anos de idade ganham mais consciência das diferenças entre elas próprias e dos outros, atingindo o auge no quinto ano de idade quando se tornam mais conscientes de si próprias e do seu efeito nos outros. A percepção das diferenças leva à atribuição de valores a várias características. Fazem comparações e competem abertamente, pois querem muito ser como aqueles que admiram. (p.342-343).*

Tive em consideração também, os aspectos culturais dominantes na sociedade actual: a multiculturalidade; o ambiente educativo do Jardim-Escola onde estagiei e as Intenções Educativas, enunciados no seu Projecto Educativo (2010,p.25), de acordo com as Constituição da Republica, que visam promover:

*O pleno conhecimento da personalidade das crianças; a formação no respeito pelo direito e liberdade fundamentais e no exercício da tolerância e da liberdade conforme princípios democráticos de convivência; a formação no respeito pela pluralidade cultural; a preparação para participar responsável, activa, crítica e criativamente na vida social e cultural; desenvolver o interesse pela participação pessoal e solidária na construção duma sociedade em que seja possível a Paz, a Cooperação e a Solidariedade entre os povos.*

O tema escolhido, as planificações referentes a esta aula, assim como as estratégias escolhidas, foram antecipadamente consideradas e corrigidas pela educadora cooperante e por alguns professores orientadores da prática pedagógica. Houve uma articulação dos conteúdos em todas as áreas: Conhecimento do Mundo; Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Domínio da Matemática e Expressão Motora-Jogos. “Esta articulação poderá partir da escolha de uma “entrada” por uma área ou domínio para chegar a todos os outros”.(OCPEPE, 1997, p.50)

As passagens foram feitas de um forma sequenciada e harmoniosa, explicando o que iria acontecer em cada momento. Para além das estratégias pensadas na elaboração dos planos, também houve uma cooperação significativa entre as minhas colegas e eu, que contribuiu para que em cada actividade as transições fossem num clima sereno. No que diz respeito a esta intenção, Arends (1995) diz que *“aprender a lidar com as transições é difícil para a maior parte dos professores principiantes. A planificação prévia e o uso de mecanismos para dar pistas são duas técnicas que podem ajudar. A planificação é crucial quando é necessário gerir as transições (p.194).*

O tema escolhido foi de grande interesse para mim, uma vez que me permitiu pesquisar alguns aspectos que embora tenha nascido numa das Ilhas, me eram desconhecidos. Ao mesmo tempo, proporcionou às crianças o conhecimento de uma nova realidade, abordando um tema diferente, uma vez que as Orientações Curriculares para a Educação Pré -Escolar (1997,p.83) recomendam que *“o educador escolha criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes (. . .)”. Completo ainda este pensar com a Enciclopédia Geral da Educação Infantil (sd) quando diz que, “a educação tem a missão de contribuir para que os alunos adquiram as capacidades necessárias para se desenvolverem como cidadãos na sociedade (. . .). A educação também deve abordar temas cruciais que na actualidade são prioritários pelas evidentes repercussões na sociedade (. . .)”.(p.1425)*

Foi com esta perspectiva que preparei a sala de aulas, onde acolhi as crianças, tentando envolvê-las num ambiente característico de uma Ilha. Os materiais e as imagens que utilizei, a meu ver e segundo as observações do júri, eram sugestivos e adequados. Apesar da prova ter sido num momento de intenso calor e as crianças encontrarem-se cansadas, com as aulas de mais três colegas, na parte da manhã, os objectivos propostos foram alcançados.

As crianças cooperaram com entusiasmo e curiosidade, observando e participando com interesse em tudo o que mostrava e fazia passar de mão em mão. Porém, se tivesse que repetir esta actividade, eliminaria alguns conteúdos e materiais, nomeadamente na área de Conhecimento do Mundo.



Depois de realizar a prova, no momento da avaliação com o júri, verifiquei que embora sendo importantes os conteúdos, os materiais apelativos, as crianças estarem interessadas, tendo a possibilidade de manipular com à vontade os materiais, e eu ter respeitado o tempo, seria mais vantajoso se tivesse apresentado menos materiais e consequentemente menos conteúdos, pois dariam mais tempo e oportunidade de observação e manipulação.

Também segundo a observação do júri, a Morna que toquei no final, tendo em conta o ambiente extenuante do momento, deveria ser substituída por outra mais viva, visto que é um estilo do Fado. Apesar deste aspecto, o júri congratulou-se pelo ambiente que preparei; conseguindo transpor as crianças para o contexto de uma Ilha; pela qualidade de materiais, por ter gerido o tempo e estabelecido empatia com as crianças de uma forma alegre e calma.

### **Fundamentação**

Hohmann e Weikart (1997) citam o psicólogo Rogers (1983) que comenta a importância de realizar actividades, de acordo com os interesses das crianças, dizendo:

*Os adultos, tal como as crianças, têm talentos e interesses específicos. Num clima de apoio, as capacidades e os entusiasmos únicos dos adultos enriquecem e dão vida às suas interacções com as crianças, estabelecendo as bases para relações autênticas que permitem que ocorra aprendizagem honesta e eficaz. A autenticidade é uma transparência visível no sujeito facilitador da aprendizagem, um desejo de ser pessoa, de ter e de viver os sentimentos e pensamentos do momento. Quando esta veracidade inclui apreço, carinho, confiança, respeito pelo aprendiz, o clima para que haja aprendizagem fica fortalecido. Quando inclui um escutar sensível, não enviesado, empático, então existe de facto um contexto libertador, estimulante de aprendizagens auto-iniciadas e de crescimento. (pp.83-84)*

A Enciclopédia da Educação Infantil (1997,p.381) alarga esta ideia, dando ênfase a um trabalho que incentiva a inserção das crianças no meio próximo e distante, esclarecendo que:

*O trabalho da descoberta do meio social apresenta para a criança a dupla tarefa de conhecer as características dos diferentes âmbitos sociais, assim como a de se adaptar ao seu funcionamento. A inserção da criança na sociedade parte necessariamente, das relações que estabelece com as instâncias sociais mais próximas para se ampliar, de modo progressivo, a instâncias menos próximas.*

**Jardim – Escola João de Deus – Alvalade**

**Faixa Etária:** 5 anos (Bibe azul-A)

**Estagiária:** M<sup>a</sup> Teresa Cardoso

**Duração:** 20 minutos


Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Educadora Cooperante:** Emília Tomás

**Número:** 12

**Data:** 08/06/2010

**Área temática:** Conhecimento do Mundo

Conteúdos		Procedimentos	
<ul style="list-style-type: none"> <li>■ <b>Povos do Mundo: Cabo Verde</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ilha (arquipélago)</li> <li>• Características</li> <li>• Curiosidades</li> </ul> </li> </ul> 		<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Acolher as crianças com um fundo musical;</li> <li>■ Ajudar as crianças a sentarem-se no chão, em semi-círculo;</li> <li>■ Apresentar imagens reais no Power-Point e situar o país no mapa;</li> <li>■ Convidar as crianças a fazerem uma viagem;</li> <li>■ Visualizar a bandeira nacional e dar uma breve explicação (símbolo);</li> <li>■ Mostrar o mapa de Cabo Verde e explicar o conceito de ilha e arquipélago;</li> <li>■ Questionar e conversar com as crianças sobre algumas características culturais, destacando elementos específicos de algumas ilhas;</li> <li>■ Dar a provar alguns sabores típicos de Cabo verde;</li> <li>■ Elaborar uma maquete com as crianças, que vai ficar na sala para recordarem sempre a “viagem” às Ilhas de Cabo Verde;</li> <li>■ Terminar a aula com uma música e dança típicas de Cabo Verde.</li> </ul>	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores /Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> <li>■ <b>Classificação:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar</li> <li>- Identificar</li> </ul> </li> <li>■ <b>Raciocínio Lógico:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Comparar</li> <li>- Analisar</li> </ul> </li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>■ <b>Solidariedade:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser capaz de escutar</li> <li>- Ser capaz de cooperar</li> </ul> </li> <li>■ <b>Convivência:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser respeitador</li> <li>- Ser interessado</li> </ul> </li> </ul>	
<p><b>Material de Apoio:</b> Mapa, bandeira, terra, água, datashow, computador, leitor de CD e CD</p>			

Plano sujeito a alteração

Baseado no Modelo T de unidade de aprendizagem

## Fundamentação

### **Acolher as crianças com um fundo musical.**

Na minha sensibilidade, a música é um elemento muito importante para fomentar a predisposição para um ambiente descontraído, motivador de bem-estar e socialização. “ (. . .) é sabido que tudo em nós é musical, melódico, e que os ritmos e sons podem fazer a diferença (. . .). (Cordeiro, 2009,419) Seguindo na mesma linha Godinho e Brito (2010,p.11) afirmam que:

*As artes plásticas e a música na educação de infância assentam essencialmente em actividades de expressão, fruição experimentação e descoberta, que constituem pilares sobre os quais as aprendizagens futuras e a personalidade se vão edificar. O saber ser e o saber fazer são reconhecidos nas esferas académicas e norteiam construções curriculares a todos os níveis, já que em todas as profissões da vida adulta tem vindo a ser fortemente valorizadas as capacidades de comunicação, de expressão, de conhecimento emocional e relacional.*

### **Ajudar as crianças a sentarem-se no chão, em semi-círculo.**

Achei esta disposição a mais adequada, tendo em conta o tipo de actividades e o espaço disponível para a sua realização. Este procedimento já foi fundamentado anteriormente.

### **Apresentar imagens reais no Power-Point e situar o país no mapa:**

- Convidar as crianças a fazerem uma viagem;
- Visualizar a bandeira nacional e dar uma breve explicação (símbolo);
- Mostrar o mapa de Cabo Verde e explicar o conceito de ilha e arquipélago;
- Questionar e conversar com as crianças sobre algumas características culturais, destacando elementos específicos de algumas ilhas;
- Dar a provar alguns sabores típicos de Cabo Verde.

Antes de situar o país no mapa tentei localizar o espaço, ponto de partida e de chegada. No desenvolver da actividade, relacionei constantemente alguns aspectos comuns de Portugal e de Cabo Verde, visualizando algumas ilhas onde se encontram alguns monumentos históricos, do tempo dos descobrimentos. Estou de acordo com as Orientações Curriculares (1997,54) quando afirmam a necessidade de despertar nas crianças a consciência de diferentes valores e desenvolvimento da identidade, dizendo que:

*A aprendizagem destes valores decorre do respeito que o educador manifesta por cada criança e pela sua cultura. Interagir com o outro que é diferente, permite tomar consciência de si próprio em relação ao outro. (. . .). Reconhecer laços de pertença social e cultural, respeitando culturas faz também parte do desenvolvimento da identidade. É numa perspectiva de educação multicultural que se constrói uma maior igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, entre indivíduos de diferentes classes sociais e de etnias.*

Continuando a mesma ideia, a Enciclopédia da Educação Infantil (sd, p.1467) argumenta:

*A educação multicultural parte da constatação e do reconhecimento da diversidade cultural, em que a própria intervenção entre culturas é um facto educativo em si mesmo. Não há dúvida que a escola é um lugar onde se produz habitualmente encontro entre culturas. É responsabilidade sua, portanto, que a diversidade cultural seja vivida a partir de condições de igualdade. Deve-se cuidar do processo educativo para que a interacção cultural produza um enriquecimento mútuo.*

**Elaborar uma maquete com as crianças, que vai ficar na sala para recordarem sempre a “viagem” às Ilhas de Cabo Verde.**

Achei este procedimento importante não só para a consolidação dos conteúdos abordados, como manter viva a experiência realizada sobre uma nova realidade.

Dolores (1998,p.84) sustenta esta ideia, com um dos quatro pilares da educação, que é o de aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros:

*A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. Desde tenra idade a escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões para esta dupla aprendizagem. Algumas disciplinas estão mais adaptadas a este fim (. . .). Passando a descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação . . . deve antes de mais ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só assim poderão pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reacções. Desenvolver esta atitude de empatia, na escola, é muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida.*

Com o mesmo olhar, o Concílio Vaticano II (1967,p.162) sublinha que “*entre os principais aspectos do mundo de hoje, há que assinalar a multiplicação de relações mútuas entre os homens, para o desenvolvimento*”.

O mesmo acrescenta ainda, com a Declaração, Gravissimum Educationis, que:

*Esta função cabe à escola que, por força da missão e enquanto cultiva as faculdades intelectuais com cuidado constante, desenvolve a capacidade de julgar rectamente, introduz no património cultural adquirido pelas gerações passadas, promove o sentido dos valores, prepara para a vida profissional e, criando o convívio amigável entre os alunos de índole e condições diferentes, favorece a disposição de mutuamente se compreenderem. (p.472)*

### **Terminar a aula com uma música e dança típicas de Cabo Verde**

Com este procedimento, pretendi consolidar a experiência que propus realizar com as crianças, sobre uma nova realidade cultural. Sousa (2003,p.15) ao falar da educação pela música e música na educação, diz que “*poder-se-á dizer que a música dá prazer, que modifica os estados emocionais, que permite a expressão dos sentimentos*”. Seguindo esta ideia, as orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar (1997,p.64) afirmam que:

*A música pode constituir uma oportunidade para as crianças dançarem. A dança como forma de ritmo produzido pelo corpo liga-se à expressão motora e permite que as crianças exprimam a forma como sentem a música, criem formas de movimento ou aprendem a movimentar-se. . . . A dança pode também apelar para o trabalho de grupo.*

Sendo a dança um dos elementos da expressão e comunicação, as Orientações Curriculares clarificam ainda:

*A área de Expressão e Comunicação engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem. Esta, é a única área em que se distinguem diversos domínios, indispensáveis para a criança representar o seu mundo interior e o mundo que a rodeia. (p.56)*

**Imagens utilizadas no PowerPoint**



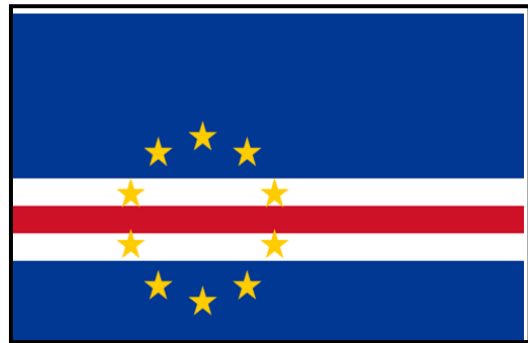
*Figura 35- Mapa Mundi*



*Figura 36-Avião simulação da viagem*



*Figura 37-Aeroporto Internacional*



*Figura 38-Bandeira Nacional*



*Figura 39-Mapa: Arquipélago de Cabo Verde*



*Figura 40-Pelourinho - Cidade Velha*



*Figura 41- Vulcão: pico da Ilha do Fogo, o ponto mais elevado do arquipélago.*



*Figura 42 – Salina – Ilha do Sal*

**Jardim – Escola João de Deus – Alvalade**

**Faixa Etária:** 5 anos (Bibe azul-A)

**Estagiária:** M<sup>a</sup> Teresa Cardoso

**Duração:** 15 minutos


Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Educadora Cooperante:** Emília Tomás

**Número:** 12

**Data:** 08/06/2010

**Área:** Expressão e Comunicação: Estimulação à Leitura

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos – Métodos	
<p>▪ <b>História:</b></p> <p><b>Adaptação:</b> Mimoso, Anabela (2010) “ <i>Aquela Palavra Mar</i>”. Editor: Calendário das Letras.</p> 		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sentar as crianças em U;</li> <li>▪ Ler o título da história com a ajuda das crianças;</li> <li>▪ Ler a história através de imagens em tamanho A3, com a música de fundo (som do mar) interagindo com as crianças;</li> <li>▪ Colocar à disposição algumas imagens alusivas à história. No momento oportuno, as crianças devem identificá-las e colá-las no sítio certo;</li> <li>▪ Pedir para repetirem algumas palavras mais difíceis;</li> <li>▪ Questionar e conversar com as crianças sobre a história;</li> <li>▪ Terminar a aula tocando uma “morna” utilizando a Guitarra clássica.</li> </ul>	
Capacidades – Destrezas		Competências	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Fluidez mental:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Interpretar</li> <li>- Vocabulário</li> </ul> </li> <li>▪ <b>Expressão Oral:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Escutar</li> <li>- Dialogar</li> </ul> </li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Respeito:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tolerar</li> <li>- Aceitar</li> </ul> </li> <li>▪ <b>Solidariedade:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ajudar</li> <li>- Colaborar</li> </ul> </li> </ul>	
<p><b>Material de Apoio:</b> Livro em A3, imagens da história, Guitarra Clássica, CD de música.</p>			

Plano sujeito a alteração

Baseado no Modelo T de unidade de aprendizagem



Fotografias do livro grande elaboradas por mim, para actividade de Estimulação à Leitura. “ Era uma vez uma menina chamada Luana, vivia numa Ilha (Açores) com a mãe e o avô que era pescador. O pai foi trabalhar para um outro país, para poder dar melhores condições de vida à família...”.



Figura 43-Capa do livro



Figura 44- A Luana brica na praia



Figura 45 – A casa da Luana -Açores



Figura 46- Luana brinca com as ondas



Figura 47 – Luana pergunta ao avô o que há para além do mar



Figura 48-Luana viaja com a mãe para um outro país



Figura 49- O avô diz adeus à Luana e à mãe



Figura 50- Luana conhece outra Terra e brinca com





*Figura 51- Luana sente saudades da sua Ilha*

*Figura 52 – Luana vai à procura do mar*

*Figura 53-Luana chama pelo mar e o mar responde acariciando-a com a sua brisa suave*

### **Ler o título da história com a ajuda das crianças.**

Estando numa fase final do ano lectivo e considerando o conhecimento prévio adquirido, não achei necessária a leitura do título segundo a regra da Cartilha Maternal, defacto, as crianças leram sem hesitação.

*Um dos factores que mais influencia a compreensão do texto é o conhecimento prévio que se tem acerca do assunto tratado. . . . O conhecimento prévio ajuda os alunos a perspectivarem o conteúdo do texto, estimula o interesse, favorece a atenção e facilita a selecção da informação. Ensinar os alunos a mobilizar conhecimentos prévios (o que é que eu sei?) quando enfrentam uma nova tarefa é, pois, importantíssimo. (Gee, 2000, citado por Azevedo, 2006,p.49)*

Nesta perspectiva, entende-se o ambiente de aprendizagem promotor de envolvimento com a leitura, referido por Sim-Sim (2006,p.88) que diz:

*O próprio ambiente deve encorajar a exploração e a reflexão sobre o escrito e a sua interpretação. Deste modo, deve transmitir a confiança e a segurança para que, livres de constrangimentos, as crianças se aventurem nas suas primeiras tentativas de leitura e de interpretação da escrita envolvente. Um ambiente deve ser promotor do prazer e da satisfação da leitura (. . .).*

Viana e Teixeira (2002,p.119) salientam que “ a importância da relação afectiva e o respeito pelo ritmo próprio de cada criança perpassa toda a obra pedagógica de João de Deus”. Nesta linha de pensamento, Sulzby e Teale, (1996); Scarborough (2001) mencionados em Azevedo (2007) afirmam que:

*“( . . .) A aprendizagem inicial da leitura e escrita requer que a criança reconheça os sons da língua, conceptualize que estes sons variam nas palavras tal como variam os símbolos na escrita, e que associe os sons à sua grafia”. (p.20)* Esta concepção é preconizada no método de leitura na Cartilha Maternal, um método

prático em que as crianças através das suas regras adquirem a familiaridade com o mundo das letras. O grande educador João de Deus, afirma que “*não basta ler, é necessário ler com conhecimento de causa*”. (Deus, M.1997,p.8)

Sobre esta ideia Martins (2000) citado por Ruivo (2009) sustenta que:

*Os integracionistas defendem a existência de dois sistemas paralelos de reconhecimento de palavras, o sistema visual e o sistema auditivo, que são activos consoante se trate de identificar palavras familiares ou não familiares. Nas palavras familiares o acesso aos sentidos é possível a partir da análise visual da palavra, nas palavras não familiares, o leitor recorre à mediação fonológica para reconhecer a palavra em questão. (p.131)*

**Ler a história através de imagens em tamanho A3, com a música de fundo (som do mar) interagindo com as crianças.**

Segundo Azevedo (2007,p.26) “O educador ao ler histórias para as crianças está a desenvolver a sua atenção, permitindo-lhes interagir construtivamente no decorrer da narrativa”. Neste sentido estou de acordo com Figueiredo (2004,p.109) que diz:

*É importante preparar o material ilustrativo adequado, assim como preparar o ambiente em que essa actividade se vai realizar. Para que essa actividade dê bons resultados, é fundamental motivar a criança, de modo a que ela se interesse pela história. Ela deve ser contada de modo agradável e ser ilustrada conforme o seu desenvolvimento.*

Propus a Leitura da história através das imagens em tamanho A3, de modo a facilitar a leitura em grande grupo. Como diz Azevedo (2007) O livro grande é um recurso para a leitura partilhada em grande grupo:

*(...) Consiste em versões de grandes dimensões de livros de histórias conhecidas, poemas ou canções. As palavras encontram-se impressas com letras de grande formato de forma a serem apresentadas pelo educador e visíveis por cada criança numa actividade colectiva. (p.27)*

O mesmo autor cita ainda (Sulzby & Teale, 1996) que apontam “o uso deste material ou mesmo esta estratégia de exploração do material impresso, como recurso poderoso no desenvolvimento das competências da leteracia”. (p.27) Seguindo a mesma opinião, Curto (2000) citado por Ruivo (2007,p.133) diz: “os Livros grandes podem fazer com que a criança desempenhe um papel mais activo na aprendizagem”.

No que diz respeito à Leitura de imagens, em sua opinião, João de Deus esclarece que:

*A leitura de imagens é diferente da leitura de textos, é outra leitura, pode ser uma boa propedêutica, mas não deve condicionar o aluno na leitura da palavra ... A imagem só tem verdadeiro alcance quando é ilustração dum texto. Então sim, a sua utilização é muito importante e ajudará à compreensão do discurso escrito".(Deus, M.p.15)*

Contudo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997), apresentam outras formas de leitura, como uma forma de aprender a ler e dizem que, *"há formas de "leitura" que podem ser realizadas pelas crianças, como interpretar imagens ou gravuras de um livro ou de qualquer outro texto, descrever gravuras, inventar pequenas legendas, organizar sequências".(p.71)*

**Colocar à disposição algumas imagens alusivas à história. No momento oportuno, as crianças devem identificá-las e colá-las no sítio certo.**

Sobre este procedimento, Eco (1996) citado em Azevedo (2007,p.136) comentando, diz que:

*Este tipo de actividades permitem às crianças efectuar múltiplas leituras, proporcionadas pelo texto icónico e pelo texto verbal. Através destas actividades, a criança pode fruir, expor e partilhar olhares, sentimentos, sensações, ideias em redor do texto literário, ou seja pode fazer leituras plurais, preenchendo "os espaços em branco" deixados pelo texto literário.*

**Pedir para repetirem algumas palavras mais difíceis.**

Parafraseio ainda Azevedo (2007), que afirma, *que esta estratégia encoraja a reflexão conjunta e as predições leitoras de palavras mais ou menos conhecidas e familiares (p.28)*

**Questionar e conversar com as crianças sobre a história.**

Ao terminar a história é indispensável conversar sobre ela. É interessante incentivar as crianças para que expressem livremente as impressões. O objectivo da história não é dar lições de moral ou passar conceitos e ideologias, mas sim alimentar o mundo imaginário da criança, ajudando-a a compreender melhor o mundo real. (Figueiredo, 2005,p.5)

A história narrava a situação de uma criança de 5 anos, que vivia numa ilha (Açores). Questionava sempre sobre o que havia para além do mar, com desejo de conhecer outras crianças, que viviam no outro lado do mar, até que um dia o seu sonho foi realizado. Porém, acabou por sentir saudades do mar que sempre envolveu a sua infância.

**Terminar a aula tocando uma “morna” utilizando a Guitarra clássica.**

*A expressão musical é uma parte fundamental da cultura de todos os povos. (...) A escola, como transmissora de cultura, deve aproveitar este tipo de expressão tanto pelo seu próprio valor estético como seu potencial didático para numerosas aprendizagens: aprender a ouvir, a expressar ideias, sentimentos e emoções ou a trabalhar em equipa entre muitos outros. (Enciclopédia Geral da Educação Infantil, sd, p.1306)*

Na opinião de Cordeiro (2008) *A música é arte perfeita que liberta e constrói arquitectura. “(. . .) a música, antes de qualquer expressão simbólica, deve acompanhar o corpo e o cérebro, nessa amálgama que forma a criança, e que lhe permite, desde sempre, articular-se com o outro”. (p.417)* O mesmo autor sublinha ainda, que um ambiente onde há música, *é onde as crianças se habituam a conviver com a arte mais espantosa e natural. E mais universal. (p.418)*

## Jardim – Escola João de Deus – Alvalade

Faixa Etária: 5 anos (Bibe azul-A)

Estagiária: M<sup>a</sup> Teresa Cardoso

Duração: 20 minutos


Mestrado em Educação Pré-Escolar

Educadora Cooperante: Emília Tomás

Número: 12

Data: 08/06/2010

## Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática -Tangram

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Construção: figura de um barco</b></li> <li>- Figuras geométricas</li> <li>- Lateralização</li> <li>- Contagem</li> <li>- Cálculos mentais</li> <li>- Situações problemáticas</li> </ul> 		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Encaminhar as crianças para as mesas e sentá-las nos respectivos lugares;</li> <li>▪ Identificar o material e rever as figuras geométricas/peças, por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quantidade das peças (7);</li> <li>- As formas das peças e o tamanho: <ul style="list-style-type: none"> <li>2 triângulos grandes;</li> <li>2 triângulos pequenos;</li> <li>1 triângulo médio;</li> <li>1 quadrado;</li> <li>1 paralelogramo.</li> </ul> </li> </ul> </li> <li>▪ Comparar os tamanhos: Triângulo pequeno, triângulo médio e triângulo grande;</li> <li>▪ Introduzir uma história que serve de suporte aos conteúdos;</li> <li>▪ Descobrir uma pista para a construção da figura de um barco;</li> <li>▪ Pedir algumas crianças para representarem os cálculos no quadro;</li> <li>▪ Terminar pedindo às crianças que façam uma construção livre, utilizando todas as peças do Tangram.</li> </ul>	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores – Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Raciocínio Lógico- matemático:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cálculo mental</li> <li>• Medir</li> </ul> </li> <li>▪ <b>Orientação espacial:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Manipular</li> <li>• Saber situar</li> </ul> </li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Rigor:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Escutar</li> <li>• Comunicar</li> </ul> </li> <li>▪ <b>Criatividade:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Representar</li> <li>• Explorar</li> </ul> </li> </ul>	
<b>Material de apoio:</b> Tangram, algarismos móveis, instrumento musical, imagens.			

Plano sujeito a alteração

Baseado no Modelo T de unidade de aprendizagem

## Fundamentação

*As crianças devem ter oportunidades de realizar experiências que lhes permitam compreender atributos mensuráveis de objectos. Com crianças mais pequenas, as tarefas que devem ser propostas incluem objectos concretos, a partir dos quais observam as suas características e, manipulando-os comparam um ou mais dos seus atributos (Mendes & Delgado, 2010, p.46)*

Foi com esta perspectiva e por achar que o Tangram é um material que permite uma actividade activa e prazerosa às crianças através da manipulação, que decidi utilizá-lo, na realização da aula de Matemática da minha prova prática.

### **Identificar o material e rever as figuras geométricas/ peças:**

- **Quantidade das peças (7);**
- **As formas das peças e o tamanho:**
  - 2 triângulos grandes;**
  - 2 triângulos pequenos;**
  - 1 triângulo médio;**
  - 1 quadrado;**
  - 1 Paralelogramo.**

**Comparar os tamanhos: Triângulo pequeno, triângulo médio e triângulo grande.**

Concordo com Damas e Oliveira (2010,p.140) quando dizem que “os alunos deveram descobrir a relação que existe entre a área de cada uma das peças e as restantes”. O mesmo autor salienta ainda que “esta descoberta é fundamental para que os alunos, posteriormente, calculem a área das figuras compostas por peças de Tangram tomando, como unidade de medida, uma determinada peça”.

### **Introduzir uma história que sirva de suporte aos conteúdos.**

Este procedimento já foi fundamentado anteriormente, justificando-o como adequado para o desenvolvimento da actividade de uma forma lúdica, partindo da realidade concreta. Já Aranão (1996,p.22) dizia que, “é de fundamental importância lançarmos mão de materiais concretos (. . . ) criando situações de aprendizagem para a criança”.

### **Descobrir uma pista para a construção da figura de um barco.**

Tendo em conta o tema abordado e a dinâmica que o envolveu, achei oportuno a construção do barco, ao longo da qual, com a linguagem adaptada ao grupo, fui descrevendo o percurso que os descobridores fizeram e os vários obstáculos que tiveram ao longo da viagem no alto mar até chegarem as Ilhas de Cabo Verde,

utilizando também algum material alternativo. Realizei várias situações problemáticas. Para Aranão (1996,p.61)

*Cabe ao educador desvincular-se do comodismo que traz um livro didáctico e mergulhar no maravilhoso mundo que cerca a criança, na sua realidade, aproveitando cada oportunidade afim de sugerir actividade para que o desenvolvimento lógico-matemático seja efectivo e prazeroso.*

**Pedir algumas crianças para representarem os cálculos no quadro;**

De acordo com Grossi e Bondin (1993) citados em Aranão (1996) “ o educador deverá ter o senso de saber o momento oportuno de intervir com questões adequadas, sugerindo transformações e colocando a criança em desequilíbrio cognitivo a fim de buscar soluções para problemas”. (p. 22)

**Terminar pedindo às crianças que façam uma construção livre, utilizando todas as peças do Tangram.**

Ao decidir este procedimento, achei que iria permitir às crianças exprimir-se livremente, fomentando a sua imaginação, criatividade e concentração, entre outras competências. Passei pelas mesas e observei as construções realizadas explorando-as. As crianças foram muito criativas nas suas construções e estavam felizes.

Concordo com Caldeira (2009,p.399) ao dizer:

*Quando a criança faz uma construção livre devemos explorar a figura construída através de uma leitura descritiva e linear, para que ela diga onde começou a “ler” e que direcção leva (da esquerda para a direita, de cima para baixo, etc.). Devemos também perguntar onde começa a figura e onde termina ( a criança identifica a peça e localiza-a no espaço).*

**Jardim – Escola João de Deus – Alvalade**

**Faixa Etária:** 5 anos (Bibe azul-A)

**Estagiária:** M<sup>a</sup> Teresa Cardoso

**Duração:** 10 minutos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Educadora Cooperante:** Emília Tomás

**Número:** 12

**Data:** 08/06/2010

**Área: Expressão e Comunicação:** Domínio da Expressão Motora

Conteúdos		Procedimentos	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Jogo</b> - “Os piratas”</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Preparar um espaço no recreio e colocar três painéis que representam as três ilhas e três baús do tesouro que estão ao pé dos painéis;</li> <li>▪ Colocar entre as equipas e ilhas um fundo azul que represente o mar onde estão os tesouros e obstáculos que devem ultrapassar;</li> <li>▪ Dividir as crianças em 3 equipas de “piratas”: (piratas de chapéus azuis, encarnados e amarelos);</li> <li>▪ Colocar à frente de cada equipa um obstáculo que devem ultrapassar;</li> <li>▪ A um sinal dado, um pirata de cada equipa desloca – se a pé coxinho até ao obstáculo (túnel), passa por dentro, ao sair “nada no mar” recolhe o tesouro que lhe corresponde, coloca no baú que está ao pé da sua ilha e regressa à sua equipa;</li> <li>▪ Ganha a equipa que conseguir recolher todos os tesouros que lhe correspondem, em primeiro lugar.</li> </ul>	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores – Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Orientação espacial:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Interpretar;</li> <li>▪ Ordenar.</li> </ul> </li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Convivência:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participar;</li> <li>▪ Cooperar.</li> </ul> </li> <li>▪ <b>Respeito:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Saber ouvir;</li> <li>▪ Saber compreender.</li> </ul> </li> </ul>	
<p><b>Materiais:</b> 3 painéis, 3 baús de tesouros, 3 túneis, chapéus de piratas, “mar” painéis (ilhas).</p>			

Plano sujeito a alteração

Baseado no Modelo T de unidade de aprendizagem



## Fundamentação

Escolhi Jogo estafeta, tendo em conta o grupo etário e o seu desenvolvimento motor. Por ser um jogo de movimento com regras, proporcionou uma participação activa que permitiu desenvolver competências em vários níveis. “Os jogos de movimentos com regras progressivamente mais complexas são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem”.(OCPEPE, 1997,p.59)

**Preparar um espaço no recreio e colocar três painéis que representam as três Ilhas e três baús do tesouro que estão ao pé dos painéis. Colocar entre as equipas e ilhas um fundo azul que representa o mar onde estão os tesouros e obstáculos que devem ultrapassar.**

**Dividir as crianças em 3 equipas de “piratas”: (piratas de chapéus azuis, encarnados e amarelos). Colocar à frente de cada equipa um obstáculo que devem ultrapassar.**

Na opinião de Vasconcelos (2008,p.228)

*Os jogos, no contexto do ensino pré-escolar, podem assumir um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem, no sentido em que, através do lúdico, permitem o desenvolvimento físico e mental da criança, contribuindo decisivamente para a construção do conhecimento e para a socialização, integrando igualmente as vertentes cognitiva e afectiva. Ao mesmo tempo que favorecem o estabelecimento de vínculos sociais, permitem a descoberta da personalidade e induzem o conhecimento e o respeito pelas regras.*

Depois de formar equipas conduzi-as para o recreio, expliquei e exemplifiquei a regra do jogo. As crianças escutaram e executaram com atenção. Sou da opinião de Vasconcelos (2008) quando afirma:

*As regras elaboradas e compreendidas em grupo, a decisão colectiva sobre as tarefas, o modo de funcionamento do grupo são momentos importantes da vivência de valores democráticos de participação, justiça, cooperação e responsabilização. Valores fundamentais de uma organização social participada. (p.94)*

Francia e Martinez (2000,p.6) esclarecem esta ideia acrescentando que:

*O jogo não tem nada de superficial: é sabedoria acumulada, traz no seu íntimo uma série de valores que seguramente não se adquirem de outra maneira . . . . O jogo educa sem necessidade de educadores. Mas se o educador está consciente, participa e está capacitado, a sua atitude e a sua intervenção educativa é muito mais eficaz.*

**A um sinal dado, um pirata de cada equipa desloca – se a pé coxinho até ao obstáculo (túnel), passa por dentro, ao sair “nada no mar” recolhe o tesouro que lhe corresponde, coloca no baú que está ao pé da sua ilha e regressa à sua equipa.**

Sobre este procedimento acordo com a opinião de Wiertsema (1991) que afirma:

*Jogar é algo muito especial. No jogo vivemos situações de “faz de conta”, dando livre curso à nossa imaginação. A entrega total à fantasia e às situações imaginárias que os jogos oferecem permite a libertação e a revelação de “poderes” desconhecidos – um novo discernimento, autoconfiança ou uma nova energia, que nos pode ajudar a coexistir melhor com a realidade do quotidiano. É esse o verdadeiro valor do jogo. (p.11)*

A autora diz ainda, que “este é um jogo de movimento em que «o jogador é confrontado com novas situações. Através do jogo desenvolve o conhecimento e a confiança nas suas capacidades”. Este é um jogo que também trabalha os sentidos, é necessário ouvir para reagir. (Wiertsema, pp.12-13)

**Ganha a equipa que conseguir recolher todos os tesouros que lhe correspondem, em primeiro lugar.**

Considero que esta actividade foi muito importante e motivadora para as crianças. A meu ver, possibilitou o desenvolvimento de valores e atitudes como a cooperação, o respeito e o espírito de equipa, ou seja, as regras de convivência. Admito a ideia de Francia e Martinez (2000,p.6) quando dizem:

*Entre os valores habitualmente inerentes ao jogo, destacamos ainda o conhecimento pessoal, o sentido de organização, a disciplina de grupo, o consenso nas regras, a tolerância, o respeito, as atitudes democráticas, a seriedade no cumprimento, o relacionamento interpessoal, a colaboração, o esforço pessoal, o saber ganhar e saber perder, o ajustar-se ao tempo e às condições, a paciência, a constância, a corresponsabilidade com os companheiros da equipa.... (p.8)*

## **CAPÍTULO III**

# **DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO**

*Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento.*

(Ministério da Educação, 1997, p. 27)

### 3.1. Descrição do Capítulo

Neste capítulo pretende-se dar a conhecer os dispositivos de avaliação realizados durante o período de estágio. Este encontra-se dividido em três secções. A primeira referente à proposta de actividade na área do Conhecimento do Mundo, cujo tema da aula foi reciclagem-separação do lixo; a segunda na área de Expressão e Comunicação: domínio da matemática com a utilização do material estruturado Cuisenaire, em que se realizou um itinerário; a terceira na área de Expressão e Comunicação: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em que foi realizada uma proposta de actividade, durante uma actividade sobre Os insectos: a formiga.

As secções são precedidas de uma contextualização das actividades, seguindo uma sequência: a descrição de parâmetros e critérios definidos para a avaliação da actividade; uma grelha de avaliação com as cotações qualitativas e quantitativas, a descrição dessa mesma grelha e um gráfico que apresenta os resultados bem como a interpretação dos mesmos.

### Fundamentação

Considero imprescindível, antes de apresentar as avaliações das actividades de cada área de conteúdo, fundamentar cientificamente o conceito de avaliação para melhor compreensão do mesmo. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997):

*Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento (p. 27).*

No decorrer da prática pedagógica, tive sempre em conta estas concepções das Orientações Curriculares e procurei elaborar o plano de cada actividade de modo a definir os objectivos a atingir, baseando-me nos conteúdos de aprendizagem. Nesta perspectiva, a Enciclopédia Geral da Educação (sd, pp.1518-1519) afirma:

*A finalidade da avaliação é poder adequar o processo do ensino ao processo real da aprendizagem dos alunos. Isto supõe que a avaliação deverá ser contínua dentro do processo do ensino/aprendizagem, com base em todas as actividades que se realizem, e que deverá dirigir-se quer ao progresso dos alunos quer à intervenção docente. ... A aprendizagem dos alunos deverá ser avaliada em função dos objectivos e dos conteúdos (. . .).*

Ponte e Serrazina (2000) reforçam a mesma linha de ideias, dizendo:

*A avaliação é um processo regulador da aprendizagem que envolve planeamento, recolha de informação, interpretação de resultados e tomada de decisões. . . este processo decorre no dia a dia do professor, a avaliação constitui uma vertente essencial do sistema educativo (. . .). A avaliação implica uma interpretação sobre os objectivos que foram ou não atingidos. (p.225)*

Sustentando ainda a importância e o objectivo da avaliação Arends (1995) esclarece que “ o termo avaliação refere-se a um largo leque de informação recolhida e sintetizada pelos professores acerca dos seus alunos....” (p. 229)

O mesmo autor menciona a avaliação como recolha e síntese de informação e esclarece ainda que:

*Avaliar é uma função desempenhada pelo professor com objectivo de recolher a informação necessária para tomar decisões correctas, uma vez que as decisões tomadas são importantes para a vida do aluno. Estas decisões deveriam ter na sua base informações os mais relevantes e exactas possíveis. (p.228)*

Continuando na mesma linha de pensamento Zabalza (2003) acrescenta que:

*Quando avaliamos, fazemos, quer uma medição (entendida em sentido amplo, como recolha de informação), quer uma valoração. Uma e outras dimensões cumprem funções diferentes no processo total de avaliação. Através da medição, podemos constatar o estado actual do objecto ou situação que queremos avaliar. Através da valoração, realizamos uma comparação entre os dados obtidos na medição que reflectem o “como é” do aspecto a avaliar e uns determinados parâmetros de referência que reflectem o “como era” ou “como deveria ser” desse aspecto. Sem a valoração, a avaliação ficaria a uma mera medição “descontextualizada”. (p.220)*

Referindo-se ao procedimento de avaliação, o Decreto - Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, declara que de acordo com as suas concepções e opções pedagógicas, cada educador utiliza técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados.

*A diversidade de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados utilizados na recolha de informação permite, ao educador “ver” a criança sob vários ângulos de modo a poder acompanhar a evolução das suas aprendizagens, ao mesmo tempo que vai fornecendo elementos concretos para a reflexão e adequação da sua intervenção educativa. Neste sentido os instrumentos de avaliação devem ser adaptados para responder às necessidades individuais das crianças. Considerando que a avaliação é realizada em contexto, qualquer momento de interação, qualquer tarefa realizada pode permitir ao educador a recolha de informação sobre a criança e o grupo, tendo como finalidade registar evidências das aprendizagens realizadas pelas crianças que permitam documentar os seus progressos, acompanhar a sua evolução e simultaneamente recolher elementos concretos para a reflexão e adequação da sua intervenção educativa. (Ministério da Educação, 2011,p.5-6)*

Para sustentar ainda a importância da responsabilidade e da equidade que uma avaliação exige, cito ainda Estrela (2010) que afirma: *a avaliação é um processo que muitos professores sentem como especialmente delicado. O cuidado que o professor dedica pode ter no aluno repercussões negativas ou positivas, em termos da motivação, sucesso de aprendizagem e auto-imagem. (p.91)*

### **3.2. Avaliação da actividade - Conhecimento do Mundo**

Como já foi referido no capítulo das planificações, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) definem as três grandes áreas de conteúdo, fazendo referência particular à “Área de Conhecimento do Mundo” como uma via de sensibilização às ciências, que deve proporcionar às crianças experiências relacionadas com diferentes domínios de conhecimento. É neste sentido que Harlan e Revkin (2002,p.22) afirmam que *“o prazer e curiosidade combinam-se em uma aprendizagem duradoura”*.

#### **3.2.1. Contextualização da actividade**

Esta actividade foi realizada durante a prática pedagógica, no Bibe amarelo A (3 anos), em que procedi à realização de uma actividade na área do Conhecimento do Mundo, no dia 1 de Fevereiro, pelas 11h10, com a duração de 30 mn, com o intuito de transmitir a noção de reciclagem. As crianças deviam identificar o lixo reciclável e colocá-lo no respectivo ecoponto. A actividade foi realizada com todos os alunos presentes no contexto sala de aula.

Para obter a classificação final das actividades, optei pela classificação de valor qualitativo atribuindo “, Fraco”, “Insuficiente”, “suficiente”, “Bom”, “Muito Bom”; e a classificação quantitativa com uma escala que varia de 0 a 10, dependendo dos valores obtidos em cada parâmetro e conseqüentemente cada critério.

#### **3.2.2. Descrição de Parâmetros e Critérios de Avaliação**

##### **1- Identificação dos ecopontos:**

Pretende-se que as crianças, olhando para os ecopontos saibam identificá-los pela cor: (amarelo, azul, verde e vermelho).

- Identifica o embalão, o vidrão, o papelão e o pilhão
- Associa a cor à função.

**2- Noção de Reciclagem:**

Pretende-se que as crianças pronunciem e tenham a noção sobre a palavra

Reciclagem:

- ✓ Pronuncia a palavra reciclagem e sabe o seu significado.

**3- Identificação do lixo reciclável:**

Pretende-se que as crianças consigam identificar os objectos expostos para esta actividade, que possam ser recicláveis, colocando-os no respectivo ecoponto.

- Identifica o papel, o vidro, o plástico, o metal e as pilhas.
- Identifica apenas o papel, o vidro, o plástico e as pilhas.

Quadro 8 – Cotação atribuída à actividade do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios	Cotações
<b>1- Identificação dos ecopontos</b>	Identifica e nomeia todas as cores	4
	Identifica o embalão, o vidrão, o papelão e o pilhão	5
	Associa a cor à função.	2
	Não associa a cor à função.	0
<b>2- Noção de Reciclagem</b>	Pronuncia a palavra reciclagem e sabe o seu significado;	3
	Pronuncia a palavra reciclagem mas não sabe o seu significado.	2,5,
<b>3- Identificação do lixo reciclável:</b>	Identifica o papel, o vidro, o plástico, o metal e as pilhas.	3,25
	Identifica apenas o papel, o vidro, plástico e as pilhas.	1,5

**Legenda:**

- Fraco – de 0 - 2,9 valores
- Insuficiente – de 3 - 4,9 valores
- Suficiente – de 5 - 6,9 valores
- Bom – de 7 - 8,9 valores
- Muito Bom – de 9 -10 valores



Quadro 9 – Grelha de avaliação da actividade do Conhecimento do Mundo.

3.2.3. Grelha de avaliação da actividade do Conhecimento do Mundo: Reciclagem -Ecopontos									
Parâmetros	Identificação dos ecopontos				Noção de Reciclagem	Identificação do lixo reciclável		Cotação	
Critérios Nomes	Identifica e nomeia todas as cores				Identifica e nomeia: o embalão, o papelão, o vidro e o pilhão	Pronuncia a palavra reciclagem e sabe o seu significado;	Identifica o papel, o vidro, o plástico, o metal e as pilhas	Identifica apenas o papel, o vidro, plástico e as pilhas.	De 0 a 10
	Amarelo	Azul	Verde	Vermelho					
A	X	X	X	X	X	X	X		10
B	X	X	X	X	X	X	X		10
C	X	X	X	X	X	X	-	x	9,5
D	X	X	X	X	X	X	X		10
E	X	X	X	X	X	-	X		8,5
F	X	X	X	X	X	X	X		10
G	X	X	X	X	X	X	X		10
H	X	X	X	X	X	X	X		10
I	X	X	X	X	X	X	X		10
J	X	X	X	X	X	X	-	x	9,5
K	X	X	X	X	X	X	X		10
L	X	X	X	X	X	X	X		10
M	X	X	X	X	X	X	X		10
N	X	X	X	X	X	X	-	x	9,5
O	X	X	X	X	X	X	X		10
P	X	X	X	X	X	X	X		10
Q	X	X	X	X	X	X	X		10
R	X	X	X	X	X	X	X		10
S	X	X	X	X	X	X	-	x	9,5
T	X	X	X	X	X	X	X		10
U	X	X	X	X	X	X	X		10
V	X	X	X	X	X	X	X		10
W	X	X	X	X	X	X	X		10
X	X	X	X	X	X	X	-	x	9,5
Y	X	X	X	X	X	X	X		10
Z	X	X	X	X	X	-	X		8,5
AA	X	X	X	X	X	X	X		10
BB	X	X	X	X	X	X	X		10
	X								

### 3.2.4. Descrição da grelha de avaliação

Como podemos observar nesta grelha de avaliação a maioria das crianças conseguiram obter uma cotação qualitativa de Muito Bom e uma cotação quantitativa máxima de 10 valores, uma vez que responderam acertadamente a todos os parâmetros e critérios definidos. Observando os três parâmetros: identificação dos ecopontos, noção de Reciclagem e Identificação do lixo reciclável. No primeiro, verificamos que todos sabiam as respectivas cores (amarelo, azul, verde e vermelho) e todos identificaram e nomearam (o embalão o papelão, o vidro e o pilhão).

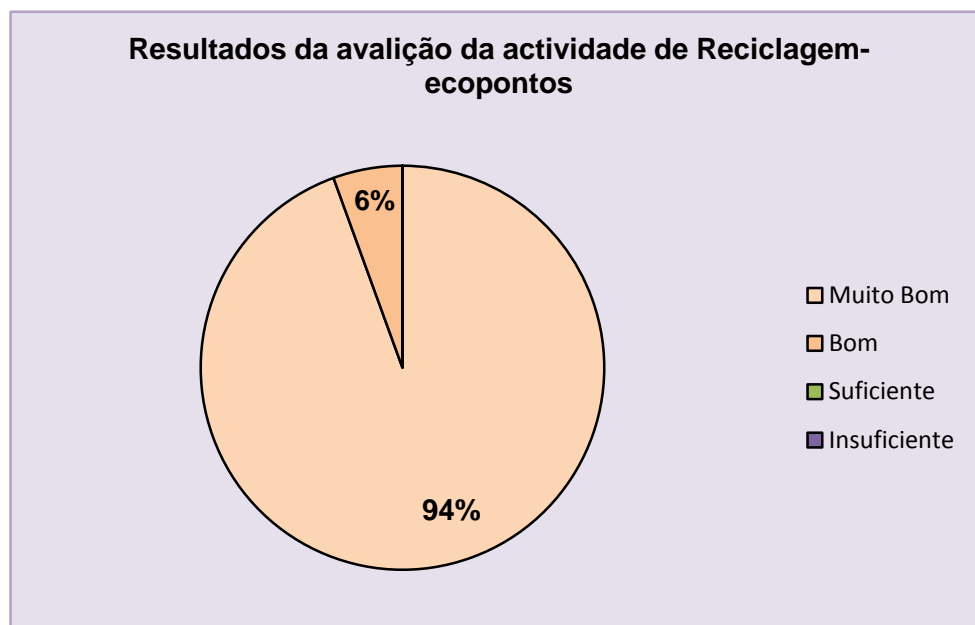
Relativamente ao segundo parâmetro, apenas dois alunos (E e Z) tiveram dificuldade em pronunciar a palavra reciclagem e o seu significado. Porém corresponderam acertadamente aos outros parâmetros obtendo uma classificação qualitativa de Bom, a qual foram-lhes atribuída a cotação quantitativa de 8,5 valores.

No que diz respeito ao terceiro parâmetro, verificamos que cinco alunos (C, J, N, S e X), tiveram dificuldade em identificar todos os objectos/lixo recicláveis apresentados, especialmente no que diz respeito ao metal. Contudo foram-lhes atribuída uma cotação qualitativa de Muito Bom e uma cotação quantitativa de 9,5 valores.

Podemos concluir que em 28 alunos apenas 7 tiveram alguma dificuldade em responderem a todos os parâmetros, sendo uma situação mínima. Assim sendo, podemos concluir que a turma em si já adquiriu as competências e as noções básicas dentro desta área tendo em conta os conteúdos propostos, nesta actividade.

### 3.2.5. Apresentação dos resultados em Gráficos

Gráfico 1 – Resultado da Avaliação da actividade de C. M.



### 3.2.6. Análise do Gráfico

Como já foi referido anteriormente e podemos verificar no gráfico das 28 crianças que participaram nesta actividade 94% conseguiram identificar correctamente as cores dos ecopontos, denominá-las e identificar os materiais/lixo recicláveis correspondentes a cada um, sendo-lhes atribuída a cotação de Muito Bom. Apenas 5 crianças ou seja 6% tiveram dificuldade em acertar correctamente alguns parâmetros, isso porque faltaram às aulas leccionadas anteriormente onde foram abordados conteúdos semelhantes obtendo assim, a cotação qualitativa de Bom.

### **3.3. Avaliação da actividade do Domínio da Matemática**

*O papel dos adultos e, em particular, do educador de infância, é crucial no modo como as crianças vão construindo a sua relação com a Matemática, nomeadamente quando prestam atenção à matemática presente nas brincadeiras das crianças e as questionam; as incentivam a resolver problemas e encorajam a sua persistência; lhes proporcionam acesso a livros e histórias com números e padrões; propõem tarefas de natureza investigativa; organizam jogos com regras; combinam experiências formais e informais e utilizam a linguagem própria da Matemática (o mesmo número que..., a mesma forma que..., esta torre é mais alta que...). (Ministério da Educação, 2008, p.9) É sobre essas ideias de bases que tentei orientar os planos de aula e elaborei as avaliações.*

#### **3.3.1. Contextualização**

A grelha de avaliação que se segue diz respeito a uma actividade de Iniciação à Matemática, efectuada no dia 8-06-2010, no Bibe Azul, em que utilizei o material Cuisenaire na execução do um itinerário da “formiga”, uma proposta de actividade, apresentada no capítulo das planificações. Na realização desta actividade em 28 crianças estiveram presentes vinte e cinco. Tendo em conta também os requisitos adquiridos nesta época do ano, foi distribuído a cada mesa uma caixa do material estruturado Cuisenaire e a cada criança uma folha para o registo do Itinerário. A finalidade desta actividade era desenvolver o Raciocínio Lógico matemático e noção de quantidade a partir da manipulação do material. Através do envolvimento das crianças ao longo da aula foram efectuadas observações e a avaliação de cada uma.

#### **3.3.2. Descrição dos parâmetros e dos critérios de avaliação**

##### **1- Identificação das cores e valores das peças do Cuisenaire**

Pretende-se que ao visualizar e manipular o material Cuisenaire, as crianças saibam identificar, de entre o conjunto de 10 peças que compõe este material, as peças pretendidas para elaboração do itinerário, com as respectivas cores e valores: verde-escuro que vale 6 unidades; verde-claro que vale 3 unidades; encarnado que vale 2 unidades; amarelo que vale 5 unidades; castanho que vale 8 unidades e a peça preta que vale 7 unidades.

## 2- Raciocínio Lógico matemático

Pretende-se que associando as peças, as crianças de uma forma simples, consigam fazer alguns cálculos mentais e resolver situações problemáticas.

### 3- Noção de quantidade

Pretende-se que ao juntarem e ou retirarem peças tendo em conta os seus valores, tenham a noção da quantidade: dúzia/meia dúzia, dezena/meia dezena, o dobro e a metade.

### 4- Orientação espacial

Pretende-se que as crianças saibam orientar-se no espaço e consiga registar o Itinerário proposto colocando as peças na posição correcta: em cima, em baixo, direita e esquerda.

Quadro 10 – Cotação atribuída à actividade no Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotação	
<b>1- Identificação das cores e valores das peças do Cuisenaire</b>	Identifica as cores e sabe o valor das peças do material Cuisenaire.	2	
<b>2- Raciocínio Lógico matemático</b>	Consegue resolver problemas e fazer cálculos mentais.	2,5	
	Não conseguiu resolver todos os problemas e fazer cálculos mentais.	1,5	
<b>3- Noção de quantidade</b>	Dúzia/meia dúzia	1	
	Dezena/meia dezena	1	
	Dobro e metade.	1	
<b>4- Orientação espacial</b>	Orienta-se no espaço e consegue registar o Itinerário proposto colocando as peças na posição correcta.	Em cima/em baixo,	0,5
		Direita /esquerda.	0,5

### Legenda:

- Fraco – de 0 - 2,9 valores
- Insuficiente – de 3 - 4,9 valores
- Suficiente – de 5 - 6,9 valores
- Bom – de 7 - 8,9 valores
- Muito Bom – de 9 -10 valores

## 3.3.3. Grelha de Avaliação no Domínio de Matemática

- Quadro 11- Grelha de Avaliação da Actividade no Domínio da Matemática

Parâmetros Critérios Nomes	Identificação e associação cores/valores	Raciocínio Lógico matemático		Noção de quantidade			Orientação espacial		Cotação De 0 a 10 pontos
		Consegue resolver problemas e fazer cálculos mentais	Não conseguiu resolver todos os problemas e cálculos mentais.	Uma dúzia/ meia dúzia	Uma dezena/ meia dezena	Dobro/m etade	Cima /baixo	Direita /Esquerda	
A	2,5	3	-	1	1,	1,5	0,5	0,5	10
B	2,5	3		1	1	1,5	0,5	0,5	10
C	2,5	-	1,5	1	1	1,5	0,5	0,5	8,5
D	-	-		-	-	-	-	-	-
E	2,5	-	1,5	1	1	1,5	0,5	0,5	8,5
F	2,5	-	1,5	1,	1	1,5	0,5	0,5	8,5
G	-	-		-	-	-	-	-	-
H	-	-		-	-	-	-	-	-
I	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
J	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
K	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	
L	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	
M	-	-		-	-	-	-	-	-
N	-	-		-	-	-	-	-	-
O	-	-		-	-	-	-	-	-
P	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
Q	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
R	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
S	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
T	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
U	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
V	2,5	-	1,5	1	1	1,5	0,5	0,5	8,5
W	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
X	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
Y	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
Z	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
AA	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10
BB	2,5	2,5		1	1	1,5	0,5	0,5	10

### 3.3.4. Descrição da grelha de avaliação

Como podemos observar na grelha, os alunos (D, G, H, N e J) faltaram às aulas neste dia. Sendo uma sala de vinte e oito alunos participaram nesta aula apenas vinte e dois.

A avaliação desta actividade obedece a quatro parâmetros. Como podemos visualizar no primeiro parâmetro: *Identificação e associação de cores/valores*, todos os alunos responderam positivamente; em relação ao segundo parâmetro: *Raciocínio Lógico matemático*, 4 alunos tiveram dificuldade em resolver situações problemáticas e fazer alguns cálculos mentais, apesar de terem conseguido, depois de algumas estratégias utilizadas, obter resultados quantitativos de 8,5 equivalentes aos resultados qualitativos de Bom. Os restantes 18 conseguiram sem qualquer dificuldade, em todos os parâmetros, obter a cotação máxima. Podemos considerar que os resultados, em geral, foram muito positivos, os alunos já adquiriram as competências no âmbito dos conteúdos propostos, segundo os parâmetros e critérios definidos para a avaliação desta proposta de actividade.

### 3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico

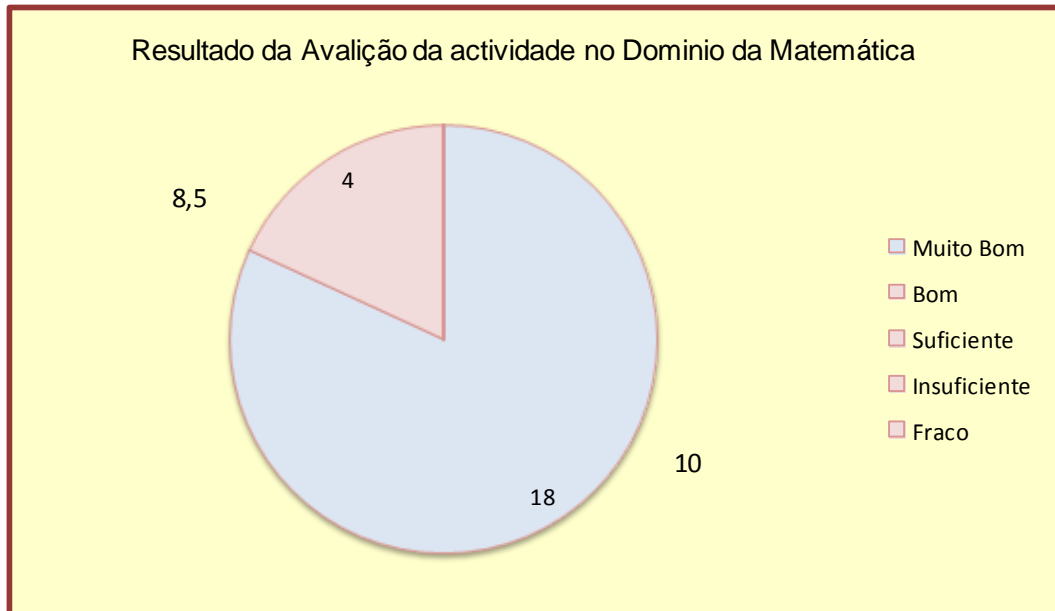


Gráfico 2 -Resultado da Avaliação da actividade no Domínio da Matemática

### 3.3.6. Análise do Gráfico

Ao visualizar o gráfico verificamos que em 22 crianças dezoito tiveram a qualificação máxima correspondendo a classificação qualitativa de Muito Bom e 4 tiveram a classificação de Bom. Essas últimas apresentaram uma pequena dificuldade que depois de ajudadas conseguiram o que lhes era pedido.

Podemos considerar de uma maneira geral, que a actividade foi bem conseguida, o que nos leva a crer que este grupo de crianças tivera uma aprendizagem significativa anteriormente, que lhes permitiu a destreza de raciocínio.



Jardim – Escola João de Deus – Alvalade

Área: Expressão e Comunicação: Iniciação à Leitura e Abordagem à Escrita

1- Copia as palavras que estão no lado inferior da folha, de forma a completar as palavras cruzadas, com os nomes correspondentes aos desenhos.

2- Pinta os desenhos.

CIGARRA

FOLHA

VIOLÃO

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Objectivo: Desenvolver a capacidade de expressão oral e escrita.

### 3.4. Avaliação da actividade da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

*“É actualmente indiscutível que também a abordagem à escrita faz parte da educação pré-escolar. . . . Não se trata de uma introdução formal e “clássica” à leitura e escrita, mas de facilitar a emergência da linguagem escrita”.* (OCPEPE, 1997,p.65) A consciência desta realidade foi cada vez mais aprofundada no decorrer das pesquisas para a elaboração do plano de actividade neste domínio, a partir do qual também foi realizada a avaliação.

#### 3.4.1. Contextualização da actividade

Esta proposta de actividade foi efectuada no contexto de uma aula programada cujo tema foi: os insectos - a formiga, dia 8 de Junho de 2010 com 22 crianças da pré primária -Bibe azul A . A actividade foi executada em simultâneo com a ida de alguns grupos de três crianças à Cartilha Maternal João de Deus, após a leitura de uma história cujo titulo foi *“A Nova História da Cigarra e da Formiga”* para uma aula de revisão da lição da letra /g/. Foi pedido às crianças para copiarem as palavras que estão no lado inferior da folha, de forma a completarem as palavras cruzadas, com os nomes correspondentes às imagens e pintar os desenhos, conforme podemos observar na proposta de actividade, na página anterior.

#### 3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

**1- Compreensão do enunciado:** Pretende-se que os alunos compreendam o enunciado.

- ✓ Compreendeu o enunciado.

**2- Correspondência entre palavra e imagem:** pretende-se que os alunos leiam as palavras colocadas no lado inferior da folha, e ao visualizarem as imagens, através da escrita consigam fazer correspondência das três palavras (nomes) correspondentes a cada desenho, de forma a completarem as palavras cruzadas:

- ✓ Fez correspondência correcta entre as palavras e as imagens.

**3-Ortografia:** pretende-se observar se as crianças conseguem escrever as palavras sem erros ortográficos e se não trocam os grafemas. Foram definidos os seguintes critérios:

- ✓ Não deu erros ortográficos;
- ✓ Deu erros ortográficos (1 erro, 2 erros);
- ✓ Não trocou grafemas.
- ✓ Trocou grafemas (1 grafema, 2 grafemas)

**4 - Identificação e pintura dos desenhos:** pretende-se que as crianças identifiquem as figuras representadas e pintem-nas respeitando o contorno, sem sair do limite:

- ✓ Identifica as figuras e pinta-as sem sair dos limites

Quadro 12 – Cotação atribuída à actividade de Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios		Cotações
<b>1-Compreensão do enunciado:</b>	Compreendeu o enunciado.		2,5
<b>2-Correspondência entre palavra e imagem:</b>	Fez correspondência correcta entre as palavras e as imagens.		3
<b>4-Ortografia:</b>	Não deu erros ortográficos		1,5
	Deu erros ortográficos	1 Erro	1
		2 Erros	0,5
	Não trocou grafemas		2
	Trocou grafemas	1 Grafema	1
		2 Grafemas	0,5
<b>Identificação e pintura dos desenhos</b>	Identifica as figuras e pinta-as sem sair dos limites.		1

### Legenda:

- Fraco – de 0 - 2,9 valores
- Insuficiente – de 3 - 4,9 valores
- Suficiente – de 5 - 6,9 valores
- Bom – de 7 - 8,9 valores
- Muito Bom – de 9 -10 valores

## 3.4.3. Grelha de Avaliação da actividade no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Compreensão do enunciado	Correspondência entre palavra e imagem	Ortografia					Identificação e pintura dos desenhos	Cotação
			Não deu erros ortográficos	Deu erros ortográficos		Não trocou Grafemas	Trocou Grafemas		
Crítérios	Compreendeu o enunciado	Fez correspondência correcta entre as palavras e as imagens		1 Erro	2 Erros		Um	Dois	Identifica as figuras e pinta-as sem sair dos limites
Nomes									
A	2,5	3	1,5			2		1	10
B	2,5	3	1,5			2		1	10
C	2,5	3	1,5			2		1	10
D	2,5	3	1,5			2		1	10
E	2,5	3	1,5			2		1	10
F	2,5	3	1,5			2		1	10
G	2,5	3	1,5			2		1	10
H	2,5	3	1,5			2		1	10
I	2,5	3		1			0,5	1	8
J	2,5	3	1,5		0,5		1	1	8,5
K	2,5	3	1,5			2		1	10
L	2,5	3	1,5			2		1	10
M									
N	2,5	3	1,5			2		1	10
O									
P									
Q	2,5	3		1			0,5	1	8
R									
S	2,5	3	1,5			2		1	10
T	2,5	3	1,5			2		1	10
U	2,5	3	1,5			2		1	10
V	2,5	3	1,5			2		1	10
W	2,5	3	1,5		0,5	-	1	1	
X	2,5	3	1,5			2		1	10
Y	2,5	3	1,5			2		1	10
Z									
AA									
BB	2,5	3	1,5			2		1	10

Quadronº13- Grelha de Avaliação da actividade de Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita.

### 3.4.4. Descrição da grelha de avaliação

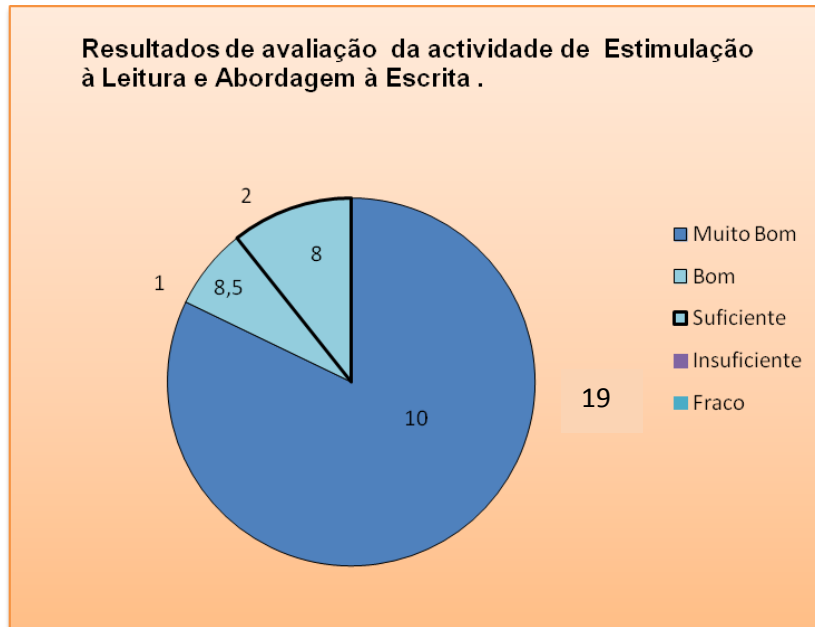
Observando a grelha podemos afirmar que num total de 22 crianças, 19 atingiram uma classificação máxima qualitativa de Muito Bom; Apesar de alguma hesitação e ligeira dificuldade das três crianças que obtiveram Bom, podemos ponderar que a média do grupo é bastante positivo e que as crianças já adquiriram algumas competências no âmbito do código escrito.” *Começando a perceber as normas da codificação escrita, a criança vai desejar reproduzir algumas palavras*”. (Ministério da Educação, 1997,p.69) O Ministério propõe algumas competências para esta faixa etária como podemos observar no quadro nº14.

Quadro 14- Competências - Grupo etário Cinco anos do Domínio da Linguagem oral e Escrita

<b>Competências - Grupo etário - Cinco anos</b>	
<b>LINGUAGEM ORAL</b>	Compreende adivinhas simples.
	Sequencializa acções e histórias com imagens.
	Conta uma história baseada em imagens por ela ordenadas.
	Reconta uma história sem auxílio de ilustrações.
	Percebe a diferença e semelhança entre sons.
	Responde a perguntas dando uma explicação lógica.
	Faz comentários apropriados em relação a diferentes situações.
	Emprega “ontem”, “hoje “ e “amanhã” utilizando correctamente o tempo verbal.
	Diz se duas palavras rimam ou não.
<b>LINGUAGEM ESCRITA</b>	Reproduz grafismos.
	Representa graficamente uma história.
	Distingue as letras dos números.
	Identifica as letras do seu nome, em diferentes suportes escritos.
	Completa labirintos simples.
	Atribui o sentido à escrita (esquerda para a direita, de cima para baixo).
	Escreve o seu nome sem copiar.

### 3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico

- *Gráfico 3 - Resultados de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita*



### 3.4.6. Análise do Gráfico

Analisando o gráfico dos resultados, verificamos que a maioria das crianças que participaram nesta actividade já adquiriram algumas competências no âmbito do código escrito. Em vinte e duas crianças, dezanove tiveram uma classificação qualitativa de Muito Bom equivalente à cotação quantitativa de dez pontos, pois conseguiram transcrever as três palavras correspondentes às três imagens e pintá-las correctamente, respeitando os limites.

Apenas três crianças tiveram dificuldade na ortografia trocando os grafemas. Esses obtiveram uma cotação qualitativa de Bom variando a cotação quantitativa entre os oito e oito e meio. Precisam de manipular mais as letras móveis formando palavras entre outras estratégias, para superarem as dificuldades apresentadas, visto que já se encontram na fase da transição para o 1º ciclo, tendo em conta as competências enunciados pelo Ministério da Educação. Ainda nesta linha de ideias as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (1997,p.90) preconizam as condições favoráveis para que cada criança possa iniciar o 1º ciclo com possibilidades de sucesso, distinguindo se três tipos de condições: *“as que dizem respeito ao comportamento da criança no grupo, as que implicam determinadas aquisições indispensáveis para a aprendizagem formal da leitura, escrita e matemática e as que se relacionam com atitudes”*.

### 3.5. Síntese conclusiva

Gostaria de salientar que ao terminar este capítulo, consciencializei-me ainda mais, quão importante é a elaboração e utilização dos dispositivos de avaliação. Um instrumento, uma via, através do qual o professor/educador consegue observar e compreender de uma forma eficaz o processo de aprendizagem de cada criança/aluno e lhe abre horizontes para a constante autoavaliação do seu desempenho. O Ministério da Educação na Circular nº 4 de 2011, sublinha que:

*A avaliação, enquanto elemento integrante e regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informação que, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens. A reflexão, a partir dos efeitos que se vão observando, possibilita estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança, individualmente e em grupo, tendo em conta a sua evolução. (pp.2-3)*

Na realidade, os dispositivos de avaliação são uma mais valia para uma educação de qualidade. Ao analisar as grelhas e os gráficos dos resultados da avaliação despertou em mim ainda mais, um grande desejo de aperfeiçoamento neste âmbito. Acredito que a prática e contínua procura de esclarecimentos, serão o caminho para este aperfeiçoamento, um processo que nunca se esgota, de forma a ir respondendo às necessidades de cada criança, acompanhando-a de uma forma integral.

Acho também importante avaliar não só as competências adquiridas através dos conteúdos propostos em cada área, mas também outras competências como: os valores de convivências, a motivação da criança, a relação Sócio-Afectiva e emocional, que a meu ver, são elementos que acompanham cada individuo no seu desenvolvimento e aprendizagem com eficiência. Durante a minha prática pedagógica houve vários momentos de autoavaliações e avaliações da minha prestação em que também se fez avaliação a nível do espaço, materiais que utilizei e o meu relacionamento quer com as crianças quer com a educadora cooperante, oralmente. Elementos importantes que também merecem a utilização de técnicas mais cuidadas e elaboração de instrumentos de observações e registos.

*Sendo o ambiente educativo promotor das aprendizagens da criança, o educador deve ainda avaliar: a organização do espaço, dos materiais e dos recursos educativos; a diversidade e qualidade dos materiais e recursos educativos; a organização do tempo; as interacções do adulto com a criança e entre crianças; o envolvimento parental; as condições de segurança, de acompanhamento e bem-estar das crianças. (Ministério da Educação 2011,p.5)*

## CAPITULO IV – REFLEXÃO FINAL

*“ O passado é uma cortina de vidro.*

*Felizes os que observam o passado para poder caminhar no futuro”*

*(Cury, 2004)*



#### 4.1. Considerações finais

O Ensino supervisionado na Escola Superior de Educação João de Deus, é uma das facetas, que deixa transparecer a maturidade e a qualidade desta Instituição, nomeadamente na formação dos docentes. Uma Escola que sabe o que quer e transmite a mesma ideia a quem aposta na aprendizagem e melhoramento da sua prática profissional como professor/educador, na medida que valoriza a teoria e prática., ou seja, “*Aprender a aprender*” e o saber fazer.

Através desta correlação, teoria e prática, foi possível exercitar ou melhor pôr em prática os conhecimentos adquiridos durante a Licenciatura e sobretudo durante o Mestrado, na medida em que nos foram transmitidas algumas teorias mais direccionadas para o grupo etário do Pré-Escolar, por ser esse o objectivo da nossa formação.

Considero esta unidade curricular de Ensino Supervisionado, um percurso inesquecível, pois, proporcionou uma integração dos objectivos de uma forma orientada permitindo uma aprendizagem e melhoria constantes que me conferiram competências pertinentes para a minha prática futura como educadora. Chegando ao fim, que sinto como o início de uma nova caminhada, iluminada pela consciência de que há muito a melhorar e com vontade de aperfeiçoamento, em tom de uma auto avaliação quero realçar alguns aspectos que nortearam o percurso do meu estágio no Jardim-Escola de Alvalade, que teve início no dia 5 de Janeiro de 2010 e terminou no dia 10 de Julho do mesmo ano lectivo.

##### ✓ **A nível do grupo de estágio**

Em primeiro lugar, procurei conhecer o grupo para poder ser resposta de uma forma adequada. Ao preparar as minhas intervenções sempre tive presente o interesses do grupo. Uma preocupação me acompanhou que foi a de propor actividades de acordo com as vivências das crianças. Foi uma mais valia para a minha aprendizagem o poder planificar cada área de conteúdo, de acordo como o processo de ensino do Jardim-Escola. Tenho plena consciência que falhei em algumas situações e que há muito a aperfeiçoar em todo o sentido, ao longo da vida.

### ✓ **Intervenção com o grupo de crianças**

Ao avaliar e pensar a minha acção neste ano de estágio, julgo que atingi os objectivos que me foram propostos e que eu mesma propus, de um modo confiante. No que se refere à minha intervenção no grupo durante este ano de estágio, julgo que consegui proporcionar aprendizagens e vivências relacionadas com todas áreas de conteúdo.

Ao longo das observações em diferentes grupos tentei ser criativa nas minhas intervenções em cada faixa etária, de modo a tornar uma aprendizagem activa, procurando que as minhas intervenções fossem de acordo com os interesses de cada grupo, em concreto, de uma forma segura. Reconheço que as minhas intervenções iniciais, centravam-se mais nas actividades e não propriamente como todo, mas penso que se devia ao meu desconhecimento da realidade concreta de onde estava.

Depois de cada observação e intervenção, fazia uma auto-avaliação sobre a minha prestação de modo a ir melhorando. Sinto-me satisfeita com o estágio e considero-o positivo; reconheço que foi um momento único, para a minha aprendizagem e uma mais valia para o meu desempenho profissional e não só, sinto-me edificada. Cada fim é um recomeço. Ao terminar este momento sinto que há coisas a melhorar e muito a aprender para ir prestando um serviço de qualidade, consciente das exigências da cultura que envolve a nossa sociedade.

### ✓ **Ralação com a Instituição**

Tentei participar activamente nas actividades propostas, sempre com o intuito de conhecer e compreender melhor a sua metodologia. Interagi livre e activamente com todos os membros que prestam serviço nas diferentes áreas, mantendo uma relação familiar, numa disponibilidade recíproca. A minha preocupação e visão não se limitavam apenas ao grupo onde me encontrava em cada momento de estágio, mas ao conjunto do local, pois estava atenta às necessidades e solicitações. Por exemplo, se estávamos numa actividade em conjunto, não me limitava a atender apenas às crianças da minha sala, mas a todas as que estavam mais junto de mim. Sempre estive disponível para prestar ajuda também às colegas quer da minha sala ou das outras. Senti-me feliz.

É de realçar ainda que me encontrei, realmente, muito à vontade durante o desenvolvimento da minha prática no Jardim -Escola onde estagiei. Este reflectiu o rosto de uma Instituição assente nos quatro pilares da educação citados no próprio projecto educativo da escola, anteriormente mencionados e nos valores que são garantes para formar cidadãos capazes de agir na sociedade de uma forma coerente e assertiva.

Ao longo deste estágio profissional, fui tomando consciência da pertinência das informações fornecidas, das orientações e observações, quer sejam por parte da equipa de supervisão pedagógica, quer por parte das educadoras cooperantes dos três grupos etários, por onde passei, que sempre acolhi com agrado e foram orientando a minha postura. Essas informações vieram elucidar-me de um modo pormenorizado nos vários aspectos, e contribuíram significativamente para o desenvolvimento de algumas competências, que são nucleares para o meu futuro desempenho pedagógico como: a capacidade de ver, observar, compreender para intervir e responder.

#### **4.2. Limitações:**

Uma das limitações mais relevantes assenta, essencialmente, no factor tempo. Não foi fácil conciliar o percurso académico com o trabalho e as responsabilidades profissionais. A elaboração deste trabalho deveria ser no decorrer das práticas observadas, o que não foi de todo possível. Consequentemente, também o tempo dedicado à pesquisa de teorias para a fundamentação, uma vez que a elaboração deste trabalho tinha como finalidade relatar os acontecimentos e inferir sobre os mesmos. Foi aparentemente prolongado, na medida que este foi realizado em fragmentos, perdendo por vezes o fio condutor das ideias e não foi fácil encontrar teorias para sustentar todas as minhas inferências. Fiquei assim, com a sensação de que tudo podia ser mais elucidado com pesquisas mais variadas e com sequência.

### 4.3. Novas pesquisas

*É necessário investigar constantemente o conteúdo do acto educativo em todas as suas facetas, exigindo "portas abertas" para análise e integração de conceitos, derivados de várias fontes, sem perder de vista a função humanizadora das práticas educativas. A educação será, pois, um triplo processo de humanização, de socialização e de singularização. As tarefas mais visíveis do agir pedagógico terão, assim, os seguintes objectivos:*

*A - Desenvolvimento da razão crítica*

*B - construção da identidade pessoas*

*C - formação para a cidadania e preparação para agir na realidade. (Libâneo, 2009,p.3)*

É nesta tenção que centra a minha proposta de novas pesquisas ou seja, como refere o autor, é preciso investigar constantemente o conteúdo do acto educativo em todas as suas facetas. Assim sendo, não centralizarei a minha pesquisa num tema ou conteúdos estanques. Iluminada a consciência do vasto e complexo campo que é a educação, após a pesquisa realizada, despertou ainda mais a minha sensibilidade para a educação da pessoa/criança de uma forma integral, sobretudo valorizando os três objectivos que precisamente vieram ao encontro do modo de pensar e de estar na vida. Para responder a esses objectivos, sinto a pertinência de uma investigação e pesquisa no âmbito das ciências de educação. Com intuito de no decorrer das minhas intervenções educativas junto do educando/aluno, despertar nele a consciência para a realidade concreta, de forma a saber ver, julgar e agir com sentido de responsabilidade.

### 4.4. Sugestões

Durante o percurso da minha prática tive a oportunidade de verificar que no Jardim-Escola de Alvalade havia também a valência de Creche. Infelizmente não tive a possibilidade de realizar também ali a minha prática. Penso que hoje existe de sobeja, a consciência da importância da educação desde os primeiros anos de vida e de qualidade dos contextos na vida da criança. O que pressupõe educadores competentes, que sabem o que fazem e como fazem. Assim sendo, deixo uma sugestão que acho pertinente: uma preparação teórico-prática dos futuros educadores também para esta valência de modo a estarem aptos para responderem às crianças dos 0 aos 6 anos.

## Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica. Reflexão participada sobre os currículos do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.
- Afonso, I. (2009). *Recursos e Percursos para a Avaliação do Desempenho dos Docentes*. Lisboa: Plátano Editora.
- Alsina, À. (2004) *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativo*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (1987). *Supervisão da prática pedagógica*. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. Coimbra: Almedina.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2001). *Professor – investigador: que sentido que formação? Formação profissional de Professores no Ensino Superior*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica*. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. Coimbra: Almedina.
- Aranão, I. V. D. (1996). *A matemática através de brincadeira e jogos*. Campinas: Papyrus.
- Arends, R. I. (1995) *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- Azevedo, M. (2006). *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares*. Editora: Universidade Católica.
- Azevedo, M, G. & Miguéis M.R. (2006) (org.). *A Educação: Matemática na Infância- Abordagens e Desafios*. São Paulo: Editora Gailivro.
- Azevedo, F.(2007). *Formar Leitores: da Teorias às Práticas*. Lisboa: LIDEL.
- Barros, G. & Palhares, P. (2001) *Emergência da matemática no jardim-de-infância*. Porto: Porto Editores.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade aberta.
- Beneditus PP XVI (2009). *Caritas in Veritate: Terceira Carta Encíclica*. Lisboa: Paulus Editora.
- Bettelheim, B. (2006) *Psicanálise dos Contos de Fadas*. 12ªedição: (tradução Silva Carlos). Lisboa: Bertrand Editora.
- Bogdan, R. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.
- Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal – uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga: Facultad de Ciencias de La Educacion.

- Brazelton T. B. & Sparrow, J. D. (2001). *A criança dos 3 aos 6 anos – o desenvolvimento emocional e do comportamento*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, T. B., Greenspan, S. I. (2004). *A Criança e o seu Mundo – Requisitos Essenciais para o Crescimento e Aprendizagem*. (4ª edição). Lisboa: Editorial Presença.
- Brickman, N. A. & Taylor, Lynn S. (1991). *Aprendizagem Activa: Serviço de Educação*. Lisboa: edição da Calouste Gulbenkian.
- Brickman, N. A. & Taylor, L. S. (1996). *Aprendizagem activa – Ideias para o apoio às primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Caldeira, M. F. (2009a). *Aprender matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M. F. (2009b) *A Importância dos Materiais para uma Aprendizagem significativa da Matemática*. Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Málaga.
- Carta Pastoral: (2002). *Educação direito e dever. Missão nobre ao serviço de todos*. Conferência Episcopal Portuguesa. Lisboa.
- Castro, J. P. & Rodrigues M. (2008). *Sentido de número e organização de dados. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular Lisboa: Ministério da Educação.
- Closets, F. (2002). *A Felicidade de Aprender*. Lisboa: Terramar
- Concílio Vaticano II. (1967). *Declaração Gravissimum Educationis* Editorial.A.O.
- Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança - do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Costa, M. (2002). *Um Continente Poético Esquecido Rimas Infantis*. Coleção Mundo dos Saberes 2. Porto: Porto Editora
- Custódia, Lurdes (2002). *Lengalengas no Jardim-de-infância*. AMBAR Editora.
- Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. & Silva, L.(2010). *Alicerces da Matemática*. Guia Prático para Professores e Educadores.Porto: areal editora
- Davies, D., Marques & Silva. (1997). *Os Professores e as famílias. A colaboração possível*. (2ª ed.) Livros Horizonte.
- Ministério da Educação.*Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto*. Ministério da Educação.
- Deus, J. (1876). *Cartilha Maternal*. Edição 2004. Lisboa: Associação de Jardim-Escola João de Deus.
- Deus, M.L. (1997). *Guia prático da Cartilha Maternal*. Lousã: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.
- Dewey, J. (1971). *Vida e Educação*. Edições Melhoramento: São Paulo.

- Dicionário da Língua Portuguesa (2004). Porto: Porto Editora.
- Dolors, J. (org.). (1997) *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para UNESCO da Comissão. Internacional sobre Educação para o Século XXI. 4ª Edição. Porto: Edições Asa.
- Enciclopédia de Educação Infantil: *A Criança e o seu Corpo- Expressão Psicomotora*. (1997). Volume I. Lisboa: Nova Presença
- Enciclopédia de Educação Infantil: *Desenvolvimento Afecto e Socialização*. (1997). Volume II. Lisboa: Nova Presença.
- Enciclopédia de Educação Infantil: *A área da Comunicação e Representação- Comunicação Linguística*. Volume III. (1997). Lisboa: Nova Presença.
- Enciclopédia de Educação Infantil: *O Desenvolvimento Lógico e Representação Matemática*. (1997). Volume IV. Lisboa: Nova Presença.
- Enciclopédia de Educação Infantil: *Expressão Plástica*. (1997). Volume V. Lisboa: Nova Presença.
- Enciclopédia de Educação Infantil: *Expressão Musical*. (1997). Volume VI. Lisboa: Nova Presença.
- Enciclopédia Geral da Educação (sd). *Didácticas Específicas III – Temas Transversais*. OCEANO: Grupo Editorial. Edição Portuguesa.
- Estrela, M.T. (2010) *Profissão Docente: Dimensões Afectivas e Éticas*. Porto: Areal Editores.
- Figueiredo, M. (sd). *Projecto curricular no jardim-de-infância*. Bola de Neve.
- Figueiredo, M. (2005). *As Histórias e o Desenvolvimento das competências Linguísticas*. Educação Pré-Escolar: Colecção “Mais” nº6. Bola de Neve.
- Formosinho (1996). “ *Quatro modelos de ideias da formação dos professores: o modelo impericista, o modelo teorista, o modelo compartimentado e o modelo integrado*. Comunicações do colóquio: As ciências de Educação e Formação dos Professores, Lisboa. Ministério da Educação.
- Formosinho, J.; Andrade, F. & Gambôa, R. (2009). *Aprender em companhia: Podiam chamar-se Lenços de Amor*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Formosinho, J. (2011). (org.). *Espaço e Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora.
- Francia, A., & Martínez, Ó.(2000). *Educar para os Valores: Jogos e dinâmicas*. Apelação: Paulus Editora.
- Hohmann. M., Banet,. B. & Weikart, D. P. (1995). *A criança em Acção*. (4ª ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (trabalho original em inglês publicado em 1992)

- Hohmann, M. & Weikart, D. (1997). *Acriança em Acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Harlan, J. & Rivkin, M. (2002). *Ciências na Educação Infantil*. (7ª ed.). Artmed Editora.
- Kamii, C. (2003). *A Teoria de Piaget e a Educação Pré-Escolar*. (3ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget
- Katz, L. & Chard, S. (1997) *A abordagem de projecto na educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian:
- Lahora, C. (2008). *Actividades matemáticas na pré-escolar*. (1º ed.) Lisboa: Papas de Letras. (trabalho original em espanhol publicado em 2005)
- Libâneo, J. (1995). *Pedagogia e Modernidade: presente e futuro da escola*. Universidade Federal do Paraná.
- Libâneo, J. (2009). *As teorias Pedagógicas Modernas Revistas pelo Debate Contemporâneo na Educação*. Recuperado em 2009, 12 de Março de: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T1SF/Akiko/03.pdf>
- Marques, R. (1997). *Educar Hoje: Escola e pais: como colaborar*. (5ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (2001). *Educar com os Pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, P. (2002). *Educação e Educação em Ciências*. Aveiro: Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa, Universidade de Aveiro.
- Martins, I. et al. (2009). *Despertar para a Ciência. Actividades dos 3 aos 6 anos*. (1ªed.) Lisboa: Ministério da Educação.
- Mata, L.(2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mata, L. (2006). *Literacia Familiar: Ambiente Familiar e Descoberta da Linguagem Escrita*. Porto: Porto Editora.
- Matos, J. M., e Serrazina, L. (1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mendes, M. F. & Delgado, C. C.(2008). *Geometria. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação, (2002). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. (2ª ed.) Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação, (1998) *Qualidade e projecto na educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.



- Ministério da Educação (2001). Departamento de Educação Básica (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico – *Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2002). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. (2ª ed.) Lisboa: Ministério da Educação.
- Nabais, J. (s.d.). *Cubos-Barras. Construir as Matemáticas*. Lisboa. Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- Nabais, J. (s.d.). *À Descoberta da Matemática com o Calculador multibásico*. Lisboa. Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- Nabais, J. (s.d.). *À Descoberta da Matemática com o Calculador multibásico*. Lisboa. Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- Niza, S. (2009) (coord.). *Criar o Gosto pela Escrita. Formação de Professor*. Direcção – Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular: Ministro da Educação.
- Nóvoa, A. (1954, coord.). *Os professores e a sua formação*: Publicações Dom Quixote Instituto de Inovação Educacional. Nova enciclopédia.
- Oliveira, M. (2008). *Dinâmicas de Literatura Infantil*. Título original (2006). Prior Velho: Editora Paulinas.
- Oliveira, J. (2009). *Psicologia da Educação - 3º volume. Temas complementares*. Porto: Legis Editora/Livpsic.
- Oliveira, J. (2002). *Psicologia da Família*. Universidade Aberta. Lisboa.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001) *O Mundo da Criança*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal.
- Pessanha, A. (2001). *Actividade Lúdica Associada à Literacia: Prática Pedagógica -9*. Ministério da Educação.
- Ponte, J. (1994, Outubro). *Normas profissionais para o ensino da matemática*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática e Instituto de Inovação Educacional.
- Ponte, J. & Serrazina, M. (2000). *Didáctica da Matemática do 1º Ciclo*. Lisboa: Universidade A Berta.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais: (4ª ed)*. Lisboa: Gradiva Editora.
- Reis, M. P.P. (2008). *A Relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga: Facultad de Ciências de La Educacion
- Reis, F. (2010). *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado segundo Bolonha*. Edição Ciência Sociais e Política Contemporânea. Lisboa.

- Rigolet, S. (1997). *Leitura do mundo – Leitura de livros: Da Estimulação Precoce da Linguagem Escrita*. Porto: Porto Editora.
- Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga: Facultad de Ciências de La Educacion
- Santos, A. (1993). *Do Método de João de Deus à Formação de Educadores de Infância*. Lisboa. Escola Superior de Educação.
- Serrano, J. (2002). *Educação do Movimento*: Escola Superior de Educação João de Deus
- Serrazina, L. & Matos, J.(sd). *O Geoplano na Sala de Aula*. Associação de Professores de Matemática. Edição Revista.
- Silva, A. & Pinto, M. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*: Edições Afrontamento. Porto.
- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e Ensinar a Ler*. Porto. Edições Asa.
- Sim – Sim, I., Sílvia, A. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância*: Textos de Apoio para Educadores de Infância. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Sprinthall, N. et al., (2001). *Psicologia Educacional*. Lisboa. McGraw-Hill.
- Sousa, A. (2002). *Programação e Avaliação Desenvolvimental*. Lisboa: Colecção: Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget, ISBN 972-771-634-2.
- Sousa, A. (2003). *Educar pela arte e artes na educação* (3º volume). Lisboa: Instituto Piaget
- Spodeck, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artmed.
- Spodek, B.(2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Vasconcelos, S. (2008). *Recursos Didácticos – Ensino pré-escolar*. Carnaxide: Santillana Constância.
- Vasconcelos, T.(2008) *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear aprendizagens, integrar Metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Viana, F. L. & Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a Ler – da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Editora Asa.
- Wiertsema, H. (1998). *100 Jogos de movimento*. (1ª ed.) Rio Tinto: Edições ASA. (Trabalho original em Holandês publicado em 1991)
- Wojtyla, K. (1994). *Carta às Famílias*. Editor: Reis dos Livros. Lisboa.
- Zabalza, M. A. (1998) *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Editora Artmed. (trabalho original em Espanhol publicado em 1996).

Zabalza, M. A. (2003, Abril) *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Edições ASA

### **Multimédia**

Bruner, J. In Dicionário 2008 [DVD-ROM]. Porto: Porto Editora, 2007. ISBN: 978-972-0-65263-8

Observação participante. In Dicionário X [DVD-ROM]. Porto: Porto Editora, 2006. ISBN: 978-972-0-65262-1

### **Webgrafia**

<http://educacaodeinfancia.com/forum/metodo-joao-de-deus/metodologia-joao-dedeus/?wap2>; Capturado em 23 Agosto 2009

<http://www.dgidec.min-edu.pt/default.asp> - Capturado em 24 Agosto 2009

<http://www.casadaleitura.org/> - Capturado em 23 Agosto 2009

<http://www.planonacionaldeleituragov.pt/index.php> - Capturado em Agosto 2009

<http://www.dgidec.min-edu.pt/curruculo/programas/programas1ºciclo.asp> – Capturado em Agosto 2009

<http://www.portugues.com.br/fonetica/fonema/fonema7.asp> - Capturado em 24 Agosto 2009

<http://www.ucp.pt/site/custom/template/ucptplfac.asp?sspageID=4305&lang=1> ( para pesquisas suporte on line) - Capturado em 11 Agosto 2009

[www.fep.up.pt/docentes/joao/material/manualinvestig.pdf](http://www.fep.up.pt/docentes/joao/material/manualinvestig.pdf)